UNE ✦ SACRA

Espiritismo

O Livro dos Médiuns

✦ ✦ ✦

Allan Kardec

Tradução (edição 1.4)

Créditos

Autor	Allan Kardec
Data	1861 (2ª edição, 1862)
Idioma original	Francês
Versão	Tradução (edição 1.4)
Tradução	Tradução popular, a partir do original francês
Fonte	Internet Archive — Le Livre des médiums, 2e éd. (Paris, Didier, 1862), OCR des numérisations Google Books bub_gb_bfFnqBlQGq8C et bub_gb_nXbosuj41B4C
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

O Livro dos Médiuns, ou Guia dos médiuns e dos evocadores, publicado por Allan Kardec em janeiro de 1861 e completamente refeito na 2ª edição (1862), é a parte prática da doutrina espírita e continua O Livro dos Espíritos.

A primeira parte, Noções preliminares, discute se os Espíritos existem, o maravilhoso e o sobrenatural, o método de estudo e as várias teorias sobre os fenômenos.

A segunda, Das manifestações espíritas, trata das manifestações físicas e inteligentes (mesas girantes, ruídos, aparições, escrita direta), dos tipos de médiuns e de como se formam, dos perigos da mediunidade, da obsessão, da identidade dos Espíritos, das evocações e das reuniões espíritas.

Os parágrafos são numerados em sequência ao longo de todo o livro, e muitos trazem perguntas feitas aos Espíritos com as respostas. O texto segue a 2ª edição (1862).

Escrito numa época em que as "mesas girantes" eram moda nos salões da Europa, o livro procura separar o fenômeno da fraude e da curiosidade, e insiste que a mediunidade deve servir ao aperfeiçoamento moral, não ao espetáculo.

Fonte: https://archive.org/details/bub_gb_bfFnqBlQGq8C

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Introdução

Parte I, cap. I — Existem Espíritos?

Parte I, cap. II — O maravilhoso e o sobrenatural

Parte I, cap. III — Método

Parte I, cap. IV — Sistemas

Parte II, cap. I — Ação dos Espíritos sobre a matéria

Parte II, cap. II — Manifestações físicas. Mesas girantes

Parte II, cap. III — Manifestações inteligentes

Parte II, cap. IV — Teoria das manifestações físicas

Parte II, cap. V — Manifestações físicas espontâneas

Parte II, cap. VI — Manifestações visuais

Parte II, cap. VII — Bicorporeidade e transfiguração

Parte II, cap. VIII — Laboratório do mundo invisível

Parte II, cap. IX — Dos lugares assombrados

Parte II, cap. X — Natureza das comunicações

Parte II, cap. XI — Sematologia e tiptologia

Parte II, cap. XII — Pneumatografia ou escrita direta. Pneumatofonia

Parte II, cap. XIII — Psicografia

Parte II, cap. XIV — Dos médiuns

Parte II, cap. XV — Médiuns escreventes ou psicógrafos

Parte II, cap. XVI — Médiuns especiais

Parte II, cap. XVII — Formação dos médiuns

Parte II, cap. XVIII — Inconvenientes e perigos da mediunidade

Parte II, cap. XIX — Papel do médium nas comunicações espíritas

Parte II, cap. XX — Influência moral do médium

Parte II, cap. XXI — Influência do meio

Parte II, cap. XXII — Da mediunidade nos animais

Parte II, cap. XXIII — Da obsessão

Parte II, cap. XXIV — Identidade dos Espíritos

Parte II, cap. XXV — Das evocações

Parte II, cap. XXVI — Perguntas que se podem fazer aos Espíritos

Parte II, cap. XXVII — Das contradições e das mistificações

Parte II, cap. XXVIII — Charlatanismo e trapaça

Parte II, cap. XXIX — Reuniões e sociedades espíritas

Parte II, cap. XXX — Regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Parte II, cap. XXXI — Dissertações espíritas

Parte II, cap. XXXII — Vocabulário espírita

INTRODUÇÃO

✦

1 A experiência nos confirma todos os dias na opinião de que as dificuldades e as decepções encontradas na prática do espiritismo têm sua origem na ignorância dos princípios dessa ciência, e ficamos felizes por termos podido constatar que o trabalho que fizemos para prevenir os adeptos contra os obstáculos do aprendizado inicial deu frutos, e que muitos conseguiram evitá-los graças à leitura atenta desta obra.

2 Um desejo muito natural nas pessoas que se ocupam do espiritismo é poderem entrar, elas mesmas, em comunicação com os Espíritos; esta obra se destina a lhes facilitar o caminho, fazendo com que aproveitem os frutos de nossos longos e trabalhosos estudos, pois seria uma ideia muito falsa pensar que, para ser experiente nessa matéria, basta saber pôr os dedos sobre uma mesa para fazê-la girar, ou segurar um lápis para escrever.

3 Também seria um engano acreditar que se encontrará nesta obra uma receita universal e infalível para formar médiuns. Embora cada um traga em si o germe das qualidades necessárias para se tornar médium, essas qualidades existem em graus muito diferentes, e seu desenvolvimento depende de causas que ninguém pode fazer surgir à vontade.

3.2 As regras da poesia, da pintura e da música não fazem poetas, pintores ou músicos daqueles que não têm talento para isso: elas orientam o uso das faculdades naturais.

3.3 O mesmo acontece com nosso trabalho; seu objetivo é indicar os meios de desenvolver a faculdade mediúnica tanto quanto permitam as disposições de cada um, e principalmente orientar seu uso de maneira útil

quando a faculdade existe. Mas esse não é o único objetivo que nos propusemos.

4 Ao lado dos médiuns propriamente ditos, há a multidão, que cresce todos os dias, de pessoas que se ocupam das manifestações espíritas; orientá-las em suas observações, apontar os obstáculos que podem e necessariamente devem encontrar em algo novo, iniciá-las na maneira de conversar com os Espíritos, indicar-lhes os meios de obter boas comunicações: esse é o campo que devemos abranger, sob pena de fazer algo incompleto.

4.2 Portanto, não será de surpreender que se encontrem em nosso trabalho informações que, à primeira vista, poderiam parecer alheias a ele: a experiência mostrará sua utilidade. Depois de estudá-lo com cuidado, serão mais bem compreendidos os fatos que se presenciarem; a linguagem de certos Espíritos parecerá menos estranha.

4.3 Como instrução prática, portanto, ele não se dirige exclusivamente aos médiuns, mas a todos os que têm a oportunidade de ver e observar os fenômenos espíritas.

5 Algumas pessoas teriam desejado que publicássemos um manual prático muito sucinto, contendo em poucas palavras a indicação dos procedimentos a seguir para entrar em comunicação com os Espíritos; pensam que um pequeno livro dessa natureza, que pudesse ser amplamente distribuído graças ao seu baixo preço, seria um poderoso meio de divulgação, multiplicando os médiuns; quanto a nós, consideraríamos tal obra mais prejudicial do que útil, ao menos por enquanto.

5.2 A prática do espiritismo é cercada de muitas dificuldades e nem sempre está livre de inconvenientes que só um estudo sério e completo pode prevenir. Seria, portanto, de recear que uma indicação sucinta demais pro-

vocasse experiências feitas com leviandade, das quais se poderia ter motivo para se arrepender; essas são coisas com as quais não é conveniente nem prudente brincar, e acreditaríamos prestar um mau serviço ao colocá-las à disposição do primeiro imprudente que achasse divertido conversar com os mortos.

5.3 Nós nos dirigimos às pessoas que veem no espiritismo um objetivo sério, que compreendem toda a sua gravidade e não fazem das comunicações com o mundo invisível uma brincadeira.

6 Havíamos publicado uma Instrução prática com o objetivo de orientar os médiuns; essa obra está hoje esgotada e, embora tenha sido feita com um propósito de grande seriedade, não a reimprimiremos, porque ainda não a consideramos suficientemente completa para esclarecer todas as dificuldades que se podem encontrar.

6.2 Nós a substituímos por esta, na qual reunimos todos os conhecimentos que uma longa experiência e um estudo consciencioso nos permitiram adquirir. Ela contribuirá, ao menos assim esperamos, para dar ao espiritismo o caráter sério que é de sua essência e para afastar a ideia de vê-lo como objeto de ocupação frívola e de divertimento.

7 A essas considerações acrescentaremos uma muito importante: a má impressão que a visão de experiências feitas levianamente e sem conhecimento de causa produz nas pessoas iniciantes ou mal predispostas; essas experiências têm o inconveniente de dar uma ideia muito falsa do mundo dos Espíritos e de abrir espaço para a zombaria e para uma crítica muitas vezes fundamentada; por isso, os incrédulos raramente saem dessas reu-

niões convertidos, e ficam pouco dispostos a ver um lado sério no espiritismo. A ignorância e a leviandade de certos médiuns prejudicaram o espiritismo na opinião de muitas pessoas mais do que se imagina.

8 O espiritismo fez grandes progressos nos últimos anos, mas fez progressos sobretudo imensos desde que entrou no caminho filosófico, porque passou a ser apreciado pelas pessoas esclarecidas. Hoje já não é um espetáculo: é uma doutrina da qual já não riem aqueles que zombavam das mesas girantes.

8.2 Ao nos esforçarmos para levá-lo e mantê-lo nesse terreno, temos a convicção de conquistar para ele mais partidários úteis do que provocando a todo momento manifestações das quais se poderia abusar. Temos prova disso todos os dias pelo número de adeptos que a simples leitura de O Livro dos Espíritos conquistou.

9 Depois de expor em O Livro dos Espíritos a parte filosófica da ciência espírita, apresentamos nesta obra a parte prática, para uso daqueles que querem se ocupar das manifestações, seja por si mesmos, seja para compreender os fenômenos que possam ter a oportunidade de ver. Eles encontrarão aqui os obstáculos com que se podem deparar e terão, assim, um meio de evitá-los.

9.2 Essas duas obras, embora uma dê continuidade à outra, são até certo ponto independentes entre si; mas, a quem quiser se ocupar seriamente do assunto, diremos que leia primeiro O Livro dos Espíritos, porque ele contém princípios fundamentais sem os quais certas partes desta obra talvez sejam difíceis de compreender.

10 Foram feitas melhorias importantes nesta segunda edição, muito mais completa que a primeira. Ela foi corrigida com um cuidado muito especial pelos Espíritos, que lhe acrescentaram um grande número de observações e instruções do mais alto interesse.

10.2 Como eles revisaram tudo, aprovando ou modificando conforme lhes pareceu melhor, pode-se dizer que ela é, em grande parte, obra deles, pois sua intervenção não se limitou aos poucos artigos assinados; só indicamos os nomes quando isso nos pareceu necessário para caracterizar certas citações um pouco extensas como provenientes textualmente deles; caso contrário, teríamos de citá-los quase em todas as páginas, sobretudo em todas as respostas dadas às perguntas propostas, o que não nos pareceu útil.

10.3 Os nomes, como se sabe, pouco importam em semelhante matéria; o essencial é que o conjunto do trabalho corresponda ao objetivo que nos propusemos. A acolhida dada à primeira edição, embora imperfeita, nos faz esperar que esta seja recebida com igual favor.

11 Como acrescentamos muitas coisas e vários capítulos inteiros, suprimimos alguns artigos que se repetiam, entre eles a Escala espírita, que já se encontra em O Livro dos Espíritos. Também suprimimos do Vocabulário o que não se enquadrava especificamente no âmbito desta obra e que foi substituído, com proveito, por coisas mais práticas.

11.2 Esse vocabulário, aliás, não era suficientemente completo; nós o publicaremos mais tarde, separadamente, na forma de um pequeno dicionário de filosofia espírita; conservamos aqui apenas as palavras novas ou específicas relativas ao assunto de que nos ocupamos.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE I, CAP. I — EXISTEM ESPÍRITOS?

✦

1 A dúvida sobre a existência dos Espíritos tem como causa principal a ignorância de sua verdadeira natureza. Geralmente, são imaginados como seres à parte na criação, cuja necessidade não está demonstrada. Muitos só os conhecem pelos contos fantásticos com que foram embalados, mais ou menos como se conhece a história pelos romances; sem procurar saber se esses contos, livres dos detalhes ridículos, se apoiam em um fundo de verdade, só lhes chama a atenção o lado absurdo; sem se darem ao trabalho de tirar a casca amarga para descobrir a amêndoa, rejeitam tudo, como fazem, na religião, aqueles que, chocados com certos abusos, confundem tudo na mesma reprovação.

Qualquer que seja a ideia que se faça dos Espíritos, essa crença se baseia necessariamente na existência de um princípio inteligente fora da matéria; ela é incompatível com a negação absoluta desse princípio. Tomamos, portanto, como ponto de partida a existência, a sobrevivência e a individualidade da alma, das quais o espiritualismo é a demonstração teórica e dogmática, e o espiritismo, a demonstração evidente. Deixemos por um instante de lado as manifestações propriamente ditas e, raciocinando por indução, vejamos a que consequências chegaremos.

2 Desde que se admite a existência da alma e sua individualidade após a morte, é preciso admitir também 1° que ela tem uma natureza diferente da do corpo, pois, uma vez separada dele, já não tem suas propriedades; 2° que ela tem consciência de si mesma, pois lhe atribuímos alegria ou sofrimento;

caso contrário, seria um ser inerte, e para nós seria o mesmo não a ter. Admitido isso, essa alma vai para algum lugar; o que acontece com ela e para onde vai? Segundo a crença comum, ela vai para o céu ou para o inferno; mas onde estão o céu e o inferno? Antigamente se dizia que o céu ficava em cima e o inferno embaixo; mas o que são o alto e o baixo no universo, desde que se conhece a forma arredondada da Terra, o movimento dos astros que faz com que aquilo que está em cima em determinado momento esteja embaixo doze horas depois, o infinito do espaço no qual o olhar penetra a distâncias incomensuráveis? É verdade que por lugares baixos também se entendem as profundezas da Terra; mas o que aconteceu com essas profundezas desde que foram exploradas pela geologia? O que aconteceu também com aquelas esferas concêntricas chamadas céu de fogo, céu das estrelas, desde que se sabe que a Terra não é o centro dos mundos, que nosso próprio Sol é apenas um dos milhões de sóis que brilham no espaço, e que cada um deles é o centro de um turbilhão planetário? O que acontece com a importância da Terra, perdida nessa imensidão? Por que privilégio injustificável esse grão de areia imperceptível, que não se distingue nem pelo volume, nem pela posição, nem por um papel particular, seria o único povoado de seres racionais? A razão se recusa a admitir essa inutilidade do infinito, e tudo nos diz que esses mundos são habitados. Se são povoados, fornecem, portanto, sua parcela ao mundo das almas; mas, mais uma vez, o que acontece com essas almas, já que a astronomia e a geologia destruíram as moradas que lhes eram atribuídas, e sobretudo desde que a teoria tão racional da pluralidade dos mundos as multiplicou ao infinito? Como a doutrina da localização das almas não pode concordar com os dados da ciência, outra doutrina mais lógica lhes atribui como domínio, não um lugar determinado e delimitado, mas o espaço universal: é todo um mundo invisível

em meio ao qual vivemos, que nos cerca e está constantemente ao nosso lado. Há nisso alguma impossibilidade, alguma coisa que contrarie a razão? De modo algum; tudo nos diz, pelo contrário, que não pode ser de outra forma. Mas então o que acontece com as penas e recompensas futuras, se lhes retiramos os lugares especiais? Observem que a incredulidade a respeito dessas penas e recompensas é geralmente provocada por serem apresentadas em condições inadmissíveis; mas digam, em vez disso, que as almas encontram sua felicidade ou sua infelicidade em si mesmas; que seu destino depende de seu estado moral; que a reunião das almas que têm afinidade entre si e são boas é uma fonte de felicidade; que, conforme seu grau de purificação, elas penetram e entreveem coisas que desaparecem diante de almas grosseiras, e todos compreenderão isso sem dificuldade; digam ainda que as almas só chegam ao grau supremo pelos esforços que fazem para melhorar e depois de uma série de provas que servem à sua purificação; que os anjos são as almas que chegaram ao último grau, que todas podem alcançar com boa vontade; que os anjos são os mensageiros de Deus, encarregados de zelar pela execução de seus desígnios em todo o universo, que são felizes nessas missões gloriosas, e vocês darão à felicidade deles um objetivo mais útil e mais atraente do que o de uma contemplação perpétua, que nada mais seria do que uma inutilidade perpétua; digam, enfim, que os demônios nada mais são do que as almas dos maus, ainda não purificadas, mas que podem chegar lá como as outras, e isso parecerá mais de acordo com a justiça e a bondade de Deus do que a doutrina de seres criados para o mal e perpetuamente destinados ao mal. Mais uma vez, eis o que a razão mais severa, a lógica mais rigorosa, o bom senso, em uma palavra, podem admitir.

Ora, essas almas que povoam o espaço são precisamente o que chamamos

de Espíritos; os Espíritos, portanto, nada mais são do que as almas dos homens despojadas de seu envoltório corporal. Se os Espíritos fossem seres à parte, sua existência seria mais hipotética; mas, se admitimos que há almas, é preciso também admitir os Espíritos, que nada mais são do que as almas; se admitimos que as almas estão por toda parte, é preciso admitir igualmente que os Espíritos estão por toda parte. Não se pode, portanto, negar a existência dos Espíritos sem negar a das almas.

3 Isso é, de fato, apenas uma teoria mais racional do que a outra; mas já é muito uma teoria que nem a razão nem a ciência contradizem; se, além disso, ela é confirmada pelos fatos, tem a seu favor a aprovação do raciocínio e da experiência. Encontramos esses fatos no fenômeno das manifestações espíritas, que são, assim, a prova evidente da existência e da sobrevivência da alma. Mas, para muita gente, a crença para por aí; admitem a existência das almas e, por consequência, a dos Espíritos, mas negam a possibilidade de se comunicar com eles, porque, dizem, seres imateriais não podem agir sobre a matéria. Essa dúvida se baseia na ignorância da verdadeira natureza dos Espíritos, dos quais geralmente se faz uma ideia muito falsa, pois são imaginados, por engano, como seres abstratos, vagos e indefinidos, o que não são.

Imaginemos primeiro o Espírito em sua união com o corpo; o Espírito é o ser principal, pois é o ser que pensa e sobrevive; o corpo, portanto, é apenas um acessório do Espírito, um envoltório, uma roupa que ele deixa quando está gasta. Além desse envoltório material, o Espírito tem um segundo, semimaterial, que o une ao primeiro; na morte, o Espírito se despoja do primeiro, mas não do segundo, ao qual damos o nome de perispírito. Esse envoltório semimaterial, que assume a forma humana, constitui para ele um

corpo fluídico, vaporoso, mas que, embora seja invisível para nós em seu estado normal, nem por isso deixa de possuir algumas das propriedades da matéria. O Espírito, portanto, não é um ponto, uma abstração, mas um ser limitado e delimitado, ao qual só falta ser visível e palpável para se assemelhar aos seres humanos. Por que, então, não agiria sobre a matéria? Será porque seu corpo é fluídico? Mas não é entre os fluidos mais rarefeitos, até mesmo aqueles considerados imponderáveis, como a eletricidade, por exemplo, que o homem encontra suas forças motoras mais poderosas?

A luz imponderável não exerce uma ação química sobre a matéria ponderável? Não conhecemos a natureza íntima do perispírito; mas, supondo que seja formado de matéria elétrica, ou de qualquer outra igualmente sutil, por que não teria a mesma propriedade, sendo dirigido por uma vontade?

[4] Como a existência da alma e a de Deus, que são consequência uma da outra, constituem a base de todo o edifício, antes de iniciar qualquer discussão espírita é importante verificar se o interlocutor admite essa base. Se a estas perguntas:

Você crê em Deus?

Você crê que tem uma alma?

Você crê na sobrevivência da alma após a morte? ele responde negativamente, ou mesmo se diz apenas Não sei; gostaria que fosse assim, mas não tenho certeza, o que, na maioria das vezes, equivale a uma negação cortês, disfarçada sob uma forma menos categórica para evitar ferir de maneira muito brusca o que ele chama de preconceitos respeitáveis, seria tão inútil ir além quanto tentar demonstrar as propriedades da luz a um cego que não admitisse a luz; pois, afinal, as manifestações espíritas nada mais são do que os efeitos das propriedades da alma; com esse interlocutor, é preciso se-

guir uma ordem de ideias inteiramente diferente, se não quisermos perder tempo.

Se a base é admitida, não como probabilidade, mas como coisa comprovada, incontestável, a existência dos Espíritos decorre dela com toda a naturalidade.

5 Resta agora saber se o Espírito pode se comunicar com o homem, isto é, se pode trocar pensamentos com ele. E por que não? O que é o homem, senão um Espírito aprisionado em um corpo?

Por que o Espírito livre não poderia se comunicar com o Espírito cativo, como o homem livre com aquele que está acorrentado? Desde que vocês admitem a sobrevivência da alma, é racional não admitir a sobrevivência dos afetos? Já que as almas estão por toda parte, não é natural pensar que a de um ser que nos amou durante a vida venha para perto de nós, que ele deseje se comunicar conosco e que, para isso, se sirva dos meios à sua disposição? Durante a vida, ele não agia sobre a matéria de seu corpo? Não era ele quem dirigia seus movimentos? Por que, então, depois da morte, de acordo com outro Espírito ligado a um corpo, não tomaria emprestado esse corpo vivo para manifestar seu pensamento, como um mudo pode se servir de alguém que fala para se fazer compreender?

6 Deixemos por um instante de lado os fatos que, para nós, tornam a questão incontestável; admitamos isso como simples hipótese; pedimos que os incrédulos nos provem, não por uma simples negação, pois sua opinião pessoal não pode ter força de lei, mas por razões decisivas, que isso não é possível. Nós nos colocamos no terreno deles e, já que querem avaliar os fatos espíritas com a ajuda das leis da matéria, que tirem desse arsenal alguma demonstração matemática, física, química, mecânica, fisiológica, e

provem por a mais b, sempre partindo do princípio da existência e da sobrevivência da alma:

1° Que o ser que pensa em nós durante a vida não deve mais pensar depois da morte; 2° Que, se pensa, não deve mais pensar naqueles que amou; 3° Que, se pensa naqueles que amou, não deve mais querer se comunicar com eles; 4° Que, se pode estar por toda parte, não pode estar ao nosso lado; 5° Que, se está ao nosso lado, não pode se comunicar conosco; 6° Que, por meio de seu envoltório fluídico, não pode agir sobre a matéria inerte; 7° Que, se pode agir sobre a matéria inerte, não pode agir sobre um ser animado; 8° Que, se pode agir sobre um ser animado, não pode dirigir sua mão para fazê-lo escrever; 9° Que, podendo fazê-lo escrever, não pode responder às suas perguntas e lhe transmitir seu pensamento.

Quando os adversários do espiritismo nos tiverem demonstrado que isso não é possível, por razões tão evidentes quanto aquelas pelas quais Galileu demonstrou que não é o Sol que gira em torno da Terra, então poderemos dizer que suas dúvidas têm fundamento; infelizmente, até hoje toda a sua argumentação se resume nestas palavras: Não creio, portanto isso é impossível. Sem dúvida, eles nos dirão que cabe a nós provar a realidade das manifestações; nós a provamos pelos fatos e pelo raciocínio; se não admitem nem um nem outro, se negam até mesmo o que veem, cabe a eles provar que nosso raciocínio é falso e que os fatos são impossíveis.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE I, CAP. II — O MARAVILHOSO E O SOBRENATURAL

✦

7 Se a crença nos Espíritos e em suas manifestações fosse uma concepção isolada, o produto de um sistema, poderia, com alguma aparência de razão, ser considerada uma ilusão; mas que nos digam então por que ela é encontrada tão viva entre todos os povos antigos e modernos, nos livros sagrados de todas as religiões conhecidas?

7.2 É, dizem alguns críticos, porque, em todos os tempos, o homem gostou do maravilhoso. — O que é, então, o maravilhoso, segundo vocês? — O que é sobrenatural. — O que vocês entendem por sobrenatural?

7.3 — O que é contrário às leis da natureza. — Vocês conhecem tão bem essas leis que podem estabelecer um limite ao poder de Deus? Pois bem! Então provem que a existência dos Espíritos e suas manifestações são contrárias às leis da natureza; que isso não é, nem pode ser, uma dessas leis.

7.4 Acompanhem a doutrina espírita e vejam se esse encadeamento não apresenta todas as características de uma lei admirável, que resolve tudo o que as leis filosóficas não puderam resolver até hoje.

7.5 O pensamento é um dos atributos do Espírito; a possibilidade de agir sobre a matéria, de impressionar nossos sentidos e, por consequência, de transmitir seu pensamento resulta, se podemos nos expressar assim, de sua constituição fisiológica: portanto, não há nesse fato nada de sobrenatural, nada de maravilhoso.

7.6 Que um homem morto, e bem morto, reviva corporalmente, que seus membros dispersos se reúnam para recompor seu corpo, isso sim é maravilhoso, sobrenatural, fantástico; seria uma verdadeira exceção às leis, que Deus só pode realizar por um milagre, mas não há nada semelhante na doutrina espírita.

8 No entanto, dirão, vocês admitem que um Espírito pode levantar uma mesa e mantê-la no ar sem ponto de apoio; isso não é uma exceção à lei da gravidade? — Sim, à lei conhecida; mas a natureza já disse sua última palavra?

8.2 Antes que se tivesse experimentado a força ascensional de certos gases, quem teria dito que uma máquina pesada, levando vários homens, poderia vencer a força de atração? Aos olhos das pessoas comuns, isso não deveria parecer maravilhoso, diabólico?

8.3 Quem tivesse proposto, há um século, transmitir uma mensagem a 500 léguas e receber a resposta em poucos minutos teria passado por louco; se o tivesse feito, teriam acreditado que tinha o diabo às suas ordens, pois, naquela época, só o diabo era capaz de andar tão depressa.

8.4 Por que, então, um fluido desconhecido não teria a propriedade, em determinadas circunstâncias, de contrabalançar o efeito da gravidade, assim como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? Isso, observemos de passagem, é uma comparação, mas não uma equiparação, feita unicamente para mostrar, por analogia, que o fato não é fisicamente impossível.

8.5 Ora, foi precisamente quando os cientistas, na observação desse tipo de fenômeno, quiseram proceder por equiparação que se desviaram do caminho. Além disso, o fato está aí; todas as negações não poderão fazer com

que ele deixe de existir, pois negar não é provar; para nós, ele não tem nada de sobrenatural; é tudo o que podemos dizer a seu respeito por enquanto.

9 Se o fato for constatado, dirão, nós o aceitamos, aceitamos até mesmo a causa que vocês acabam de atribuir a ele, a de um fluido desconhecido; mas o que prova a intervenção dos Espíritos? É aí que estão o maravilhoso e o sobrenatural.

Seria necessária aqui toda uma demonstração que não estaria em seu devido lugar e que, além disso, seria uma repetição, pois ela decorre de todas as outras partes do ensino. Contudo, para resumi-la em poucas palavras, diremos que ela se baseia, em teoria, neste princípio: todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente; na prática: nesta observação de que os fenômenos chamados espíritas, tendo dado provas de inteligência, deviam ter sua causa fora da matéria; que essa inteligência, não sendo a dos presentes, — isso é um resultado da experiência, — devia estar fora deles; como não se via o ser que agia, tratava-se, portanto, de um ser invisível. Foi então que, de observação em observação, se chegou a reconhecer que esse ser invisível, ao qual se deu o nome de Espírito, não é outro senão a alma daqueles que viveram corporalmente e que a morte despojou de seu invólucro grosseiro e visível, deixando-lhes apenas um invólucro etéreo, invisível em seu estado normal. Eis, portanto, o maravilhoso e o sobrenatural reduzidos à sua expressão mais simples. Uma vez constatada a existência de seres invisíveis, sua ação sobre a matéria resulta da natureza de seu invólucro fluídico; essa ação é inteligente porque, ao morrerem, perderam apenas o corpo, mas conservaram a inteligência, que é sua essência; aí está a chave de todos esses fenômenos indevidamente considerados sobrenaturais. A existência dos Espíritos não é, portanto, um sistema preconcebido, uma hipótese imagi-

nada para explicar os fatos; é um resultado de observações e a consequência natural da existência da alma; negar essa causa é negar a alma e seus atributos. Que aqueles que pensam poder dar a esses efeitos inteligentes uma explicação mais racional, capaz sobretudo de dar conta de todos os fatos, tenham a bondade de fazê-lo, e então será possível discutir o mérito de cada uma.

10 Aos olhos daqueles que consideram a matéria a única força da natureza, tudo o que não pode ser explicado pelas leis da matéria é maravilhoso ou sobrenatural; e, para eles, maravilhoso é sinônimo de superstição. Nesse sentido, a religião, fundada na existência de um princípio imaterial, seria um conjunto de superstições; eles não ousam dizê-lo em voz alta, mas o dizem em voz baixa, e acreditam salvar as aparências ao admitir que é preciso uma religião para o povo e para fazer com que as crianças se comportem bem; ora, das duas, uma: ou o princípio religioso é verdadeiro, ou é falso; se é verdadeiro, é para todos; se é falso, não é melhor para os ignorantes do que para as pessoas instruídas.

11 Aqueles que atacam o espiritismo em nome do maravilhoso se apoiam, portanto, geralmente no princípio materialista, pois, ao negarem todo efeito extramaterial, negam, por isso mesmo, a existência da alma; investiguem o fundo de seu pensamento, examinem bem o sentido de suas palavras, e verão quase sempre esse princípio, se não estiver categoricamente formulado, despontar sob as aparências de uma pretensa filosofia racional com que o encobrem.

11.2 Ao atribuírem ao maravilhoso tudo o que decorre da existência da alma, são, portanto, coerentes consigo mesmos; não admitindo a causa, não podem admitir os efeitos; daí, entre eles, uma opinião preconcebida que os

torna incapazes de julgar sensatamente o espiritismo, porque partem do princípio da negação de tudo o que não é material.

11.3 Quanto a nós, do fato de admitirmos os efeitos que são consequência da existência da alma, segue-se que aceitamos todos os fatos qualificados de maravilhosos, que somos os defensores de todos os sonhadores, os adeptos de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas?

11.4 Seria preciso conhecer muito pouco o espiritismo para pensar assim; mas nossos adversários não examinam as coisas tão de perto; a necessidade de conhecer aquilo de que falam é a menor de suas preocupações.

11.5 Segundo eles, o maravilhoso é absurdo; ora, o espiritismo se apoia em fatos maravilhosos, logo o espiritismo é absurdo: para eles, esse é um julgamento sem possibilidade de recurso.

11.6 Acreditam apresentar um argumento sem resposta quando, depois de terem feito pesquisas eruditas sobre os convulsionários de Saint-Médard, os camisardos das Cevenas ou as religiosas de Loudun, chegaram a descobrir ali casos evidentes de fraude que ninguém contesta; mas essas histórias são o evangelho do espiritismo?

11.7 Seus partidários negaram que o charlatanismo tenha explorado certos fatos em proveito próprio; que a imaginação tenha criado outros; que o fanatismo tenha exagerado muitos deles? Ele não é mais responsável pelas extravagâncias que se podem cometer em seu nome do que a verdadeira ciência pelos abusos da ignorância, ou a verdadeira religião pelos excessos do fanatismo.

11.8 Muitos críticos julgam o espiritismo apenas pelos contos de fadas e pelas lendas populares que são suas representações fictícias; seria o mesmo que julgar a história pelos romances históricos ou pelas tragédias.

12 Na lógica elementar, para discutir uma coisa é preciso conhecê-la, pois a opinião de um crítico só tem valor na medida em que ele fala com pleno conhecimento de causa; somente então sua opinião, mesmo que equivocada, pode ser levada em consideração; mas que peso ela tem sobre um assunto que ele não conhece? O verdadeiro crítico deve demonstrar não apenas erudição, mas um conhecimento profundo do objeto de que trata, um julgamento sensato e uma imparcialidade à toda prova; caso contrário, qualquer tocador de rabeca poderia se atribuir o direito de julgar Rossini, e um aprendiz de pintor, o de censurar Rafael.

13 O espiritismo, portanto, não aceita todos os fatos considerados maravilhosos ou sobrenaturais; longe disso, demonstra a impossibilidade de um grande número deles e o ridículo de certas crenças que constituem, propriamente falando, a superstição.

13.2 É verdade que, naquilo que admite, há coisas que, para os incrédulos, são puro maravilhoso, em outras palavras, superstição; que seja; mas ao menos discutam apenas esses pontos, pois, sobre os outros, ele não tem nada a dizer, e vocês pregam a convertidos.

13.3 Ao atacarem aquilo que ele próprio refuta, vocês demonstram seu desconhecimento do assunto, e seus argumentos erram o alvo. Mas até onde vai a crença do espiritismo, dirão? Leiam, observem, e saberão.

13.4 Toda ciência só se adquire com o tempo e o estudo; ora, o espiritismo, que toca nas questões mais sérias da filosofia, em todos os ramos da ordem social, que abrange ao mesmo tempo o homem físico e o homem moral, é, por si só, toda uma ciência, toda uma filosofia, que não pode ser

aprendida em poucas horas, assim como qualquer outra ciência; haveria tanta infantilidade em ver todo o espiritismo numa mesa girante quanto em ver toda a física em certos brinquedos de criança.

13.5 Para quem não quer ficar na superfície, são necessários meses e anos, e não horas, para investigar todos os seus mistérios. Julgue-se, por aí, o grau de conhecimento e o valor da opinião daqueles que se atribuem o direito de julgar porque viram uma ou duas experiências, quase sempre como distração e passatempo.

13.6 Dirão, sem dúvida, que não dispõem de tempo para dedicar a esse estudo tudo o que ele exige; que seja; nada os obriga a isso; mas, então, quando não se tem tempo de aprender uma coisa, não se deve tomar a liberdade de falar dela, e menos ainda de julgá-la, se não se quer ser acusado de leviandade; ora, quanto mais elevada é a posição que alguém ocupa na ciência, menos desculpável é tratar levianamente um assunto que não conhece.

14 Resumimos nosso pensamento nas seguintes proposições:
1° Todos os fenômenos espíritas têm por princípio a existência da alma, sua sobrevivência ao corpo e suas manifestações; 2° Como esses fenômenos se baseiam em uma lei da natureza, nada têm de maravilhoso nem de sobrenatural no sentido comum dessas palavras; 3° Muitos fatos só são considerados sobrenaturais porque não se conhece sua causa; o espiritismo, ao lhes atribuir uma causa, faz com que entrem no domínio dos fenômenos naturais; 4° Entre os fatos qualificados de sobrenaturais, há muitos cuja impossibilidade o espiritismo demonstra e que ele inclui entre as crenças supersticiosas; 5° Embora o espiritismo reconheça um fundo de verdade em muitas crenças populares, de modo algum assume a responsabilidade por todas as

histórias fantásticas criadas pela imaginação; 6° Julgar o espiritismo pelos fatos que ele não admite é dar prova de ignorância e tirar todo o valor da própria opinião; 7° A explicação dos fatos admitidos pelo espiritismo, suas causas e suas consequências morais constituem toda uma ciência e toda uma filosofia, que exige um estudo sério, perseverante e aprofundado; 8° O espiritismo só pode considerar um crítico sério aquele que tenha visto tudo, estudado tudo, aprofundado tudo, com a paciência e a perseverança de um observador consciencioso; que saiba tanto sobre esse assunto quanto o adepto mais esclarecido; que, por consequência, tenha buscado seus conhecimentos em outro lugar que não nos romances da ciência; a quem não se possa opor nenhum fato que desconheça, nenhum argumento sobre o qual não tenha refletido; que os refute, não por negações, mas por outros argumentos mais decisivos; que possa, enfim, atribuir uma causa mais lógica aos fatos comprovados. Esse crítico ainda está por ser encontrado.

15 Há pouco pronunciamos a palavra milagre; uma breve observação sobre esse assunto não será fora de propósito neste capítulo sobre o maravilhoso. Em sua acepção primitiva e por sua etimologia, a palavra milagre significa coisa extraordinária, coisa admirável de se ver; mas essa palavra, como tantas outras, afastou-se do sentido original e hoje se refere (segundo a Academia) a um ato do poder divino contrário às leis comuns da natureza. Essa é, de fato, sua acepção usual, e só por comparação e por metáfora ela se aplica às coisas comuns que nos surpreendem e cuja causa é desconhecida. Não faz parte de nossas intenções examinar se Deus pode ter julgado útil, em certas circunstâncias, abrir uma exceção às leis estabelecidas por ele mesmo; nosso objetivo é unicamente demonstrar que os fenômenos espíritas, por mais extraordinários que sejam, de modo algum se afastam dessas leis, não

têm nenhum caráter milagroso, assim como não são maravilhosos ou sobrenaturais. O milagre não se explica; os fenômenos espíritas, ao contrário, explicam-se da maneira mais racional; portanto, não são milagres, mas simples efeitos que têm sua razão de ser nas leis gerais. O milagre tem ainda outro caráter: ser incomum e isolado. Ora, a partir do momento em que um fato se reproduz, por assim dizer, à vontade e por diversas pessoas, não pode ser um milagre.

A ciência faz milagres todos os dias aos olhos dos ignorantes: eis por que, antigamente, aqueles que sabiam mais que as pessoas comuns passavam por feiticeiros; e, como se acreditava que toda ciência sobre-humana vinha do diabo, eram queimados. Hoje, que somos muito mais civilizados, contentamo-nos em mandá-los para as Petites-Maisons.

Que um homem realmente morto, como dissemos no começo, seja chamado de volta à vida por uma intervenção divina, isso é um verdadeiro milagre, porque é contrário às leis da natureza. Mas, se esse homem tem apenas as aparências da morte, se ainda há nele um resto de vitalidade latente e a ciência, ou uma ação magnética, consegue reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas isso é um fenômeno natural; mas, aos olhos das pessoas comuns e ignorantes, o fato passará por milagroso, e seu autor será perseguido a pedradas ou venerado, conforme o caráter dos indivíduos. Que, em certas regiões rurais, um físico empine uma pipa elétrica e faça um raio cair sobre uma árvore, esse novo Prometeu certamente será considerado dotado de um poder diabólico; e, diga-se de passagem, parece-nos que Prometeu se antecipou de maneira singular a Franklin; mas Josué detendo o movimento do Sol, ou melhor, da Terra, eis o verdadeiro milagre, pois não conhecemos nenhum magnetizador dotado de poder suficientemente grande para realizar tal prodígio. De todos os fenômenos espíritas, um dos mais ex-

traordinários é, sem dúvida, o da escrita direta, e um dos que demonstram da maneira mais evidente a ação das inteligências ocultas; mas o fato de o fenômeno ser produzido por seres ocultos não o torna mais milagroso que todos os outros fenômenos devidos a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos, que povoam os espaços, são uma das forças da natureza, força cuja ação é incessante sobre o mundo material, assim como sobre o mundo moral.

O espiritismo, ao nos esclarecer sobre essa força, nos dá a chave de uma infinidade de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio, e que, em tempos remotos, podem ter passado por prodígios; ele revela, assim como o magnetismo, uma lei, se não desconhecida, ao menos mal compreendida; ou, melhor dizendo, conheciam-se os efeitos, pois eles se produziram em todos os tempos, mas não se conhecia a lei, e foi a ignorância dessa lei que gerou a superstição. Conhecida essa lei, o maravilhoso desaparece, e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que os espíritas não fazem mais milagres ao fazerem uma mesa girar ou os mortos escreverem do que o médico ao reanimar um moribundo, ou o físico ao fazer um raio cair. Aquele que pretendesse, com a ajuda dessa ciência, fazer milagres seria ou um ignorante no assunto ou um enganador.

16 Os fenômenos espíritas, assim como os fenômenos magnéticos, antes que se conhecesse sua causa, devem ter passado por prodígios; ora, como os céticos, os espíritos fortes, isto é, aqueles que têm o privilégio exclusivo da razão e do bom senso, não acreditam que uma coisa seja possível quando não a compreendem, eis por que todos os fatos considerados prodigiosos

são objeto de suas zombarias; e, como a religião contém um grande número de fatos desse gênero, eles não acreditam na religião, e daí à incredulidade absoluta há apenas um passo.

16.2 O espiritismo, ao explicar a maioria desses fatos, lhes dá uma razão de ser. Vem, portanto, em auxílio da religião ao demonstrar a possibilidade de certos fatos que, embora já não tenham caráter milagroso, nem por isso são menos extraordinários, e Deus não é menos grandioso nem menos poderoso por não ter aberto exceções às suas leis.

16.3 De quantas zombarias não foram objeto as elevações de São Cupertino! Ora, a suspensão etérea dos corpos pesados é um fato explicado pela lei espírita; nós mesmos fomos testemunhas oculares disso, e o Sr. Home, assim como outras pessoas de nosso conhecimento, repetiram várias vezes o fenômeno produzido por São Cupertino. Portanto, esse fenômeno entra na ordem das coisas naturais.

17 Entre os fatos desse gênero, é preciso colocar em primeiro lugar as aparições, porque são os mais frequentes. A de La Salette, que divide até mesmo o clero, nada tem de incomum para nós. Certamente não podemos afirmar que o fato aconteceu, porque não temos a prova material dele; mas, para nós, é possível, visto que conhecemos milhares de fatos análogos recentes; acreditamos neles não só porque sua realidade está comprovada para nós, mas sobretudo porque compreendemos perfeitamente a maneira como se produzem. Basta consultar a teoria das aparições que apresentamos mais adiante, e se verá que esse fenômeno se torna tão simples e tão plausível quanto uma infinidade de fenômenos físicos que só são prodigiosos por não se ter a chave deles. Quanto à personagem que se apresentou em La Salette, essa é outra questão; sua identidade de modo algum nos foi demons-

trada; constatamos simplesmente que uma aparição pode ter acontecido, o restante não é de nossa competência; cada um pode, a esse respeito, conservar suas convicções, o espiritismo não tem de se ocupar disso; dizemos apenas que os fatos produzidos pelo espiritismo nos revelam leis novas e nos dão a chave de uma infinidade de coisas que pareciam sobrenaturais; se alguns dos que passavam por milagrosos encontram nisso uma explicação lógica, é um motivo para não nos apressarmos em negar o que não compreendemos.

Os fenômenos espíritas são contestados por certas pessoas precisamente porque parecem fugir à lei comum e porque não são compreendidos. Deem-lhes uma base racional, e a dúvida cessa. A explicação, neste século em que não nos contentamos com palavras, é, portanto, um poderoso motivo de convicção; assim, vemos todos os dias pessoas que não testemunharam nenhum fato, que não viram uma mesa girar nem um médium escrever, e que estão tão convencidas quanto nós, unicamente porque leram e compreenderam. Se só devêssemos acreditar naquilo que vimos com nossos próprios olhos, nossas convicções se reduziriam a muito pouca coisa.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE I, CAP. III — MÉTODO

✦

18 O desejo muito natural e muito louvável de todo adepto, desejo que nunca se poderia incentivar demais, é fazer prosélitos. É para facilitar sua tarefa que nos propomos examinar aqui o caminho mais seguro, a nosso ver, para atingir esse objetivo, a fim de lhes poupar esforços inúteis.

Dissemos que o espiritismo é toda uma ciência, toda uma filosofia; aquele que deseja seriamente conhecê-lo deve, portanto, como primeira condição, dedicar-se a um estudo sério e convencer-se de que, assim como qualquer outra ciência, ele não pode ser aprendido brincando.

O espiritismo, como dissemos, abrange todas as questões que interessam à humanidade; seu campo é imenso, e é sobretudo em suas consequências que convém considerá-lo. A crença nos Espíritos constitui, sem dúvida, sua base, mas não basta para fazer um espírita esclarecido, assim como a crença em Deus não basta para fazer um teólogo. Vejamos, portanto, de que maneira convém conduzir esse ensino para chegar mais seguramente à convicção.

Que os adeptos não se assustem com essa palavra, ensino; não existe apenas o ensino dado do alto do púlpito ou da tribuna; existe também o da simples conversa. Toda pessoa que procura persuadir outra, seja por meio de explicações, seja por meio de experiências, está ensinando; o que desejamos é que seu esforço dê frutos, e é por isso que acreditamos dever dar alguns conselhos, dos quais também poderão se beneficiar aqueles que desejam aprender por si mesmos; encontrarão neles o meio de chegar mais seguramente e mais depressa ao objetivo.

19 Geralmente se acredita que, para convencer, basta mostrar fatos; esse parece, de fato, o caminho mais lógico, e, no entanto, a experiência mostra que nem sempre é o melhor, pois muitas vezes se veem pessoas que os fatos mais evidentes não convencem de modo algum. A que se deve isso? É o que vamos tentar demonstrar.

No espiritismo, a questão dos Espíritos é secundária e decorre de outra; não é o ponto de partida, e é precisamente aí que está o erro em que se cai e que muitas vezes leva ao fracasso diante de certas pessoas. Como os Espíritos nada mais são que as almas dos homens, o verdadeiro ponto de partida é, portanto, a existência da alma. Ora, como pode o materialista admitir que seres vivam fora do mundo material, quando acredita que ele próprio é apenas matéria? Como pode acreditar em Espíritos fora dele, quando não acredita ter um dentro de si? Em vão se acumulariam diante de seus olhos as provas mais palpáveis: ele contestará todas, porque não admite o princípio. Todo ensino metódico deve partir do conhecido para o desconhecido; para o materialista, o conhecido é a matéria; partam, portanto, da matéria e procurem, antes de tudo, fazendo com que ele a observe, convencê-lo de que há nele alguma coisa que escapa às leis da matéria; em uma palavra, antes de torná-lo espírita, procurem torná-lo espiritualista; mas, para isso, é preciso recorrer a toda uma outra ordem de fatos, a um ensino inteiramente especial, que deve ser conduzido por outros meios; falar-lhe dos Espíritos antes que esteja convencido de ter uma alma é começar por onde se deveria terminar, pois ele não pode admitir a conclusão se não admite as premissas. Antes, portanto, de tentar convencer um incrédulo, mesmo pelos fatos, convém verificar sua opinião a respeito da alma, isto é, se ele acredita em sua existência, em sua sobrevivência ao corpo, em sua individualidade depois da morte; se sua resposta for negativa, seria esforço perdido fa-

lar-lhe dos Espíritos. Essa é a regra; não dizemos que não tenha exceções, mas, nesse caso, é porque provavelmente há outra causa que o torna menos resistente.

20 Entre os materialistas, é preciso distinguir duas classes: na primeira colocaremos aqueles que o são por sistema; neles não há dúvida, mas negação absoluta, fundamentada à sua maneira; a seus olhos, o homem é apenas uma máquina que funciona enquanto está com a corda dada, que se desarranja e da qual, depois da morte, só resta a carcaça. Seu número é, felizmente, muito restrito e em parte alguma constitui uma escola abertamente declarada; não precisamos insistir nos efeitos deploráveis que a difusão de semelhante doutrina traria para a ordem social; já nos estendemos suficientemente sobre esse assunto em O Livro dos Espíritos (nº 147 e conclusão III).

Quando dissemos que a dúvida cessa nos incrédulos diante de uma explicação racional, é preciso excetuar os materialistas obstinados, aqueles que negam todo poder e todo princípio inteligente fora da matéria; a maioria se obstina em sua opinião por orgulho e acredita que seu amor-próprio exige que persista nela; persistem apesar de todas as provas contrárias, porque não querem sair perdendo. Com essas pessoas, nada há a fazer; não se deve sequer deixar enganar pela falsa aparência de sinceridade daqueles que dizem: façam-me ver e eu acreditarei. Há alguns que são mais francos e dizem sem rodeios: mesmo que eu visse, não acreditaria.

21 A segunda classe de materialistas, e de longe a mais numerosa, pois o verdadeiro materialismo é um sentimento contrário à natureza, compreende aqueles que o são por indiferença e, pode-se dizer, por falta de algo

melhor; não o são deliberadamente e nada desejam mais do que crer, pois a incerteza é para eles um tormento.

21.2 Há neles uma vaga aspiração ao futuro; mas esse futuro lhes foi apresentado sob cores que sua razão não pode aceitar; daí a dúvida e, como consequência da dúvida, a incredulidade.

21.3 Neles, portanto, a incredulidade não é um sistema; por isso, apresentem-lhes algo racional e eles o aceitarão prontamente; esses podem, portanto, nos compreender, pois estão mais perto de nós do que eles próprios provavelmente acreditam.

21.4 Com o primeiro, não falem de revelação, nem dos anjos, nem do paraíso: ele não os compreenderia; mas, colocando-se em seu terreno, provem-lhe primeiro que as leis da fisiologia são incapazes de explicar tudo; o resto virá depois.

21.5 É inteiramente diferente quando a incredulidade não é preconcebida, pois então a crença não está totalmente ausente; é um germe latente sufocado por ervas daninhas, mas que uma faísca pode reanimar; é o cego a quem se devolve a visão e que fica feliz por rever a luz; é o náufrago a quem se estende uma tábua de salvação.

22 Ao lado dos materialistas propriamente ditos, há uma terceira classe de incrédulos que, embora espiritualistas, ao menos de nome, nem por isso deixam de ser muito resistentes; são os incrédulos de má vontade. Esses ficariam contrariados se acreditassem, porque isso perturbaria sua tranquilidade nos prazeres materiais; temem ver nisso a condenação de sua ambição, de seu egoísmo e das vaidades humanas em que se deleitam; fecham os olhos para não ver e tapam os ouvidos para não ouvir. Só se pode ter pena deles.

23 Mencionaremos apenas de passagem uma quarta categoria, que chamaremos de incrédulos por interesse ou de má-fé. Esses sabem muito bem o que pensar do espiritismo, mas o condenam abertamente por motivos de interesse pessoal. Sobre eles nada há a dizer, assim como nada há a fazer com eles.

23.2 Se o materialista puro se engana, tem ao menos a seu favor a desculpa da boa-fé; pode-se fazê-lo voltar atrás, provando-lhe seu erro; aqui, trata-se de uma posição preconcebida contra a qual todos os argumentos se despedaçam; o tempo se encarregará de lhes abrir os olhos e de lhes mostrar, talvez à própria custa, onde estavam seus verdadeiros interesses, pois, não podendo impedir que a verdade se espalhe, serão arrastados pela torrente, e com eles os interesses que acreditavam preservar.

24 Além dessas diversas categorias de opositores, há uma infinidade de nuances, entre as quais se podem contar os incrédulos por falta de coragem: a coragem lhes virá quando virem que os outros não se queimam; os incrédulos por escrúpulo religioso: um estudo esclarecido lhes ensinará que o espiritismo se apoia nas bases fundamentais da religião e respeita todas as crenças; que um de seus efeitos é despertar sentimentos religiosos naqueles que não os têm e fortalecê-los naqueles em quem estão vacilantes; depois vêm os incrédulos por orgulho, por espírito de contradição, por despreocupação, por leviandade etc., etc.

25 Não podemos omitir uma categoria que chamaremos de incrédulos por decepções. Ela compreende as pessoas que passaram de uma confiança exagerada à incredulidade porque sofreram frustrações; então, desanimadas, abandonaram tudo, rejeitaram tudo. Estão na situação daquele que negasse a boa-fé porque tivesse sido enganado.

25.2 Isso também é resultado de um estudo incompleto do espiritismo e da falta de experiência. Quem é enganado pelos Espíritos geralmente o é porque lhes pede o que eles não devem ou não podem dizer, ou porque não está suficientemente esclarecido sobre o assunto para distinguir a verdade da impostura.

25.3 Muitos, aliás, veem no espiritismo apenas um novo meio de adivinhação e imaginam que os Espíritos existem para prever a sorte; ora, os Espíritos levianos e zombeteiros não deixam de se divertir à custa deles: é assim que anunciarão maridos às moças; ao ambicioso, honras, heranças, tesouros escondidos etc.; daí, muitas vezes, decepções desagradáveis, das quais, porém, o homem sério e prudente sempre sabe se preservar.

26 Uma classe muito numerosa, a mais numerosa de todas, mas que não poderia ser incluída entre os opositores, é a dos indecisos; geralmente são espiritualistas por princípio; na maioria há uma vaga intuição das ideias espíritas, uma aspiração a algo que não conseguem definir; falta apenas que seus pensamentos sejam coordenados e formulados; o espiritismo é para eles como um raio de luz: é a claridade que dissipa a névoa; por isso o acolhem prontamente, porque os livra das angústias da incerteza.

27 Se, a partir daí, lançarmos um olhar sobre as diversas categorias de crentes, encontraremos primeiro os espíritas sem o saber; são, propriamente falando, uma variedade ou uma nuance da classe anterior.

27.2 Sem jamais terem ouvido falar da doutrina espírita, têm o sentimento inato dos grandes princípios que dela decorrem, e esse sentimento se reflete em certas passagens de seus escritos e de seus discursos, a tal ponto que, ao ouvi-los, acreditaríamos que fossem completamente iniciados.

27.3 Encontram-se numerosos exemplos disso nos escritores sagrados e profanos, nos poetas, nos oradores, nos moralistas, nos filósofos antigos e modernos.

28 Entre aqueles que um estudo direto convenceu, podemos distinguir:
1° Os que acreditam pura e simplesmente nas manifestações. O espiritismo é para eles uma simples ciência de observação, uma série de fatos mais ou menos curiosos; nós os chamaremos de espíritas experimentadores; 2° Os que veem no espiritismo algo além de fatos; compreendem sua parte filosófica; admiram a moral que dele decorre, mas não a praticam. Sua influência sobre o caráter deles é insignificante ou nula; nada mudam em seus hábitos e não se privariam de um único prazer; o avarento continua mesquinho, o orgulhoso continua cheio de si, o invejoso e o ciumento continuam hostis; para eles, a caridade cristã é apenas uma bela máxima; são os espíritas imperfeitos; 3° Os que não se contentam em admirar a moral espírita, mas a praticam e aceitam todas as suas consequências. Convencidos de que a existência terrena é uma prova passageira, procuram aproveitar esses breves instantes para caminhar na via do progresso, o único que pode elevá-los na hierarquia do mundo dos Espíritos, esforçando-se por fazer o bem e reprimir suas más inclinações; são sempre pessoas de confiança no trato com os outros, pois sua convicção os afasta de todo pensamento de mal. A caridade é, em todas as coisas, a regra de sua conduta; esses são os verdadeiros espíritas, ou melhor, os espíritas cristãos.
4° Há, enfim, os espíritas exaltados. A espécie humana seria perfeita se sempre tomasse apenas o lado bom das coisas. O exagero em tudo é prejudicial; no espiritismo, ele gera uma confiança excessivamente cega e muitas vezes pueril nas coisas do mundo invisível e leva a aceitar com muita facilidade e

sem verificação aquilo cuja absurdidade ou impossibilidade a reflexão e o exame demonstrariam; mas o entusiasmo não reflete; ele deslumbra. Esse tipo de adepto é mais prejudicial do que útil à causa do espiritismo; são os menos aptos a convencer, porque se desconfia, com razão, de seu julgamento; com a maior boa-fé, são enganados, seja pelos Espíritos mistificadores, seja pelos homens que procuram explorar sua credulidade. Se apenas eles tivessem de sofrer as consequências, o mal seria menor; o pior é que, sem querer, dão armas aos incrédulos, que procuram muito mais ocasiões de zombar do que de se convencer e não deixam de atribuir a todos o ridículo de alguns. Isso sem dúvida não é justo nem racional; mas, como se sabe, os adversários do espiritismo só reconhecem a própria razão como válida, e conhecer a fundo aquilo de que falam é a menor de suas preocupações.

29 Os meios de convencer variam extremamente conforme os indivíduos; o que persuade uns não produz efeito algum sobre outros; um se convence por certas manifestações materiais, outro por comunicações inteligentes, a maioria pelo raciocínio. Podemos até dizer que, para a maior parte dos que não estão preparados pelo raciocínio, os fenômenos materiais têm pouco peso; quanto mais extraordinários são esses fenômenos e mais se afastam das leis conhecidas, mais oposição encontram, e isso por uma razão muito simples: somos naturalmente levados a duvidar de algo que não tenha uma confirmação racional; cada um o considera de seu ponto de vista e o explica à sua maneira; o materialista vê nisso uma causa puramente física ou uma fraude; o ignorante e o supersticioso, uma causa diabólica ou sobrenatural; ao passo que uma explicação prévia tem o efeito de destruir as ideias pre-

concebidas e mostrar, se não a realidade, ao menos a possibilidade da coisa; nós a compreendemos antes de tê-la visto; ora, a partir do momento em que se reconhece a possibilidade, a convicção está formada em três quartos.

30 É útil procurar convencer um incrédulo obstinado? Dissemos que isso depende das causas e da natureza de sua incredulidade; muitas vezes, a insistência em persuadi-lo o faz acreditar em sua importância pessoal, e isso é uma razão para ele se obstinar ainda mais.

30.2 Quem não se convence nem pelo raciocínio nem pelos fatos ainda deve passar pela prova da incredulidade; é preciso deixar à Providência o cuidado de trazer para ele circunstâncias mais favoráveis; há tantas pessoas que só pedem para receber a luz que não se deve perder tempo com aquelas que a rejeitam; dirijam-se, portanto, aos homens de boa vontade, cujo número é maior do que se pensa, e seu exemplo, ao se multiplicar, vencerá mais resistências do que palavras.

30.3 Ao verdadeiro espírita nunca faltará o bem a fazer; corações aflitos a aliviar, consolações a dar, desesperos a acalmar, reformas morais a realizar: aí está sua missão; aí também encontrará sua verdadeira satisfação. O espiritismo está no ar; espalha-se pela força das coisas e porque torna felizes aqueles que o professam.

30.4 Quando seus adversários sistemáticos o ouvirem repercutir ao redor deles, até entre seus amigos, compreenderão seu isolamento e serão obrigados a se calar ou a se render.

31 Para proceder, no ensino do espiritismo, como se faria nas ciências comuns, seria preciso passar em revista toda a série de fenômenos que podem ocorrer, começando pelos mais simples e chegando sucessivamente aos mais complicados; ora, isso não é possível, pois seria impossível dar um

curso de espiritismo experimental como se dá um curso de física e de química. Nas ciências naturais, trabalha-se com a matéria bruta, que se manipula à vontade, e quase sempre se tem a certeza de poder regular seus efeitos; no espiritismo, lidamos com inteligências que têm sua liberdade e nos provam a cada instante que não estão sujeitas aos nossos caprichos; é preciso, portanto, observar, esperar os resultados, percebê-los quando surgem; por isso, declaramos abertamente que quem se vangloriasse de obtê-los à vontade só poderia ser um ignorante ou um impostor; é por isso que o verdadeiro espiritismo nunca se exibirá como espetáculo nem subirá aos palcos. Há até algo de ilógico em supor que Espíritos venham fazer exibições e se submeter à investigação como objetos de curiosidade.

Os fenômenos podem, por conseguinte, faltar quando precisamos deles ou se apresentar numa ordem inteiramente diferente da que desejamos. Acrescentemos ainda que, para obtê-los, são necessárias pessoas dotadas de faculdades especiais e que essas faculdades variam ao infinito conforme a aptidão dos indivíduos; ora, como é extremamente raro que a mesma pessoa tenha todas as aptidões, essa é uma dificuldade a mais, pois seria preciso ter sempre à disposição uma verdadeira coleção de médiuns, o que dificilmente é possível.

O meio de contornar esse inconveniente é muito simples: começar pela teoria; nela, todos os fenômenos são passados em revista; são explicados, podemos entendê-los, compreender sua possibilidade, conhecer as condições em que podem ocorrer e os obstáculos que podem encontrar; assim, qualquer que seja a ordem em que as circunstâncias os tragam, nada terão que possa surpreender. Esse procedimento oferece ainda outra vantagem: poupar a quem deseja realizar experiências uma série de decepções; prevenido contra as dificuldades, pode ficar atento e evitar adquirir experiência à pró-

pria custa.

Desde que nos ocupamos do espiritismo, seria difícil dizer o número de pessoas que vieram nos procurar e, entre elas, quantas vimos permanecer indiferentes ou incrédulas diante dos fatos mais evidentes e que só mais tarde se convenceram por uma explicação fundamentada no raciocínio; quantas outras foram predispostas à convicção pelo raciocínio; quantas, enfim, foram persuadidas sem ter visto nada, mas unicamente porque haviam compreendido. É, portanto, por experiência que falamos, e é também por isso que dizemos que o melhor método de ensino espírita é dirigir-se à razão antes de se dirigir aos olhos. É o que seguimos em nossas lições, e só temos motivos para nos felicitar por isso.

32 O estudo prévio da teoria tem outra vantagem: mostrar imediatamente a grandeza do objetivo e o alcance dessa ciência; quem começa vendo uma mesa girar ou dar pancadas fica mais inclinado à zombaria, porque dificilmente imagina que de uma mesa possa sair uma doutrina regeneradora da humanidade.

32.2 Sempre observamos que os que acreditam antes de ter visto, mas porque leram e compreenderam, longe de serem superficiais, são, ao contrário, os que mais refletem; dando mais importância ao conteúdo do que à forma, para eles a parte filosófica é o principal, e os fenômenos propriamente ditos são o acessório; e dizem a si mesmos que, mesmo que esses fenômenos não existissem, ainda assim restaria uma filosofia que, sozinha, resolve problemas até hoje insolúveis; que, sozinha, oferece a teoria mais racional sobre o passado do homem e seu futuro; ora, preferem uma doutrina que explica àquelas que não explicam ou que explicam mal.

32.3 Quem reflete compreende muito bem que se poderia deixar de lado as manifestações e que a doutrina nem por isso deixaria de existir; as manifestações vêm corroborá-la, confirmá-la, mas não são sua base essencial; o observador sério não as rejeita, pelo contrário, mas espera as circunstâncias favoráveis que lhe permitirão testemunhá-las.

32.4 A prova do que afirmamos é que, antes de terem ouvido falar das manifestações, muitas pessoas tinham a intuição dessa doutrina, que apenas deu corpo e unidade às suas ideias.

33 Ademais, não seria exato dizer que aqueles que começam pela teoria não têm assuntos para observações práticas; pelo contrário, eles os têm, e esses devem ter a seus olhos um peso ainda maior do que os que se poderiam produzir diante deles: são os numerosos fatos de manifestações espontâneas de que falaremos nos capítulos seguintes.

33.2 Poucas são as pessoas que não têm conhecimento deles, ao menos por ouvir dizer; muitas os vivenciaram e lhes deram pouca atenção. A teoria tem o efeito de lhes dar a explicação desses fatos; e dizemos que esses fatos têm grande peso quando se apoiam em testemunhos incontestáveis, porque não se pode supor nem preparativos nem conivência.

33.3 Se os fenômenos provocados não existissem, os fenômenos espontâneos nem por isso deixariam de existir, e, se o espiritismo tivesse como único resultado dar-lhes uma solução racional, isso já seria muito. Por isso, a maior parte dos que leem antes de observar volta suas lembranças para os fatos que são, para eles, uma confirmação da teoria.

34 Seria um grande engano sobre nossa maneira de ver supor que aconselhamos a deixar de lado os fatos; foi pelos fatos que chegamos à teoria; é verdade que, para isso, precisamos de um trabalho assíduo de vários anos e

de milhares de observações; mas, já que os fatos nos serviram e nos servem todos os dias, seríamos incoerentes conosco mesmos se contestássemos sua importância, sobretudo quando fazemos um livro destinado a torná-los conhecidos.

34.2 Dizemos apenas que, sem o raciocínio, eles não bastam para formar a convicção; que uma explicação prévia, ao desfazer as ideias preconcebidas e mostrar que eles nada têm de contrário à razão, prepara as pessoas para aceitá-los.

34.3 Isso é tão verdadeiro que, de dez pessoas completamente iniciantes que assistirem a uma sessão de experimentação, ainda que seja das mais satisfatórias do ponto de vista dos adeptos, nove sairão sem estar convencidas, e algumas mais incrédulas do que antes, porque as experiências não terão correspondido às suas expectativas.

34.4 Será bem diferente com aquelas que puderem compreendê-las por meio de um conhecimento teórico antecipado; para elas, é um meio de verificação, mas nada as surpreende, nem mesmo o insucesso, porque sabem em que condições os fatos se produzem e que só se deve pedir a eles o que podem dar.

34.5 A compreensão prévia dos fatos permite, portanto, que elas entendam todas as anomalias, mas, além disso, permite que percebam uma infinidade de detalhes, de nuances muitas vezes muito delicadas, que são para elas meios de convicção e que escapam ao observador sem conhecimento.

34.6 Esses são os motivos que nos levam a admitir em nossas sessões experimentais apenas as pessoas que possuem noções preparatórias suficientes para compreender o que se faz nelas, convencidos de que as outras perderiam seu tempo ou nos fariam perder o nosso.

35 Aos que quiserem adquirir esses conhecimentos preliminares pela leitura de nossas obras, eis a ordem que aconselhamos:

1° O que é o espiritismo? Esse pequeno livro, de apenas uma centena de páginas, é uma exposição resumida dos princípios da doutrina espírita, uma visão geral que permite abranger o conjunto em um espaço reduzido. Em poucas palavras, vê-se o objetivo e pode-se avaliar seu alcance. Nele também se encontra a resposta às principais perguntas ou objeções que as pessoas iniciantes estão naturalmente inclinadas a fazer. Essa primeira leitura, que exige pouco tempo, é uma introdução que facilita um estudo mais aprofundado.

2° O livro dos Espíritos; contém a doutrina completa ditada pelos próprios Espíritos, com toda a sua filosofia e todas as suas consequências morais; é o destino do ser humano revelado, a iniciação à natureza dos Espíritos e aos mistérios da vida de além-túmulo. Ao lê-lo, compreende-se que o espiritismo tem um objetivo sério e não é um passatempo frívolo.

3° O livro dos médiuns; destina-se a orientar na prática das manifestações, pelo conhecimento dos meios mais adequados para se comunicar com os Espíritos; é um guia tanto para os médiuns quanto para os evocadores, e o complemento do Livro dos Espíritos.

4 A Revista espírita; é uma coletânea variada de fatos, de explicações teóricas e de textos avulsos que completam o que é dito nas duas obras anteriores e que é, de certa forma, sua aplicação. Sua leitura pode ser feita ao mesmo tempo, mas será mais proveitosa e mais compreensível sobretudo depois da leitura do Livro dos Espíritos.

Isso é o que nos diz respeito. Os que querem conhecer tudo em uma ciência devem necessariamente ler tudo o que se escreve sobre a matéria, ou pelo menos as coisas principais, e não se limitar a um único autor; devem

até mesmo ler o que é a favor e o que é contra, tanto as críticas quanto as defesas, familiarizar-se com os diferentes sistemas para poder julgar pela comparação. Nesse aspecto, não recomendamos nem criticamos nenhuma obra, pois não queremos influenciar em nada a opinião que se possa formar a respeito delas; ao trazer nossa pedra para o edifício, tomamos nosso lugar entre os demais: não nos cabe ser juiz e parte interessada, e não temos a pretensão ridícula de ser os únicos a distribuir a luz; cabe ao leitor distinguir o bom do mau, o verdadeiro do falso.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE I, CAP. IV — SISTEMAS

✦

36 Quando os fenômenos estranhos do espiritismo começaram a se produzir, ou, melhor dizendo, se renovaram nestes últimos tempos, o primeiro sentimento que despertaram foi o de dúvida sobre sua própria realidade, e ainda mais sobre sua causa. Quando foram comprovados por testemunhos incontestáveis e pelas experiências que cada um pôde fazer, aconteceu que cada um os interpretou à sua maneira, segundo suas ideias pessoais, suas crenças ou seus preconceitos; daí surgiram vários sistemas que uma observação mais atenta deveria reduzir ao seu justo valor.

Os adversários do espiritismo acreditaram encontrar um argumento nessa divergência de opiniões, dizendo que os próprios espíritas não concordam entre si. Era uma razão muito fraca, se considerarmos que os passos de toda ciência nascente são necessariamente incertos, até que o tempo permita reunir e coordenar os fatos que podem fundamentar a opinião; à medida que os fatos se completam e são mais bem observados, as ideias prematuras desaparecem e a unidade se estabelece, ao menos nos pontos fundamentais, se não em todos os detalhes. Foi o que aconteceu com o espiritismo; ele não podia escapar à lei comum e devia mesmo, por sua natureza, prestar-se mais do que qualquer outra coisa à diversidade das interpretações. Pode-se até dizer que, nesse aspecto, avançou mais depressa do que outras ciências mais antigas, a medicina, por exemplo, que ainda divide os maiores sábios.

37 Na ordem metódica, para acompanhar a marcha progressiva das ideias, convém colocar em primeiro lugar aqueles que podemos chamar de sistemas da negação, isto é, os dos adversários do espiritismo. Refutamos suas

objeções na introdução e na conclusão de O Livro dos Espíritos, assim como na pequena obra intitulada: O que é o espiritismo? Seria desnecessário voltar a elas aqui; vamos nos limitar a recordar em poucas palavras os motivos em que se baseiam.

Os fenômenos espíritas são de duas espécies: os efeitos físicos e os efeitos inteligentes. Como não admitem a existência dos Espíritos, porque não admitem nada além da matéria, compreende-se que neguem os efeitos inteligentes. Quanto aos efeitos físicos, comentam-nos segundo seu ponto de vista, e seus argumentos podem ser resumidos nos quatro sistemas seguintes.

38 Sistema do charlatanismo. Entre os adversários, muitos atribuem esses efeitos à fraude, porque alguns puderam ser imitados. Essa suposição transformaria todos os espíritas em enganados, e todos os médiuns em enganadores, sem levar em conta a posição, o caráter, o conhecimento e a honradez das pessoas.

38.2 Se merecesse uma resposta, diríamos que certos fenômenos da física também são imitados pelos ilusionistas, e que isso nada prova contra a verdadeira ciência. Há, além disso, pessoas cujo caráter afasta toda suspeita de fraude, e é preciso não ter nenhuma educação nem cortesia para ousar dizer-lhes na cara que são cúmplices de charlatanismo.

38.3 Numa reunião muito respeitável, um senhor que se dizia bem-educado permitiu-se uma observação dessa natureza, e a dona da casa lhe disse: «Senhor, já que não está satisfeito, seu dinheiro será devolvido na porta»; e, com um gesto, fez-lhe compreender o que seria melhor fazer. Isso quer dizer que nunca houve abusos?

38.4 Para acreditar nisso, seria preciso admitir que os homens são perfeitos. Abusa-se de tudo, mesmo das coisas mais santas; por que não se abusaria do espiritismo? Mas o mau uso que se pode fazer de uma coisa não permite julgar de antemão a própria coisa; o meio de verificar a boa-fé das pessoas está nos motivos que as levam a agir. Onde não há interesse em obter lucro, o charlatanismo nada tem a fazer.

39 Sistema da loucura. Alguns, por condescendência, concordam em afastar a suspeita de fraude e afirmam que aqueles que não enganam os outros são eles próprios enganados: o que equivale a dizer que são imbecis. Quando os incrédulos têm menos cuidado com as palavras, dizem simplesmente que somos loucos, atribuindo-se assim, sem cerimônia, o privilégio do bom senso.

39.2 Esse é o grande argumento daqueles que não têm nenhuma boa razão a apresentar. De resto, esse modo de ataque tornou-se ridículo de tão banal e não merece que se perca tempo em refutá-lo. Os espíritas, aliás, pouco se abalam com isso; aceitam corajosamente sua sorte e se consolam pensando que têm por companheiros de infortúnio muitas pessoas cujo mérito não pode ser contestado.

39.3 É preciso, de fato, reconhecer que essa loucura, se é que há loucura, tem uma característica muito singular: atinge de preferência a classe instruída, entre a qual o espiritismo conta, até o presente, com a imensa maioria de seus adeptos.

39.4 Se, entre eles, encontramos algumas excentricidades, elas nada provam contra essa doutrina, assim como os loucos religiosos nada provam contra a religião; os loucos amantes da música, contra a música; os loucos matemáticos, contra a matemática.

39.5 Todas as ideias encontraram fanáticos exagerados, e seria preciso ter um julgamento muito obtuso para confundir o exagero de uma coisa com a própria coisa. Para explicações mais amplas sobre esse assunto, remetemos à nossa brochura O que é o espiritismo? e a O Livro dos Espíritos (Introdução, XV).

40 Sistema da alucinação. Outra opinião, menos ofensiva por ter um pequeno verniz científico, consiste em atribuir os fenômenos à ilusão dos sentidos; assim, o observador estaria de inteira boa-fé; apenas acreditaria ver o que não vê. Quando vê uma mesa se levantar e se manter no espaço sem ponto de apoio, a mesa não teria saído do lugar; ele a vê no ar por uma espécie de miragem, ou por um efeito de refração como aquele que faz ver um astro, ou um objeto na água, fora de sua posição real. Isso seria possível, a rigor; mas aqueles que testemunharam esse fenômeno puderam constatar que a mesa estava sem apoio, passando por baixo dela enquanto estava suspensa, o que parece difícil se ela não deixou o chão. Por outro lado, aconteceu muitas vezes de a mesa se quebrar ao cair: dirão também que isso é apenas um efeito de óptica?

Uma causa fisiológica bem conhecida pode, sem dúvida, fazer alguém acreditar que vê girar uma coisa que não se move, ou acreditar que está girando quando está imóvel; mas, quando várias pessoas ao redor de uma mesa são arrastadas por um movimento tão rápido que têm dificuldade em acompanhá-lo, e algumas às vezes são jogadas no chão, dirão que todas estão tomadas de vertigem, como o bêbado que acredita ver sua casa passar diante dele?

[41] Sistema do músculo que estala. Se fosse assim com a visão, não poderia ser o mesmo com a audição, e, quando batidas são ouvidas por toda uma assembleia, não se pode razoavelmente atribuí-las a uma ilusão. Afastamos, é claro, toda ideia de fraude e supomos que uma observação atenta tenha constatado que elas não se devem a nenhuma causa fortuita ou material.

É verdade que um médico erudito deu uma explicação que, segundo ele, é definitiva. «A causa está», diz ele, «nas contrações voluntárias ou involuntárias do tendão do músculo fibular curto.» A esse respeito, entra nos mais completos detalhes anatômicos para demonstrar por qual mecanismo esse tendão pode produzir esses ruídos, imitar as batidas do tambor e até executar melodias ritmadas: daí conclui que aqueles que acreditam ouvir batidas numa mesa são vítimas de uma mistificação ou de uma ilusão. O fato não é novo em si mesmo; infelizmente para o autor dessa pretensa descoberta, sua teoria não pode explicar todos os casos. Digamos primeiro que aqueles que possuem a singular faculdade de fazer estalar à vontade seu músculo fibular curto, ou qualquer outro, e de tocar melodias por esse meio são pessoas excepcionais; enquanto a faculdade de fazer as mesas produzirem batidas é muito comum, e nem de longe todos os que a possuem têm a primeira. Em segundo lugar, o sábio doutor esqueceu-se de explicar como o estalo muscular de uma pessoa imóvel e sem contato com a mesa pode produzir nela vibrações perceptíveis ao tato; como esse ruído pode repercutir, conforme a vontade dos presentes, nas diferentes partes da mesa, nos outros móveis, nas paredes, no teto etc.; como, enfim, a ação desse músculo pode se estender a uma mesa que ninguém toca e fazê-la se mover. Essa explicação, aliás, se fosse uma explicação, só invalidaria o fenômeno das batidas, mas não pode se aplicar a todos os outros modos de comunicação. Concluímos, portanto, que ele julgou sem ter visto, ou sem ter visto

tudo e visto bem. É sempre lamentável que homens de ciência se apressem em dar, sobre aquilo que não conhecem, explicações que os fatos podem desmentir. Seu próprio saber deveria torná-los ainda mais cautelosos em seus julgamentos, pois afasta para eles os limites do desconhecido.

42 Sistema das causas físicas. Aqui saímos do sistema da negação absoluta. Uma vez comprovada a realidade dos fenômenos, o primeiro pensamento que naturalmente ocorreu àqueles que os reconheceram foi atribuir os movimentos ao magnetismo, à eletricidade ou à ação de algum fluido, em uma palavra, a uma causa inteiramente física e material.

42.2 Essa opinião não tinha nada de irracional e teria prevalecido se o fenômeno tivesse se limitado a efeitos puramente mecânicos. Uma circunstância até parecia confirmá-la: era, em certos casos, o aumento da força em razão do número de pessoas; cada uma delas podia assim ser considerada um dos elementos de uma pilha elétrica humana.

42.3 O que caracteriza uma teoria verdadeira, como dissemos, é poder explicar tudo; mas, se um único fato vem contradizê-la, é porque ela é falsa, incompleta ou absoluta demais. Ora, foi o que não tardou a acontecer aqui. Esses movimentos e essas batidas deram sinais inteligentes, obedecendo à vontade e respondendo ao pensamento; deviam, portanto, ter uma causa inteligente.

42.4 A partir do momento em que o efeito deixava de ser puramente físico, a causa, por isso mesmo, devia ter outra origem; assim, o sistema da ação exclusiva de um agente material foi abandonado e só é encontrado entre aqueles que julgam a priori e sem ter visto.

42.5 O ponto principal é, portanto, constatar a ação inteligente; e disso pode se convencer qualquer pessoa que queira se dar ao trabalho de observar.

43 Sistema do reflexo. Uma vez reconhecida a ação inteligente, restava saber qual era a fonte dessa inteligência. Pensou-se que poderia ser a do médium ou dos presentes, refletida como a luz ou as ondas sonoras. Isso era possível: só a experiência poderia dar a palavra final. Mas, antes de tudo, observemos que esse sistema já se afasta completamente da ideia puramente materialista; para que a inteligência dos presentes pudesse se reproduzir por via indireta, era preciso admitir no ser humano um princípio fora do organismo. Se o pensamento expresso tivesse sido sempre o dos presentes, a teoria do reflexo teria sido confirmada; ora, o fenômeno, mesmo reduzido a essa proporção, não seria do mais alto interesse? O pensamento repercutindo em um corpo inerte e se traduzindo pelo movimento e pelo ruído não seria algo muito notável? Não haveria nisso motivo para despertar a curiosidade dos cientistas? Por que, então, eles o desprezaram, eles que se esgotam na busca de uma fibra nervosa?

Só a experiência, como dissemos, poderia dar ou negar razão a essa teoria, e a experiência lhe negou razão, pois demonstra a todo instante, e pelos fatos mais concretos, que o pensamento expresso pode ser não somente alheio ao dos presentes, mas muitas vezes inteiramente contrário a ele; que vem contradizer todas as ideias preconcebidas, frustrar todas as previsões; de fato, quando penso branco e me respondem preto, é difícil acreditar que a resposta venha de mim. Apoiam-se em alguns casos de identidade entre o pensamento expresso e o dos presentes; mas o que isso prova, senão que os presentes podem pensar como a inteligência que se comunica? Não está

dito que devam sempre ter opiniões opostas. Quando, em uma conversa, o interlocutor expressa um pensamento semelhante ao seu, você dirá, por isso, que ele vem de você? Bastam alguns exemplos contrários bem comprovados para demonstrar que essa teoria não pode ser absoluta. Como, aliás, explicar pelo reflexo do pensamento a escrita produzida por pessoas que não sabem escrever, as respostas do mais alto alcance filosófico obtidas por pessoas sem instrução, as que são dadas a perguntas mentais ou em uma língua desconhecida do médium, e mil outros fatos que não podem deixar dúvida sobre a independência da inteligência que se manifesta? A opinião contrária só pode resultar de uma falta de observação.

Se a presença de uma inteligência alheia é provada moralmente pela natureza das respostas, ela o é materialmente pelo fato da escrita direta; isto é, da escrita obtida espontaneamente, sem pena nem lápis, sem contato e apesar de todas as precauções tomadas para evitar qualquer subterfúgio. O caráter inteligente do fenômeno não pode ser posto em dúvida; portanto, há algo além de uma ação fluídica. Além disso, a espontaneidade do pensamento expresso, sem nenhuma expectativa, sem nenhuma pergunta proposta, não permite ver nele um reflexo do pensamento dos presentes.

O sistema do reflexo é bastante desagradável em certos casos; quando, em uma reunião de pessoas honestas, surge inesperadamente uma dessas comunicações de grosseria revoltante, seria fazer um péssimo elogio aos presentes afirmar que ela provém de um deles, e é provável que cada um se apressasse em rejeitá-la. (Veja O Livro dos Espíritos, Introdução,

[44] Sistema da alma coletiva. É uma variante do anterior. Segundo esse sistema, só a alma do médium se manifesta, mas ela se identifica com a de vários outros vivos, presentes ou ausentes, e forma um todo coletivo que

reúne as aptidões, a inteligência e os conhecimentos de cada um. Embora o folheto em que essa teoria é exposta tenha o título de A luz, seu estilo nos pareceu muito obscuro; confessamos tê-lo compreendido pouco, e só o mencionamos para registro. É, aliás, como muitas outras, uma opinião individual que fez poucos adeptos. O nome Émah Tirpsé é o que o autor adota para designar o ser coletivo que representa. Ele toma como epígrafe: Não há nada oculto que não deva ser conhecido. Essa afirmação é evidentemente falsa, pois há uma infinidade de coisas que o ser humano não pode e não deve saber; muito presunçoso seria aquele que pretendesse penetrar todos os segredos de Deus.

(1) Comunhão. A luz do fenômeno do Espírito. Mesas falantes, sonâmbulos, médiuns, milagres. Magnetismo espiritual: poder da prática da fé. Por Émah Tirpsé, uma alma coletiva que escreve por intermédio de uma prancheta, Bruxelas, 1858, na editora Devroye.

45 Sistema sonambúlico. Este teve mais partidários e ainda conta com alguns. Como o anterior, admite que todas as comunicações inteligentes têm sua fonte na alma ou Espírito do médium; mas, para explicar sua aptidão para tratar de assuntos que estão além de seus conhecimentos, em vez de supor nele uma alma múltipla, atribui essa aptidão a uma excitação momentânea e intensa das faculdades mentais, a uma espécie de estado sonambúlico ou de êxtase que exalta e desenvolve sua inteligência.

45.2 Não se pode negar, em certos casos, a influência dessa causa; mas basta ter visto a maioria dos médiuns em atividade para se convencer de que ela não pode explicar todos os fatos e de que constitui a exceção, e não a regra.

45.3 Poderíamos acreditar que fosse assim se o médium tivesse sempre a aparência de um inspirado ou de alguém em êxtase, aparência que ele poderia, aliás, simular perfeitamente se quisesse representar uma comédia; mas como acreditar na inspiração quando o médium escreve como uma máquina, sem ter a menor consciência do que obtém, sem a menor emoção, sem prestar atenção ao que faz, enquanto olha para outro lado, ri e conversa sobre uma coisa e outra?

45.4 É possível conceber uma excitação intensa das ideias, mas não se compreende que ela possa fazer escrever quem não sabe escrever, e menos ainda quando as comunicações são transmitidas por batidas ou com a ajuda de uma prancheta ou de uma cesta.

45.5 Veremos, na continuação desta obra, a parcela que se deve atribuir à influência das ideias do médium; mas os fatos em que a inteligência alheia se revela por sinais incontestáveis são tão numerosos e tão evidentes que não podem deixar dúvida a esse respeito. O erro da maioria dos sistemas surgidos na origem do espiritismo é ter tirado conclusões gerais de alguns fatos isolados.

46 Sistema pessimista, diabólico ou demoníaco. Aqui entramos em outra ordem de ideias. Constatada a intervenção de uma inteligência alheia, tratava-se de saber qual era a natureza dessa inteligência. O meio mais simples era, sem dúvida, perguntar a ela mesma; mas certas pessoas não encontraram nisso uma garantia suficiente e só quiseram ver em todas as manifestações uma obra diabólica; segundo elas, só o diabo ou os demônios podem se comunicar. Embora esse sistema encontre poucos adeptos hoje, nem por isso deixou de desfrutar, por algum tempo, de certo crédito, pelo próprio caráter daqueles que procuraram fazê-lo prevalecer. Observaremos, con-

tudo, que os partidários do sistema demoníaco não devem ser incluídos entre os adversários do espiritismo, muito pelo contrário. Sejam demônios ou anjos os seres que se comunicam, são sempre seres incorpóreos; ora, admitir a manifestação dos demônios é sempre admitir a possibilidade de comunicação com o mundo invisível, ou pelo menos com uma parte desse mundo. A crença na comunicação exclusiva dos demônios, por mais irracional que seja, podia não parecer impossível quando se consideravam os Espíritos como seres criados fora da humanidade; mas, desde que se sabe que os Espíritos nada mais são que as almas daqueles que viveram, ela perdeu todo o seu prestígio e, pode-se dizer, toda a verossimilhança; pois disso resultaria que todas essas almas são demônios, mesmo que fossem as de um pai, de um filho ou de um amigo, e que nós mesmos, ao morrer, nos tornamos demônios, doutrina pouco lisonjeira e pouco consoladora para muita gente. Será muito difícil convencer uma mãe de que o filho querido que perdeu, e que vem lhe dar, depois da morte, provas de seu afeto e de sua identidade, seja um agente de Satanás. É verdade que, entre os Espíritos, há alguns muito maus, que não valem mais que aqueles a quem chamamos demônios, por uma razão muito simples: há homens muito maus, e a morte não os torna imediatamente melhores; a questão é saber se são os únicos que podem se comunicar. Aos que pensam assim, dirigiremos as seguintes perguntas:

1° Há Espíritos bons e maus?

2° Deus é mais poderoso que os maus Espíritos, ou que os demônios, se vocês quiserem chamá-los assim?

3° Afirmar que só os maus se comunicam é dizer que os bons não podem fazê-lo; se assim é, uma de duas coisas: isso acontece pela vontade de Deus ou contra a sua vontade. Se é contra a sua vontade, é porque os maus Espí-

ritos são mais poderosos que ele; se é pela sua vontade, por que, em sua bondade, ele não permitiria isso aos bons para contrabalançar a influência dos outros?

4° Que prova vocês podem dar da incapacidade dos bons Espíritos de se comunicarem?

5° Quando se apresenta a vocês a sabedoria de certas comunicações como objeção, vocês respondem que o demônio usa todas as máscaras para melhor seduzir. Sabemos, de fato, que há Espíritos hipócritas que dão à sua linguagem uma falsa aparência de sabedoria; mas vocês admitem que a ignorância possa imitar o verdadeiro saber, e uma natureza má imitar a verdadeira virtude, sem deixar transparecer nada que possa revelar a fraude?

6° Se só o demônio se comunica, já que ele é inimigo de Deus e dos homens, por que recomenda orar a Deus, submeter-se à sua vontade, suportar sem murmurar as tribulações da vida, não ambicionar honras nem riquezas, praticar a caridade e todas as máximas do Cristo; em uma palavra, fazer tudo o que é necessário para destruir seu império? Se é o demônio que dá tais conselhos, é preciso reconhecer que, por mais astuto que seja, ele é muito desajeitado ao fornecer armas contra si mesmo x.

7° Já que os Espíritos se comunicam, é porque Deus o permite; ao ver as boas e as más comunicações, não é mais lógico pensar que Deus permite umas para nos pôr à prova e outras para nos aconselhar o bem?

8° O que vocês pensariam de um pai que deixasse seu filho à mercê de exemplos e conselhos prejudiciais, e que afastasse dele, que o proibisse de ver as pessoas que poderiam desviá-lo do mal? Se um bom pai não faria isso, devemos pensar que Deus, que é a bondade por excelência, faça menos do que faria um homem?

9° A Igreja reconhece como autênticas certas manifestações da Virgem e de

outros santos, em aparições, visões, comunicações orais etc.; essa crença não é contraditória com a doutrina da comunicação exclusiva dos demônios? vamos publicar sob o título de: Os contraditores do espiritismo do ponto de vista da religião, da ciência e do materialismo.

Acreditamos que certas pessoas professaram essa teoria de boa-fé; mas acreditamos também que várias o fizeram unicamente para afastar as pessoas de se ocuparem dessas coisas, por causa das más comunicações que se está sujeito a receber; ao dizer que só o diabo se manifesta, quiseram assustar, mais ou menos como quando se diz a uma criança: Não toque nisso, porque queima. A intenção pode ser louvável, mas o objetivo não é alcançado; pois a proibição por si só desperta a curiosidade, e o medo do diabo detém muito pouca gente: quer-se vê-lo, nem que seja apenas para saber como ele é, e fica-se muito surpreso ao não achá-lo tão negro quanto se havia imaginado.

Não se poderia também ver outro motivo nessa teoria exclusiva do diabo? Há pessoas que acham que todos os que não concordam com elas estão errados; ora, os que afirmam que todas as comunicações são obra do demônio não seriam movidos pelo medo de não encontrar os Espíritos de acordo com eles em todos os pontos, ainda mais nos que dizem respeito aos interesses deste mundo do que nos do outro? Não podendo negar os fatos, quiseram apresentá-los de maneira assustadora; mas esse meio não deteve mais que os outros. Onde o medo do ridículo é impotente, é preciso resignar-se a deixar as coisas seguirem seu curso.

O muçulmano que ouvisse um Espírito falar contra certas leis do Alcorão pensaria certamente que se tratava de um mau Espírito; o mesmo aconteceria com um judeu quanto a certas práticas da lei de Moisés. Quanto aos católicos, ouvimos um deles afirmar que o Espírito que se comunicava só po-

dia ser o diabo, porque se permitira pensar de modo diferente dele sobre o poder temporal, embora, de resto, só tivesse pregado a caridade, a tolerância, o amor ao próximo e a renúncia às coisas deste mundo, todas máximas ensinadas pelo Cristo.

Como os Espíritos nada mais são que as almas dos homens, e os homens não são perfeitos, disso resulta que há Espíritos igualmente imperfeitos, cujo caráter se reflete em suas comunicações. É um fato incontestável que há alguns maus, astuciosos, profundamente hipócritas, contra os quais é preciso se precaver; mas, porque encontramos no mundo homens perversos, isso é motivo para fugir de toda convivência?

% Deus nos deu a razão e o discernimento para avaliar os Espíritos tão bem quanto os homens. O melhor meio de se precaver contra os inconvenientes que a prática do espiritismo pode apresentar não é proibi-lo, mas fazê-lo ser compreendido. Um temor imaginário só impressiona por um instante e não afeta todo mundo; a realidade claramente demonstrada é compreendida por todos.

47 Sistema otimista. Ao lado daqueles que só veem nesses fenômenos a ação dos demônios, há outros que só viram a dos bons Espíritos; supuseram que, estando a alma livre da matéria, nenhum véu existia mais para ela, e que ela deveria possuir o supremo conhecimento e a suprema sabedoria. Para muitos, a confiança cega nessa superioridade absoluta dos seres do mundo invisível foi a fonte de muitas decepções; aprenderam à própria custa a desconfiar de certos Espíritos, assim como de certos homens.

48 Sistema uniespírita ou monoespírita. Uma variedade do sistema otimista consiste na crença de que um só Espírito se comunica com os homens, e que esse Espírito é o Cristo, que é o protetor da Terra. Quando se

veem comunicações da mais baixa trivialidade, de uma grosseria revoltante, marcadas pela malevolência e pela maldade, seria profanação e impiedade supor que pudessem emanar do Espírito do bem por excelência. Se ao menos os que acreditam nisso só tivessem recebido comunicações irrepreensíveis, seria possível compreender sua ilusão; mas a maioria reconhece ter recebido algumas muito más, o que explicam dizendo que é uma prova à qual o bom Espírito os submete, ditando-lhes coisas absurdas: assim, enquanto uns atribuem todas as comunicações ao diabo, que pode dizer coisas boas para tentar, outros pensam que só Jesus se manifesta e que pode dizer coisas más para pôr à prova. Entre essas duas opiniões tão opostas, quem decidirá? O bom senso e a experiência. Dizemos a experiência porque é impossível que aqueles que professam ideias tão exclusivas tenham visto tudo e visto tudo bem.

Quando se apresentam a eles, como objeção, os fatos de identidade que atestam a presença de parentes, amigos ou conhecidos por manifestações escritas, visuais ou outras, respondem que é sempre o mesmo Espírito, o diabo segundo uns, o Cristo segundo outros, que assume todas as formas; mas não nos dizem por que os outros Espíritos não podem se comunicar, com que objetivo o Espírito de verdade viria nos enganar, apresentando-se sob falsas aparências, iludir uma pobre mãe fazendo-a acreditar mentirosamente que ele é o filho por quem ela chora. A razão se recusa a admitir que o Espírito Santo, entre todos, se rebaixe a representar semelhante comédia. Além disso, negar a possibilidade de qualquer outra comunicação não é tirar do espiritismo o que ele tem de mais suave: a consolação dos aflitos? Digamos simplesmente que semelhante sistema é irracional e não resiste a um exame sério.

[49] Sistema multiespírita ou poliespírita. Todos os sistemas que examinamos, sem excluir os de sentido negativo, se apoiam em algumas observações, mas incompletas ou mal interpretadas. Se uma casa é vermelha de um lado e branca do outro, quem a tiver visto de um lado só afirmará que ela é vermelha, e outro, que ela é branca: ambos estarão errados e certos; mas quem tiver visto a casa de todos os lados dirá que ela é vermelha e branca, e só ele estará com a verdade. O mesmo acontece com a opinião que se forma do espiritismo: ela pode ser verdadeira sob certos aspectos e falsa quando se generaliza o que é apenas parcial, quando se toma como regra o que é apenas exceção, como o todo o que é apenas uma parte. É por isso que dizemos que quem quiser estudar seriamente essa ciência deve observar muito e por muito tempo; só o tempo lhe permitirá perceber os detalhes, notar as nuances delicadas, observar uma infinidade de fatos característicos que serão para ele esclarecedores; mas, se ficar na superfície, estará sujeito a emitir um julgamento prematuro e, portanto, errado. Eis as conclusões gerais que foram deduzidas de uma observação completa e que hoje constituem, pode-se dizer, a crença de todos os espíritas, pois os sistemas restritivos já não passam de opiniões isoladas.

1° Os fenômenos espíritas são produzidos por inteligências extracorpóreas, ou seja, por Espíritos.

2° Os Espíritos constituem o mundo invisível; estão por toda parte; os espaços são infinitamente povoados por eles; há sempre alguns ao nosso redor, com os quais estamos em contato.

3° Os Espíritos atuam incessantemente sobre o mundo físico e sobre o mundo moral, e são uma das forças da natureza.

4° Os Espíritos não são seres à parte na criação; são as almas dos que viveram na Terra ou em outros mundos e que deixaram seu envoltório corpo-

ral; daí se conclui que as almas dos homens são Espíritos encarnados e que, ao morrer, nos tornamos Espíritos.

5° Há Espíritos de todos os graus de bondade e de maldade, de conhecimento e de ignorância.

6° Todos estão sujeitos à lei do progresso e todos podem chegar à perfeição; mas, como têm seu livre-arbítrio, chegam a ela em um tempo mais ou menos longo, conforme seus esforços e sua vontade.

7° São felizes ou infelizes conforme o bem ou o mal que fizeram durante a vida e o grau de adiantamento a que chegaram. A felicidade perfeita e sem mistura só cabe aos Espíritos que atingiram o grau supremo de perfeição.

8° Todos os Espíritos, em determinadas circunstâncias, podem se manifestar aos homens; o número dos que podem se comunicar é indefinido.

9° Os Espíritos se comunicam por intermédio dos médiuns, que lhes servem de instrumentos e de intérpretes.

10 Reconhece-se a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos por sua linguagem; os bons só aconselham o bem e só dizem coisas boas: tudo neles atesta elevação; os maus enganam, e todas as suas palavras trazem a marca da imperfeição e da ignorância.

Os diferentes graus que os Espíritos percorrem estão indicados na Escala espírita (O Livro dos Espíritos, livro II, cap. I, nº 100). O estudo dessa classificação é indispensável para avaliar a natureza dos Espíritos que se manifestam, suas boas e más qualidades.

50 Sistema da alma material. Consiste unicamente em uma opinião particular sobre a natureza íntima da alma. Segundo essa opinião, a alma e o perispírito não seriam duas coisas distintas, ou, melhor dizendo, o perispírito seria a própria alma, purificando-se gradualmente pelas diversas transmi-

grações, como o álcool se purifica pelas diversas destilações, enquanto a doutrina espírita considera o perispírito apenas como o envoltório fluídico da alma ou do Espírito. Sendo o perispírito uma matéria, embora muito etérea, a alma seria, assim, de natureza material mais ou menos sutil, conforme o grau de sua purificação.

Esse sistema não invalida nenhum dos princípios fundamentais da doutrina espírita, pois nada muda no destino da alma; as condições de sua felicidade futura continuam as mesmas; formando a alma e o perispírito um todo, sob o nome de Espírito, assim como o germe e o perisperma formam um todo sob o nome de fruto, toda a questão se reduz a considerar o todo como homogêneo, em vez de formado por duas partes distintas.

Como se vê, isso não traz nenhuma consequência, e não teríamos falado a respeito se não tivéssemos encontrado pessoas inclinadas a ver uma nova escola no que, afinal, é apenas uma simples interpretação de palavras. Essa opinião, aliás muito restrita, mesmo que fosse mais geral, não constituiria uma divisão entre os espíritas, assim como as duas teorias da emissão ou das ondulações da luz não criam uma divisão entre os físicos. Os que quisessem formar um grupo à parte por uma questão tão pueril provariam, só por isso, que dão mais importância ao acessório do que ao principal e que são levados à desunião por Espíritos que não podem ser bons, pois os bons Espíritos nunca inspiram o rancor e a discórdia; é por isso que aconselhamos todos os verdadeiros espíritas a se precaverem contra semelhantes sugestões e a não darem a certos detalhes mais importância do que merecem; o essencial é o fundo da questão.

Acreditamos, no entanto, que devemos dizer em poucas palavras em que se apoia a opinião dos que consideram a alma e o perispírito como duas coisas distintas. Ela se baseia no ensinamento dos Espíritos, que nunca variaram a

esse respeito; falamos dos Espíritos esclarecidos, pois entre eles há os que não sabem mais, e até sabem menos, do que os homens, enquanto a teoria contrária é uma concepção humana. Não inventamos nem supusemos o perispírito para explicar os fenômenos; sua existência nos foi revelada pelos Espíritos, e a observação a confirmou (O Livro dos Espíritos, nº 93). Essa opinião também se apoia no estudo das sensações dos Espíritos (O Livro dos Espíritos, nº 257) e, sobretudo, no fenômeno das aparições tangíveis, que implicaria, segundo a outra opinião, a solidificação e a desagregação das partes constituintes da alma e, portanto, sua desorganização. Seria preciso admitir, ademais, que essa matéria, que pode ser percebida pelos sentidos, é ela mesma o princípio inteligente, o que não é mais racional do que confundir o corpo com a alma, ou a roupa com o corpo. Quanto à natureza íntima da alma, ela nos é desconhecida. Quando se diz que ela é imaterial, deve-se entender isso em sentido relativo, e não absoluto, pois a imaterialidade absoluta seria o nada; ora, a alma ou o Espírito é alguma coisa; o que se quer dizer é que sua essência é tão superior que não tem nenhuma analogia com o que chamamos de matéria e que, assim, para nós, ela é imaterial (O Livro dos Espíritos, nºs 23 e 82).

51 Eis a resposta dada sobre esse assunto por um Espírito:

« O que uns chamam de perispírito não é outra coisa senão o que outros chamam de envoltório material fluídico. Direi, para me fazer compreender de maneira mais lógica, que esse fluido é a perfectibilidade dos sentidos, a extensão da visão e das ideias; falo aqui dos Espíritos elevados. Quanto aos Espíritos inferiores, os fluidos terrestres ainda lhes são completamente inerentes; portanto, é matéria, como vocês veem; daí os sofrimentos da fome, do frio etc., sofrimentos que os Espíritos superiores não podem sentir, visto

que os fluidos terrestres se purificam em torno do pensamento, isto é, da alma. A alma, para seu progresso, sempre precisa de um agente; a alma, sem agente, nada é para vocês, ou, melhor dizendo, não pode ser concebida por vocês. O perispírito, para nós, Espíritos errantes, é o agente pelo qual nos comunicamos com vocês, seja indiretamente, por meio do corpo ou do perispírito de vocês, seja diretamente com sua alma; daí as infinitas nuances de médiuns e de comunicações. Agora resta o ponto de vista científico, isto é, a própria essência do perispírito; isso é outro assunto. Compreendam primeiro do ponto de vista moral; resta apenas uma discussão sobre a natureza dos fluidos, o que é inexplicável no momento; a ciência ainda não sabe o suficiente, mas chegará a isso se quiser caminhar com o espiritismo. O perispírito pode variar e mudar ao infinito; a alma é o pensamento: ela não muda de natureza; quanto a isso, não vão mais longe, é um ponto que não pode ser explicado. Vocês acham que eu não pesquiso como vocês? Vocês pesquisam o perispírito; nós, agora, pesquisamos a alma. Esperem, portanto. »

Lamennais.

Assim, se Espíritos que podemos considerar adiantados ainda não puderam sondar a natureza da alma, como poderíamos fazê-lo nós mesmos? É, portanto, perder tempo querer investigar o princípio das coisas que, como se diz em O Livro dos Espíritos (nºs 17, 49), está nos segredos de Deus. Pretender investigar, com a ajuda do espiritismo, o que ainda está fora do alcance da humanidade é desviá-lo de seu verdadeiro objetivo; é fazer como a criança que quisesse saber tanto quanto o idoso. Que o homem use o espiritismo para seu aperfeiçoamento moral, isso é o essencial; o restante é apenas uma curiosidade estéril e muitas vezes orgulhosa, cuja satisfação não o fará dar nenhum passo adiante; o único meio de avançar é tornar-se me-

lhor. Os Espíritos que ditaram o livro que leva seu nome provaram sua sabedoria ao se manterem, no que diz respeito ao princípio das coisas, dentro dos limites que Deus não permite ultrapassar, deixando aos Espíritos apegados a sistemas e presunçosos a responsabilidade pelas teorias prematuras e erradas, mais sedutoras do que sólidas, e que um dia cairão diante da razão, como tantas outras saídas dos cérebros humanos. Disseram apenas o que era necessário para fazer o homem compreender o futuro que o espera e, por isso mesmo, incentivá-lo ao bem. (Veja adiante, 2ª parte, cap. 1º, Ação dos Espíritos sobre a matéria.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. I — AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA

✦

52 Afastada a opinião materialista, condenada tanto pela razão quanto pelos fatos, tudo se resume a saber se a alma, depois da morte, pode se manifestar aos vivos. A questão, assim reduzida à sua expressão mais simples, fica bastante clara. Poderíamos primeiro perguntar por que seres inteligentes, que vivem de certa maneira em nosso meio, embora invisíveis por sua natureza, não poderiam atestar sua presença de alguma forma. A simples razão diz que nisso não há nada de absolutamente impossível, e isso já é alguma coisa. Essa crença tem, aliás, o assentimento de todos os povos, pois é encontrada em toda parte e em todas as épocas; ora, uma intuição não poderia ser tão geral, nem sobreviver ao tempo, sem se apoiar em alguma coisa. Além disso, ela é confirmada pelo testemunho dos livros sagrados e dos Pais da Igreja, e foram necessários o ceticismo e o materialismo de nosso século para relegá-la às ideias supersticiosas; se estamos enganados, essas autoridades também estão.

Mas essas são apenas considerações morais. Uma causa contribuiu sobretudo para fortalecer a dúvida, numa época tão voltada aos fatos quanto a nossa, em que se faz questão de compreender tudo, em que se quer saber o porquê e o como de cada coisa: a ignorância da natureza dos Espíritos e dos meios pelos quais podem se manifestar. Adquirido esse conhecimento, o fato das manifestações já não tem nada de surpreendente e passa a fazer parte da ordem dos fatos naturais.

53 A ideia que se faz dos Espíritos torna, à primeira vista, incompreensível o fenômeno das manifestações. Essas manifestações só podem ocorrer pela ação do Espírito sobre a matéria; é por isso que aqueles que acreditam que o Espírito é a ausência de toda matéria se perguntam, com alguma aparência de razão, como ele pode agir materialmente. Ora, aí está o erro; pois o Espírito não é uma abstração, é um ser definido, limitado e circunscrito. O Espírito encarnado no corpo constitui a alma; quando o deixa na morte, não sai dele despojado de todo envoltório. Todos nos dizem que conservam a forma humana e, de fato, quando nos aparecem, é sob aquela que conhecíamos.

Vamos observá-los atentamente no momento em que acabam de deixar a vida; estão num estado de perturbação; tudo é confuso ao redor deles; veem seu corpo intacto ou mutilado, conforme o gênero de morte; por outro lado, veem a si mesmos e se sentem vivos; alguma coisa lhes diz que aquele corpo lhes pertence, e não compreendem que estejam separados dele. Continuam a se ver sob sua forma anterior, e essa visão produz em alguns, durante certo tempo, uma estranha ilusão: a de se acreditarem ainda vivos; precisam da experiência de seu novo estado para se convencerem da realidade. Dissipado esse primeiro momento de perturbação, o corpo se torna para eles uma roupa velha da qual se desfizeram e de que não sentem falta; sentem-se mais leves e como que livres de um fardo; já não sentem as dores físicas e ficam muito felizes por poderem se elevar, atravessar o espaço, assim como, em vida, fizeram muitas vezes em seus sonhos. No entanto, apesar da ausência do corpo, constatam sua personalidade; têm uma forma, mas uma forma que não os incomoda nem os atrapalha; têm, enfim, a consciência de seu eu e de sua individualidade. O que devemos concluir disso? Que a alma não deixa tudo no caixão e leva alguma coisa consigo.

54 Numerosas observações e fatos incontestáveis, dos quais teremos de falar mais adiante, levaram à seguinte conclusão: há no homem três coisas; 1° a alma ou Espírito, princípio inteligente no qual reside o senso moral; 2° o corpo, envoltório grosseiro, material, do qual ele se reveste temporariamente para o cumprimento de certos propósitos providenciais; 3° o perispírito, envoltório fluídico, semimaterial, que serve de ligação entre a alma e o corpo.

A morte é a destruição, ou melhor, a desagregação do envoltório grosseiro, daquele que a alma abandona; o outro se desprende dele e acompanha a alma, que assim continua sempre a ter um envoltório; este último, embora fluídico, etéreo, vaporoso, invisível para nós em seu estado normal, nem por isso deixa de ser matéria, embora, até o presente, não tenhamos podido apreendê-lo e submetê-lo à análise.

Esse segundo envoltório da alma, ou perispírito, existe, portanto, durante a vida corporal; é o intermediário de todas as sensações que o Espírito percebe, aquele pelo qual o Espírito transmite sua vontade ao exterior e age sobre os órgãos. Para usarmos uma comparação material, é o fio elétrico condutor que serve à recepção e à transmissão do pensamento; é, enfim, esse agente misterioso, inapreensível, designado pelo nome de fluido nervoso, que desempenha um papel tão grande no funcionamento do organismo e que não é levado suficientemente em conta nos fenômenos fisiológicos e patológicos. A medicina, considerando apenas o elemento material ponderável, priva-se, na apreciação dos fatos, de uma causa de ação incessante. Mas este não é o lugar para examinar essa questão; faremos apenas observar que o conhecimento do perispírito é a chave de uma infinidade de problemas até então inexplicados.

O perispírito não é uma dessas hipóteses às quais às vezes se recorre na ci-

ência para explicar um fato; sua existência não é revelada apenas pelos Espíritos, é um resultado de observações, como teremos ocasião de demonstrar. Por enquanto, e para não antecipar os fatos que teremos de relatar, limitamo-nos a dizer que, seja durante sua união com o corpo, seja depois de sua separação, a alma nunca está separada de seu perispírito.

(1) Se consultarmos tudo o que dissemos em O Livro dos Espíritos sobre os sonhos e o estado do Espírito durante o sono (n° 400 a 418), compreenderemos que esses sonhos que quase todos já tiveram, nos quais nos vemos transportados através do espaço e como que voando, nada mais são que uma lembrança da sensação experimentada pelo Espírito quando, durante o sono, havia deixado momentaneamente seu corpo material, levando consigo apenas seu corpo fluídico, aquele que conservará depois da morte. Esses sonhos podem, por conseguinte, nos dar uma ideia do estado do Espírito quando estiver livre dos entraves que o prendem ao solo.

55 Já se disse que o Espírito é uma chama, uma centelha; isso deve ser entendido como referente ao Espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, ao qual não se poderia atribuir uma forma determinada; mas, em qualquer grau em que se encontre, ele está sempre revestido de um envoltório ou perispírito, cuja natureza se torna mais etérea à medida que ele se purifica e se eleva na hierarquia; de tal modo que, para nós, a ideia de forma é inseparável da de Espírito, e não concebemos um sem o outro. O perispírito faz, portanto, parte integrante do Espírito, assim como o corpo faz parte integrante do homem; mas o perispírito sozinho não é o Espírito, assim como o corpo sozinho não é o homem, pois o perispírito não pensa; ele está para o Espírito assim como o corpo está para o homem; é o agente ou o instrumento de sua ação.

56 A forma do perispírito é a forma humana e, quando ele nos aparece, é geralmente aquela sob a qual conhecemos o Espírito em vida. Poderíamos acreditar, por isso, que o perispírito, desprendido de todas as partes do corpo, de certa maneira se molda a ele e conserva sua impressão, mas não parece que seja assim. A forma humana, com algumas pequenas diferenças de detalhe e salvo as modificações orgânicas exigidas pelo meio no qual o ser é chamado a viver, é encontrada entre os habitantes de todos os globos; é, pelo menos, o que dizem os Espíritos; é também a forma de todos os Espíritos não encarnados, que têm apenas o perispírito; é aquela sob a qual, em todos os tempos, foram representados os anjos ou Espíritos puros; daí devemos concluir que a forma humana é a forma típica de todos os seres humanos, seja qual for o grau a que pertençam. Mas a matéria sutil do perispírito não tem a tenacidade nem a rigidez da matéria compacta do corpo; ela é, se podemos nos expressar assim, flexível e expansível; é por isso que a forma que assume, embora reproduza a do corpo, não é absoluta; ela se dobra à vontade do Espírito, que pode lhe dar esta ou aquela aparência como quiser, enquanto o envoltório sólido lhe oferecia uma resistência insuperável. Livre desse entrave que o comprimia, o perispírito se expande ou se contrai, transforma-se, em uma palavra, presta-se a todas as metamorfoses, conforme a vontade que age sobre ele. É em virtude dessa propriedade de seu envoltório fluídico que o Espírito que quer se fazer reconhecer pode, quando necessário, assumir a aparência exata que tinha em vida, inclusive a das particularidades corporais que podem servir de sinais de reconhecimento.

Os Espíritos, como se vê, são, portanto, seres semelhantes a nós, formando ao nosso redor toda uma população invisível no estado normal; dizemos no estado normal porque, como veremos, essa invisibilidade não é absoluta.

57 Voltemos à natureza do perispírito, pois isso é essencial para a explicação que temos a dar. Dissemos que, embora fluídico, ele nem por isso deixa de ser uma espécie de matéria, e isso resulta do fato das aparições tangíveis, às quais voltaremos.

57.2 Sob a influência de certos médiuns, foram vistas aparecer mãos com todas as propriedades de mãos vivas, que têm seu calor, que podem ser apalpadas, que oferecem a resistência de um corpo sólido, que nos agarram e que, de repente, desaparecem como uma sombra.

57.3 A ação inteligente dessas mãos, que evidentemente obedecem a uma vontade ao executar certos movimentos, e até ao tocar melodias num instrumento, prova que são a parte visível de um ser inteligente invisível.

57.4 Sua tangibilidade, sua temperatura, em uma palavra, a impressão que produzem nos sentidos, pois já foram vistas deixar marcas na pele, dar golpes dolorosos ou acariciar delicadamente, provam que são feitas de alguma matéria.

57.5 Seu desaparecimento instantâneo prova, além disso, que essa matéria é extremamente sutil e se comporta como certas substâncias que podem passar alternadamente do estado sólido ao estado fluídico e vice-versa.

58 A natureza íntima do Espírito propriamente dito, isto é, do ser pensante, nos é inteiramente desconhecida; ele só se revela a nós por seus atos, e seus atos só podem atingir nossos sentidos materiais por um intermediário material. O Espírito precisa, portanto, de matéria para agir sobre a matéria. Tem como instrumento direto seu perispírito, assim como o homem tem seu corpo; ora, seu perispírito é matéria, como acabamos de ver. Tem, em seguida, como agente intermediário, o fluido universal, espécie de veículo sobre o qual age como nós agimos sobre o ar para produzir certos efeitos

por meio da dilatação, da compressão, da propulsão ou das vibrações. Considerada dessa maneira, a ação do Espírito sobre a matéria é facilmente compreendida; compreende-se, então, que todos os efeitos que dela resultam fazem parte da ordem dos fatos naturais e nada têm de maravilhoso. Só pareceram sobrenaturais porque não se conhecia sua causa; conhecida a causa, o maravilhoso desaparece, e essa causa está inteiramente nas propriedades semimateriais do perispírito. É uma nova ordem de fatos que uma nova lei vem explicar, e que, dentro de algum tempo, não causará mais espanto do que causa hoje a comunicação a distância pela eletricidade em poucos minutos.

59 Talvez alguém se pergunte como o Espírito, com a ajuda de uma matéria tão sutil, pode agir sobre corpos pesados e compactos, levantar mesas etc. Certamente não seria um homem de ciência que poderia fazer semelhante objeção; pois, sem falar das propriedades desconhecidas que esse novo agente pode ter, não temos diante dos olhos exemplos semelhantes?

59.2 Não é nos gases mais rarefeitos, nos fluidos imponderáveis, que a indústria encontra seus motores mais potentes? Quando se vê o ar derrubar edifícios, o vapor arrastar massas enormes, a pólvora transformada em gás levantar rochedos, a eletricidade quebrar árvores e perfurar muralhas, o que haveria de mais estranho em admitir que o Espírito, com a ajuda de seu perispírito, possa levantar uma mesa?

59.3 Sobretudo quando se sabe que esse perispírito pode se tornar visível, tangível e se comportar como um corpo sólido.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. II — MANIFESTAÇÕES FÍSICAS. MESAS GIRANTES

✦

60 Dá-se o nome de manifestações físicas àquelas que se traduzem por efeitos perceptíveis aos sentidos, como os ruídos, o movimento e o deslocamento dos corpos sólidos. Umas são espontâneas, isto é, independentes de qualquer vontade; outras podem ser provocadas. Falaremos primeiro apenas destas últimas.

O efeito mais simples, e um dos primeiros que foram observados, consiste no movimento circular comunicado a uma mesa. Esse efeito também se produz em todos os outros objetos; mas, como a mesa foi aquele com que mais se fizeram experiências, por ser o mais cômodo, o nome de mesas girantes prevaleceu para designar esse tipo de fenômeno.

Quando dizemos que esse efeito é um dos primeiros que foram observados, queremos dizer nestes últimos tempos, pois é bem certo que todos os tipos de manifestações eram conhecidos desde os tempos mais remotos, e não poderia ser de outra forma; como são efeitos naturais, devem ter ocorrido em todas as épocas. Tertuliano fala em termos explícitos das mesas girantes e falantes.

Esse fenômeno alimentou por algum tempo a curiosidade dos salões; depois as pessoas se cansaram dele e passaram a outras distrações, porque era apenas um assunto de diversão. Duas causas contribuíram para o abandono das mesas girantes: a moda, para as pessoas frívolas, que raramente dedicam dois invernos à mesma diversão e que, coisa prodigiosa para elas!, chegaram a dedicar três ou quatro a essa. Para as pessoas sérias e observado-

ras, surgiu daí algo de sério que prevaleceu; se deixaram de lado as mesas girantes, foi porque se ocuparam das consequências de resultados muito mais importantes: deixaram o alfabeto para se dedicar à ciência; esse é todo o segredo desse abandono aparente de que tanto falam os zombadores.

Seja como for, as mesas girantes continuam sendo o ponto de partida da doutrina espírita e, por isso, devemos lhes dedicar algumas explicações, tanto mais que, apresentando os fenômenos em sua maior simplicidade, o estudo das causas será mais fácil, e a teoria, uma vez estabelecida, nos dará a chave dos efeitos mais complicados.

61 Para a produção do fenômeno, é necessária a intervenção de uma ou mais pessoas dotadas de uma aptidão especial, designadas pelo nome de médiuns. O número de participantes é indiferente, a não ser pelo fato de que, entre muitos, podem se encontrar alguns médiuns desconhecidos. Quanto àqueles cuja mediunidade é nula, sua presença não produz resultado algum e é até mais prejudicial do que útil, pela disposição de espírito que muitas vezes trazem.

Os médiuns possuem, nesse aspecto, uma força maior ou menor e produzem, por consequência, efeitos mais ou menos pronunciados; muitas vezes, uma pessoa que seja um médium poderoso produzirá sozinha muito mais do que vinte outras reunidas; bastará que coloque as mãos sobre a mesa para que ela imediatamente se mova, se erga, tombe, dê saltos ou gire com violência. 4

62 Não há nenhum indício da faculdade mediúnica; só a experiência pode fazê-la reconhecer. Quando, numa reunião, se quer fazer uma tentativa, basta sentar-se ao redor de uma mesa e colocar as mãos espalmadas sobre ela, sem pressão nem tensão muscular.

62.2 No início, como se ignoravam as causas do fenômeno, haviam sido indicadas várias precauções que depois foram reconhecidas como absolutamente inúteis; assim era, por exemplo, a alternância dos sexos; assim era também o contato entre os dedos mínimos das diferentes pessoas, de modo a formar uma corrente ininterrupta.

62.3 Essa última precaução parecera necessária quando se acreditava na ação de uma espécie de corrente elétrica; depois, a experiência demonstrou sua inutilidade. A única orientação rigorosamente obrigatória é o recolhimento, um silêncio absoluto e, sobretudo, a paciência, caso o efeito demore a se produzir.

62.4 Ele pode ocorrer em poucos minutos, assim como pode demorar meia hora ou uma hora; isso depende da força mediúnica dos participantes.

63 Digamos ainda que a forma da mesa, a substância de que é feita, a presença de metais, de seda nas roupas dos presentes, os dias, as horas, a escuridão ou a luz etc. são tão indiferentes quanto a chuva ou o tempo bom. Só o volume da mesa tem alguma influência, mas apenas no caso em que a força mediúnica seja insuficiente para vencer a resistência; no caso contrário, uma única pessoa, até mesmo uma criança, pode fazer levantar uma mesa de cem quilos, enquanto, em condições menos favoráveis, doze pessoas não conseguiriam mover a menor mesinha.

Estando as coisas assim, quando o efeito começa a se manifestar, geralmente se ouve um pequeno estalo na mesa; sente-se como que um tremor que é o prelúdio do movimento; ela parece fazer esforços para sair do lugar, depois o movimento de rotação se acentua; ele se acelera a ponto de adquirir tamanha rapidez que os presentes têm enorme dificuldade em acompa-

nhá-lo. Uma vez estabelecido o movimento, pode-se até se afastar da mesa, que continua a se mover em vários sentidos, sem contato.

Em outras circunstâncias, a mesa se levanta e se ergue, ora sobre um só pé, ora sobre outro, depois retoma suavemente sua posição natural. Outras vezes, ela oscila, imitando o movimento de balanço de um navio, para a frente e para trás ou de um lado para o outro. Outras vezes, enfim, mas para isso é necessária uma força mediúnica considerável, ela se desprende inteiramente do chão e se mantém em equilíbrio no espaço, sem ponto de apoio, elevando-se às vezes até o teto, de modo que se possa passar por baixo; depois desce lentamente, oscilando como faria uma folha de papel, ou então cai violentamente e se quebra, o que prova de maneira evidente que não se está sendo vítima de uma ilusão de óptica.

64 Outro fenômeno que se produz com muita frequência, conforme a natureza do médium, é o das pancadas dadas na própria estrutura da madeira, sem nenhum movimento da mesa; essas pancadas, às vezes muito fracas, outras vezes bastante fortes, também se fazem ouvir nos outros móveis do cômodo, nas portas, nas paredes e no teto. Voltaremos a isso em breve. Quando ocorrem na mesa, produzem nela uma vibração muito perceptível pelos dedos e, sobretudo, muito distinta quando se encosta nela o ouvido.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. III — MANIFESTAÇÕES INTELIGENTES

✦

65 No que acabamos de ver, certamente nada revela a intervenção de uma potência oculta, e esses efeitos poderiam perfeitamente ser explicados pela ação de uma corrente magnética ou elétrica, ou pela de um fluido qualquer. Essa foi, de fato, a primeira solução dada a esses fenômenos, e que podia, com razão, ser considerada muito lógica.

65.2 Ela teria, sem dúvida, prevalecido, se outros fatos não tivessem vindo demonstrar sua insuficiência; esses fatos são as provas de inteligência que eles deram; ora, como todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente, ficava evidente que, mesmo admitindo que a eletricidade ou qualquer outro fluido desempenhasse algum papel, outra causa se misturava a ele. Qual era ela? Que inteligência era essa? Foi o que a sequência das observações revelou.

66 Para que uma manifestação seja inteligente, não é necessário que seja eloquente, espirituosa ou erudita; basta que demonstre um ato livre e voluntário, expressando uma intenção ou respondendo a um pensamento.

66.2 Certamente, quando se vê um cata-vento agitado pelo vento, tem-se plena certeza de que ele obedece apenas a um impulso mecânico; mas, se fossem reconhecidos sinais intencionais nos movimentos do cata-vento, se ele girasse para a direita ou para a esquerda, depressa ou devagar, sob comando, seria forçoso admitir, não que o cata-vento é inteligente, mas que obedece a uma inteligência. Foi o que aconteceu com a mesa.

67 Vimos a mesa mover-se, erguer-se e dar pancadas sob a influência de um ou de vários médiuns. O primeiro efeito inteligente observado foi ver esses movimentos obedecerem ao comando; assim, sem sair do lugar, a mesa se erguia alternadamente sobre o pé indicado; depois, ao cair, dava um número determinado de pancadas, respondendo a uma pergunta.

67.2 Outras vezes, a mesa, sem o contato de ninguém, passeava sozinha pelo quarto, indo para a direita ou para a esquerda, para a frente ou para trás, executando diversos movimentos por ordem dos presentes. É evidente que afastamos qualquer suposição de fraude; que admitimos a perfeita lealdade dos presentes, atestada por sua honradez e seu completo desinteresse. Falaremos mais adiante das fraudes contra as quais é prudente se precaver.

68 Por meio das pancadas, e sobretudo das pancadas internas de que acabamos de falar, obtêm-se efeitos ainda mais inteligentes, como a imitação dos diversos toques de tambor, dos combates simulados com tiros em sequência ou de pelotão, do canhoneio, depois do ranger da serra, das marteladas, do ritmo de diferentes melodias etc.

68.2 Era, como se compreende, um vasto campo aberto à exploração. Pensou-se que, já que havia ali uma inteligência oculta, ela deveria poder responder às perguntas, e ela de fato respondeu por sim ou por não, por meio de um número convencionado de pancadas.

68.3 Essas respostas eram muito insignificantes, por isso surgiu a ideia de fazer com que fossem indicadas as letras do alfabeto, compondo assim palavras e frases.

69 Esses fatos, repetidos à vontade por milhares de pessoas e em todos os países, não podiam deixar dúvidas sobre a natureza inteligente das manifestações. Foi então que surgiu um novo sistema, segundo o qual essa inteligência seria a do próprio médium, a de quem fazia as perguntas ou mesmo a dos presentes.

69.2 A dificuldade estava em explicar como essa inteligência podia se refletir na mesa e se traduzir em pancadas; uma vez comprovado que essas pancadas não eram dadas pelo médium, eram, portanto, dadas pelo pensamento; ora, o pensamento dando pancadas era um fenômeno ainda mais prodigioso que todos aqueles que se haviam presenciado.

69.3 A experiência não demorou a demonstrar que essa opinião era inadmissível. De fato, as respostas muitas vezes estavam em oposição expressa ao pensamento dos presentes, fora do alcance intelectual do médium, e até em línguas que ele desconhecia, ou relatavam fatos desconhecidos de todos.

69.4 Os exemplos são tão numerosos que é quase impossível que alguém que tenha se ocupado um pouco das comunicações espíritas não os tenha presenciado muitas vezes. Citaremos apenas um, que nos foi relatado por uma testemunha ocular.

70 Em um navio da marinha imperial francesa, estacionado nos mares da China, toda a tripulação, dos marinheiros aos oficiais, se ocupava em fazer as mesas falarem. Surgiu a ideia de evocar o Espírito de um tenente daquele mesmo navio, morto havia dois anos. Ele veio e, depois de diversas comunicações que deixaram todos espantados, disse o seguinte, por meio de pancadas:

« Peço-lhes com insistência que façam pagar ao capitão a quantia de... (ele

indicava o valor), que lhe devo e que lamento não ter podido lhe restituir antes de minha morte. » Ninguém conhecia o fato; o próprio capitão havia esquecido esse crédito, bastante pequeno, aliás; mas, procurando em suas contas, encontrou o registro da dívida do tenente, cujo valor indicado estava perfeitamente exato. Perguntamos de quem seria o pensamento que essa indicação poderia refletir.

71 Aperfeiçoou-se a arte de se comunicar por pancadas alfabéticas, mas o meio continuava sendo muito demorado; ainda assim, obtiveram-se comunicações de certa extensão, bem como revelações interessantes sobre o mundo dos Espíritos. Estes indicaram outros meios, e é a eles que se deve o meio das comunicações escritas.

As primeiras comunicações desse gênero ocorreram adaptando-se um lápis ao pé de uma mesa leve, colocado sobre uma folha de papel. A mesa, posta em movimento pela influência de um médium, começou a traçar caracteres, depois palavras e frases. Esse meio foi simplificado sucessivamente, usando-se pequenas mesas do tamanho da mão, feitas especialmente para isso, depois cestas, caixas de papelão e, por fim, simples pranchetas. A escrita era tão fluente, tão rápida e tão fácil quanto com a mão; mas se reconheceu mais tarde que todos esses objetos eram, afinal, apenas apêndices, verdadeiros porta-lápis que podiam ser dispensados, segurando-se o lápis com a própria mão; a mão, levada por um movimento involuntário, escrevia sob o impulso dado pelo Espírito, sem a participação da vontade nem do pensamento do médium. Desde então, as comunicações de além-túmulo não tiveram mais limites que a correspondência habitual entre os vivos. Voltaremos a esses diferentes meios, que explicaremos em detalhe; nós

os esboçamos rapidamente para mostrar a sucessão dos fatos que levaram a constatar, nesses fenômenos, a intervenção de inteligências ocultas, em outras palavras, dos Espíritos.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. IV — TEORIA DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS

✦

72 Estando demonstradas pelo raciocínio e pelos fatos a existência dos Espíritos, assim como a possibilidade de agirem sobre a matéria, trata-se agora de saber como essa ação se realiza e como eles fazem para mover as mesas e os outros corpos inertes.

Uma ideia surge muito naturalmente, e foi a que tivemos; como ela foi contestada pelos Espíritos, que nos deram uma explicação inteiramente diferente, que estávamos longe de esperar, isso é uma prova evidente de que a teoria deles não era a nossa opinião. Ora, essa primeira ideia, qualquer um poderia tê-la como nós; quanto à teoria dos Espíritos, não acreditamos que ela jamais tenha ocorrido a alguém. Será fácil reconhecer o quanto ela é superior à nossa, embora menos simples, porque oferece a solução para uma série de outros fatos que não encontravam nela uma explicação satisfatória.

73 Uma vez que se conhece a natureza dos Espíritos, sua forma humana, as propriedades semimateriais do perispírito, a ação mecânica que ele pode exercer sobre a matéria; e que, em casos de aparição, foram vistas mãos fluídicas e até tangíveis pegar objetos e transportá-los, era natural acreditar que o Espírito simplesmente usava suas mãos para fazer a mesa girar e que a erguia no espaço com a força dos braços.

73.2 Mas então, nesse caso, que necessidade haveria de um médium? O Espírito não pode agir sozinho? Pois o médium, que na maioria das vezes coloca as mãos em sentido contrário ao movimento, ou que nem sequer as

coloca, evidentemente não pode ajudar o Espírito por meio de qualquer ação muscular. Deixemos primeiro falar os Espíritos que interrogamos sobre esse assunto.

74 As respostas seguintes nos foram dadas pelo Espírito de São Luís; desde então, foram confirmadas por muitos outros.

1. O fluido universal é uma emanação da divindade?

« Não. »

2. É uma criação da divindade?

« Tudo é criado, exceto Deus. »

3. O fluido universal é ao mesmo tempo o elemento universal?

« Sim, é o princípio elementar de todas as coisas. »

4. Ele tem alguma relação com o fluido elétrico cujos efeitos conhecemos?

« É o seu elemento. »

6. Qual é o estado em que o fluido universal se apresenta a nós em sua maior simplicidade?

« Para encontrá-lo em sua simplicidade absoluta, seria preciso remontar até os Espíritos puros; em seu mundo, ele está sempre mais ou menos modificado para formar a matéria compacta que os cerca; no entanto, vocês podem dizer que o estado que mais se aproxima dessa simplicidade é o do fluido que chamam de fluido magnético animal. »

6. Foi dito que o fluido universal é a fonte da vida; ele é ao mesmo tempo a fonte da inteligência?

« Não; esse fluido anima apenas a matéria. »

7. Já que é esse fluido que compõe o perispírito, parece que ali ele está numa espécie de estado de condensação que o aproxima, até certo ponto, da matéria propriamente dita?

« Até certo ponto, como vocês dizem, pois ele não tem todas as propriedades dela; é mais ou menos condensado conforme os mundos. »

8. Como um Espírito pode produzir o movimento de um corpo sólido?

« Ele combina uma parte do fluido universal com o fluido que o médium adequado a esse efeito libera. »

9. Os Espíritos levantam a mesa com a ajuda de seus membros de alguma forma solidificados?

« Esta resposta ainda não trará o que vocês desejam. Quando uma mesa se move sob suas mãos, o Espírito evocado vai buscar no fluido universal o necessário para animar essa mesa com uma vida artificial. -Preparada assim a mesa, o Espírito a atrai e a move sob a influência de seu próprio fluido, liberado por sua vontade. Quando a massa que ele quer pôr em movimento é pesada demais para ele, chama em seu auxílio Espíritos que se encontram nas mesmas condições que ele. Por causa de sua natureza etérea, o Espírito propriamente dito não pode agir sobre a matéria grosseira sem intermediário, isto é, sem o laço que o une à matéria; esse laço, que constitui o que vocês chamam de perispírito, dá a vocês a chave de todos os fenômenos espíritas materiais. Creio ter me explicado com clareza suficiente para ser compreendido. »

Observação. Chamamos a atenção para esta primeira frase:

Esta resposta ainda não trará o que vocês desejam. O Espírito havia compreendido perfeitamente que todas as perguntas anteriores só eram feitas para chegar a esta, e faz alusão ao nosso pensamento, que esperava, de fato, uma resposta inteiramente diferente, isto é, a confirmação de nossa ideia sobre a maneira como o Espírito faz as mesas se moverem.

10. Os Espíritos que ele chama em seu auxílio são inferiores a ele? Estão sob suas ordens?

« São iguais, quase sempre; muitas vezes vêm por conta própria. »

11. Todos os Espíritos são capazes de produzir fenômenos desse gênero?

« Os Espíritos que produzem esses tipos de efeitos são sempre Espíritos inferiores que ainda não estão inteiramente livres de toda influência material. »

12. Compreendemos que os Espíritos superiores não se ocupem de coisas que estão abaixo deles; mas perguntamos se, por serem mais desmaterializados, teriam o poder de fazê-lo, caso tivessem vontade.

« Eles têm a força moral, assim como os outros têm a força física; quando precisam dessa força, servem-se daqueles que a possuem. Não lhes foi dito que eles se servem dos Espíritos inferiores como vocês se servem dos carregadores? », Observação. Foi dito que a densidade do perispírito, se podemos nos expressar assim, varia conforme o estado dos mundos; parece que ela também varia no mesmo mundo conforme os indivíduos. Nos Espíritos moralmente avançados, ele é mais sutil e se aproxima do dos Espíritos elevados; nos Espíritos inferiores, ao contrário, aproxima-se da matéria, e é isso que faz com que esses Espíritos de baixa condição conservem por tanto tempo as ilusões da vida terrestre; pensam e agem como se ainda estivessem vivos; têm os mesmos desejos e, quase se poderia dizer, a mesma sensualidade. Essa natureza grosseira do perispírito, dando-lhe maior afinidade com a matéria, torna os Espíritos inferiores mais aptos às manifestações físicas. É pela mesma razão que um homem da sociedade, habituado aos trabalhos da inteligência, cujo corpo é frágil e delicado, não pode erguer uma carga pesada como um carregador. A matéria, nele, é de alguma forma menos compacta, os órgãos menos resistentes; ele tem menos fluido nervoso. Sendo o perispírito para o Espírito o que o corpo é para o homem, e sendo sua densidade proporcional à inferioridade do Espírito, ela substitui nele a

força muscular, isto é, dá a ele, sobre os fluidos necessários às manifestações, um poder maior do que naqueles cuja natureza é mais etérea. Se um Espírito elevado quer produzir tais efeitos, faz o que fazem entre nós as pessoas delicadas: manda um Espírito do ofício fazê-lo.

13. Se compreendemos bem o que você disse, o princípio vital reside no fluido universal; o Espírito retira desse fluido o envoltório semimaterial que constitui seu perispírito, e é por meio desse fluido que age sobre a matéria inerte. É isso mesmo?

« Sim; isto é, ele anima a matéria com uma espécie de vida artificial: a matéria se anima com a vida animal. A mesa que se move sob suas mãos vive como o animal; obedece por si mesma ao ser inteligente. Não é este que a empurra, como o homem faz com uma carga; quando a mesa se ergue, não é o Espírito que a levanta com a força dos braços, é a mesa animada que obedece ao impulso dado pelo Espírito. »

14. Qual é o papel do médium nesse fenômeno?

« Eu já disse: o fluido próprio do médium se combina com o fluido universal acumulado pelo Espírito; é necessária a união desses dois fluidos, isto é, do fluido animalizado com o fluido universal, para dar vida à mesa.

Mas observem bem que essa vida é apenas momentânea; ela se extingue com a ação, e muitas vezes antes do fim da ação, assim que a quantidade de fluido deixa de ser suficiente para reanimar. »

15. O Espírito pode agir sem a participação de um médium?

« Ele pode agir sem que o médium saiba; isto é, muitas pessoas servem de auxiliares aos Espíritos em certos fenômenos, sem suspeitar disso. O Espírito retira delas, como de uma fonte, o fluido animalizado de que precisa; é assim que a participação de um médium, tal como vocês a entendem, nem sempre é necessária, o que acontece sobretudo nos fenômenos espontâneos.

»

16. A mesa animada age com inteligência? Ela pensa?

« Ela não pensa mais do que o bastão com que vocês fazem um sinal inteligente, mas a vitalidade com que é animada lhe permite obedecer ao impulso de uma inteligência. Saibam, portanto, que a mesa que se move não se torna Espírito e que não tem, por si mesma, nem pensamento nem vontade. »

Observação. Muitas vezes se usa uma expressão semelhante na linguagem comum; dizemos de uma roda que gira com velocidade que ela está animada por um movimento rápido.

17. Qual é a causa predominante na produção desse fenômeno: o Espírito ou o fluido?

« O Espírito é a causa, o fluido é o instrumento; as duas coisas são necessárias. »

18. Que papel desempenha a vontade do médium nesse caso?

« Chamar os Espíritos e auxiliá-los no impulso dado ao fluido. »

— A ação da vontade é sempre indispensável?

« Ela aumenta o poder, mas nem sempre é necessária, já que o movimento pode ocorrer contra e apesar dessa vontade, e isso é uma prova de que existe uma causa independente do médium. »

Observação. O contato das mãos nem sempre é necessário para fazer um objeto se mover. Na maioria das vezes, ele é necessário para dar o primeiro impulso, mas, uma vez que o objeto está animado, pode obedecer à vontade sem contato material; isso depende tanto do poder do médium quanto da natureza dos Espíritos. Nem mesmo um primeiro contato é sempre indispensável; a prova disso está nos movimentos e deslocamentos espontâneos que não se pensa em provocar.

19. Por que nem todos podem produzir o mesmo efeito, e por que todos os médiuns não têm o mesmo poder?

. « Isso depende da constituição e da maior ou menor facilidade com que a combinação dos fluidos pode se realizar; além disso, o Espírito do médium tem maior ou menor afinidade com os Espíritos alheios, que encontram nele o poder fluídico necessário. Esse poder é como o dos magnetizadores, que é maior ou menor. Nesse aspecto, há pessoas que são inteiramente refratárias; outras nas quais a combinação só se realiza por um esforço de sua vontade; outras, enfim, nas quais ela ocorre tão naturalmente e com tanta facilidade que nem sequer suspeitam disso e servem de instrumento sem saber, como já dissemos. » (Ver adiante o cap. das manifestações espontâneas.)

Observação. O magnetismo é, sem dúvida alguma, o princípio desses fenômenos, mas não tal como geralmente é entendido; a prova é que há magnetizadores muito poderosos que não fariam uma mesinha se mover, e pessoas que não conseguem magnetizar, até mesmo crianças, para quem basta colocar os dedos sobre uma mesa pesada para fazê-la se agitar; portanto, se o poder mediúnico não é proporcional ao poder magnético, é porque existe outra causa.

20. As pessoas chamadas elétricas podem ser consideradas médiuns?

« Essas pessoas retiram de si mesmas o fluido necessário à produção do fenômeno e podem agir sem o auxílio de Espíritos alheios. Nesse caso, não são médiuns no sentido atribuído a essa palavra; mas também pode acontecer que um Espírito as auxilie e aproveite suas disposições naturais. »

Observação. Essas pessoas seriam como os sonâmbulos, que podem agir com ou sem a participação de um Espírito alheio. (Ver, no cap. dos médiuns, o artigo relativo aos médiuns sonâmbulos.)

21. O Espírito que age sobre os corpos sólidos para movê-los está na própria substância dos corpos ou fora dessa substância?

« Tanto numa quanto fora dela; dissemos que a matéria não é um obstáculo para os Espíritos; eles penetram tudo; uma parte do perispírito se identifica, por assim dizer, com o objeto que ele penetra. »

22. Como o Espírito faz para dar pancadas? Ele se serve de um objeto material?

« Não mais do que de seus braços para levantar a mesa. Vocês sabem bem que ele não tem um martelo à sua disposição. Seu martelo é o fluido combinado, posto em ação por sua vontade para mover ou dar pancadas. Quando ele move, a luz lhes permite ver os movimentos; quando dá pancadas, o ar lhes traz o som. »

23. Compreendemos isso quando ele dá pancadas num corpo duro; mas como pode fazer ouvir ruídos ou sons articulados no espaço do ar?

« Já que age sobre a matéria, ele pode agir sobre o ar tão bem quanto sobre a mesa. Quanto aos sons articulados, pode imitá-los como todos os outros ruídos. »

24. Você diz que o Espírito não se serve de suas mãos para mover a mesa; no entanto, em certas manifestações visuais, viram-se aparecer mãos cujos dedos percorriam um teclado, movimentavam as teclas e produziam sons. Não pareceria que, nesse caso, o movimento das teclas é produzido pela pressão dos dedos? Essa pressão não é igualmente direta e real quando se faz sentir em nós mesmos, quando essas mãos deixam marcas na pele? « Vocês só podem compreender a natureza dos Espíritos e sua maneira de agir por comparações que lhes dão apenas uma ideia incompleta, e é um erro querer sempre assimilar os procedimentos deles aos seus. Os procedimentos deles devem estar de acordo com sua constituição. Não lhes disse

que o fluido do perispírito penetra a matéria e se identifica com ela, que a anima com uma vida artificial? Pois bem! Quando o Espírito coloca os dedos sobre as teclas, ele realmente os coloca, e até os move; mas não é pela força muscular que pressiona a tecla; ele anima a tecla, como anima a mesa, e a tecla, que obedece à sua vontade, move-se e percute a corda. Acontece até aqui uma coisa que vocês terão dificuldade para compreender: certos Espíritos são tão pouco avançados e tão materiais, em comparação com os Espíritos elevados, que ainda têm as ilusões da vida terrestre e acreditam agir como quando tinham seu corpo; eles não compreendem a verdadeira causa dos efeitos que produzem mais do que um camponês compreende a teoria dos sons que articula; perguntem a eles como tocam piano, e responderão que batem nas teclas com os dedos, porque acreditam bater; o efeito se produz instintivamente neles, sem que saibam como, e, no entanto, por sua vontade. Quando fazem ouvir palavras, é a mesma coisa. »

Observação. Resulta dessas explicações que os Espíritos podem produzir todos os efeitos que nós mesmos produzimos, mas por meios adequados à sua constituição; certas forças que lhes são próprias substituem os músculos que nos são necessários para agir; assim como o gesto substitui, no mudo, a fala que lhe falta.

25. Entre os fenômenos citados como provas da ação de um poder oculto, há alguns que são evidentemente contrários a todas as leis conhecidas da natureza; nesse caso, a dúvida não parece permitida?

« É que o homem está longe de conhecer todas as leis da natureza; se conhecesse todas, seria um Espírito superior. No entanto, cada dia desmente aqueles que, acreditando saber tudo, pretendem impor limites à natureza, e nem por isso deixam de ser orgulhosos. Ao revelar sem cessar novos mistérios, Deus adverte o homem a desconfiar de seus próprios conhecimen-

tos, pois virá um dia em que o saber do mais sábio será confundido. Vocês não têm todos os dias exemplos de corpos animados por um movimento capaz de vencer a força da gravidade? A bala de canhão, lançada ao ar, não supera momentaneamente essa força? Pobres homens que acreditam ser tão sábios e cuja tola vaidade é a todo instante desconcertada, saibam, portanto, que vocês ainda são muito pequenos. »

75 Essas explicações são claras, categóricas e sem ambiguidade; delas resulta este ponto fundamental: o fluido universal, no qual reside o princípio da vida, é o agente principal das manifestações, e esse agente recebe seu impulso do Espírito, esteja ele encarnado ou errante. Esse fluido condensado constitui o perispírito ou envoltório semimaterial do Espírito.

75.2 No estado de encarnação, o perispírito está unido à matéria do corpo; no estado de erraticidade, ele está livre. Quando o Espírito está encarnado, a substância do perispírito está mais ou menos ligada, mais ou menos aderente, se assim podemos nos expressar.

75.3 Em certas pessoas, há uma espécie de emanação desse fluido em consequência de sua organização, e é isso, propriamente falando, que constitui os médiuns de influências físicas.

75.4 A emissão do fluido animalizado pode ser mais ou menos abundante, sua combinação mais ou menos fácil, daí os médiuns mais ou menos poderosos; ela não é permanente, o que explica a intermitência da potência.

76 Façamos uma comparação. Quando se tem a vontade de agir materialmente sobre um ponto qualquer situado a distância, é o pensamento que quer, mas o pensamento sozinho não irá atingir esse ponto; ele precisa de um intermediário que possa dirigir: um bastão, um projétil, uma corrente de ar etc.

76.2 Observem ainda que o pensamento não age diretamente sobre o bastão, pois, se não o tocarmos, ele não agirá sozinho. O pensamento, que nada mais é que o Espírito encarnado em nós, está unido ao corpo pelo perispírito; ora, ele não pode agir sobre o corpo sem o perispírito, assim como não pode agir sobre o bastão sem o corpo; ele age sobre o perispírito porque essa é a substância com a qual tem mais afinidade; o perispírito age sobre os músculos, os músculos seguram o bastão, e o bastão atinge o alvo.

76.3 Quando o Espírito não está encarnado, precisa de um auxiliar externo; esse auxiliar é o fluido, com cuja ajuda ele torna o objeto apto a seguir o impulso de sua vontade.

77 Assim, quando um objeto é posto em movimento, erguido ou lançado ao ar, não é o Espírito que o segura, empurra e levanta, como faríamos com a mão; ele o satura, por assim dizer, de seu fluido combinado com o do médium, e o objeto, assim momentaneamente vivificado, age como faria um ser vivo, com a diferença de que, não tendo vontade própria, segue o impulso da vontade do Espírito.

Uma vez que o fluido vital, impulsionado de certa forma pelo Espírito, dá uma vida artificial e momentânea aos corpos inertes, e que o perispírito nada mais é que esse mesmo fluido vital, segue-se que, quando o Espírito está encarnado, é ele que dá vida ao seu corpo por meio de seu perispírito; permanece unido a ele enquanto a organização o permite; quando se retira, o corpo morre. Agora, se, em vez de uma mesa, esculpirmos a madeira em forma de estátua e agirmos sobre essa estátua como sobre a mesa, teremos uma estátua que se moverá, que dará pancadas, que responderá por seus movimentos e por suas pancadas; teremos, em uma palavra, uma estátua momentaneamente animada de uma vida artificial; falou-se em mesas fa-

lantes, também se poderia falar em estátuas falantes. Quanta luz essa teoria lança sobre uma infinidade de fenômenos até então sem solução! Quantas alegorias e efeitos misteriosos ela explica!

78 Os incrédulos a todo custo objetam que o fato de as mesas serem erguidas sem ponto de apoio é impossível, porque contraria a lei da gravitação. Nós lhes responderemos, primeiro, que sua negação não é uma prova; em segundo lugar, que, se o fato existe, mesmo que fosse contrário a todas as leis conhecidas, isso provaria uma coisa: que ele se baseia em uma lei desconhecida e que os que o negam não podem ter a pretensão de conhecer todas as leis da natureza.

78.2 Acabamos de explicar essa lei, mas isso não é motivo para que a aceitem, precisamente porque ela é dada por Espíritos que deixaram sua veste terrestre, em vez de ser dada por Espíritos que ainda a têm e que ocupam assentos na Academia.

78.3 De tal modo que, se o Espírito de Arago vivo tivesse dado essa lei, eles a teriam aceitado de olhos fechados; mas, dada pelo Espírito de Arago morto, é uma utopia. E por quê? Porque acreditam que, estando Arago morto, tudo morreu nele.

78.4 Não temos a pretensão de convencê-los do contrário; no entanto, como essa objeção poderia deixar algumas pessoas perplexas, vamos tentar respondê-la colocando-nos no ponto de vista deles, isto é, deixando de lado por um instante a teoria da animação artificial.

79 Quando se faz o vácuo sob a campânula da máquina pneumática, essa campânula adere com tamanha força que é impossível levantá-la, por causa do peso da coluna de ar que exerce pressão sobre ela.

79.2 Deixe-se o ar entrar novamente, e a campânula será levantada com a maior facilidade, porque o ar de baixo faz contrapeso ao ar de cima; no entanto, abandonada a si mesma, ela permanecerá sobre o prato em virtude da lei da gravitação.

79.3 Agora, se o ar de baixo for comprimido, se tiver uma densidade maior que a do ar de cima, a campânula será levantada apesar da gravitação; se a corrente de ar for rápida e violenta, ela poderá ser sustentada no espaço sem nenhum apoio visível, à maneira daqueles bonequinhos que se fazem saltitar sobre um jato de água.

79.4 Por que, então, o fluido universal, que é o elemento de toda matéria, ao se acumular ao redor da mesa, não teria a propriedade de diminuir ou aumentar seu peso específico relativo, como o ar faz com a campânula da máquina pneumática, como o gás hidrogênio faz com os balões, sem que isso contrarie as leis da gravitação?

79.5 Vocês conhecem todas as propriedades e toda a potência desse fluido? Não; pois bem! Não neguem, portanto, um fato porque não conseguem explicá-lo.

80 Voltemos à teoria do movimento da mesa. Se, pelo meio indicado, o Espírito pode levantar uma mesa, pode levantar qualquer outra coisa: uma poltrona, por exemplo. Se pode levantar uma poltrona, também pode, com força suficiente, levantar ao mesmo tempo uma pessoa sentada nela. Eis, portanto, a explicação desse fenômeno que o Sr.

80.2 Home produziu uma centena de vezes em si mesmo e em outras pessoas; ele o repetiu durante uma viagem a Londres e, para provar que os espectadores não eram vítimas de uma ilusão de óptica, fez uma marca no

teto com um lápis, e passaram por baixo dele. Sabe-se que o Sr. Home é um médium poderoso para os efeitos físicos: nesse caso, ele era a causa eficiente e o objeto.

81 Falamos há pouco do possível aumento do peso; esse é, de fato, um fenômeno que às vezes se produz e que não tem nada de mais anormal que a extraordinária resistência da campânula sob a pressão da coluna atmosférica. Viram-se, sob a influência de certos médiuns, objetos bastante leves oferecerem a mesma resistência e, depois, de repente, cederem ao menor esforço. Na experiência acima, a campânula, por si mesma, não pesa realmente nem mais nem menos, mas parece mais pesada pelo efeito da causa externa que age sobre ela; provavelmente acontece o mesmo aqui. A mesa tem sempre o mesmo peso intrínseco, pois sua massa não aumentou, mas uma força externa se opõe ao seu movimento, e essa causa pode estar nos fluidos do ambiente que a penetram, assim como a causa que aumenta ou diminui o peso aparente da campânula está no ar. Façam a experiência da campânula pneumática diante de um camponês ignorante; como ele não compreende que é o ar, que não vê, que age, não será difícil convencê-lo de que é o diabo.

Talvez se diga que, sendo esse fluido imponderável, sua acumulação não pode aumentar o peso de um objeto: de acordo; mas observem que, se usamos a palavra acumulação, foi por comparação, e não por uma equiparação absoluta com o ar; ele é imponderável, admitamos; no entanto, nada o prova; sua natureza íntima nos é desconhecida, e estamos longe de conhecer todas as suas propriedades. Antes que se verificasse experimentalmente o peso do ar, não se suspeitava dos efeitos desse mesmo peso. A eletricidade também é classificada entre os fluidos imponderáveis; no entanto, um

corpo pode ser retido por uma corrente elétrica e oferecer grande resistência a quem quer levantá-lo; portanto, aparentemente se tornou mais pesado. Pelo fato de não vermos o suporte, seria ilógico concluir que ele não existe. O Espírito pode, portanto, ter alavancas que nos são desconhecidas; a natureza nos prova todos os dias que sua potência não se limita ao testemunho dos sentidos.

Só uma causa semelhante pode explicar o fenômeno singular, do qual se viram vários exemplos, de uma pessoa jovem, fraca e delicada levantar com dois dedos, sem esforço e como se fosse uma pena, um homem forte e robusto com o assento em que estava sentado. O que prova uma causa externa à pessoa são as intermitências da faculdade.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. V — MANIFESTAÇÕES FÍSICAS ESPONTÂNEAS

✦

82 Os fenômenos de que acabamos de falar são provocados; mas às vezes acontecem espontaneamente, sem participação da vontade; longe disso, pois muitas vezes se tornam bastante importunos.

82.2 Além disso, o que exclui a ideia de que possam ser um efeito da imaginação superexcitada pelas ideias espíritas é o fato de ocorrerem com pessoas que nunca ouviram falar delas, e no momento em que menos esperam.

82.3 Esses fenômenos, que poderíamos chamar de espiritismo prático natural, são muito importantes, porque não podem ser suspeitos de conivência; por isso, recomendamos às pessoas que se ocupam dos fenômenos espíritas que recolham todos os fatos desse gênero que chegarem ao seu conhecimento, mas principalmente que verifiquem cuidadosamente sua realidade por meio de um estudo minucioso das circunstâncias, para se certificarem de que não são vítimas de uma ilusão ou de uma mistificação.

83 De todas as manifestações espíritas, as mais simples e mais frequentes são os ruídos e as pancadas; é sobretudo aqui que se deve temer a ilusão, pois uma multidão de causas naturais pode produzi-los: o vento que assobia ou que agita um objeto, um corpo que a própria pessoa move sem perceber, um efeito acústico, um animal escondido, um inseto etc., e até mesmo as travessuras de pessoas dadas a brincadeiras de mau gosto.

83.2 Os ruídos espíritas têm, aliás, um caráter particular, embora apresentem intensidade e timbre muito variados, que os tornam facilmente reconhecíveis e não permitem confundi-los com o estalo da madeira, o crepi-

tar do fogo ou o tique-taque monótono de um relógio de pêndulo; são pancadas secas, ora abafadas, fracas e leves, ora claras, distintas, às vezes ruidosas, que mudam de lugar e se repetem sem ter uma regularidade mecânica.

83.3 De todos os meios de verificação, o mais eficaz, aquele que não pode deixar dúvida sobre sua origem, é a obediência à vontade. Se as pancadas se fazem ouvir no lugar indicado, se respondem ao pensamento por seu número ou sua intensidade, não se pode deixar de reconhecer nelas uma causa inteligente; mas a falta de obediência nem sempre é uma prova em contrário.

84 Admitamos agora que, por uma verificação minuciosa, se adquira a certeza de que os ruídos ou quaisquer outros efeitos são manifestações reais: é racional assustar-se com eles?

84.2 Não, certamente; pois em nenhum caso poderia haver o menor perigo; somente as pessoas a quem se convence de que é o diabo podem ser afetadas de maneira prejudicial, como as crianças a quem se faz ter medo do lobisomem ou do bicho-papão.

84.3 Essas manifestações adquirem, em certas circunstâncias, é preciso reconhecer, proporções e uma persistência desagradáveis, das quais se tem o desejo muito natural de se livrar. Uma explicação é necessária a esse respeito.

85 Dissemos que as manifestações físicas têm por objetivo chamar nossa atenção para alguma coisa e nos convencer da presença de um poder superior ao homem. Dissemos também que os Espíritos elevados não se ocupam dessas espécies de manifestações; servem-se dos Espíritos inferiores para produzi-las, como nos servimos de empregados para o trabalho pesado, e isso com o objetivo que acabamos de indicar.

85.2 Uma vez atingido esse objetivo, a manifestação material cessa, porque já não é necessária. Um ou dois exemplos farão compreender melhor a questão.

86 Há vários anos, no início de meus estudos sobre o espiritismo, estando certa noite ocupado com um trabalho sobre essa matéria, pancadas se fizeram ouvir ao meu redor durante quatro horas consecutivas; era a primeira vez que semelhante coisa me acontecia; constatei que não tinham nenhuma causa acidental, mas naquele momento não pude saber mais nada. Eu tinha naquela época a oportunidade de ver frequentemente um excelente médium escrevente. Logo no dia seguinte, perguntei ao Espírito que se comunicava por seu intermédio sobre a causa dessas pancadas. É, responderam-me, teu Espírito familiar que queria falar contigo. — E o que ele queria me dizer? Resp.: Podes perguntar a ele mesmo, pois está aqui. — Tendo então interrogado esse Espírito, ele se deu a conhecer sob um nome alegórico (soube depois, por outros Espíritos, que pertence a uma ordem muito elevada e que desempenhou na Terra um papel importante); apontou erros em meu trabalho, indicando-me as linhas em que se encontravam, deu-me conselhos úteis e sábios e acrescentou que estaria sempre comigo e viria ao meu chamado todas as vezes que eu quisesse interrogá-lo. Desde então, de fato, esse Espírito nunca me deixou. Deu-me muitas provas de uma grande superioridade, e sua intervenção benevolente e eficaz foi evidente para mim nos assuntos da vida material, assim como no que diz respeito às coisas metafísicas. Mas, desde nossa primeira conversa, as pancadas cessaram. O que ele queria, de fato? Entrar em comunicação regular comigo; para isso, precisava me avisar. Dado o aviso, depois explicado, estabelecidas as relações regulares, as pancadas se tornavam inúteis, e

foi por isso que cessaram. Não se toca mais o tambor para acordar os soldados depois que já estão de pé.

Um fato quase semelhante aconteceu com um de nossos amigos. Havia algum tempo seu quarto ressoava com ruídos diversos que se tornavam muito cansativos. Apresentando-se a oportunidade de interrogar o Espírito de seu pai por meio de um médium escrevente, soube o que queriam dele, fez o que lhe foi recomendado e desde então não ouviu mais nada. Deve-se observar que as pessoas que têm com os Espíritos um meio regular e fácil de comunicação têm muito mais raramente manifestações desse gênero, e isso é compreensível.

87 As manifestações espontâneas nem sempre se limitam a ruídos e pancadas; às vezes degeneram em verdadeira algazarra e perturbações; móveis e objetos diversos são revirados, projéteis de toda espécie são lançados de fora, portas e janelas são abertas e fechadas por mãos invisíveis, vidraças são quebradas, o que não pode ser atribuído à ilusão.

A desordem muitas vezes é bem real, mas às vezes tem apenas as aparências da realidade. Ouve-se uma barulheira num cômodo vizinho, um ruído de louça que cai e se quebra com estrondo, de toras que rolam pelo assoalho; corre-se até lá, e encontra-se tudo tranquilo e em ordem; depois, mal se sai, o tumulto recomeça.

88 As manifestações desse gênero não são raras nem novas; poucas crônicas locais deixam de conter alguma história desse tipo. O medo sem dúvida exagerou muitas vezes fatos que devem ter tomado proporções gigantescamente ridículas ao passarem de boca em boca; com a ajuda da superstição, as casas onde aconteceram ficaram com a fama de serem assombradas pelo diabo, e daí vieram todos os contos maravilhosos ou terríveis de assombra-

ções. Por sua vez, a fraude não deixou escapar tão bela oportunidade de explorar a credulidade, e isso muitas vezes em benefício de interesses pessoais. Compreende-se, aliás, a impressão que fatos desse gênero, mesmo reduzidos à realidade, podem causar em pessoas de caráter fraco e predispostas pela educação às ideias supersticiosas. O meio mais seguro de prevenir os inconvenientes que poderiam ter, já que não se pode impedi-los, é dar a conhecer a verdade. As coisas mais simples se tornam assustadoras quando a causa é desconhecida. Quando houver familiaridade com os Espíritos, e aqueles a quem eles se manifestam não acreditarem mais ter uma legião de demônios em seu encalço, não terão mais medo deles.

Pode-se ver, na Revista Espírita, o relato de vários fatos autênticos desse gênero, entre outros a história do Espírito batedor de Bergzabern, cujas travessuras duraram mais de oito anos (números de maio, junho e julho de 1858); a de Dibbelsdorf (agosto de 1858); a do padeiro de Grandes-Ventes, perto de Dieppe (março de 1860); a da rua des Noyers, em Paris (agosto de 1860); a do Espírito de Castelnaudary, sob o título de História de um condenado (fevereiro de 1860); a do fabricante de São Petersburgo (abril de 1860), e muitas outras.

89 Os fatos dessa natureza muitas vezes têm o caráter de uma verdadeira perseguição. Conhecemos seis irmãs que moravam juntas e que, durante vários anos, encontravam pela manhã seus vestidos espalhados, escondidos até nos telhados, rasgados e cortados em pedaços, por mais precauções que tomassem para guardá-los à chave. Muitas vezes aconteceu de pessoas deitadas e perfeitamente acordadas verem suas cortinas serem sacudidas, seus cobertores e travesseiros serem arrancados violentamente, serem levantadas sobre seus colchões e, às vezes, até jogadas para fora da cama. Esses fatos são

mais frequentes do que se pensa; mas, na maioria das vezes, suas vítimas não ousam falar deles por medo do ridículo. Temos conhecimento de que se acreditou curar certos indivíduos daquilo que se considerava alucinações, submetendo-os ao tratamento dos alienados, o que os tornou realmente loucos. A medicina não pode compreender essas coisas, porque só admite o elemento material entre as causas, do que resultam equívocos muitas vezes funestos. A história um dia contará certos tratamentos do século dezenove, como hoje se contam certos procedimentos da Idade Média.

Admitimos perfeitamente que certos fatos são obra da malícia ou da malevolência; mas se, feitas todas as verificações, ficar comprovado que não são obra dos homens, é preciso reconhecer que são obra, dirão uns, do diabo; nós diremos dos Espíritos; mas de quais Espíritos?

90 Os Espíritos superiores, assim como os homens graves e sérios entre nós, não se divertem fazendo algazarras. Muitas vezes fizemos vir esses Espíritos para lhes perguntar o motivo que os leva a perturbar assim o sossego. A maioria não tem outro objetivo senão se divertir; são Espíritos mais levianos do que maus, que riem dos sustos que causam e das buscas inúteis que se fazem para descobrir a causa do tumulto. Muitas vezes se obstinam em perseguir um indivíduo que se comprazem em atormentar, seguindo-o de uma moradia a outra; outras vezes se apegam a um lugar sem outro motivo além do próprio capricho. Às vezes é também uma vingança que exercem, como teremos ocasião de ver. Em certos casos, sua intenção é mais louvável; querem chamar a atenção e entrar em contato, seja para dar um aviso útil à pessoa a quem se dirigem, seja para pedir alguma coisa para si mesmos. Muitas vezes os vimos pedir preces; outros, solicitar que se cumprisse em

seu nome uma promessa que não haviam podido cumprir; outros, enfim, querer reparar, em benefício do próprio sossego, uma má ação que cometeram em vida. Em geral, é um erro se assustar com eles; sua presença pode ser importuna, mas não perigosa. Compreende-se, aliás, o desejo de se livrar deles, e geralmente se faz, para isso, exatamente o contrário do que seria preciso. Se são Espíritos que se divertem, quanto mais se leva a coisa a sério, mais eles persistem, como crianças travessas que atormentam ainda mais aqueles que veem perder a paciência e que assustam os medrosos. Se tomássemos a sábia decisão de rir também de suas travessuras, eles acabariam se cansando e ficando tranquilos. Conhecemos alguém que, longe de se irritar, os instigava, desafiando-os a fazer isto ou aquilo, de modo que, ao fim de alguns dias, eles não voltaram mais. Mas, como dissemos, há alguns cujo motivo é menos frívolo. Por isso, é sempre útil saber o que querem. Se pedem alguma coisa, pode-se ter certeza de que deixarão de fazer suas visitas assim que seu desejo for satisfeito. O melhor meio de obter informações a esse respeito é evocar o Espírito por intermédio de um bom médium escrevente; pelas respostas, logo se verá com quem se está lidando, e se agirá de acordo; se for um Espírito infeliz, a caridade exige que seja tratado com a consideração que merece; se for um brincalhão de mau gosto, pode-se agir com ele sem cerimônia; se for mal-intencionado, é preciso pedir a Deus que o torne melhor. Em qualquer caso, a prece só pode ter um bom resultado. Mas a solenidade das fórmulas de exorcismo os faz rir, e eles não lhes dão nenhuma importância. Se for possível entrar em comunicação com eles, é preciso desconfiar das qualificações burlescas ou assustadoras que às vezes se dão para se divertir à custa da credulidade.

Voltaremos a esse assunto com mais detalhes, assim como às causas que muitas vezes tornam as preces ineficazes, nos capítulos sobre os lugares assombrados e a obsessão.

91 Esses fenômenos, embora executados por Espíritos inferiores, são muitas vezes provocados por Espíritos de uma ordem mais elevada, com o objetivo de convencer da existência dos seres incorpóreos e de um poder superior ao homem. A repercussão que deles resulta, o próprio pavor que causam, chamam a atenção e acabarão por abrir os olhos dos mais incrédulos. Estes acham mais simples atribuir esses fenômenos à imaginação, explicação muito cômoda e que dispensa outras; contudo, quando objetos são sacudidos ou lançados contra a cabeça de alguém, seria preciso uma imaginação muito complacente para imaginar que tais coisas acontecem quando não acontecem. Observa-se um efeito qualquer; esse efeito tem necessariamente uma causa; se uma observação fria e calma nos demonstra que esse efeito independe de qualquer vontade humana e de qualquer causa material, se, além disso, ele nos dá sinais evidentes de inteligência e de livre vontade, o que é o sinal mais característico, somos forçados a atribuí-lo a uma inteligência oculta. Quem são esses seres misteriosos? É o que os estudos espíritas nos ensinam da maneira menos contestável, pelos meios que nos dão de nos comunicarmos com eles. Esses estudos também nos ensinam a distinguir o que há de real, de falso ou de exagerado nos fenômenos que não conseguimos explicar. Se ocorre um efeito incomum — ruído, movimento, até mesmo aparição —, o primeiro pensamento que devemos ter é que ele se deve a uma causa inteiramente natural, porque é a mais provável; é preciso, então, procurar essa causa com o maior cuidado e só admitir a intervenção dos Espíritos com conhecimento de causa; esse é o meio de não

se iludir. Aquele que, por exemplo, sem que ninguém se aproxime, recebesse uma bofetada ou golpes de bastão nas costas, como já se viu, não poderia duvidar da presença de um ser invisível.

Devemos nos precaver não apenas contra relatos que podem, no mínimo, estar marcados pelo exagero, mas também contra nossas próprias impressões, e não atribuir uma origem oculta a tudo o que não compreendemos. Uma infinidade de causas muito simples e muito naturais pode produzir efeitos estranhos à primeira vista, e seria uma verdadeira superstição ver por toda parte Espíritos ocupados em derrubar móveis, quebrar a louça, provocar, enfim, os mil e um aborrecimentos domésticos que é mais racional atribuir à falta de jeito.

92 A explicação dada para o movimento dos corpos inertes se aplica naturalmente a todos os efeitos espontâneos que acabamos de ver. Os ruídos, embora mais fortes que as pancadas dadas na mesa, têm a mesma causa; os objetos lançados ou deslocados o são pela mesma força que levanta um objeto qualquer. Uma circunstância vem até apoiar essa teoria.

92.2 Poderíamos perguntar onde está o médium nessa circunstância. Os Espíritos nos disseram que, em casos assim, há sempre alguém cujo poder se exerce sem que a pessoa saiba.

92.3 As manifestações espontâneas muito raramente se produzem em lugares isolados; é quase sempre em casas habitadas que acontecem, e em razão da presença de certas pessoas que exercem uma influência sem querer; essas pessoas são verdadeiros médiuns que desconhecem a própria condição e que, por essa razão, chamamos de médiuns naturais; eles estão para os outros médiuns assim como os sonâmbulos naturais estão para os sonâmbulos magnéticos, e são igualmente curiosos de observar.

93 A intervenção voluntária ou involuntária de uma pessoa dotada de uma aptidão especial para a produção desses fenômenos parece ser necessária na maioria dos casos, embora haja alguns em que o Espírito parece agir sozinho; mas, então, pode ser que ele retire o fluido animalizado de outro lugar que não de uma pessoa presente.

93.2 Isso explica por que os Espíritos que nos cercam sem cessar não produzem perturbações a todo instante. É preciso, primeiro, que o Espírito queira, que tenha um objetivo, um motivo; sem isso, nada faz. Depois, muitas vezes é preciso que encontre, justamente no lugar onde gostaria de agir, uma pessoa apta a auxiliá-lo, coincidência que ocorre muito raramente.

93.3 Se essa pessoa aparece de modo inesperado, ele aproveita. Apesar da reunião das circunstâncias favoráveis, ainda poderia ser impedido por uma vontade superior que não lhe permitisse agir como quisesse.

93.4 Pode ser que só lhe seja permitido fazê-lo dentro de certos limites e no caso em que essas manifestações sejam julgadas úteis, seja como meio de convencimento, seja como prova para a pessoa que é seu alvo.

94 Citaremos a esse respeito apenas a conversa motivada pelos fatos ocorridos em junho de 1860 na rua des Noyers, em Paris. Seus detalhes podem ser encontrados na Revista Espírita, nº de agosto de 1860.

1. (A São Luís.) Teria a bondade de nos dizer se os fatos que dizem ter ocorrido na rua des Noyers são reais? Quanto à possibilidade, não temos dúvidas.

« Sim, esses fatos são verdadeiros; apenas a imaginação dos homens os exagerará, seja por medo, seja por ironia; mas, repito, são verdadeiros. Essas manifestações são provocadas por um Espírito que se diverte um pouco à

custa dos moradores do lugar.

2. Há, na casa, alguma pessoa que seja a causa dessas manifestações?

« Elas são sempre causadas pela presença da pessoa que é alvo dos ataques; é que o Espírito perturbador tem alguma coisa contra o morador do lugar onde está e quer lhe pregar peças, ou até procura fazê-lo se mudar. »- 3. Perguntamos se, entre os moradores da casa, há alguém que seja a causa desses fenômenos por uma influência mediúnica espontânea e involuntária.

« É necessário que haja, pois, sem isso, o fato não poderia ocorrer. Um Espírito habita um lugar de sua preferência; permanece inativo enquanto uma pessoa de natureza adequada à sua não se apresenta nesse lugar; quando essa pessoa chega, então ele se diverte tanto quanto pode. »

4. A presença dessa pessoa no próprio local é indispensável?

« É o caso mais comum, e é o do fato que vocês citam; por isso eu disse que, sem isso, o fato não poderia ter ocorrido; mas não pretendi generalizar; há casos em que a presença imediata não é necessária. »

5. Como esses Espíritos são sempre de uma ordem inferior, a aptidão para lhes servir de auxiliar permite uma suposição desfavorável sobre a pessoa? Isso indica uma afinidade com os seres dessa natureza? « Não, não exatamente, pois essa aptidão depende de uma disposição física; no entanto, isso indica com muita frequência uma tendência material que seria preferível não ter; pois, quanto mais elevada moralmente é a pessoa, mais atrai para si os bons Espíritos, que necessariamente afastam os maus. »

6. Onde o Espírito vai buscar os projéteis de que se serve? « Esses diversos objetos são, na maioria das vezes, retirados do próprio local ou da vizinhança; uma força vinda de um Espírito os lança no espaço, e eles caem num lugar indicado por esse Espírito. »

7. Já que as manifestações espontâneas são muitas vezes permitidas e até

provocadas com o objetivo de convencer, parece-nos que, se certos incrédulos fossem pessoalmente alvo delas, seriam obrigados a se render à evidência. Eles às vezes se queixam de não poder presenciar fatos conclusivos; não dependeria dos Espíritos fazer com que lhes fosse dada alguma prova perceptível aos sentidos? « Os ateus e os materialistas não são, a todo instante, testemunhas dos efeitos do poder de Deus e do pensamento? Isso não os impede de negar Deus e a alma. Os milagres de Jesus converteram todos os seus contemporâneos? Os fariseus que lhe diziam: "Mestre, faça-nos ver algum prodígio" não se parecem com aqueles que, no tempo de vocês, pedem que lhes mostrem manifestações? Se não se convencem com as maravilhas da criação, também não se convenceriam mesmo que os Espíritos lhes aparecessem da maneira mais inequívoca, porque seu orgulho os torna como cavalos teimosos. Não lhes faltariam oportunidades de ver se as procurassem de boa-fé; por isso Deus não considera conveniente fazer por eles mais do que faz por aqueles que procuram sinceramente se instruir, pois só recompensa os homens de boa vontade. A incredulidade deles não impedirá que a vontade de Deus se cumpra; vocês bem veem que ela não impediu a doutrina de se espalhar. Deixem, portanto, de se preocupar com a oposição deles, que está para a doutrina como a sombra está para o quadro, dando-lhe maior relevo. Que mérito teriam em ser convencidos à força? Deus lhes deixa toda a responsabilidade por sua teimosia, e essa responsabilidade será mais terrível do que vocês pensam. Felizes os que creem sem ter visto, disse Jesus, porque esses não duvidam do poder de Deus. »

8. Acha que seria útil evocar esse Espírito para lhe pedir algumas explicações?

« Evoquem-no, se quiserem; mas é um Espírito inferior, que só lhes dará respostas bastante insignificantes. »

95 Conversa com o Espírito perturbador da rua des Noyers.

1. Evocação.

« Por que estão me chamando? Querem então levar pedradas? Aí é que se veria uma bela correria, apesar desse ar de valentia de vocês. »

2. Mesmo que você nos mandasse pedras aqui, isso não nos assustaria; perguntamos até, expressamente, se pode nos mandar algumas.

« Aqui, talvez eu não pudesse; vocês têm um guardião que cuida bem de vocês. »

3. Na rua des Noyers, havia alguma pessoa que lhe servia de auxiliar para facilitar as peças que você pregava nos moradores da casa?

« Certamente, encontrei um bom instrumento, e nenhum Espírito douto, sábio e recatado para me impedir; pois sou alegre, às vezes gosto de me divertir. »

4. Quem foi a pessoa que lhe serviu de instrumento? « Uma criada. »

5. Ela lhe servia de auxiliar sem saber?

« Ah! Sim; a pobre moça! Era a mais assustada. »

6. Você agia com uma intenção hostil?

« Eu não tinha nenhuma intenção hostil; mas os homens, que se apropriam de tudo, tirarão proveito disso. »

7. O que quer dizer com isso? Não estamos entendendo. « Eu procurava me divertir; mas vocês estudarão o caso e terão mais um fato para mostrar que existimos. »

8. Você diz que não tinha intenção hostil e, no entanto, quebrou todos os vidros das janelas do apartamento; assim, causou um prejuízo real.

« Isso é um detalhe.

9. Onde você conseguiu os objetos que lançou?

« Eles são bastante comuns; encontrei-os no pátio, nos jardins vizinhos. »

10. Você encontrou todos ou fabricou alguns deles? (Ver adiante, cap. VIII.)

« Não criei nada, não compus nada. »

11. Se não tivesse encontrado nenhum, poderia ter fabricado alguns? « Teria sido mais difícil; mas, em último caso, misturam-se matérias, e isso forma um conjunto qualquer. »

12. Agora, diga-nos como você os lançou.

« Ah! Isso é mais difícil de dizer; eu me vali da natureza elétrica dessa moça, unida à minha, menos material; assim, nós dois pudemos transportar essas diversas matérias. »

13. Creio que você terá a bondade de nos dar algumas informações a seu respeito. Diga-nos primeiro se faz muito tempo que morreu. « Faz bastante tempo; faz uns cinquenta anos. »

14. O que você era em vida?

« Não era grande coisa de bom; eu catava trapos nesse bairro, e às vezes me diziam desaforos, porque eu gostava demais da bebida vermelha do bom velho Noé; por isso, gostaria de fazer todos eles darem o fora. »

15. Foi você mesmo, e por sua livre vontade, que respondeu às nossas perguntas?

« Eu tinha um professor. »

16. Quem é esse professor? « O bom rei Luís de vocês. »

Observação. Esta pergunta se deve à natureza de certas respostas que pareceram ultrapassar a capacidade desse Espírito, pelo conteúdo das ideias e até pela forma da linguagem. Portanto, não há nada de espantoso em que ele tenha sido ajudado por um Espírito mais esclarecido, que queria aproveitar essa ocasião para nos dar um ensinamento. Isso é um fato muito comum, mas uma particularidade notável nessa circunstância é que a in-

fluência do outro Espírito se fez sentir na própria escrita; a das respostas em que ele interveio é mais regular e mais fluente; a do catador de trapos é angulosa, de letras grandes, irregular, muitas vezes pouco legível, e apresenta um caráter inteiramente diferente.

17. O que você faz agora? Ocupa-se do seu futuro?

« Ainda não; ando errante. Pensam tão pouco em mim na Terra que ninguém reza por mim; por isso, não recebo ajuda, não trabalho. »

Observação. Veremos mais adiante o quanto se pode contribuir para o progresso e o alívio dos Espíritos inferiores por meio da prece e dos conselhos.

18. Qual era seu nome em vida?

« Jeannet. »

19. Pois bem, Jeannet, rezaremos por você. Diga-nos se nossa evocação lhe agradou ou o contrariou. « Agradou mais, pois vocês são boa gente, pessoas alegres, embora um pouco austeras; não faz mal, vocês me ouviram, estou contente. » Jeannet.

96 Fenômeno dos transportes

Esse fenômeno só difere daqueles de que acabamos de falar pela intenção benevolente do Espírito que o produz, pela natureza dos objetos, quase sempre graciosos, e pela maneira suave e muitas vezes delicada como são trazidos. Consiste no transporte espontâneo de objetos que não existem no lugar onde estamos; na maioria das vezes são flores, às vezes frutas, doces, joias etc.

97 Digamos primeiro que esse fenômeno é um dos que mais se prestam à imitação e que, por isso, é preciso se precaver contra a fraude. Sabe-se até onde pode chegar a arte da prestidigitação em experiências desse gênero;

mas, mesmo sem se tratar de um profissional, seria fácil ser enganado por uma manobra hábil e interesseira.

97.2 A melhor de todas as garantias está no caráter, na reconhecida honradez e no absoluto desinteresse da pessoa que obtém semelhantes efeitos; em segundo lugar, no exame atento de todas as circunstâncias em que os fatos se produzem; por fim, no conhecimento esclarecido do espiritismo, o único que pode revelar o que seria suspeito.

98 A teoria do fenômeno dos transportes e das manifestações físicas em geral está resumida de maneira notável na dissertação a seguir, de um Espírito cujas comunicações trazem todas uma marca incontestável de profundidade e de lógica. Várias delas serão encontradas no decorrer desta obra. Ele se apresentou com o nome de Erasto, discípulo de São Paulo, e como Espírito protetor do médium que lhe serviu de intérprete:

« Para obter fenômenos dessa ordem, é necessário ter consigo médiuns que chamarei de sensitivos, isto é, dotados no mais alto grau das faculdades medianímicas de expansão e de penetrabilidade; porque o sistema nervoso desses médiuns, facilmente excitável, permite que eles, por meio de certas vibrações, projetem ao seu redor, em abundância, seu fluido animalizado.

« As pessoas impressionáveis, aquelas cujos nervos vibram ao menor sentimento, à menor sensação, e que se tornam sensíveis sob uma influência moral ou física, interna ou externa, são muito aptas a se tornar excelentes médiuns para os efeitos físicos de tangibilidade e de transportes. De fato, seu sistema nervoso, quase inteiramente desprovido do envoltório refratário que o isola na maioria dos outros encarnados, torna essas pessoas aptas ao desenvolvimento desses diversos fenômenos. Assim, com uma pessoa dessa natureza, cujas outras faculdades não sejam contrárias à medianimi-

zação, será mais fácil obter os fenômenos de tangibilidade, as pancadas nas paredes e nos móveis, os movimentos inteligentes e até a suspensão no espaço da matéria inerte mais pesada. Com mais razão, esses resultados serão obtidos se, em vez de um médium, houver vários igualmente bem dotados à disposição.

« Mas, entre a produção desses fenômenos e a obtenção do fenômeno dos transportes, há um mundo de distância; pois, nesse caso, o trabalho do Espírito não só é mais complexo e mais difícil, como também ele só pode operar por meio de um único aparelho medianímico, isto é, vários médiuns não podem contribuir simultaneamente para a produção do mesmo fenômeno. Ao contrário, acontece até que a presença de certas pessoas antipáticas ao Espírito que opera impeça inteiramente sua ação. A esses motivos que, como vocês veem, não deixam de ter importância, acrescentem que os transportes sempre exigem maior concentração e, ao mesmo tempo, maior difusão de certos fluidos, e que só podem ser obtidos com os médiuns mais bem dotados, aqueles, em uma palavra, cujo aparelho eletromedianímico apresenta as melhores condições.

« Em geral, os fenômenos de transporte são e continuarão sendo extremamente raros. Não preciso demonstrar a vocês por que são e serão menos frequentes que os outros fenômenos de tangibilidade; vocês mesmos deduzirão isso do que digo. Além disso, esses fenômenos são de tal natureza que nem todos os médiuns são aptos a eles, e nem mesmo todos os Espíritos podem produzi-los. De fato, é preciso que entre o Espírito e o médium influenciado exista certa afinidade, certa analogia, em uma palavra, certa semelhança que permita à parte expansível do fluido perispiritual do encarnado se misturar, se unir, se combinar com o fluido do Espírito que quer realizar um transporte. Essa fusão deve ser tal que a força resultante se torne, por

assim dizer, uma só; assim como uma corrente elétrica, ao agir sobre o carvão, produz um único foco, uma única claridade. Por que essa união, por que essa fusão, vocês perguntarão? É que, para produzir esses fenômenos, é preciso que às propriedades essenciais do Espírito que os movimenta se acrescentem algumas das propriedades da pessoa medianimizada; é que o fluido vital, indispensável à produção de todos os fenômenos medianímicos, é exclusivo do encarnado e, por isso, o Espírito operador é obrigado a se impregnar dele. Só então ele pode, por meio de certas propriedades do ambiente de vocês, que vocês desconhecem, isolar, tornar invisíveis e fazer mover certos objetos materiais e os próprios encarnados.

« Não me é permitido, por enquanto, revelar a vocês essas leis particulares que regem os gases e os fluidos que os cercam; mas, antes que se passem anos, antes que se complete uma vida humana, a explicação dessas leis e desses fenômenos será revelada a vocês, e vocês verão surgir e se manifestar uma nova variedade de médiuns, que entrarão em um estado cataléptico particular assim que forem medianimizados.

« Vocês veem de quantas dificuldades está cercada a produção dos transportes; podem concluir, com muita lógica, que os fenômenos dessa natureza são extremamente raros, como eu disse, e com tanto mais razão porque os Espíritos se prestam muito pouco a eles, já que isso exige de sua parte um trabalho quase material, o que lhes causa aborrecimento e cansaço. Por outro lado, acontece ainda o seguinte: muitas vezes, apesar de sua energia e de sua vontade, o estado do próprio médium lhes impõe uma barreira intransponível. É evidente, portanto, e o raciocínio de vocês o confirma, não tenho dúvida, que os fatos tangíveis de pancadas, movimentos e suspensão são fenômenos simples, que se realizam pela concentração e pela dilatação de certos fluidos, e que podem ser provocados e obtidos pela vontade e

pelo trabalho dos médiuns aptos a eles, quando auxiliados por Espíritos amigos e benevolentes; enquanto os fenômenos de transporte são múltiplos, complexos, exigem uma combinação de circunstâncias especiais, só podem ser realizados por um único Espírito e um único médium e requerem, além das condições necessárias à tangibilidade, uma combinação muito particular para isolar e tornar invisíveis o objeto ou os objetos transportados.

« Todos vocês, espíritas, compreendem minhas explicações e entendem perfeitamente essa concentração de fluidos especiais para a locomoção e a percepção pelo tato da matéria inerte; vocês acreditam nisso, como acreditam nos fenômenos da eletricidade e do magnetismo, com os quais os fatos medianímicos apresentam muitas analogias, sendo, por assim dizer, sua confirmação e seu desenvolvimento. Quanto aos incrédulos e aos sábios piores que os incrédulos, não tenho por que convencê-los, não me ocupo deles; um dia serão convencidos pela força da evidência, pois terão de se curvar diante do testemunho unânime dos fatos espíritas, como foram obrigados a fazer diante de tantos outros fatos que haviam rejeitado a princípio.

« Para resumir: se os fenômenos de tangibilidade são frequentes, os fenômenos de transporte são muito raros, porque suas condições são muito difíceis; por isso, nenhum médium pode dizer: A tal hora, em tal momento, obterei um transporte; pois muitas vezes o próprio Espírito fica impedido de realizar seu trabalho. Devo acrescentar que esses fenômenos são duplamente difíceis em público, pois quase sempre se encontram ali elementos fortemente refratários que paralisam os esforços do Espírito e, com mais razão, a ação do médium. Tenham, ao contrário, como certo que esses fenômenos quase sempre se produzem em particular, espontaneamente, na maioria das vezes sem que os médiuns saibam e sem premeditação, e, por

fim, muito raramente quando eles são avisados; disso vocês devem concluir que há motivo legítimo para suspeita sempre que um médium se vangloria de obtê-los à vontade, ou seja, de dar ordens aos Espíritos como a servidores, o que é simplesmente absurdo. Tenham ainda como regra geral que os fenômenos espíritas não são feitos para ser apresentados como espetáculo e para divertir os curiosos. Se alguns Espíritos se prestam a esse tipo de coisa, só pode ser para fenômenos simples, e não para aqueles que, como os transportes e outros semelhantes, exigem condições excepcionais.

« Lembrem-se, espíritas, de que, se é absurdo rejeitar sistematicamente todos os fenômenos de além-túmulo, também não é sensato aceitá-los todos cegamente. Quando um fenômeno de tangibilidade, de aparição, de visibilidade ou de transporte se manifestar espontaneamente e de maneira instantânea, aceitem-no; mas, nunca será demais repetir, não aceitem nada cegamente; que cada fato passe por um exame minucioso, profundo e rigoroso; pois, acreditem, o espiritismo, tão rico em fenômenos sublimes e grandiosos, nada tem a ganhar com essas pequenas manifestações que hábeis prestidigitadores podem imitar.

« Sei bem o que vocês vão me dizer: que esses fenômenos são úteis para convencer os incrédulos; mas saibam que, se não tivessem outros meios de convencimento, não teriam hoje a centésima parte dos espíritas que têm. Falem ao coração, é por esse caminho que conseguirão o maior número de conversões sérias. Se acharem útil, para certas pessoas, agir por meio dos fatos materiais, apresentem-nos ao menos em circunstâncias que não possam dar margem a nenhuma interpretação falsa e, sobretudo, não saiam das condições normais desses fatos, pois os fatos apresentados em más condições fornecem argumentos aos incrédulos, em vez de convencê-los.

99 Esse fenômeno apresenta uma particularidade bastante singular: certos médiuns só o obtêm no estado sonambúlico; e isso se explica facilmente. Há no sonâmbulo um desprendimento natural, uma espécie de isolamento do Espírito e do perispírito que deve facilitar a combinação dos fluidos necessários. É o caso dos transportes que testemunhamos. As perguntas seguintes foram dirigidas ao Espírito que os havia produzido, mas suas respostas às vezes refletem sua insuficiência; nós as submetemos ao Espírito Erasto, muito mais esclarecido do ponto de vista teórico, que as completou com observações muito sensatas. Um é o artesão, o outro o sábio, e a própria comparação dessas duas inteligências é um estudo instrutivo, pois prova que não basta ser Espírito para compreender tudo.

1. Pedimos que nos diga por que os transportes que você realiza só se produzem durante o sono magnético do médium.

"Isso se deve à natureza do médium; os fatos que produzo quando o meu está adormecido, eu também poderia produzi-los no estado de vigília com outro médium."

2. Por que você faz esperar tanto pelo transporte dos objetos, e por que desperta a cobiça do médium, estimulando seu desejo de obter o objeto prometido?

"Esse tempo me é necessário para preparar os fluidos que servem ao transporte; quanto à excitação, muitas vezes é apenas para divertir as pessoas presentes e a sonâmbula."

Observação de Erasto. O Espírito que respondeu não sabe mais do que isso; não compreende o motivo dessa cobiça que estimula instintivamente, sem compreender seu efeito; acredita estar divertindo, quando, na realidade, provoca, sem perceber, uma emissão maior de fluido; isso é consequência da dificuldade que o fenômeno apresenta, dificuldade sempre maior

quando ele não é espontâneo, sobretudo com certos médiuns.

3. A produção do fenômeno depende da natureza especial do médium, e ele poderia se produzir por outros médiuns com mais facilidade e rapidez?

"A produção depende da natureza do médium e só pode ocorrer com naturezas correspondentes; quanto à rapidez, o hábito que adquirimos, ao nos comunicarmos frequentemente com o mesmo médium, nos ajuda muito."

4. A influência das pessoas presentes tem alguma participação nisso?

"Quando há incredulidade, oposição, podem nos atrapalhar muito; preferimos muito mais dar nossas provas diante de pessoas que acreditam e de pessoas conhecedoras do espiritismo; mas com isso não quero dizer que a má vontade poderia nos paralisar completamente."

5. Onde você foi buscar as flores e os doces que trouxe?

"As flores, eu as pego nos jardins, onde elas me agradam."

6. E os doces? O comerciante deve ter percebido a falta deles.

"Eu os pego onde me agrada; o comerciante não percebeu absolutamente nada, porque pus outros no lugar."

7. Mas os anéis têm valor; onde você os pegou? Isso não prejudicou aquele de quem você os tomou emprestados?

"Eu os peguei em lugares desconhecidos de todos, e de maneira que ninguém possa sofrer qualquer prejuízo."

Observação de Erasto. Creio que o fato foi explicado de maneira insuficiente, em razão da capacidade do Espírito que respondeu. Sim, pode haver um prejuízo real, mas o Espírito não quis admitir que tivesse se apropriado de coisa alguma. Um objeto só pode ser substituído por um objeto idêntico, da mesma forma, do mesmo valor; portanto, se um Espírito tivesse a faculdade de substituir o objeto que pega por outro igual, não teria motivo para pegá-lo e deveria dar aquele que serve de substituto.

8. É possível trazer flores de outro planeta? “Não, isso não me é possível.”

— (A Erasto.) Outros Espíritos teriam esse poder?

“Não, isso não é possível, em razão da diferença dos meios ambientes.”

9. Você poderia trazer flores de outro hemisfério; dos trópicos, por exemplo?

“Desde que seja na Terra, posso.”

10. Os objetos que você trouxe, poderia fazê-los desaparecer e levá-los de volta?

“Assim como os fiz vir, posso levá-los de volta quando quiser.”

11. A produção do fenômeno dos transportes causa a você algum esforço, alguma dificuldade?

“Não nos causa nenhum esforço quando temos permissão; poderia nos causar esforços muito grandes se quiséssemos produzir efeitos sem estar autorizados.”

Observação de Erasto. Ele não quer admitir seu esforço, embora seja real, pois é obrigado a realizar uma operação, por assim dizer, material.

12. Quais são as dificuldades que você encontra?

“Nenhuma além de más disposições fluídicas que podem nos ser contrárias.”

13. Como você transporta o objeto; segura-o com as mãos?

“Não, nós o envolvemos em nós.”

Observação de Erasto. Ele não explica claramente sua operação, pois não envolve o objeto com sua própria personalidade; mas, como seu fluido pessoal é dilatável, penetrável e expansível, combina uma parte desse fluido com uma parte do fluido animalizado do médium, e é nessa combinação que esconde e transporta o objeto a ser trazido. Portanto, não é correto dizer que o envolve em si.

14. Você transportaria com a mesma facilidade um objeto de peso considerável; de 50 kg, por exemplo?

"O peso nada é para nós; trazemos flores porque isso pode ser mais agradável do que um peso volumoso."

Observação de Erasto. Isso é correto; ele pode transportar cem e duzentos quilos de objetos, pois a gravidade que existe para vocês é anulada para ele; mas, aqui também, ele não compreende o que acontece. A massa dos Guias combinados é proporcional à massa dos objetos; em uma palavra, a força deve ser proporcional à resistência; daí se segue que, se o Espírito traz apenas uma flor ou um objeto leve, muitas vezes é porque não encontra no médium, ou em si mesmo, os elementos necessários para um esforço mais considerável.

15. Há, às vezes, desaparecimentos de objetos cuja causa é desconhecida e que seriam obra dos Espíritos?

"Isso acontece com muita frequência, mais frequentemente do que vocês pensam, e seria possível remediar isso pedindo ao Espírito que devolvesse o objeto desaparecido."

Observação de Erasto. É verdade; mas, às vezes, o que foi levado foi levado de vez; pois certos objetos que já não se encontram em casa muitas vezes são levados para muito longe. No entanto, como a retirada dos objetos exige quase as mesmas condições fluídicas que os transportes, ela só pode acontecer com a ajuda de médiuns dotados de faculdades especiais; por isso, quando alguma coisa desaparece, é mais provável que isso se deva à distração de vocês do que aos Espíritos.

16. Há efeitos considerados fenômenos naturais que se devem à ação de certos Espíritos?

"Seus dias estão cheios desses fatos que vocês não compreendem, porque

não pensaram neles, e que um pouco de reflexão lhes permitiria ver claramente."

Observação de Erasto. Não atribuam aos Espíritos o que é obra da humanidade; mas acreditem em sua influência oculta, constante, que faz surgir ao redor de vocês mil circunstâncias, mil incidentes necessários à realização de seus atos, de sua existência.

17. Entre os objetos transportados, não há alguns que podem ser fabricados pelos Espíritos; isto é, produzidos espontaneamente pelas modificações que os Espíritos podem fazer no fluido ou no elemento universal?

"Não por mim, pois não tenho permissão para isso; só um Espírito elevado pode fazê-lo."

18. Como você introduziu esses objetos outro dia, já que o quarto estava fechado? "Eu os fiz entrar comigo, envolvidos, por assim dizer, em minha substância; quanto a dar mais detalhes, isso não é explicável."

19. Como você fez para tornar visíveis esses objetos que estavam invisíveis um instante antes?

"Retirei a matéria que os envolvia."

Observação de Erasto. Não é matéria propriamente dita que os envolve, mas um fluido retirado em parte do perispírito do médium, em parte do perispírito do Espírito que opera.

20. (A Erasto.) Um objeto pode ser transportado para um lugar perfeitamente fechado; em uma palavra, o Espírito pode espiritualizar um objeto material, de modo que ele possa penetrar a matéria?

"Essa questão é complexa. Quanto aos objetos transportados, o Espírito pode torná-los invisíveis, mas não penetráveis; não pode romper a agregação da matéria, o que seria a destruição do objeto. Uma vez tornado invisível esse objeto, ele pode transportá-lo quando quiser, e só o liberar no mo-

mento adequado para fazê-lo aparecer. É diferente com aqueles que compomos; como só introduzimos os elementos da matéria, e esses elementos são essencialmente penetráveis; como nós mesmos penetramos e atravessamos os corpos mais condensados com tanta facilidade quanto os raios solares atravessam os vidros das janelas, podemos perfeitamente dizer que introduzimos o objeto em um lugar, por mais fechado que seja; mas é somente nesse caso."

Nota. Veja adiante, para a teoria da formação espontânea dos objetos, o capítulo intitulado: Laboratório do mundo invisível.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. VI — MANIFESTAÇÕES VISUAIS

✦

100 Perguntas sobre as aparições. — Ensaio teórico sobre as aparições. — Espíritos glóbulos. — Teoria da alucinação.

De todas as manifestações espíritas, as mais interessantes são, sem dúvida, aquelas pelas quais os Espíritos podem se tornar visíveis. Veremos, pela explicação desse fenômeno, que ele não é mais sobrenatural que os outros. Damos primeiro as respostas que os Espíritos deram sobre esse assunto.

1. Os Espíritos podem se tornar visíveis?

« Sim, sobretudo durante o sono; entretanto, certas pessoas também os veem durante a vigília, mas isso é mais raro. »

Observação. Enquanto o corpo repousa, o Espírito se desprende dos laços materiais; fica mais livre e pode ver com mais facilidade os outros Espíritos com os quais entra em comunicação. O sonho é apenas a lembrança desse estado; quando não nos lembramos de nada, dizemos que não sonhamos, mas nem por isso a alma deixou de ver e de desfrutar de sua liberdade. Tratamos aqui mais especialmente das aparições durante a vigília.

Para mais detalhes sobre o estado do Espírito durante o sono, ver O Livro dos Espíritos, cap. Emancipação da alma, nº 409.

2. Os Espíritos que se manifestam à visão pertencem mais a uma classe do que a outra?

« Não; podem pertencer a todas as classes, tanto às mais elevadas quanto às mais inferiores. »

3. Todos os Espíritos têm a capacidade de se manifestar visivelmente? «

Todos podem fazê-lo; mas nem sempre têm permissão ou vontade. »

4. Qual é o objetivo dos Espíritos que se manifestam visivelmente?

« Depende; conforme sua natureza, o objetivo pode ser bom ou mau. »

5. Como essa permissão pode ser dada quando o objetivo é mau?

« Nesse caso, é para pôr à prova aqueles a quem aparecem. A intenção do Espírito pode ser má, mas o resultado pode ser bom. »

6. Qual pode ser o objetivo dos Espíritos que têm má intenção ao se fazerem ver?

« Assustar e, muitas vezes, se vingar. »

— Qual é o objetivo dos Espíritos que vêm com boa intenção?

« Consolar as pessoas que sentem sua falta; provar que existem e estão perto de vocês; dar conselhos e, algumas vezes, pedir assistência para si mesmos. »

7. Que inconveniente haveria se a possibilidade de ver os Espíritos fosse permanente e geral? Não seria um meio de desfazer as dúvidas dos mais incrédulos?

« Como o homem está constantemente cercado de Espíritos, vê-los sem cessar o perturbaria, atrapalharia suas ações e lhe tiraria a iniciativa na maioria dos casos, ao passo que, acreditando estar sozinho, age com mais liberdade. Quanto aos incrédulos, têm meios suficientes para se convencer, se quiserem aproveitá-los e se não estiverem cegos pelo orgulho. Vocês bem sabem que há pessoas que viram e nem por isso acreditam mais, pois dizem que são ilusões. Não se preocupem com essas pessoas, Deus cuida delas. »

Observação. Haveria tanto inconveniente em nos vermos constantemente na presença dos Espíritos quanto em ver o ar que nos cerca ou as miríades de animais microscópicos que proliferam ao nosso redor e sobre nós. Disso devemos concluir que o que Deus faz é bem-feito e que ele sabe melhor do

que nós o que nos convém.

8. Se a visão dos Espíritos tem inconvenientes, por que é permitida em certos casos?

« É para dar uma prova de que nem tudo morre com o corpo e de que a alma conserva sua individualidade depois da morte. Essa visão passageira basta para dar essa prova e atestar a presença de seus amigos junto de vocês; mas não tem os inconvenientes da permanência. »

9. Nos mundos mais avançados que o nosso, a visão dos Espíritos é mais frequente? « Quanto mais o homem se aproxima da natureza espiritual, mais facilmente entra em relação com os Espíritos; é a natureza grosseira do envoltório de vocês que torna mais difícil e mais rara a percepção dos seres etéreos. »

10. É racional se assustar com a aparição de um Espírito?

« Quem reflete deve compreender que um Espírito, seja ele qual for, é menos perigoso que uma pessoa viva. Aliás, os Espíritos vão a toda parte, e não é preciso vê-los para saber que podemos tê-los ao nosso lado. O Espírito que quisesse prejudicar poderia fazê-lo sem se deixar ver, e até com mais segurança; ele não é perigoso por ser Espírito, mas pela influência que pode exercer sobre o pensamento, desviando do bem e levando ao mal. »

Observação. As pessoas que têm medo na solidão ou na escuridão raramente se dão conta da causa de seu temor; não saberiam dizer do que têm medo, mas certamente deveriam temer mais encontrar homens do que Espíritos, pois um malfeitor é mais perigoso vivo do que depois de sua morte. Uma senhora nossa conhecida teve certa noite, em seu quarto, uma aparição tão nítida que acreditou na presença de alguém, e sua primeira reação foi de pavor. Depois de se certificar de que não havia ninguém, disse a si mesma: Parece que é apenas um Espírito: posso dormir tranquila.

11. A pessoa a quem um Espírito aparece poderia iniciar uma conversa com ele?

« Perfeitamente, e é até o que se deve sempre fazer em tal caso, perguntando ao Espírito quem ele é, o que deseja e o que se pode fazer para lhe ser útil. Se o Espírito é infeliz e sofredor, a compaixão que lhe demonstram o alivia; se é um Espírito benevolente, pode vir com a intenção de dar bons conselhos. »

— Como, nesse caso, o Espírito pode responder?

« Algumas vezes, ele o faz por sons articulados, como faria uma pessoa viva; na maioria das vezes, há transmissão de pensamentos. »

12. Os Espíritos que aparecem com asas realmente as têm, ou essas asas são apenas uma aparência simbólica?

« Os Espíritos não têm asas; não precisam delas, pois podem ir a toda parte como Espíritos. Aparecem conforme a maneira pela qual querem impressionar a pessoa a quem se mostram: uns aparecerão com roupas comuns, outros envolvidos em mantos, alguns com asas, como atributo da categoria de Espíritos que representam. »

13. As pessoas que vemos em sonho são sempre aquelas cuja aparência apresentam?

« Quase sempre são essas mesmas pessoas que seu Espírito vai encontrar ou que vêm encontrar vocês. »

14. Os Espíritos zombeteiros não poderiam tomar a aparência das pessoas que nos são queridas para nos induzir ao erro?

« Eles só tomam aparências fantásticas para se divertir à custa de vocês; mas há coisas com as quais não lhes é permitido brincar. »

15. Sendo o pensamento uma espécie de evocação, compreende-se que provoque a presença do Espírito; mas como acontece que muitas vezes as pes-

soas em quem mais pensamos, que desejamos ardentemente rever, nunca aparecem em sonho, enquanto vemos pessoas que nos são indiferentes e em quem não pensamos de modo algum?

« Os Espíritos nem sempre têm a possibilidade de se manifestar à visão, mesmo em sonho e apesar do desejo que se tem de vê-los; causas independentes de sua vontade podem impedi-los. Muitas vezes, também é uma prova da qual o desejo mais ardente não pode libertar. Quanto às pessoas indiferentes, se vocês não pensam nelas, é possível que elas pensem em vocês. Aliás, vocês não podem fazer ideia das relações do mundo dos Espíritos; ali encontram uma multidão de conhecidos íntimos, antigos ou novos, dos quais não têm nenhuma ideia durante a vigília. »

Observação. Quando não há nenhum meio de verificar as visões ou aparições, pode-se, sem dúvida, atribuí-las à alucinação; mas, quando são confirmadas pelos acontecimentos, não se pode atribuí-las à imaginação: tais são, por exemplo, as aparições, no momento da morte, em sonho ou durante a vigília, de pessoas em quem não se pensa de modo algum e que, por diversos sinais, vêm revelar as circunstâncias inteiramente inesperadas de seu fim. Muitas vezes se viram cavalos empinar e se recusar a avançar diante de aparições que assustavam aqueles que os conduziam. Se a imaginação tem alguma participação entre os homens, certamente não tem nenhuma entre os animais. Aliás, se as imagens que vemos em sonho fossem sempre um efeito das preocupações da vigília, nada explicaria por que muitas vezes acontece de nunca sonharmos com as coisas em que mais pensamos.

16. Por que certas visões são mais frequentes durante a doença?

« Elas também ocorrem em estado de perfeita saúde; mas, na doença, os laços materiais ficam mais frouxos; a fraqueza do corpo deixa mais liberdade ao Espírito, que entra mais facilmente em comunicação com os outros Es-

píritos. »

17. As aparições espontâneas parecem ser mais frequentes em certas regiões. Será que certos povos são mais dotados que outros para ter esse tipo de manifestação?

« Vocês fazem um registro de cada aparição? As aparições, os ruídos, enfim, todas as manifestações estão igualmente espalhadas por toda a Terra, mas apresentam características distintas conforme os povos entre os quais ocorrem. Entre aqueles, por exemplo, em que a escrita é pouco difundida, não há médiuns escreventes; entre outros, eles são abundantes; em outros lugares, há mais frequentemente ruídos e movimentos do que comunicações inteligentes, porque estas são menos estimadas e procuradas ali. »

18. Por que as aparições ocorrem mais à noite? Não seria um efeito do silêncio e da escuridão sobre a imaginação?

« É pela mesma razão que faz vocês verem à noite as estrelas que não veem em pleno dia. A grande claridade pode apagar uma aparição tênue; mas é um erro acreditar que a noite tenha alguma participação nisso. Perguntem a todos os que tiveram aparições e verão que a maioria as teve durante o dia. »

Observação. Os casos de aparições são muito mais frequentes e mais gerais do que se acredita; mas muitas pessoas não os admitem por medo do ridículo, e outras os atribuem à ilusão. Se parecem mais numerosos entre certos povos, isso se deve ao fato de que ali se conservam com mais cuidado as tradições verdadeiras ou falsas, quase sempre ampliadas pela atração do maravilhoso, para a qual o aspecto dos lugares contribui mais ou menos; a credulidade faz então ver efeitos sobrenaturais nos fenômenos mais comuns: o silêncio da solidão, a inclinação abrupta dos desfiladeiros, o rugido da floresta, as rajadas da tempestade, o eco das montanhas; a forma fantástica das

nuvens, as sombras, as miragens, tudo, enfim, favorece a ilusão para imaginações simples e ingênuas, que contam de boa-fé o que viram ou o que acreditaram ver. Mas, ao lado da ficção, há a realidade; é a separá-la de todos os acessórios ridículos da superstição que conduz o estudo sério do espiritismo.

19. A visão dos Espíritos ocorre no estado normal ou somente em um estado de êxtase?

« Ela pode ocorrer em condições perfeitamente normais; entretanto, as pessoas que os veem estão com bastante frequência em um estado particular, próximo do êxtase, que lhes dá uma espécie de dupla vista. (O Livro dos Espíritos, nº 447.) »

20. Os que veem os Espíritos os veem pelos olhos?

« Eles acreditam que sim; mas, na realidade, é a alma que vê, e a prova disso é que se pode vê-los de olhos fechados. »

21. Como o Espírito pode se tornar visível?

« O princípio é o mesmo de todas as manifestações; está ligado às propriedades do perispírito, que pode sofrer diversas modificações conforme a vontade do Espírito. »

22. O Espírito propriamente dito pode se tornar visível, ou só pode fazê-lo com a ajuda do perispírito?

« No estado material de vocês, os Espíritos só podem se manifestar com a ajuda de seu envoltório semimaterial; ele é o intermediário pelo qual agem sobre os sentidos de vocês. É sob esse envoltório que aparecem algumas vezes com uma forma humana ou qualquer outra, seja nos sonhos, seja mesmo durante a vigília, tanto à luz quanto na escuridão. »

23. Poderíamos dizer que é pela condensação do fluido do perispírito que o Espírito se torna visível?

« Condensação não é a palavra; é antes uma comparação que pode ajudar vocês a compreender o fenômeno, pois não há realmente condensação. Pela combinação dos fluidos, produz-se no perispírito uma disposição particular que não tem equivalente para vocês e que o torna perceptível. »

24. Os Espíritos que aparecem são sempre impossíveis de agarrar e inacessíveis ao toque?

« Impossíveis de agarrar como em um sonho, em seu estado normal; entretanto, podem ser percebidos pelo tato e deixar vestígios de sua presença, e até, em certos casos, tornar-se momentaneamente tangíveis, o que prova que entre eles e vocês há matéria. »

25. Todas as pessoas são aptas a ver os Espíritos?

« Durante o sono, sim, mas não durante a vigília. No sono, a alma vê sem intermediário; na vigília, é sempre mais ou menos influenciada pelos órgãos: é por isso que as condições não são exatamente as mesmas.

26. De que depende a faculdade de ver os Espíritos durante a vigília?

« Essa faculdade depende da organização; está ligada à maior ou menor facilidade que o fluido do vidente tem para se combinar com o do Espírito. Assim, não basta ao Espírito querer se mostrar; é preciso também que encontre na pessoa a quem quer se fazer ver a aptidão necessária. »

— Essa faculdade pode se desenvolver pelo exercício?

« Pode, como todas as outras faculdades; mas é uma daquelas cujo desenvolvimento natural é melhor esperar do que provocar, pelo receio de excitar demais a imaginação. A visão geral e permanente dos Espíritos é excepcional e não está nas condições normais do homem. »

27. Pode-se provocar a aparição dos Espíritos?

« Isso é possível algumas vezes, mas muito raramente; ela é quase sempre espontânea. Para isso, é preciso ser dotado de uma faculdade especial. »

28. Os Espíritos podem se tornar visíveis sob outra aparência que não seja a forma humana?

« A forma humana é a forma normal; o Espírito pode variar sua aparência, mas é sempre o tipo humano. »

— Não podem se manifestar sob a forma de chama?

« Podem produzir chamas, clarões, como quaisquer outros efeitos, para atestar sua presença; mas não são os próprios Espíritos. A chama muitas vezes é apenas uma miragem ou uma emanação do perispírito; em todo caso, é apenas uma parte dele; o perispírito só aparece inteiro nas visões. »

29. O que pensar da crença que atribui os fogos-fátuos à presença de almas ou Espíritos?

« Superstição produzida pela ignorância. A causa física dos fogos-fátuos é bem conhecida. »

— A chama azul que apareceu, segundo se conta, sobre a cabeça de Sérvio Túlio quando criança é uma fábula ou uma realidade?

« Era real; era produzida pelo Espírito familiar que queria avisar a mãe. Essa mãe, médium vidente, havia percebido uma irradiação do Espírito protetor de seu filho. Nem todos os médiuns videntes veem no mesmo grau, assim como seus médiuns escreventes não escrevem todos a mesma coisa. Enquanto essa mãe via apenas uma chama, outro médium poderia ter visto o próprio corpo do Espírito. »

30. Os Espíritos poderiam se apresentar sob a forma de animais?

« Isso pode acontecer; mas são sempre apenas Espíritos muito inferiores que tomam essas aparências. Em todo caso, seria apenas uma aparência momentânea; pois seria absurdo acreditar que um animal verdadeiro, qualquer que fosse, pudesse ser a encarnação de um Espírito. Os animais são sempre apenas animais e nada mais. »

Observação. Só a superstição pode fazer acreditar que certos animais são animados por Espíritos; é preciso uma imaginação muito complacente ou muito impressionada para ver algo de sobrenatural nas circunstâncias um pouco estranhas em que eles às vezes se apresentam; mas o medo muitas vezes faz ver o que não existe. O medo nem sempre é a origem dessa ideia; conhecemos uma senhora, aliás muito inteligente, que tinha um afeto desmedido por um grande gato preto, porque acreditava que ele tivesse uma natureza superior à dos animais; no entanto, ela nunca tinha ouvido falar de espiritismo; se o conhecesse, ele a teria feito compreender o ridículo da causa de sua predileção, provando-lhe a impossibilidade de semelhante metamorfose.

101 Ensaio teórico sobre as aparições

As manifestações visíveis mais comuns acontecem durante o sono, por meio dos sonhos: são as visões. Não cabe em nosso propósito examinar todas as particularidades que os sonhos podem apresentar; nós nos limitamos a dizer que podem ser: uma visão atual de coisas presentes ou ausentes; uma visão retrospectiva do passado e, em alguns casos excepcionais, um pressentimento do futuro. Muitas vezes são também quadros alegóricos que os Espíritos fazem passar diante de nossos olhos para nos dar advertências úteis e conselhos salutares, se forem bons Espíritos; ou para nos induzir ao erro e alimentar nossas paixões, se forem Espíritos imperfeitos. A teoria a seguir se aplica aos sonhos, assim como a todos os outros casos de aparições. (Ver O Livro dos Espíritos, nº 400 e seguintes.)

Acreditaríamos ofender o bom senso de nossos leitores se refutássemos o que há de absurdo e ridículo no que se costuma chamar de interpretação dos sonhos.

102 As aparições propriamente ditas acontecem no estado de vigília, quando se desfruta da plenitude e da inteira liberdade das faculdades. Elas geralmente se apresentam sob uma forma vaporosa e diáfana, às vezes vaga e imprecisa; muitas vezes, à primeira vista, são uma claridade esbranquiçada cujos contornos se desenham pouco a pouco. Outras vezes, as formas são bem definidas, e se distinguem os menores traços do rosto, a ponto de se poder fazer uma descrição muito precisa. Os modos e a aparência são semelhantes aos que o Espírito tinha em vida.

Podendo assumir todas as aparências, o Espírito se apresenta sob aquela que melhor permite reconhecê-lo, se esse for seu desejo. Assim, embora, como Espírito, já não tenha nenhuma enfermidade corporal, ele se mostrará mutilado, manco, corcunda, ferido, com cicatrizes, se isso for necessário para comprovar sua identidade. Esopo, por exemplo, como Espírito, não é disforme; mas, se for evocado como Esopo, mesmo que tenha tido várias existências desde então, aparecerá feio e corcunda, com o traje tradicional. Uma coisa notável é que, salvo em circunstâncias particulares, as partes menos definidas são os membros inferiores, enquanto a cabeça, o tronco, os braços e as mãos são sempre bem delineados: por isso, quase nunca são vistos andando, mas deslizando como sombras. Quanto ao traje, na maioria das vezes se compõe de um tecido que termina em longas pregas flutuantes; essa é, pelo menos, junto com uma cabeleira ondulante e graciosa, a aparência dos Espíritos que nada conservaram das coisas terrenas; mas os Espíritos comuns, aqueles que conhecemos, geralmente usam o traje que tinham no último período de sua existência. Muitas vezes, têm atributos característicos de sua elevação, como uma auréola, ou asas para aqueles que se podem considerar anjos, enquanto outros têm os que lembram suas ocupações terrenas: assim, um guerreiro poderá aparecer com sua armadura,

um sábio com livros, um assassino com um punhal etc. Os Espíritos superiores têm uma fisionomia bela, nobre e serena; os mais inferiores têm algo de feroz e bestial e, às vezes, ainda carregam as marcas dos crimes que cometeram ou dos suplícios que sofreram. A questão do traje e de todos esses objetos acessórios talvez seja a que mais surpreende; voltaremos a ela em um capítulo especial, porque está ligada a outros fatos muito importantes.

103 Dissemos que a aparição tem algo de vaporoso; em certos casos, poderia ser comparada à imagem refletida em um espelho sem revestimento metálico, que, apesar de sua nitidez, não impede que se vejam, através dela, os objetos que estão por trás.

103.2 É geralmente assim que os médiuns videntes as distinguem; eles as veem ir, vir, entrar em um aposento ou sair dele, circular entre a multidão dos vivos, parecendo, pelo menos no caso dos Espíritos comuns, tomar parte ativa em tudo o que se faz ao seu redor, interessar-se por isso, ouvir o que se diz.

103.3 Muitas vezes, são vistos se aproximando de uma pessoa, sugerindo-lhe ideias, influenciando-a, consolando-a, se forem bons, zombando dela, se forem maldosos, mostrando-se tristes ou contentes com os resultados que obtêm; em uma palavra, é a contraparte do mundo corporal.

103.4 Assim é esse mundo oculto que nos cerca, no meio do qual vivemos sem suspeitar, assim como vivemos, sem suspeitar disso também, em meio às miríades do mundo microscópico.

103.5 O microscópio nos revelou o mundo dos seres infinitamente pequenos, de que não suspeitávamos; o espiritismo, com o auxílio dos médiuns videntes, nos revelou o mundo dos Espíritos, que também é uma das forças ativas da natureza.

103.6 Com o auxílio dos médiuns videntes, pudemos estudar o mundo invisível, conhecer seus hábitos, assim como um povo de cegos poderia estudar o mundo visível com a ajuda de alguns homens que tivessem o sentido da visão. (Ver adiante, no capítulo dos médiuns, o artigo sobre os médiuns videntes.)

104 O Espírito que quer ou pode aparecer assume às vezes uma forma ainda mais nítida, com toda a aparência de um corpo sólido, a ponto de produzir uma ilusão completa e fazer acreditar que se tem diante de si um ser corporal.

104.2 Por fim, em alguns casos, e sob a influência de certas circunstâncias, a tangibilidade pode se tornar real, isto é, pode-se tocar, apalpar, sentir a mesma resistência, o mesmo calor de um corpo vivo, o que não o impede de desaparecer com a rapidez de um relâmpago. Já não é então pelos olhos que se constata sua presença, mas pelo tato.

104.3 Se fosse possível atribuir à ilusão ou a uma espécie de fascinação a aparição simplesmente visual, a dúvida não é possível quando se pode segurá-la, apalpá-la, quando ela própria segura e abraça a pessoa.

104.4 Os casos de aparições tangíveis são os mais raros; mas os que ocorreram nestes últimos tempos, pela influência de alguns médiuns poderosos, e que têm toda a autenticidade de testemunhos incontestáveis, comprovam e explicam aqueles que a história relata a respeito de pessoas que se mostraram depois da morte com todas as aparências da realidade.

104.5 De resto, como dissemos, por mais extraordinários que sejam tais fenômenos, todo o caráter maravilhoso desaparece quando se conhece a maneira como se produzem, e se compreende que, longe de serem uma transgressão das leis da natureza, são apenas uma nova aplicação delas.

105 Por sua natureza e em seu estado normal, o perispírito é invisível, e tem isso em comum com uma infinidade de fluidos que sabemos existir e que, no entanto, nunca vimos; mas ele também pode, assim como certos fluidos, sofrer modificações que o tornam perceptível à visão, seja por uma espécie de condensação, seja por uma mudança na disposição molecular; é então que nos aparece sob uma forma vaporosa.

105.2 A condensação (não se deve tomar essa palavra ao pé da letra; nós a empregamos apenas por falta de outra e a título de comparação), a condensação, dizemos, pode ser tal que o perispírito adquira as propriedades de um corpo sólido e tangível; mas ele pode retomar instantaneamente seu estado etéreo e invisível.

105.3 Podemos compreender esse efeito pelo do vapor, que pode passar da invisibilidade ao estado de névoa, depois ao líquido, depois ao sólido, e vice-versa. Esses diferentes estados do perispírito são o resultado da vontade do Espírito, e não de uma causa física exterior, como acontece com nossos gases.

105.4 Quando ele nos aparece, é porque coloca seu perispírito no estado necessário para torná-lo visível; mas, para isso, sua vontade não basta, pois a modificação do perispírito se realiza por sua combinação com o fluido próprio do médium; ora, essa combinação nem sempre é possível, o que explica por que a visibilidade dos Espíritos não é geral.

105.5 Assim, não basta que o Espírito queira se mostrar; também não basta que uma pessoa queira vê-lo: é preciso que os dois fluidos possam se combinar, que haja entre eles uma espécie de afinidade; talvez seja preciso também que a emissão do fluido da pessoa seja abundante o suficiente para realizar a transformação do perispírito, e provavelmente ainda outras condições que desconhecemos; por fim, é preciso que o Espírito tenha permis-

são para se fazer ver por determinada pessoa, o que nem sempre lhe é concedido, ou só o é em certas circunstâncias, por motivos que não podemos avaliar.

106 Outra propriedade do perispírito, ligada à sua natureza etérea, é a penetrabilidade. Nenhuma matéria lhe oferece obstáculo: ele atravessa todas, assim como a luz atravessa os corpos transparentes. Por isso, não há barreira que possa impedir a entrada dos Espíritos; eles vão visitar o prisioneiro em sua cela com a mesma facilidade com que visitam o homem que está no meio dos campos.

107 As aparições no estado de vigília não são raras nem novas; sempre existiram; a história relata um grande número delas; mas, sem remontar a tempos tão distantes, em nossos dias elas são muito frequentes, e muitas pessoas as tiveram e as tomaram, à primeira vista, pelo que se convencionou chamar de alucinações.

107.2 São frequentes sobretudo nos casos de morte de pessoas ausentes que vêm visitar seus parentes ou amigos. Muitas vezes, não têm um objetivo bem determinado, mas pode-se dizer que, em geral, os Espíritos que aparecem assim são atraídos pela simpatia.

107.3 Que cada um procure consultar suas lembranças, e se verá que são poucas as pessoas que não têm conhecimento de alguns fatos desse gênero cuja autenticidade não se poderia pôr em dúvida.

108 Acrescentaremos às considerações anteriores o exame de alguns efeitos de óptica que deram origem ao singular sistema dos Espíritos glóbulos.
O ar nem sempre é de uma limpidez absoluta, e há circunstâncias em que as correntes das moléculas aeriformes e sua agitação produzida pelo calor são perfeitamente visíveis. Algumas pessoas tomaram isso por aglomera-

ções de Espíritos agitando-se no espaço; basta mencionar essa opinião para refutá-la. Mas eis outro gênero de ilusão não menos estranho, contra o qual também é bom se prevenir.

O humor aquoso do olho apresenta pontos quase imperceptíveis que perderam parte de sua transparência. Esses pontos são como corpos opacos em suspensão no líquido, cujos movimentos acompanham. Pelo efeito da ampliação e da refração, produzem no ar ao redor, e a distância, a aparência de pequenos discos que variam de um a dez milímetros de diâmetro e que parecem nadar na atmosfera. Vimos pessoas tomarem esses discos por Espíritos que as seguiam e acompanhavam por toda parte e, em seu entusiasmo, tomarem por figuras as nuances da irisação, o que é quase tão racional quanto ver uma figura na lua. Uma simples observação, fornecida por essas mesmas pessoas, vai trazê-las de volta ao terreno da realidade.

Esses discos ou medalhões, dizem elas, não apenas as acompanham, mas seguem todos os seus movimentos; vão para a direita, para a esquerda, para cima, para baixo, ou param conforme o movimento da cabeça. Isso não é de admirar; como a aparência tem sua sede no globo ocular, deve acompanhar seus movimentos. Se fossem Espíritos, seria preciso admitir que estariam sujeitos a um papel mecânico demais para seres inteligentes e livres; papel muito cansativo, mesmo para Espíritos inferiores, e com maior razão incompatível com a ideia que fazemos dos Espíritos superiores. Alguns, é verdade, tomam os pontos negros ou moscas amauróticas por maus Espíritos. Esses discos, assim como as manchas negras, têm um movimento ondulatório que nunca ultrapassa a amplitude de certo ângulo, e o que aumenta a ilusão é que não acompanham bruscamente os movimentos da linha visual. A razão disso é muito simples. Os pontos opacos do humor aquoso, causa primeira do fenômeno, estão, como dissemos, como que sus-

pensos, e têm sempre uma tendência a descer; quando sobem, é porque são impelidos pelo movimento do olho de baixo para cima; mas, ao chegarem a certa altura, se fixarmos o olhar, veremos os discos descerem por si mesmos e depois pararem. Sua mobilidade é extrema, pois basta um movimento imperceptível do olho para fazê-los mudar de direção e percorrer rapidamente toda a amplitude do arco no espaço em que a imagem se produz. Enquanto não ficar provado que uma imagem possui um movimento próprio, espontâneo e inteligente, só se pode ver nela um simples fenômeno óptico ou fisiológico.

O mesmo acontece com as centelhas que às vezes se produzem em feixes mais ou menos compactos pela contração dos músculos do olho, e que provavelmente se devem à eletricidade fosforescente da íris, pois geralmente ficam circunscritas à circunferência do disco desse órgão.

Semelhantes ilusões só podem resultar de uma observação incompleta. Quem tiver estudado seriamente a natureza dos Espíritos, por todos os meios oferecidos pela ciência prática, compreenderá tudo o que elas têm de pueril. Assim como combatemos as teorias arriscadas com que se atacam as manifestações, quando essas teorias se baseiam na ignorância dos fatos, devemos também procurar destruir as ideias falsas que demonstram mais entusiasmo do que reflexão e que, por isso mesmo, fazem mais mal do que bem junto aos incrédulos, já tão dispostos a procurar o lado ridículo.

109 O perispírito, como se vê, é o princípio de todas as manifestações; seu conhecimento deu a chave de uma infinidade de fenômenos; fez a ciência espírita dar um passo imenso e a conduziu por um novo caminho, retirando dela todo caráter maravilhoso.

109.2 Encontramos, pelos próprios Espíritos, pois observem bem que foram eles que nos indicaram o caminho, a explicação da ação do Espírito sobre a matéria, do movimento dos corpos inertes, dos ruídos e das aparições. Nele encontraremos ainda a explicação de vários outros fenômenos que nos resta examinar antes de passar ao estudo das comunicações propriamente ditas.

109.3 Eles serão tanto mais bem compreendidos quanto melhor se tiverem entendido as causas primeiras. Quem tiver compreendido bem esse princípio poderá facilmente aplicá-lo por si mesmo aos diversos fatos que se apresentarem ao observador.

110 Estamos longe de considerar a teoria que apresentamos como absoluta e como a última palavra; ela sem dúvida será completada ou corrigida mais tarde por novos estudos, mas, por mais incompleta ou imperfeita que ainda seja hoje, pode sempre ajudar a compreender a possibilidade dos fatos por causas que nada têm de sobrenatural; se é uma hipótese, não se pode, contudo, negar-lhe o mérito da racionalidade e da probabilidade, e ela vale tanto quanto todas as explicações dadas pelos que negam os fenômenos espíritas para provar que neles tudo não passa de ilusão, fantasmagoria e subterfúgio.

111 Teoria da alucinação

Os que não admitem o mundo incorpóreo e invisível acreditam explicar tudo com a palavra alucinação. A definição dessa palavra é conhecida: um erro, uma ilusão de uma pessoa que acredita ter percepções que na realidade não tem (do latim hallncinari, errar, formado de ad litcem); mas os cientistas ainda não deram, que saibamos, sua explicação fisiológica.

A óptica e a fisiologia parecem já não ter segredos para eles; como é que

ainda não explicaram a natureza e a origem das imagens que se apresentam à mente em certas circunstâncias?

Querem explicar tudo pelas leis da matéria, pois bem; que deem então, por essas leis, uma teoria da alucinação; boa ou má, será sempre uma explicação.

112 A causa dos sonhos nunca foi explicada pela ciência; ela os atribui a um efeito da imaginação; mas não nos diz o que é a imaginação, nem como ela produz essas imagens tão claras e tão nítidas que às vezes nos aparecem; é explicar uma coisa desconhecida por outra que não é mais conhecida; a questão permanece, portanto, inteira. É, dizem, uma lembrança das preocupações da véspera; mas, mesmo admitindo essa solução, que não é uma solução, ainda restaria saber que espelho mágico é esse que assim conserva a impressão das coisas; como explicar, sobretudo, essas visões de coisas reais que nunca vimos em estado de vigília e nas quais nunca sequer pensamos? Só o espiritismo podia nos dar a chave desse fenômeno estranho, que passa despercebido por ser tão comum, como todas as maravilhas da natureza que pisamos sob nossos pés.

Os cientistas desdenharam ocupar-se da alucinação; seja ela real ou não, nem por isso deixa de ser um fenômeno que a fisiologia deve poder explicar, sob pena de confessar sua insuficiência. Se um dia um cientista se propuser a dar, entendamos bem, uma explicação fisiológica dela, e não uma definição, veremos se sua teoria resolve todos os casos; que não omita, sobretudo, os fatos tão comuns de aparições de pessoas no momento de sua morte; que diga de onde vem a coincidência da aparição com a morte da pessoa. Se fosse um fato isolado, poderíamos atribuí-lo ao acaso; mas, como é muito frequente, o acaso não se repete assim. Se ao menos quem vê a aparição tivesse a imaginação impressionada pela ideia de que a pessoa deve

morrer, vá lá; mas quem aparece é, na maioria das vezes, a pessoa em quem menos pensa; portanto, a imaginação nada tem a ver com isso. Menos ainda se podem explicar pela imaginação as circunstâncias da morte, das quais não se tem ideia alguma. Os partidários da alucinação dirão que a alma (se é que admitem uma alma) tem momentos de grande excitação em que suas faculdades se intensificam? Estamos de acordo; mas, quando o que ela vê é real, então não é uma ilusão. Se, em sua exaltação, a alma vê uma coisa que não está presente, é porque se transporta; mas, se nossa alma pode se transportar até uma pessoa ausente, por que a alma dessa pessoa não se transportaria até nós? Que tenham a bondade de levar esses fatos em conta em sua teoria da alucinação e não se esqueçam de que uma teoria à qual se podem opor fatos contrários é necessariamente falsa ou incompleta. Enquanto aguardamos sua explicação, vamos tentar apresentar algumas ideias a esse respeito.

113 Os fatos provam que há verdadeiras aparições que a teoria espírita explica perfeitamente e que só podem negar aqueles que nada admitem fora do organismo; mas, ao lado das visões reais, há alucinações no sentido atribuído a essa palavra?

Isso não deixa dúvida. Qual é a sua origem? São os Espíritos que vão nos indicar o caminho, pois a explicação nos parece estar inteiramente nas respostas dadas às seguintes perguntas:

As visões são sempre reais e não são, às vezes, efeito da alucinação? Quando se vê, em sonho ou de outra maneira, o diabo, por exemplo, ou outras coisas fantásticas que não existem, isso não é um produto da imaginação?

« Sim, às vezes, quando certas leituras ou histórias de diabruras causam forte impressão, a pessoa se lembra delas e acredita ver o que não existe.

Mas dissemos também que o Espírito, sob seu envoltório semimaterial, pode assumir todo tipo de forma para se manifestar. Um Espírito zombeteiro pode, portanto, aparecer com chifres e garras, se assim lhe agradar, para brincar com a credulidade, assim como um bom Espírito pode se mostrar com asas e um semblante radiante. »

— Podem-se considerar aparições as figuras e outras imagens que muitas vezes se apresentam quando se está meio adormecido, ou simplesmente quando se fecham os olhos?

« Assim que os sentidos se entorpecem, o Espírito se desprende e pode ver, de longe ou de perto, o que não poderia ver com os olhos. Essas imagens são muitas vezes visões, mas também podem ser um efeito das impressões que a visão de certos objetos deixou no cérebro, que conserva vestígios delas, assim como conserva os dos sons. O Espírito desprendido vê então, em seu próprio cérebro, essas marcas que ali se fixaram como numa placa de daguerreótipo. Sua variedade e sua mistura formam conjuntos estranhos e fugazes, que se apagam quase imediatamente, apesar dos esforços feitos para retê-los. É a uma causa semelhante que se devem atribuir certas aparições fantásticas que nada têm de real e que muitas vezes se produzem durante a doença. »

É certo que a memória é o resultado das marcas conservadas pelo cérebro; por que singular fenômeno essas marcas tão variadas, tão numerosas, não se confundem? Esse é um mistério impenetrável, mas não mais estranho que o das ondas sonoras que se cruzam no ar e, ainda assim, permanecem distintas. Num cérebro saudável e bem organizado, essas marcas são nítidas e precisas; num estado menos favorável, elas se apagam e se confundem; daí a perda da memória ou a confusão das ideias. Isso parece ainda menos extraordinário se admitirmos, como na frenologia, uma função especial para

cada parte e até para cada fibra do cérebro.

As imagens que chegam ao cérebro pelos olhos deixam nele, portanto, uma marca, que faz com que a pessoa se lembre de um quadro como se o tivesse diante de si, mas isso continua sendo apenas uma questão de memória, pois ela não o vê; ora, em certo estado de emancipação, a alma vê no cérebro e ali reencontra essas imagens, sobretudo as que mais a impressionaram, conforme a natureza de suas preocupações ou as disposições do espírito. É assim que ela ali reencontra a marca de cenas religiosas, diabólicas, dramáticas, mundanas, de figuras de animais estranhos que viu em outra época em pinturas ou mesmo em relatos, pois os relatos também deixam marcas. Assim, a alma vê realmente, mas vê apenas uma imagem registrada no cérebro como num daguerreótipo. No estado normal, essas imagens são fugazes e efêmeras, porque todas as partes cerebrais funcionam livremente; mas, durante a doença, o cérebro está sempre mais ou menos enfraquecido, não há equilíbrio entre todos os órgãos, apenas alguns conservam sua atividade, enquanto outros ficam de certo modo paralisados; daí a permanência de certas imagens que já não são apagadas, como no estado normal, pelas preocupações da vida exterior. Essa é a verdadeira alucinação e a causa primeira das ideias fixas.

Como se vê, explicamos essa anomalia por uma lei inteiramente fisiológica e bem conhecida, a das marcas cerebrais; mas sempre tivemos de fazer intervir a alma; ora, se os materialistas ainda não puderam dar uma explicação satisfatória desse fenômeno, é porque não querem admitir a existência da alma; por isso, dirão que nossa explicação é ruim, porque tomamos como princípio aquilo que é contestado. Contestado por quem? Por eles, mas admitido pela imensa maioria desde que há seres humanos na Terra, e a negação de alguns não pode fazer lei.

Nossa explicação é boa? Nós a apresentamos pelo que possa valer, na falta de outra, e, se quiserem, como simples hipótese, à espera de algo melhor. Tal como é, ela explica todos os casos de visão? Certamente não, e desafiamos todos os fisiologistas a dar uma única explicação, a partir de seu ponto de vista exclusivo, que resolva todos eles; pois, quando pronunciam suas palavras sacramentais de superexcitação e exaltação, nada disseram; portanto, se todas as teorias da alucinação são insuficientes para explicar todos os fatos, é porque há outra coisa além da alucinação propriamente dita. Nossa teoria seria falsa se a aplicássemos a todos os casos de visão, porque há alguns que viriam contradizê-la; ela pode ser correta se ficar restrita a certos efeitos.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. VII — BICORPOREIDADE E TRANSFIGURAÇÃO

✦

114 Esses dois fenômenos são variedades das manifestações visuais e, por mais maravilhosos que possam parecer à primeira vista, será fácil reconhecer, pela explicação que se pode dar deles, que não saem da ordem dos fenômenos naturais. Ambos se apoiam no princípio de que tudo o que foi dito sobre as propriedades do perispírito depois da morte se aplica ao perispírito dos vivos. Sabemos que, durante o sono, o Espírito recupera em parte sua liberdade, isto é, isola-se do corpo, e foi nesse estado que tivemos muitas vezes a oportunidade de observá-lo. Mas o Espírito, esteja o homem morto ou vivo, tem sempre seu envoltório semimaterial que, pelas mesmas causas que descrevemos, pode adquirir visibilidade e tangibilidade. Fatos bem comprovados não podem deixar nenhuma dúvida a esse respeito; citaremos apenas alguns exemplos de nosso conhecimento pessoal, cuja exatidão podemos garantir, pois cada um pode recolher outros semelhantes consultando suas lembranças.

IIS. A esposa de um de nossos amigos viu várias vezes, durante a noite, entrar em seu quarto, houvesse ou não luz, uma vendedora de frutas das redondezas que ela conhecia de vista, mas com quem nunca havia falado. Essa aparição lhe causou um medo ainda maior porque, naquela época, essa senhora não tinha nenhum conhecimento do espiritismo e porque o fenômeno se repetiu com muita frequência. Ora, a vendedora estava perfeitamente viva e provavelmente dormia àquela hora; enquanto seu corpo material estava em sua casa, seu Espírito e seu corpo fluídico estavam na casa

daquela senhora; por qual motivo? É o que não se sabe. Em semelhante caso, um espírita, familiarizado com essas coisas, teria perguntado a ela, mas essa ideia não ocorreu à senhora. A cada vez, a aparição desaparecia sem que ela soubesse como e, também a cada vez, depois de seu desaparecimento, ela ia verificar se todas as portas estavam bem fechadas e se ninguém poderia ter entrado em seu apartamento. Essa precaução lhe provou que estava bem acordada e que não era vítima de um sonho. Outras vezes, viu da mesma maneira um homem que não conhecia, mas um dia viu seu irmão, que estava então na Califórnia; ele tinha tanto a aparência de uma pessoa real que, no primeiro momento, ela acreditou que tivesse voltado e quis lhe dirigir a palavra, mas ele desapareceu sem lhe dar tempo. Uma carta recebida mais tarde lhe provou que ele não estava morto. Essa senhora era o que se pode chamar de médium vidente natural, mas, naquela época, como dissemos, ela nunca tinha ouvido falar de médiuns.

Esse senhor estava sentado numa poltrona ao pé da cama dela e, de vez em quando, tomava uma pitada de rapé; parecia estar velando por ela. Surpresa com uma visita dessas àquela hora, ela quer lhe perguntar o motivo, mas o senhor lhe faz sinal para não falar e dormir; várias vezes ela quer lhe dirigir a palavra, e a cada vez ele faz a mesma recomendação. Ela acaba adormecendo. Alguns dias depois, já restabelecida, recebeu a visita desse mesmo senhor, mas numa hora mais conveniente, e dessa vez era ele mesmo; tinha a mesma roupa, a mesma caixa de rapé e exatamente os mesmos modos. Convencida de que ele tinha vindo durante sua doença, agradeceu-lhe o trabalho que havia tido. O senhor, muito surpreso, disse-lhe que fazia bastante tempo que não tinha a satisfação de vê-la. A senhora, que conhecia os fenômenos espíritas, compreendeu o que havia acontecido; mas, não querendo lhe dar explicações sobre isso, limitou-se a dizer

que provavelmente havia sonhado com ele.
É o mais provável, dirão os incrédulos, os espíritos fortes, o que, para eles, é sinônimo de pessoas inteligentes; mas é certo que essa senhora não estava dormindo, assim como a anterior. — Então ela estava sonhando acordada; em outras palavras, tinha uma alucinação. — Eis a grande palavra, a explicação universal de tudo o que não se compreende. Como já refutamos suficientemente essa objeção, prosseguiremos, dirigindo-nos aos que podem nos compreender.

117 Eis, porém, outro fato mais característico, e teríamos curiosidade de ver como se poderia explicá-lo apenas pela ação da imaginação.
Um senhor que morava no interior nunca havia querido se casar, apesar da insistência de sua família. Tinham insistido especialmente em favor de uma pessoa que morava numa cidade vizinha e que ele nunca havia visto. Um dia, estando em seu quarto, ficou muito espantado ao se ver diante de uma jovem vestida de branco e com a cabeça enfeitada com uma coroa de flores. Ela lhe disse que era sua noiva e lhe estendeu a mão, que ele tomou na sua e na qual viu um anel. Depois de alguns instantes, tudo desapareceu. Surpreso com essa aparição, e tendo se certificado de que estava bem acordado, ele procura saber se alguém havia vindo durante o dia, mas lhe dizem que não tinham visto ninguém. Um ano depois, cedendo a novos pedidos de um parente, decidiu ir ver aquela que lhe propunham. Chegou no dia de Corpus Christi; voltavam da procissão, e uma das primeiras pessoas que ele vê ao entrar na casa é uma jovem em quem reconhece aquela que lhe havia aparecido; ela estava vestida da mesma maneira, pois o dia da aparição também tinha sido o de Corpus Christi. Ele fica sem palavras e, por sua vez, a jovem solta um grito de surpresa e passa mal. Ao voltar a si,

diz que já viu esse senhor no mesmo dia do ano anterior. O casamento se realizou. Isso foi por volta de 1835; naquela época não se falava de Espíritos e, além disso, ambos são pessoas de um positivismo extremo e da imaginação menos exaltada que se possa encontrar no mundo.

Talvez digam que ambos tinham a mente impressionada pela ideia da união proposta e que essa preocupação provocou uma alucinação; mas não se deve esquecer que o marido era tão indiferente a isso que passou um ano sem ir ver sua pretendente. Mesmo admitindo essa hipótese, ainda seria preciso explicar a dupla aparição, a coincidência da roupa com o dia de Corpus Christi e, por fim, o reconhecimento físico entre pessoas que nunca tinham se visto, circunstâncias que não podem ser produto da imaginação.

118 Antes de prosseguir, devemos responder imediatamente a uma pergunta que certamente será feita: como o corpo pode viver enquanto o Espírito está ausente? Poderíamos dizer que o corpo pode viver da vida orgânica, que é independente da presença do Espírito, e a prova disso é que as plantas vivem e não têm Espírito; mas devemos acrescentar que, durante a vida, o Espírito nunca está completamente separado do corpo.

118.2 Os Espíritos, assim como certos médiuns videntes, reconhecem o Espírito de uma pessoa viva por um rastro luminoso que vai até seu corpo, fenômeno que nunca ocorre quando o corpo está morto, pois então a separação é completa.

118.3 É por essa comunicação que o Espírito é avisado instantaneamente, seja qual for a distância em que esteja, da necessidade que o corpo possa ter de sua presença, e então volta a ele com a rapidez de um relâmpago.

118.4 Disso resulta que o corpo nunca pode morrer durante a ausência do Espírito e que nunca pode acontecer de este, ao voltar, encontrar a porta fechada, como disseram alguns romancistas em histórias inventadas a seu gosto. (O Livro dos Espíritos, nº 400 e seguintes.)

119 Voltemos ao nosso assunto. O Espírito de uma pessoa viva, separado do corpo, pode aparecer como o de uma pessoa morta e ter todas as aparências da realidade; além disso, pelas mesmas causas que explicamos, pode adquirir uma tangibilidade momentânea. Foi esse fenômeno, designado pelo nome de bicorporeidade, que deu origem às histórias de homens duplos, isto é, de indivíduos cuja presença simultânea foi constatada em dois lugares diferentes. Aqui estão dois exemplos tirados, não das lendas populares, mas da história eclesiástica.

Santo Afonso de Ligório foi canonizado antes do tempo previsto por ter se mostrado simultaneamente em dois lugares diferentes, o que foi considerado um milagre.

Santo Antônio de Pádua estava na Espanha e, enquanto pregava, seu pai, que estava em Pádua, era levado ao suplício, acusado de um assassinato. Nesse momento, Santo Antônio aparece, demonstra a inocência de seu pai e revela o verdadeiro criminoso, que mais tarde sofreu o castigo. Constatou-se que, naquele momento, Santo Antônio não havia saído da Espanha.

Tendo Santo Afonso sido evocado e interrogado por nós sobre o fato acima, eis as respostas que deu:

1. Poderia nos dar a explicação desse fenômeno?

“Sim; o homem, quando se desmaterializou inteiramente por sua virtude e elevou sua alma a Deus, pode aparecer em dois lugares ao mesmo tempo, da seguinte maneira. O Espírito encarnado, ao sentir o sono chegar, pode

pedir a Deus que o transporte a um lugar qualquer. Seu Espírito, ou sua alma, como queiram chamá-lo, abandona então o corpo, acompanhado de uma parte de seu perispírito, e deixa a matéria impura em um estado próximo da morte. Digo próximo da morte porque permaneceu no corpo um laço que prende o perispírito e a alma à matéria, e esse laço não pode ser definido. O corpo aparece, portanto, no lugar solicitado. Creio que isso é tudo o que desejam saber."

2. Isso não nos dá a explicação da visibilidade e da tangibilidade do perispírito. "O Espírito, estando desprendido da matéria conforme seu grau de elevação, pode tornar-se tangível à matéria."

3. O sono do corpo é indispensável para que o Espírito apareça em outros lugares?

"A alma pode dividir-se quando se sente levada a um lugar diferente daquele em que se encontra o corpo. Pode acontecer que o corpo não durma, embora isso seja muito raro, mas então o corpo nunca está em um estado perfeitamente normal: está sempre em um estado mais ou menos extático."

Observação. A alma não se divide no sentido literal da palavra; ela irradia em diferentes direções e pode assim manifestar-se em vários pontos sem se repartir; o mesmo acontece com uma luz que pode refletir-se simultaneamente em vários espelhos.

4. Estando um homem mergulhado no sono enquanto seu Espírito aparece em outro lugar, o que aconteceria se ele fosse despertado de repente?

"Isso não aconteceria, porque, se alguém tivesse a intenção de despertá-lo, o Espírito voltaria ao corpo e se anteciparia à intenção, visto que o Espírito lê o pensamento."

Uma explicação inteiramente idêntica nos foi dada várias vezes pelo Espírito de pessoas mortas ou vivas. Santo Afonso explica o fato da dupla pre-

sença, mas não apresenta a teoria da visibilidade e da tangibilidade.

420. Tácito relata um fato semelhante:

Durante os meses que Vespasiano passou em Alexandria para esperar o retorno periódico dos ventos de verão e a estação em que o mar se torna seguro, ocorreram vários prodígios, pelos quais se manifestaram o favor do céu e o interesse que os deuses pareciam ter por esse príncipe....

Esses prodígios redobraram em Vespasiano o desejo de visitar a morada sagrada do deus, para consultá-lo sobre o império. Ordena que o templo seja fechado a todos; tendo ele próprio entrado, inteiramente atento ao que o oráculo iria pronunciar, percebe atrás de si um dos principais egípcios, chamado Basílides, que sabia estar retido por doença a vários dias de viagem de Alexandria. Pergunta aos sacerdotes se Basílides veio naquele dia ao templo; pergunta aos que passam se ele foi visto na cidade; por fim, envia homens a cavalo e se certifica de que, naquele exato momento, ele estava a oitenta milhas de distância. Então, já não duvidou de que a visão fosse sobrenatural, e o nome de Basílides lhe serviu de oráculo. (Tácito. Histórias, liv. IV, cap. 81 e 82. Tradução de Burnovf.)

121 O indivíduo que se mostra simultaneamente em dois lugares diferentes tem, portanto, dois corpos; mas, desses dois corpos, apenas um é real, o outro é somente uma aparência; pode-se dizer que o primeiro tem a vida orgânica e que o segundo tem a vida da alma; ao despertar, os dois corpos se reúnem, e a vida da alma volta ao corpo material.

121.2 Não parece possível, pelo menos não temos exemplo disso, e a razão parece demonstrá-lo, que, no estado de separação, os dois corpos possam desfrutar simultaneamente e no mesmo grau da vida ativa e inteligente.

121.3 Além disso, do que acabamos de dizer resulta que o corpo real não poderia morrer enquanto o corpo aparente permanecesse visível: a aproximação da morte sempre chama o Espírito de volta ao corpo, ainda que por um instante.

121.4 Disso também resulta que o corpo aparente não poderia ser morto, porque não é orgânico nem é formado de carne e ossos; ele desaparece no momento em que se quisesse matá-lo.

122 Passamos ao segundo fenômeno, o da transfiguração. Ele consiste na mudança de aparência de um corpo vivo. Eis, a esse respeito, um fato cuja perfeita autenticidade podemos garantir e que ocorreu nos anos de 1858 e 1859, nos arredores de Saint-Étienne.

122.2 Uma jovem de cerca de quinze anos possuía a singular faculdade de se transfigurar, isto é, de assumir, em determinados momentos, todas as aparências de certas pessoas mortas; a ilusão era tão completa que se acreditava ter a pessoa diante de si, tamanha era a semelhança dos traços do rosto, do olhar, do som da voz e até do modo peculiar de falar.

122.3 Esse fenômeno se repetiu centenas de vezes sem que a vontade da jovem tivesse qualquer participação nisso. Ela assumiu várias vezes a aparência de seu irmão, morto alguns anos antes; tinha não apenas o rosto dele, mas também a altura e o volume do corpo.

122.4 Um médico da região, muitas vezes testemunha desses efeitos estranhos, querendo certificar-se de que não era vítima de uma ilusão, fez a seguinte experiência. Conhecemos os fatos por ele próprio, pelo pai da jovem e por várias outras testemunhas oculares muito honradas e inteiramente dignas de crédito.

122.5 Ele teve a ideia de pesar a jovem em seu estado normal e depois no de transfiguração, quando ela tinha a aparência de seu irmão de vinte e poucos anos, que era muito mais alto e mais forte. Pois bem! Verificou-se que, nesse último estado, o peso era quase o dobro. A experiência era conclusiva, e era impossível atribuir essa aparência a uma simples ilusão de óptica.

122.6 Tentemos explicar esse fato, que em outros tempos teria sido tanin: o doutor V. e a senhorita I.; abril de 1860, O Fabricante de São Petersburgo; aparições tangíveis; novembro de 1860, História de Maria de Ágreda; julho de 1861, Uma aparição providencial.

123 Chamado milagre, e que chamamos simplesmente de fenômeno

A transfiguração, em certos casos, pode ter como causa uma simples contração muscular capaz de dar à fisionomia uma expressão completamente diferente, a ponto de tornar a pessoa quase irreconhecível. Muitas vezes a observamos em certas sonâmbulas, mas, nesse caso, a transformação não é radical; uma mulher poderá parecer jovem ou velha, bela ou feia, mas continuará sempre sendo mulher, e sobretudo seu peso não aumentará nem diminuirá. No caso em questão, é muito evidente que há algo mais; a teoria do perispírito vai nos indicar o caminho.

Admite-se como princípio que o Espírito pode dar ao seu perispírito todas as aparências; que, por uma modificação na disposição molecular, pode dar-lhe visibilidade, tangibilidade e, por consequência, opacidade; que o perispírito de uma pessoa viva, separado do corpo, pode sofrer as mesmas transformações; que essa mudança de estado se opera pela combinação dos fluidos. Imaginemos agora o perispírito de uma pessoa viva, não separado, mas irradiando ao redor do corpo de maneira a envolvê-lo como em um va-

por; nesse estado, pode sofrer as mesmas modificações que sofreria se estivesse separado dele; se perder sua transparência, o corpo pode desaparecer, tornar-se invisível e ficar encoberto como se estivesse mergulhado na neblina. Poderá até mudar de aparência, tornar-se brilhante, se essa for a vontade ou o poder do Espírito. Outro Espírito, combinando seu próprio fluido com o primeiro, pode substituir essa aparência pela sua própria; de tal maneira que o corpo real desaparece sob um envoltório fluídico exterior cuja aparência pode variar conforme a vontade do Espírito. Essa parece ser a verdadeira causa do fenômeno estranho e raro, é preciso dizer, da transfiguração. Quanto à diferença de peso, ela se explica da mesma maneira que nos corpos inertes. O peso intrínseco do corpo não variou, porque a quantidade de matéria não aumentou; ele sofre a influência de um agente exterior que pode aumentar ou diminuir seu peso relativo, como explicamos acima, no nº 78 e seguintes. É, portanto, provável que, se a transfiguração tivesse ocorrido sob a aparência de uma criança pequena, o peso tivesse diminuído na mesma proporção.

124 Compreende-se que o corpo possa assumir outra aparência, maior ou de igual dimensão; mas como poderia assumir uma menor, a de uma criança pequena, como acabamos de dizer? Nesse caso, o corpo real não deveria ultrapassar os limites do corpo aparente? Por isso, não dizemos que o fato tenha ocorrido; quisemos apenas mostrar, recorrendo à teoria do peso específico, que o peso aparente poderia ter diminuído. Quanto ao fenômeno em si, não afirmamos sua possibilidade nem sua impossibilidade; mas, caso ocorresse, o fato de não se poder dar a ele uma explicação satisfatória não o invalidaria; não se deve esquecer que estamos no início da ciência e que ela está longe de ter dito sua última palavra sobre esse ponto, as-

sim como sobre muitos outros. Além disso, as partes excedentes poderiam perfeitamente tornar-se invisíveis.

A teoria do fenômeno da invisibilidade resulta muito naturalmente das explicações anteriores e das que foram dadas a respeito do fenômeno dos transportes, nº 96 e seguintes.

125 Restaria falar do singular fenômeno dos agêneres que, por mais extraordinário que possa parecer à primeira vista, não é mais sobrenatural que os outros.

Mas, como o explicamos na Revista Espírita (fevereiro de 1859), acreditamos ser desnecessário reproduzir aqui os detalhes; diremos apenas que é uma variedade da aparição tangível; é o estado de certos Espíritos que podem revestir-se momentaneamente das formas de uma pessoa viva, a ponto de produzir uma ilusão completa. (Do grego a privativo, e géine, géinomat, gerar; que não foi gerado.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. VIII — LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL

✦

126 Dissemos que os Espíritos se apresentam vestidos com túnicas, mantos ou mesmo com suas roupas comuns. Os mantos parecem ser um traje geral no mundo dos Espíritos; mas nos perguntamos onde eles vão buscar roupas em tudo semelhantes às que usavam em vida, com todos os acessórios do vestuário. É bem certo que não levaram esses objetos consigo, pois os objetos reais continuam aqui, diante de nossos olhos; de onde vêm, então, os que usam no outro mundo? Essa questão sempre intrigou muito; mas, para muitas pessoas, era uma simples questão de curiosidade; no entanto, envolvia uma questão de princípio de grande importância, pois sua solução nos pôs no caminho de uma lei geral que também encontra aplicação em nosso mundo corpóreo. Vários fatos vieram complicá-la e demonstrar a insuficiência das teorias que se haviam tentado.

Até certo ponto, era possível compreender o traje, porque se pode considerá-lo como fazendo, de alguma forma, parte do indivíduo; o mesmo não acontece com os objetos acessórios, como, por exemplo, a tabaqueira do visitante da senhora doente de que falamos no n. 117. Observemos, a esse respeito, que não se tratava aqui de um morto, mas de um vivo, e que esse senhor, quando voltou pessoalmente, tinha uma tabaqueira em tudo semelhante. Onde, então, seu Espírito havia encontrado aquela que tinha quando estava ao pé da cama da doente? Poderíamos citar um grande número de casos em que Espíritos de mortos ou de vivos apareceram com diversos objetos, como bengalas, armas, cachimbos, lanternas, livros etc. Veio-

nos então uma ideia: a de que os corpos inertes poderiam ter seus semelhantes etéreos no mundo invisível; que a matéria condensada que forma os objetos poderia ter uma parte quintessenciada que escapasse aos nossos sentidos. Essa teoria não era desprovida de verossimilhança, mas era incapaz de explicar todos os fatos. Há um, sobretudo, que parecia destinado a frustrar todas as interpretações. Até então, tratava-se apenas de imagens ou aparências; vimos bem que o perispírito pode adquirir as propriedades da matéria e tornar-se tangível, mas essa tangibilidade é apenas momentânea, e o corpo sólido se desvanece como uma sombra. Isso já é um fenômeno muito extraordinário, mas o que o é em grau bem maior é ver produzir-se matéria sólida persistente, como provam numerosos fatos autênticos, especialmente o da escrita direta, do qual falaremos em detalhes num capítulo especial. Contudo, como esse fenômeno se liga intimamente ao assunto de que tratamos neste momento, e é uma de suas aplicações mais positivas, vamos antecipar a ordem em que ele deve aparecer.

127 A escrita direta, ou pneumatografia, é a que se produz espontaneamente, sem o auxílio da mão do médium nem do lápis. Basta pegar uma folha de papel em branco, o que se pode fazer com todas as precauções necessárias para ter certeza de que não se pode ser vítima de nenhuma fraude, dobrá-la e colocá-la em algum lugar, numa gaveta ou simplesmente sobre um móvel, e, se estivermos nas condições adequadas, ao fim de um tempo mais ou menos longo, encontraremos no papel caracteres traçados, sinais diversos, palavras, frases e até discursos, na maioria das vezes com uma substância acinzentada semelhante ao grafite, outras vezes com lápis vermelho, tinta comum e até tinta de impressão.

127.2 Eis o fato em toda a sua simplicidade, e cuja reprodução, embora pouco comum, não é, no entanto, muito rara, pois há pessoas que a obtêm com bastante facilidade.

127.3 Se colocássemos um lápis junto com o papel, poderíamos acreditar que o Espírito o havia usado para escrever; mas, desde que o papel esteja inteiramente sozinho, é evidente que a escrita é formada por uma matéria depositada; onde o Espírito pegou essa matéria? Essa é a questão a cuja solução fomos conduzidos pela tabaqueira de que falamos há pouco.

128 Foi o Espírito de São Luís quem nos deu essa solução nas seguintes respostas:

1. Citamos um caso de aparição do Espírito de uma pessoa viva. Esse Espírito tinha uma tabaqueira e cheirava rapé. Sentia a sensação que se tem ao cheirar rapé?

«Não.»

2. Essa tabaqueira tinha a forma daquela que ele usava habitualmente e que estava em sua casa. O que era essa tabaqueira nas mãos desse homem?

«Uma aparência; era para que a circunstância fosse percebida, como de fato foi, e para que a aparição não fosse tomada por uma alucinação produzida pelo estado de saúde da vidente. O Espírito queria que essa senhora acreditasse na realidade de sua presença; assumiu todas as aparências da realidade.»

3. O senhor diz que é uma aparência; mas uma aparência não tem nada de real, é como uma ilusão de óptica; gostaríamos de saber se essa tabaqueira era apenas uma imagem sem realidade ou se havia alguma coisa material?

«Certamente; é com o auxílio desse princípio material que o perispírito assume a aparência de roupas semelhantes às que o Espírito usava em vida.»

Observação. É evidente que aqui se deve entender a palavra aparência no sentido de aspecto, imitação. A tabaqueira real não estava ali; aquela que o Espírito segurava era apenas sua representação: era, por conseguinte, uma aparência em comparação com o original, embora formada de um princípio material.

A experiência nos ensina que nem sempre se devem tomar ao pé da letra certas expressões empregadas pelos Espíritos; ao interpretá-las segundo nossas ideias, ficamos sujeitos a grandes enganos; por isso, é preciso aprofundar o sentido de suas palavras sempre que ele apresentar a menor ambiguidade; essa é uma recomendação que os próprios Espíritos nos fazem constantemente. Sem a explicação que provocamos, a palavra aparência, constantemente repetida nos casos semelhantes, poderia dar lugar a uma falsa interpretação.

4. Será que a matéria inerte se desdobraria? Haveria no mundo invisível uma matéria essencial que assumiria a forma dos objetos que vemos? Em uma palavra, esses objetos teriam seu duplo etéreo no mundo invisível, assim como os homens ali são representados pelos Espíritos?

«Não é assim que isso acontece; o Espírito tem, sobre os elementos materiais espalhados por toda parte no espaço, em sua atmosfera, um poder que vocês estão longe de suspeitar. Ele pode, à sua vontade, concentrar esses elementos e lhes dar a forma aparente adequada a seus projetos.»

Observação. Essa pergunta, como se viu, era a expressão de nosso pensamento, isto é, da ideia que havíamos formado sobre a natureza desses objetos. Se as respostas fossem, como alguns afirmam, o reflexo do pensamento, teríamos obtido a confirmação de nossa teoria, em vez de uma teoria contrária.

5. Faço novamente a pergunta de maneira categórica, para evitar qualquer

equívoco:

As roupas com que os Espíritos se cobrem são alguma coisa?

«Parece-me que minha resposta anterior resolve a questão. Vocês não sabem que o próprio perispírito é alguma coisa?»

6. Dessa explicação resulta que os Espíritos fazem a matéria etérea passar por transformações à sua vontade e que, assim, por exemplo, no caso da tabaqueira, o Espírito não a encontrou pronta, mas ele mesmo a fez para o momento em que precisava dela, por um ato de sua vontade, e pôde desfazê-la; deve acontecer o mesmo com todos os outros objetos, como roupas, joias etc.

«Mas é evidente.»

7. Essa tabaqueira foi visível para essa senhora, a ponto de iludi-la. O Espírito poderia tê-la tornado tangível para ela?

«Poderia.»

8. Nesse caso, essa senhora poderia tê-la pegado nas mãos, acreditando ter uma tabaqueira verdadeira?

«Sim.»

9. Se a tivesse aberto, provavelmente teria encontrado rapé; se tivesse cheirado esse rapé, ele a teria feito espirrar? «Sim.»

10. O Espírito pode, então, dar não só a forma, mas também propriedades especiais? «Se quiser; foi somente em virtude desse princípio que respondi afirmativamente às perguntas anteriores. Vocês terão provas da poderosa ação que o Espírito exerce sobre a matéria e da qual estão longe de suspeitar, como já lhes disse.»

11. Suponhamos, então, que ele tivesse querido fazer uma substância venenosa e que uma pessoa a tivesse ingerido; ela teria sido envenenada?

«Ele poderia ter feito isso, mas não o teria feito; isso não lhe teria sido per-

mitido.»

12. Ele teria o poder de fazer uma substância benéfica e própria para curar em caso de doença, e isso já aconteceu?

«Sim, com muita frequência.»

13. Ele poderia, então, fazer igualmente uma substância alimentícia; suponhamos que tivesse feito uma fruta, um alimento qualquer: alguém poderia tê-lo comido e ficado saciado? «Sim, sim; mas não procurem tanto para encontrar o que é tão fácil de compreender. Basta um raio de sol para tornar perceptíveis a seus órgãos grosseiros essas partículas materiais que enchem o espaço em que vocês vivem; não sabem que o ar contém vapor de água? Condensem-no e vocês o levarão de volta ao estado normal; retirem-lhe o calor, e eis que essas moléculas impalpáveis e invisíveis se tornam um corpo sólido, e muito sólido, assim como tantas outras substâncias das quais os químicos extrairão maravilhas ainda mais surpreendentes; apenas o Espírito possui instrumentos mais perfeitos que os de vocês: a vontade e a permissão de Deus.»

Observação. A questão da saciedade é muito importante aqui. Como uma substância que tem apenas uma existência e propriedades temporárias e, de certa forma, convencionais pode produzir saciedade? Essa substância, pelo contato com o estômago, produz a sensação de saciedade, mas não a saciedade resultante de estar cheio. Se tal substância pode agir sobre o organismo e modificar um estado de doença, pode igualmente agir sobre o estômago e nele produzir a sensação de saciedade. Pedimos, contudo, aos senhores farmacêuticos e donos de restaurantes que não sintam ciúmes disso, nem acreditem que os Espíritos vêm lhes fazer concorrência: esses casos são raros, excepcionais e nunca dependem da vontade; caso contrário, seria barato demais alimentar-se e curar-se.

14. Os objetos tornados tangíveis pela vontade do Espírito poderiam ter um caráter de permanência e estabilidade e tornar-se de uso comum?
«Isso seria possível, mas não acontece; está fora das leis.»
15. Todos os Espíritos têm no mesmo grau o poder de produzir objetos tangíveis?
«É certo que, quanto mais elevado é o Espírito, mais facilmente o consegue; mas isso também depende das circunstâncias: Espíritos inferiores podem ter esse poder.»
16. O Espírito sempre tem consciência da maneira como produz suas roupas ou os objetos cuja aparência apresenta? «Não; muitas vezes ele contribui para sua formação por um ato instintivo que ele mesmo não compreende, se não for suficientemente esclarecido para isso.»
17. Se o Espírito pode tirar do elemento universal os materiais para fazer todas essas coisas e dar a elas uma realidade temporária com suas propriedades, pode igualmente tirar dele o que é necessário para escrever; por isso, isso nos parece dar a chave do fenômeno da escrita direta?
«Enfim, vocês chegaram lá!»
Observação. Era aí, de fato, que queríamos chegar com todas as nossas perguntas preliminares; a resposta prova que o Espírito havia lido nosso pensamento.
18. Se a matéria de que o Espírito se serve não tem persistência, como é que os traços da escrita direta não desaparecem?
«Não se prendam às palavras; em primeiro lugar, eu não disse: nunca; tratava-se de um objeto material volumoso; aqui, são sinais traçados que é útil conservar, e são conservados. Quis dizer que os objetos assim compostos pelo Espírito não poderiam se tornar objetos de uso comum, pois não há, na realidade, agregação de matéria como em seus corpos sólidos.»

129 A teoria acima pode ser resumida assim: o Espírito age sobre a matéria; tira da matéria cósmica universal os elementos necessários para formar, à sua vontade, objetos com a aparência dos diversos corpos que existem na Terra. Pode também operar sobre a matéria elementar, por sua vontade, uma transformação íntima que lhe dá propriedades determinadas.

129.2 Essa faculdade é inerente à natureza do Espírito, que muitas vezes a exerce como um ato instintivo, quando isso é necessário, e sem ter consciência disso. Os objetos formados pelo Espírito têm uma existência temporária, subordinada à sua vontade ou à necessidade; ele pode fazê-los e desfazê-los à sua vontade.

129.3 Esses objetos podem, em certos casos, ter aos olhos das pessoas vivas todas as aparências da realidade, isto é, tornar-se momentaneamente visíveis e até tangíveis. Há formação, mas não criação, uma vez que o Espírito não pode tirar nada do nada.

130 A existência de uma matéria elementar única é hoje quase geralmente admitida pela ciência e confirmada, como vimos, pelos Espíritos. Essa matéria dá origem a todos os corpos da natureza; pelas transformações que sofre, produz também as diversas propriedades desses mesmos corpos; é assim que uma substância benéfica pode tornar-se venenosa por uma simples modificação; a química nos oferece numerosos exemplos disso.

130.2 Todos sabem que duas substâncias inofensivas, combinadas em certas proporções, podem produzir uma que seja nociva. Uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio, ambos inofensivos, formam a água; acrescentem um átomo de oxigênio e terão um líquido corrosivo.

130.3 Sem mudar as proporções, muitas vezes basta uma simples mudança no modo de agregação molecular para mudar as propriedades; é assim que um corpo opaco pode tornar-se transparente, e vice-versa.

130.4 Como o Espírito tem, apenas por sua vontade, uma ação tão poderosa sobre a matéria elementar, compreende-se que possa não só formar substâncias, mas também alterar suas propriedades, com a vontade produzindo aqui o efeito de um reagente.

131 Essa teoria nos dá a solução de um fato bem conhecido no magnetismo, mas até agora inexplicado: o da mudança das propriedades da água pela vontade. O Espírito que age é o do magnetizador, na maioria das vezes auxiliado por um outro Espírito; ele opera uma transmutação com o auxílio do fluido magnético que, como se disse, é a substância que mais se aproxima da matéria cósmica, ou elemento universal. Se ele pode operar uma modificação nas propriedades da água, pode igualmente produzir um fenômeno semelhante sobre os fluidos do organismo, e daí vem o efeito curativo da ação magnética devidamente dirigida.

Conhecemos o papel fundamental da vontade em todos os fenômenos do magnetismo; mas como explicar a ação material de um agente tão sutil? A vontade não é um ser, uma substância qualquer; nem sequer é uma propriedade da matéria mais etérea; a vontade é o atributo essencial do espírito, isto é, do ser pensante. Com o auxílio dessa alavanca, ele age sobre a matéria elementar e, por uma ação consequente, reage sobre seus compostos, cujas propriedades íntimas podem assim ser transformadas.

A vontade é atributo tanto do Espírito encarnado quanto do Espírito errante; daí vem o poder do magnetizador, poder que, como se sabe, é proporcional à força de vontade. Como o Espírito encarnado pode agir sobre a

matéria elementar, pode também variar suas propriedades dentro de certos limites; é assim que se explica a faculdade de curar pelo contato e pela imposição das mãos, faculdade que algumas pessoas possuem em grau maior ou menor. (Veja, no capítulo dos médiuns, o artigo relativo aos médiuns curadores. Veja também a Revista Espírita, julho de 1859, páginas 184 e 189: O zuavo de Magenta; Um oficial do exército da Itália.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. IX — DOS LUGARES ASSOMBRADOS

✦

132 As manifestações espontâneas que ocorreram em todos os tempos e a persistência de alguns Espíritos em dar sinais ostensivos de sua presença em certos lugares são a origem da crença nos lugares assombrados. As respostas seguintes foram dadas às perguntas feitas a esse respeito.

1. Os Espíritos se apegam somente às pessoas ou também às coisas?

« Isso depende de sua elevação. Certos Espíritos podem se apegar aos objetos terrenos; avarentos, por exemplo, que esconderam seus tesouros e que não estão suficientemente desmaterializados podem ainda vigiá-los e guardá-los. »

2. Os Espíritos errantes têm lugares de preferência?

« É ainda o mesmo princípio. Os Espíritos que já não estão presos à Terra vão aonde encontram a quem amar; são atraídos para lá pelas pessoas, mais do que pelos objetos materiais; contudo, há os que podem ter, momentaneamente, preferência por certos lugares, mas são sempre Espíritos inferiores. »

3. Já que o apego dos Espíritos a um lugar é um sinal de inferioridade, é também uma prova de que são maus Espíritos?

« Certamente não; um Espírito pode ser pouco adiantado sem ser mau por isso; não acontece o mesmo entre os homens? »

4. A crença de que os Espíritos frequentam de preferência as ruínas tem algum fundamento?

« Não; os Espíritos vão a esses lugares como vão a qualquer outro; mas a

imaginação se impressiona com o aspecto sombrio de certos lugares e atribui à presença deles o que, na maioria das vezes, é apenas um efeito muito natural.

Quantas vezes o medo não fez tomar a sombra de uma árvore por um fantasma, o grito de um animal ou o sopro do vento por aparições! Os Espíritos gostam da presença dos homens, por isso procurarão mais os lugares habitados do que os lugares isolados.

— Contudo, pelo que sabemos da diversidade de caráter dos Espíritos, deve haver entre eles misantropos que podem preferir a solidão.

« Por isso não respondi à pergunta de maneira absoluta; disse que eles podem ir aos lugares desertos como a qualquer outro, e é bem evidente que os que se mantêm afastados o fazem porque isso lhes agrada; mas essa não é uma razão para que as ruínas sejam necessariamente seus lugares preferidos; pois, certamente, há muito mais deles nas cidades e nos palácios do que no fundo dos bosques.

5. As crenças populares têm, em geral, um fundo de verdade; qual pode ser a origem da crença nos lugares assombrados?

« O fundo de verdade é a manifestação dos Espíritos, na qual o homem sempre acreditou por instinto; mas, como eu disse, o aspecto dos lugares sombrios impressiona sua imaginação, e ele naturalmente situa ali os seres que considera sobrenaturais. Essa crença supersticiosa é alimentada pelos relatos dos poetas e pelos contos fantásticos que embalam sua infância. »

6. Os Espíritos que se reúnem têm, para isso, dias e horas de preferência? « Não; os dias e as horas são medidas do tempo para uso dos homens e para a vida corporal, mas das quais os Espíritos não precisam e com as quais não se preocupam. »

7. Qual é a origem da ideia de que os Espíritos vêm de preferência durante

a noite?

« A impressão produzida na imaginação pelo silêncio e pela escuridão. Todas essas crenças são superstições que o conhecimento racional do espiritismo deve destruir. O mesmo acontece com os dias e as horas que se acredita serem mais propícios a eles; tenham certeza de que a influência da meia-noite nunca existiu senão nos contos. »

— Se é assim, por que certos Espíritos anunciam sua chegada e suas manifestações para essa hora e para dias determinados, como a sexta-feira, por exemplo?

8. Os Espíritos voltam de preferência aos túmulos onde repousa seu corpo?

« O corpo era apenas uma roupa; eles não se apegam mais ao envoltório que os fez sofrer do que o prisioneiro às suas correntes. A lembrança das pessoas que lhes são queridas é a única coisa à qual dão valor. »

— As preces que se vai fazer sobre seus túmulos lhes são mais agradáveis e os atraem para lá mais do que para outros lugares?

« A prece é uma evocação que atrai os Espíritos, vocês bem sabem. A prece tem tanto mais ação quanto mais fervorosa e sincera é; ora, diante de um túmulo venerado, ficamos mais recolhidos, e a conservação de relíquias piedosas é um testemunho de afeição que se dá ao Espírito e ao qual ele é sempre sensível. É sempre o pensamento que age sobre o Espírito, e não os objetos materiais; esses objetos têm mais influência sobre quem ora, ao fixar sua atenção, do que sobre o Espírito. »

9. De acordo com isso, a crença nos lugares assombrados não pareceria inteiramente falsa?

« Dissemos que certos Espíritos podem ser atraídos por coisas materiais; podem ser atraídos por certos lugares onde parecem fixar morada, até que cessem as circunstâncias que os levavam até lá. »

— Quais são as circunstâncias que podem levá-los até lá?

« Sua simpatia por algumas das pessoas que os frequentam ou o desejo de se comunicar com elas. Contudo, suas intenções nem sempre são tão louváveis; quando são maus Espíritos, podem querer se vingar de certas pessoas de quem tiveram motivos de queixa. A permanência em determinado lugar também pode ser, para alguns, uma punição que lhes é imposta, sobretudo se ali cometeram um crime, para que tenham constantemente esse crime diante dos olhos. »

10. Os lugares assombrados são sempre assombrados por antigos habitantes dessas moradias?

« Às vezes, mas nem sempre, pois, se o antigo habitante é um Espírito elevado, não se apegará mais à sua morada terrena do que ao seu corpo. Os Espíritos que assombram certos lugares muitas vezes não têm outro motivo além do capricho, a menos que sejam atraídos para lá por sua simpatia por certas pessoas. »

— Podem se fixar ali para proteger uma pessoa ou sua família?

« Certamente, se forem bons Espíritos; mas, nesse caso, nunca manifestam sua presença por coisas desagradáveis. »

11. Há algo de real na história da Dama Branca?

« É um conto tirado de mil fatos que são verdadeiros. »

12. É racional temer os lugares assombrados pelos Espíritos?

« Não; os Espíritos que assombram certos lugares e fazem barulho ali procuram mais se divertir à custa da credulidade e da covardia do que fazer o mal. Além disso, tenham bem em mente que há Espíritos por toda parte e que, onde quer que estejam, vocês os têm constantemente ao seu lado, mesmo nas casas mais tranquilas. Muitas vezes, eles só parecem assombrar certas habitações porque encontram ali uma oportunidade de manifestar

sua presença. »

13. Há um meio de expulsá-los?

« Sim, e, na maioria das vezes, o que se faz para isso os atrai em vez de afastá-los. O melhor meio de expulsar os maus Espíritos é atrair os bons. Atraiam, portanto, os bons Espíritos fazendo o máximo de bem possível, e os maus irão embora; pois o bem e o mal são incompatíveis. Sejam sempre bons, e terão apenas bons Espíritos ao seu lado.

— Há, porém, pessoas muito boas que são alvo das perturbações dos maus Espíritos? « Se essas pessoas são realmente boas, isso pode ser uma prova para exercitar sua paciência e incentivá-las a ser ainda melhores; mas tenham certeza de que não são os que falam sem parar da virtude que mais a possuem. Quem possui qualidades reais muitas vezes as ignora ou não fala delas. »

14. O que se deve acreditar quanto à eficácia do exorcismo para expulsar os maus Espíritos dos lugares assombrados?

« Vocês já viram esse meio dar certo muitas vezes? Não viram, ao contrário, o barulho redobrar depois das cerimônias de exorcismo? É que eles se divertem ao serem tomados pelo diabo.

« Os Espíritos que não vêm com má intenção também podem manifestar sua presença por ruídos e até tornando-se visíveis, mas nunca fazem barulho incômodo. Muitas vezes são Espíritos sofredores que vocês podem aliviar orando por eles; outras vezes são até Espíritos benevolentes que querem provar que estão perto de vocês, ou, enfim, Espíritos levianos que brincam. Como os que perturbam o descanso com barulho são quase sempre Espíritos que se divertem, o melhor a fazer é rir disso; eles se cansarão se perceberem que não conseguem assustar nem impacientar. » (Veja acima, capítulo V, manifestações físicas espontâneas.)

Das explicações acima resulta que há Espíritos que se apegam a certos lugares e ali permanecem de preferência, mas que, por isso, não precisam manifestar sua presença por efeitos perceptíveis. Um lugar qualquer pode ser a morada forçada ou preferida de um Espírito, mesmo mau, sem que ali jamais tenha ocorrido qualquer manifestação.

Os Espíritos que se apegam aos lugares ou às coisas materiais nunca são Espíritos superiores, mas, sem serem superiores, podem não ser maldosos e não ter nenhuma má intenção; às vezes são até companheiros mais úteis do que prejudiciais, pois, se se interessam pelas pessoas, podem protegê-las

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. X — NATUREZA DAS COMUNICAÇÕES

✦

133 Comunicações grosseiras, frívolas, sérias ou instrutivas.

Dissemos que todo efeito que revela em sua causa um ato de livre vontade, por mais insignificante que seja esse ato, indica, por isso mesmo, uma causa inteligente. Assim, um simples movimento de mesa que responde ao nosso pensamento, ou apresenta um caráter intencional, pode ser considerado uma manifestação inteligente. Se o resultado devesse se limitar a isso, teria para nós apenas um interesse muito secundário; seria, contudo, alguma coisa nos dar a prova de que há nesses fenômenos mais do que uma ação puramente material; mas a utilidade prática que deles tiraríamos seria nula ou, pelo menos, muito restrita; tudo muda quando essa inteligência adquire um desenvolvimento que permite uma troca regular e contínua de pensamentos; então já não são simples manifestações inteligentes, mas verdadeiras comunicações. Os meios de que dispomos hoje permitem obtê-las tão extensas, tão explícitas e tão rápidas quanto as que mantemos com os homens.

Se compreendemos bem, de acordo com a escala espírita (Livro dos Espíritos, nº 100), a variedade infinita que existe entre os Espíritos sob o duplo aspecto da inteligência e da moralidade, concebemos facilmente a diferença que deve existir em suas comunicações; elas devem refletir a elevação ou a baixeza de suas ideias, seu saber e sua ignorância, seus vícios e suas virtudes; em uma palavra, não devem se parecer mais entre si do que as dos homens, desde o selvagem até o europeu mais esclarecido. Todas as nuan-

ces que apresentam podem ser agrupadas em quatro categorias principais; segundo suas características mais marcantes, elas são: grosseiras, frívolas, sérias ou instrutivas.

134 As comunicações grosseiras são aquelas que se expressam por palavras que ofendem as boas maneiras. Só podem vir de Espíritos de condição inferior, ainda manchados por todas as impurezas da matéria, e em nada diferem das que poderiam dar homens viciosos e grosseiros. Causam repugnância a toda pessoa que tenha a menor delicadeza de sentimentos; pois são, conforme o caráter dos Espíritos, vulgares, sujas, obscenas, insolentes, arrogantes, maldosas e até ímpias.

135 As comunicações frívolas vêm de Espíritos levianos, zombeteiros e travessos, mais maliciosos do que maus, e que não dão nenhuma importância ao que dizem. Como não têm nada de indecoroso, agradam a certas pessoas que se divertem com elas e encontram prazer nessas conversas fúteis em que se fala muito para não dizer nada.

135.2 Esses Espíritos às vezes disputam entre si em tiradas espirituosas e mordazes e, em meio a brincadeiras banais, dizem muitas vezes duras verdades que quase sempre acertam o alvo.

135.3 Esses Espíritos levianos abundam ao nosso redor e aproveitam todas as oportunidades para se intrometer nas comunicações; a verdade é a menor de suas preocupações, por isso sentem um prazer malicioso em enganar aqueles que têm a fraqueza e, às vezes, a presunção de acreditar em sua palavra.

135.4 As pessoas que se comprazem nesse tipo de comunicação dão naturalmente acesso aos Espíritos levianos e enganadores; os Espíritos sérios se afastam delas, assim como, entre nós, os homens sérios se afastam dos gru-

pos de pessoas irrefletidas.

136 As comunicações sérias são graves quanto ao assunto e à maneira como são feitas. Toda comunicação que exclui a frivolidade e a grosseria, e que tem um objetivo útil, ainda que de interesse particular, é, por isso mesmo, séria; mas nem por isso está sempre livre de erros. Os Espíritos sérios não são todos igualmente esclarecidos; há muitas coisas que ignoram e sobre as quais podem se enganar de boa-fé; por isso os Espíritos verdadeiramente superiores nos recomendam sem cessar que submetamos todas as comunicações ao exame da razão e da mais rigorosa lógica.

É preciso, portanto, distinguir as comunicações sérias verdadeiras das comunicações sérias falsas, e isso nem sempre é fácil, pois é justamente graças à gravidade da linguagem que certos Espíritos presunçosos ou falsos sábios procuram fazer prevalecer as ideias mais falsas e os sistemas mais absurdos; e, para dar a si mesmos mais crédito e importância, não têm escrúpulos em se apresentar com os nomes mais respeitáveis e até mais venerados. Esse é um dos maiores obstáculos da ciência prática; voltaremos a ele mais tarde com todos os desenvolvimentos que um assunto tão importante exige, ao mesmo tempo que apresentaremos os meios de se prevenir contra o perigo das falsas comunicações

137 As comunicações instrutivas são as comunicações sérias que têm por objetivo principal algum ensinamento dado pelos Espíritos sobre as ciências, a moral, a filosofia etc. São mais ou menos profundas, conforme o grau de elevação e de desmaterialização do Espírito. Para tirar dessas comunicações um proveito real, é preciso que sejam regulares e acompanhadas com perseverança. Os Espíritos sérios se ligam àqueles que querem se instruir e os auxiliam, enquanto deixam aos Espíritos levianos a tarefa de divertir

aqueles que veem nessas manifestações apenas uma distração passageira. Só pela regularidade e pela frequência dessas comunicações se pode avaliar o valor moral e intelectual dos Espíritos com os quais se conversa e o grau de confiança que merecem. Se é preciso experiência para julgar os homens, talvez seja preciso ainda mais para julgar os Espíritos.

Ao dar a essas comunicações a qualificação de instrutivas, nós as supomos verdadeiras, pois uma coisa que não fosse verdadeira não poderia ser instrutiva, ainda que fosse dita na linguagem mais imponente. Não podemos, portanto, incluir nessa categoria certos ensinamentos que só têm de sério a forma muitas vezes rebuscada e enfática com a qual os Espíritos mais presunçosos do que sábios que os ditam esperam iludir; mas esses Espíritos, por não poderem suprir o conteúdo que lhes falta, não conseguem sustentar seu papel por muito tempo; logo revelam seu lado fraco, bastando que suas comunicações tenham continuidade ou que se saiba levá-los até seus últimos recursos de defesa.

138 Os meios de comunicação são muito variados. Os Espíritos, agindo sobre nossos órgãos e sobre todos os nossos sentidos, podem se manifestar à visão nas aparições, ao tato por impressões tangíveis ocultas ou visíveis, à audição por ruídos, ao olfato por odores sem causa conhecida.

138.2 Esse último modo de manifestação, embora muito real, é sem dúvida o mais incerto, pelas numerosas causas que podem induzir ao erro; por isso não nos deteremos nele. O que devemos examinar com cuidado são os diversos meios de obter comunicações, isto é, uma troca regular e contínua de pensamentos. Esses meios são: as batidas, a fala e a escrita. Nós os desenvolveremos em capítulos específicos.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. XI — SEMATOLOGIA E TIPTOLOGIA

✦

139 Linguagem dos sinais e das batidas. — Tiptologia alfabética.

As primeiras manifestações inteligentes foram obtidas por meio de batidas, ou tiptologia. Esse meio primitivo, que refletia os primeiros passos dessa prática, oferecia apenas recursos muito limitados, e as comunicações se restringiam a respostas monossilábicas de sim ou não, por meio de um número combinado de batidas. Mais tarde, ele foi aperfeiçoado, como já dissemos. As batidas são obtidas de duas maneiras, por médiuns especiais; em geral, esse modo de proceder exige certa aptidão para as manifestações físicas. A primeira, que se poderia chamar de tiptologia por balanço, consiste no movimento da mesa, que se levanta de um lado e depois cai, batendo com o pé no chão. Para isso, basta que o médium coloque as mãos na borda da mesa; se deseja conversar com um Espírito determinado, é preciso evocá-lo; caso contrário, apresenta-se o primeiro que aparecer ou aquele que costuma vir. Combinando-se, por exemplo, uma batida para sim e duas para não, o que é indiferente, fazem-se ao Espírito as perguntas desejadas; veremos mais adiante quais convém evitar. O inconveniente está na brevidade das respostas e na dificuldade de formular a pergunta de modo a obter um sim ou um não. Suponhamos que se pergunte ao Espírito: O que você deseja? Ele só poderia responder com uma frase; é preciso então dizer: Você deseja tal coisa? Não; — tal outra? Sim; e assim por diante.

140 É preciso observar que, ao empregar esse meio, o Espírito muitas vezes acrescenta uma espécie de mímica, isto é, expressa a intensidade da afirmação ou da negação pela força das batidas. Também expressa a natureza dos sentimentos que o animam: a violência, pela brusquidão dos movimentos; a cólera e a impaciência, dando repetidas batidas com força, como uma pessoa que bate o pé com exaltação, às vezes jogando a mesa no chão. Se é benevolente e educado, no início e no fim da sessão inclina a mesa em sinal de saudação; se quer dirigir-se diretamente a uma pessoa do grupo, conduz a mesa até ela com suavidade ou violência, conforme queira demonstrar afeição ou antipatia. Isso é, propriamente falando, a sematologia ou linguagem dos sinais, assim como a tiptologia é a linguagem das batidas. Eis um exemplo notável do emprego espontâneo da sematologia:

Um senhor nosso conhecido estava um dia em sua sala, onde várias pessoas se ocupavam de manifestações, quando recebeu uma carta nossa. Enquanto a lia, a mesinha que servia às experiências veio de repente em sua direção. Terminada a leitura da carta, ele foi colocá-la sobre uma mesa na outra extremidade da sala; a mesinha o seguiu e se dirigiu à mesa onde estava a carta. Surpreso com essa coincidência, ele pensou que houvesse alguma relação entre aquele movimento e a carta; interrogou o Espírito, que respondeu ser nosso Espírito familiar. Tendo esse senhor nos informado do ocorrido, pedimos, por nossa vez, àquele Espírito que nos dissesse o motivo da visita que lhe fizera; ele respondeu: "É natural que eu vá ver as pessoas com quem você se relaciona, para poder, quando necessário, dar a você e a elas os conselhos necessários."

É, portanto, evidente que o Espírito quis chamar a atenção daquele senhor e procurava uma ocasião de lhe informar que estava ali. Um mudo não teria feito melhor.

141 A tiptologia não demorou a se aperfeiçoar e se enriqueceu com um meio de comunicação mais completo, o da tiptologia alfabética. Ele consiste em indicar as letras do alfabeto por meio de batidas; assim, foi possível obter palavras, frases e até discursos inteiros. Segundo um método, a mesa dá tantas batidas quantas forem necessárias para indicar cada letra, isto é, uma batida para a, duas para è, e assim por diante; enquanto isso, uma pessoa escreve as letras à medida que são indicadas. Quando o Espírito termina, informa isso por algum sinal combinado.

Esse modo de proceder, como se vê, é muito demorado e exige um tempo enorme para comunicações de certa extensão; no entanto, há pessoas que tiveram a paciência de usá-lo para obter ditados de várias páginas; mas a prática levou à descoberta de meios de abreviação que permitiram avançar com certa rapidez. O mais usado consiste em ter diante de si um alfabeto inteiramente escrito, assim como a sequência dos algarismos que representam as unidades. Enquanto o médium está à mesa, outra pessoa percorre sucessivamente as letras do alfabeto, se se trata de uma palavra, ou a sequência dos algarismos, se se trata de um número; ao chegar à letra necessária, a mesa dá por si mesma uma batida, e a letra é escrita; depois se recomeça para a 2ª, a 3ª, e assim por diante. Se houver engano em alguma letra, o Espírito avisa por várias batidas ou por um movimento da mesa, e se recomeça. Com o hábito, avança-se bastante depressa; mas o processo se abrevia sobretudo ao adivinhar o fim de uma palavra começada, que o sentido da frase permite reconhecer; em caso de dúvida, pergunta-se ao Espírito se quis colocar tal palavra, e ele responde sim ou não.

142 Todos os efeitos que acabamos de indicar podem ser obtidos de maneira ainda mais simples pelas batidas que se fazem ouvir na própria madeira da mesa, sem nenhuma espécie de movimento, e que descrevemos no capítulo das manifestações físicas, nº 64: é a tiptologia íntima. Nem todos os médiuns são igualmente aptos para esse último modo de comunicação, pois há os que só obtêm batidas por balanço; no entanto, com exercício, a maioria pode consegui-lo, e essa maneira tem a dupla vantagem de ser mais rápida e dar menos margem à suspeita do que o balanço, que pode ser atribuído a uma pressão voluntária. É verdade que as batidas íntimas também poderiam ser imitadas por médiuns de má-fé. As melhores coisas podem ser falsificadas, o que nada prova contra elas. (Veja, no fim deste volume, o capítulo intitulado: Fraudes e embustes.)

Quaisquer que sejam os aperfeiçoamentos introduzidos nessa maneira de proceder, ela jamais pode alcançar a rapidez e a facilidade que a escrita apresenta; por isso, hoje é muito pouco empregada. No entanto, às vezes é muito interessante do ponto de vista do fenômeno, principalmente para os iniciantes, e tem sobretudo a vantagem de provar de maneira incontestável a independência absoluta em relação ao pensamento do médium. Muitas vezes se obtêm assim respostas tão inesperadas, tão surpreendentes por sua pertinência, que seria preciso uma disposição muito firme de negar para não se render à evidência; por isso, esse é, para muitas pessoas, um poderoso motivo de convicção; mas, por esse meio, assim como pelos outros, os Espíritos não gostam de se prestar aos caprichos dos curiosos que querem pô-los à prova com perguntas inadequadas.

143 Com o objetivo de assegurar melhor a independência em relação ao pensamento do médium, foram concebidos diversos instrumentos que consistem em mostradores nos quais estão traçadas as letras, à maneira dos mostradores dos telégrafos elétricos. Uma agulha móvel, posta em movimento pela influência do médium, com o auxílio de um fio condutor e de uma roldana, indica as letras. Só conhecemos esses instrumentos pelos desenhos e pelas descrições publicados na América; por conseguinte, não podemos nos pronunciar sobre seu mérito, mas pensamos que sua própria complexidade é um inconveniente; que a independência em relação ao médium é igualmente bem comprovada pelas batidas íntimas, e que é muito mais comprovada pelo caráter inesperado das respostas do que por todos os meios materiais. Por outro lado, os incrédulos, sempre dispostos a ver por toda parte cordéis e preparativos, são ainda mais inclinados a supô-los em um mecanismo especial do que em uma mesa qualquer, desprovida de todo acessório.

444. Um aparelho mais simples, mas do qual a má-fé pode facilmente abusar, como veremos no capítulo das Fraudes, é aquele que designaremos pelo nome de Mesa-Girardin, em lembrança do uso que dele fazia a senhora Émile de Girardin nas numerosas comunicações que obtinha como médium; pois a senhora de Girardin, apesar de ser uma mulher de espírito, tinha a fraqueza de acreditar nos Espíritos e em suas manifestações. Esse instrumento consiste em um tampo móvel de mesinha, de trinta a quarenta centímetros de diâmetro, que gira livre e facilmente sobre seu eixo, à maneira da roleta. Na superfície e ao redor da borda estão traçados, como em um mostrador, as letras, os algarismos e as palavras sim e não. No centro há uma agulha fixa. Quando o médium coloca os dedos na borda do pequeno tampo, este gira e para quando a letra desejada está sob a agulha.

Anotam-se as letras indicadas e, assim, formam-se com bastante rapidez as palavras e as frases.

É preciso observar que o pequeno tampo não desliza sob os dedos, mas que os dedos, permanecendo apoiados nele, acompanham seu movimento. Talvez um médium poderoso pudesse obter um movimento independente; acreditamos que seja possível, mas nunca o presenciamos.

Se a experiência pudesse ser feita dessa maneira, seria infinitamente mais conclusiva, porque afastaria toda possibilidade de embuste.

Resta-nos desfazer um erro bastante difundido, que consiste em confundir todos os Espíritos que se comunicam por batidas com os Espíritos batedores. A tiptologia é um meio de comunicação como qualquer outro, e não é mais indigno dos Espíritos elevados do que a escrita ou a fala. Todos os Espíritos, bons ou maus, podem, portanto, servir-se dela tão bem quanto dos outros modos. O que caracteriza os Espíritos superiores é a elevação do pensamento, e não o instrumento de que se servem para transmiti-lo; sem dúvida, preferem os meios mais cômodos e, sobretudo, os mais rápidos; mas, na falta de lápis e papel, servirão-se sem escrúpulo da comum mesa falante, e a prova disso é que, por esse meio, se obtêm as coisas mais sublimes. Se não nos servimos dele, não é, portanto, por desprezá-lo, mas unicamente porque, como fenômeno, ele nos ensinou tudo o que podíamos saber, porque nada pode acrescentar às nossas convicções e porque a extensão das comunicações que recebemos exige uma rapidez incompatível com a tiptologia.

Todos os Espíritos que dão batidas não são, portanto, Espíritos batedores; esse nome deve ser reservado aos que se podem chamar de batedores de profissão e que, com o auxílio desse meio, gostam de fazer truques para divertir um grupo ou de incomodar com sua importunação. Deles se podem

esperar, às vezes, coisas espirituosas, mas nunca coisas profundas; por isso, seria perder tempo dirigir-lhes perguntas de certo alcance científico ou filosófico; sua ignorância e sua inferioridade lhes renderam, com razão, da parte dos outros Espíritos, a qualificação de Espíritos malabaristas ou de saltimbancos do mundo espírita. Acrescentemos que, embora muitas vezes ajam por conta própria, também são frequentemente instrumentos de que se servem os Espíritos superiores quando estes querem produzir efeitos materiais.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. XII — PNEUMATOGRAFIA OU ESCRITA DIRETA. PNEUMATOFONIA

✦

146 Escrita direta.

A pneumatografia é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem nenhum intermediário; difere da psicografia porque esta é a transmissão do pensamento do Espírito por meio da escrita pela mão de um médium.

O fenômeno da escrita direta é, sem dúvida, um dos mais extraordinários do espiritismo; mas, por mais anormal que pareça à primeira vista, é hoje um fato comprovado e incontestável. Se a teoria é necessária para compreender a possibilidade dos fenômenos espíritas em geral, talvez seja ainda mais necessária neste caso, sem dúvida um dos mais estranhos que já se apresentaram, mas que deixa de parecer sobrenatural assim que se compreende seu princípio.

Quando esse fenômeno foi revelado pela primeira vez, o sentimento predominante foi o de dúvida; logo veio à mente a ideia de uma fraude; de fato, todos conhecem a ação das chamadas tintas simpáticas, cujos traços, a princípio completamente invisíveis, aparecem depois de algum tempo. Era possível, portanto, que se tivesse abusado da credulidade, e não afirmaríamos que isso nunca tenha sido feito; estamos até convencidos de que certas pessoas, seja por interesse financeiro, seja unicamente por amor-próprio e para fazer acreditar em seu poder, empregaram subterfúgios. (Ver o capítulo sobre as Fraudes.)

Mas, do fato de se poder imitar uma coisa, seria absurdo concluir que ela

não existe. Não se encontrou, nestes últimos tempos, um meio de imitar a lucidez sonambúlica a ponto de enganar? E, porque esse truque de ilusionista percorreu todas as feiras, deve-se concluir que não existem sonâmbulos verdadeiros? Porque certos comerciantes vendem vinho adulterado, isso é motivo para que não exista vinho puro? O mesmo acontece com a escrita direta; aliás, as precauções para se certificar da realidade do fato eram muito simples e muito fáceis e, graças a elas, hoje ele não pode ser objeto de nenhuma dúvida.

147 Já que a possibilidade de escrever sem intermediário é um dos atributos do Espírito, que os Espíritos sempre existiram e também sempre produziram os diversos fenômenos que conhecemos, devem igualmente ter produzido a escrita direta na Antiguidade, assim como em nossos dias; e é assim que se pode explicar o aparecimento das três palavras na sala do banquete de Baltazar. A Idade Média, tão fecunda em prodígios ocultos, mas que foram sufocados nas fogueiras, também deve ter conhecido a escrita direta, e talvez se encontrasse, na teoria das modificações que os Espíritos podem operar sobre a matéria e que desenvolvemos no capítulo VIII, o princípio da crença na transmutação dos metais.

Quaisquer que sejam os resultados obtidos em diversas épocas, só desde a popularização das manifestações espíritas é que se fala seriamente da escrita direta. O primeiro que parece tê-la tornado conhecida em Paris nestes últimos anos foi o senhor barão de Guldenstubbe, que publicou sobre esse assunto uma obra muito interessante, contendo um grande número de facsímiles das escritas que obteve 1. O fenômeno já era conhecido na América havia algum tempo. A posição social do senhor de Guldenstubbe, sua independência e a consideração de que desfruta na mais alta sociedade afas-

tam incontestavelmente qualquer suspeita de fraude deliberada, pois ele não pode ser movido por nenhum motivo de interesse. No máximo, seria possível acreditar que ele próprio era vítima de uma ilusão; mas a isso um fato responde de maneira decisiva: a obtenção do mesmo fenômeno por outras pessoas, cercando-se de todas as precauções necessárias para evitar qualquer fraude e qualquer causa de erro.

148 A escrita direta é obtida, como em geral a maioria das manifestações espíritas não espontâneas, pelo recolhimento, pela prece e pela evocação. Muitas vezes ela foi obtida nas igrejas, sobre os túmulos, ao pé das estátuas ou das imagens das pessoas que se evocam; mas é evidente que o local não tem outra influência senão a de provocar maior recolhimento e maior concentração do pensamento; pois está provado que ela também é obtida sem esses acessórios e nos lugares mais comuns, sobre um simples móvel doméstico, desde que se esteja nas condições morais exigidas e se possua a faculdade mediúnica necessária.

A princípio, afirmava-se que era preciso colocar um lápis junto do papel; então, até certo ponto, o fato podia ser explicado. Sabe-se que os Espíritos produzem o movimento e o deslocamento dos objetos; que os seguram e às vezes os lançam pelo espaço; podiam, portanto, igualmente segurar o lápis e usá-lo para traçar caracteres; já que lhe dão impulso por intermédio da mão do médium, de uma prancheta etc., também podiam fazê-lo de maneira direta. Mas não se demorou a reconhecer que a presença do lápis não era necessária e que bastava um simples pedaço de papel, dobrado ou não, sobre o qual se encontram, depois de alguns minutos, caracteres traçados. Aqui o fenômeno muda completamente de aspecto e nos lança numa ordem de coisas inteiramente nova; esses caracteres foram traçados com al-

guma substância; uma vez que essa substância não foi fornecida ao Espírito, ele próprio a fez, a compôs; de onde a tirou? Aí estava o problema.

Se consultarmos as explicações dadas no capítulo VIII, nº 127 e 128, encontraremos a teoria completa desse fenômeno. Nessa escrita, o Espírito não se serve de nossas substâncias nem de nossos instrumentos; ele próprio faz a matéria e os instrumentos de que precisa, extraindo seus materiais do elemento primitivo universal, ao qual faz sofrer, por sua vontade, as modificações necessárias ao efeito que quer produzir. Pode, portanto, fabricar tanto lápis vermelho, tinta de impressão ou tinta comum quanto lápis preto, e até mesmo caracteres tipográficos bastante resistentes para deixar uma impressão em relevo, como vimos em alguns exemplos. A filha de um senhor que conhecemos, uma criança de 12 a 13 anos, obteve páginas inteiras escritas com uma substância semelhante ao pastel.

149 Esse é o resultado a que nos conduziu o fenômeno da tabaqueira relatado no cap. VII, nº 1 16, e sobre o qual nos estendemos longamente, porque vimos nele a oportunidade de sondar uma das leis mais importantes do espiritismo, lei cujo conhecimento pode esclarecer mais de um mistério, mesmo do mundo visível. É assim que de um fato aparentemente comum pode surgir a luz; o essencial é observar com cuidado, e isso qualquer um pode fazer como nós, quando não se limitar a ver os efeitos sem procurar suas causas. Se nossa fé se fortalece dia a dia, é porque compreendemos; portanto, façam compreender, se quiserem conquistar adeptos sérios. A compreensão das causas tem outro resultado: traçar uma linha de separação entre a verdade e a superstição.

Se considerarmos a escrita direta do ponto de vista das vantagens que pode oferecer, diremos que, até o presente, sua principal utilidade foi a constata-

ção material de um fato importante: a intervenção de um poder oculto que encontra assim um novo meio de se manifestar. Mas as comunicações obtidas dessa maneira raramente têm alguma extensão; são geralmente espontâneas e limitadas a palavras, sentenças, muitas vezes sinais ininteligíveis; foram obtidas em todas as línguas, em grego, em latim, em siríaco, em caracteres hieroglíficos etc., mas ainda não se prestaram a essas conversas contínuas e rápidas que a psicografia, ou escrita por médiuns, permite.

150 Pneumatofonia

Os Espíritos, podendo produzir ruídos e pancadas, podem igualmente fazer ouvir gritos de toda espécie e sons vocais que imitam a voz humana, ao nosso lado ou na imensidão do ar; é esse fenômeno que designamos pelo nome de pneumatofonia. Pelo que conhecemos da natureza dos Espíritos, pode-se pensar que alguns deles, quando são de uma ordem inferior, se iludem e acreditam falar como quando estavam vivos. (Ver Revista Espírita, fevereiro de 1858: História do fantasma da senhorita Clairon.)

Seria preciso, contudo, ter o cuidado de não tomar por vozes ocultas todos os sons que não têm causa conhecida, ou simples zumbidos nos ouvidos, e sobretudo de não acreditar que haja a menor verdade na crença popular de que o ouvido que zumbe nos avisa de que estão falando de nós em algum lugar. Esses zumbidos, cuja causa é puramente fisiológica, não têm, aliás, nenhum sentido, enquanto os sons pneumatofônicos expressam pensamentos, e é apenas por isso que se pode reconhecer que se devem a uma causa inteligente e não acidental. Pode-se estabelecer como princípio que os efeitos claramente inteligentes são os únicos que podem atestar a intervenção dos Espíritos; quanto aos outros, há pelo menos cem chances contra uma de que se devam a causas fortuitas.

151 Acontece com bastante frequência que, quando estamos meio adormecidos, ouvimos distintamente pronunciar palavras, nomes, às vezes até frases inteiras, e isso com força suficiente para nos despertar de sobressalto. Embora possa acontecer que, em certos casos, seja realmente uma manifestação, esse fenômeno não tem nada de suficientemente definido que impeça também atribuí-lo a uma causa semelhante àquela que desenvolvemos na teoria da alucinação, cap. VI, nº 111 e seguintes. Além disso, o que se ouve dessa maneira não tem continuidade; o mesmo não acontece quando estamos inteiramente acordados, pois então, se é um Espírito que se faz ouvir, quase sempre podemos trocar pensamentos com ele e estabelecer uma conversa regular.

Os sons espíritas ou pneumatofônicos têm duas maneiras bem distintas de se produzir: às vezes é uma voz íntima que ressoa em nosso interior; mas, embora as palavras sejam claras e distintas, nada têm de material; outras vezes são exteriores e tão distintamente articuladas como se viessem de uma pessoa que estivesse ao nosso lado.

Seja qual for a maneira como se produza, o fenômeno da pneumatofonia é quase sempre espontâneo e só muito raramente pode ser provocado.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. XIII — PSICOGRAFIA

✦

152 Psicografia indireta: cestas e pranchetas. — Psicografia direta ou manual.

A ciência espírita progrediu como todas as outras, e mais rapidamente que as outras; pois apenas alguns anos nos separam daqueles meios primitivos e incompletos que eram chamados, de modo comum, de mesas falantes, e já se pode comunicar com os Espíritos com tanta facilidade e rapidez quanto os homens se comunicam entre si, e pelos mesmos meios: a escrita e a fala. A escrita tem sobretudo a vantagem de evidenciar de maneira mais material a intervenção de uma potência oculta e de deixar vestígios que se podem conservar, como fazemos com nossa própria correspondência. O primeiro meio empregado foi o das pranchetas e das cestas munidas de um lápis. Vejamos como são dispostas.

153 Dissemos que uma pessoa dotada de uma aptidão especial pode imprimir um movimento de rotação a uma mesa ou a um objeto qualquer; tomemos, em lugar de uma mesa, uma pequena cesta de quinze a vinte centímetros de diâmetro (seja de madeira ou de vime, pouco importa, o material é indiferente).

153.2 Se agora fizermos passar pelo fundo dessa cesta um lápis firmemente preso, com a ponta para fora e para baixo, e mantivermos o conjunto em equilíbrio sobre a ponta do lápis, apoiada sobre uma folha de papel, ao

colocarmos os dedos nas bordas da cesta, ela se movimentará; mas, em vez de girar, levará o lápis em diversas direções sobre o papel, de modo a formar traços sem significado ou caracteres de escrita.

153.3 Se um Espírito for evocado e quiser se comunicar, responderá, não mais por pancadas, como na tiptologia, mas por palavras escritas. O movimento da cesta deixa de ser automático, como nas mesas girantes, e se torna inteligente.

153.4 Nessa disposição, ao chegar ao fim da linha, o lápis não volta sobre seu percurso para começar outra; continua em círculos, de tal modo que a linha de escrita forma uma espiral e é preciso girar o papel várias vezes para ler o que está escrito.

153.5 A escrita assim obtida nem sempre é muito legível, pois as palavras não são separadas; mas o médium, por uma espécie de intuição, a decifra facilmente. Por economia, pode-se substituir o papel e o lápis comum por uma lousa e um lápis de lousa. Chamaremos essa cesta de cesta-pião.

153.6 Às vezes, a cesta é substituída por uma caixa de papelão bastante semelhante às caixas de confeitos; o lápis forma seu eixo, como no brinquedo chamado pião.

154 Várias outras disposições foram imaginadas para alcançar o mesmo objetivo. A mais cômoda é a que chamaremos de cesta de bico, e que consiste em adaptar à cesta uma haste de madeira inclinada, que se projeta de dez a quinze centímetros para um dos lados, na posição do mastro de gurupés de um navio. Por um furo feito na extremidade dessa haste, ou do bico, passa-se um lápis comprido o bastante para que a ponta se apoie no papel.
Com os dedos do médium nas bordas da cesta, todo o aparelho se movimenta, e o lápis escreve como no caso acima, com a diferença de que a es-

crita é, em geral, mais legível, as palavras ficam separadas e as linhas já não formam uma espiral, mas se sucedem como na escrita comum, pois o médium pode facilmente levar o lápis de uma linha para outra. Obtêm-se assim dissertações de várias páginas com a mesma rapidez com que se escreveria à mão.

155 A inteligência que age muitas vezes se manifesta por outros sinais inequívocos. Ao chegar ao fim da página, o lápis faz espontaneamente um movimento para virá-la; se quer se reportar a uma passagem anterior, na mesma página ou em outra, procura-a com a ponta do lápis, como se faria com o dedo, e depois a sublinha.

155.2 Se, por fim, o Espírito quer se dirigir a um dos presentes, a ponta da haste de madeira se volta para ele. Para abreviar, muitas vezes expressa as palavras sim e não pelos sinais de afirmação e negação que fazemos com a cabeça; se quer expressar cólera e impaciência, bate repetidamente com a ponta do lápis e muitas vezes o quebra.

156 Em lugar de uma cesta, algumas pessoas usam uma espécie de pequena mesa feita especialmente para isso, de doze a quinze centímetros de comprimento por cinco a seis de altura, com três pés, um dos quais sustenta o lápis; os outros dois são arredondados ou munidos de uma pequena bola de marfim, para deslizar facilmente sobre o papel. Outras usam simplesmente uma prancheta de quinze a vinte centímetros quadrados, triangular, alongada ou oval; em uma das bordas há um furo oblíquo para colocar o lápis; quando posicionada para escrever, ela fica inclinada e se apoia por um dos lados sobre o papel; o lado apoiado no papel às vezes é munido de duas pequenas rodinhas para facilitar o movimento. Compreende-se, aliás, que nenhuma dessas disposições é absoluta; a mais cômoda é a melhor.

Com todos esses aparelhos, quase sempre são necessárias duas pessoas; mas não é necessário que a segunda seja dotada da faculdade mediúnica: ela serve unicamente para manter o equilíbrio e diminuir o cansaço do médium.

157 Chamamos de psicografia indireta a escrita assim obtida, em oposição à psicografia direta ou manual, obtida pelo próprio médium. Para compreender este último processo, é preciso entender o que se passa nessa operação.

157.2 O Espírito alheio que se comunica age sobre o médium; este, sob essa influência, move mecanicamente o braço e a mão para escrever, sem ter (é pelo menos o caso mais comum) a menor consciência do que escreve; a mão age sobre a cesta, e a cesta sobre o lápis.

157.3 Assim, não é a cesta que se torna inteligente: ela é um instrumento dirigido por uma inteligência; na realidade, é apenas um suporte para o lápis, um apêndice da mão, um intermediário entre a mão e o lápis; retirem esse intermediário e coloquem o lápis na mão, e terão o mesmo resultado, com um mecanismo muito mais simples, pois o médium escreve como faz em condições normais; assim, toda pessoa que escreve com a ajuda de uma cesta, prancheta ou outro objeto pode escrever diretamente.

157.4 De todos os meios de comunicação, a escrita à mão, chamada por alguns de escrita involuntária, é, sem dúvida, o mais simples, o mais fácil e o mais cômodo, porque não exige preparação alguma e se presta, como a escrita comum, aos desenvolvimentos mais extensos. Voltaremos a esse assunto ao falar dos médiuns.

158 No início das manifestações, quando se tinham ideias menos precisas a esse respeito, vários escritos foram publicados com esta designação: Comunicações de uma cesta, de uma prancheta, de uma mesa etc. Hoje se com-

preende tudo o que essas expressões têm de insuficiente ou de errado, mesmo deixando de lado seu caráter pouco sério.

158.2 De fato, como acabamos de ver, as mesas, pranchetas e cestas são apenas instrumentos sem inteligência, embora momentaneamente animados por uma vida artificial, e nada podem comunicar por si mesmos; isso é tomar o efeito pela causa, o instrumento pelo princípio; seria o mesmo que um autor indicar no título de sua obra que a escreveu com uma pena metálica ou uma pena de ganso.

158.3 Esses instrumentos, aliás, não são indispensáveis; conhecemos alguém que, em lugar da cesta-pião que descrevemos, usava um funil por cujo bico passava o lápis. Poderíamos, portanto, ter as comunicações de um funil, e igualmente as de uma panela ou de uma saladeira.

158.4 Se elas ocorrem por meio de pancadas, e essas pancadas são dadas por uma cadeira ou um bastão, já não se trata de uma mesa falante, mas de uma cadeira ou de um bastão falante. O que importa conhecer não é a natureza do instrumento, mas o modo de obtenção.

158.5 Se a comunicação ocorre pela escrita, seja qual for o suporte do lápis, para nós é psicografia; se ocorre por pancadas, é tiptologia. Como o espiritismo assume as proporções de uma ciência, precisa de uma linguagem científica.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. XIV — DOS MÉDIUNS

✦

159 Toda pessoa que sente, em qualquer grau, a influência dos Espíritos é, por isso mesmo, médium. Essa faculdade é inerente ao ser humano e, por consequência, não é um privilégio exclusivo; por isso, são poucas as pessoas nas quais não se encontram alguns rudimentos dela. Pode-se dizer, portanto, que quase todo mundo é médium. Contudo, no uso comum, essa qualificação só se aplica àqueles nos quais a faculdade mediúnica está claramente caracterizada e se traduz por efeitos evidentes de certa intensidade, o que depende, então, de uma constituição mais ou menos sensível. Além disso, deve-se observar que essa faculdade não se revela em todos da mesma maneira; os médiuns geralmente têm uma aptidão especial para esta ou aquela ordem de fenômenos, o que faz com que haja tantas variedades quantas são as espécies de manifestações. As principais são: os médiuns de efeitos físicos; os médiuns sensitivos ou impressionáveis; audientes; falantes; videntes; sonâmbulos; curadores; pneumatógrafos; escreventes ou psicógrafos.

1. Médiuns de efeitos físicos.

AQUI. Os médiuns de efeitos físicos são especialmente aptos a produzir fenômenos materiais, como os movimentos de corpos inertes, os ruídos etc. Podem ser divididos em médiuns facultativos e médiuns involuntários. (Veja a 2 parte, cap. II e IV.)

Os médiuns facultativos são aqueles que têm consciência de seu poder e produzem fenômenos espíritas por um ato de sua vontade. Essa faculdade,

embora inerente à espécie humana, como já dissemos, está longe de existir em todos no mesmo grau; mas, se são poucas as pessoas nas quais ela é absolutamente nula, aquelas que são aptas a produzir os grandes efeitos, como a suspensão de corpos pesados no espaço, o transporte pelo ar e, sobretudo, as aparições, são ainda mais raras. Os efeitos mais simples são a rotação de um objeto e as pancadas produzidas pelo levantamento desse objeto ou em sua própria substância. Sem atribuir importância capital a esses fenômenos, recomendamos que não sejam negligenciados; eles podem dar lugar a observações interessantes e ajudar a formar a convicção. Mas é preciso observar que a faculdade de produzir efeitos materiais raramente existe naqueles que têm meios mais perfeitos de comunicação, como a escrita ou a fala. Em geral, a faculdade diminui em um sentido à medida que se desenvolve em outro.

161 Os médiuns involuntários ou naturais são aqueles cuja influência se exerce sem que saibam. Não têm nenhuma consciência de seu poder, e muitas vezes o que acontece de anormal ao seu redor não lhes parece de modo algum extraordinário; isso faz parte deles mesmos, exatamente como acontece com as pessoas dotadas de segunda vista e que não suspeitam disso. Essas pessoas são muito dignas de observação, e não se deve deixar de recolher e estudar os fatos desse gênero que possam chegar ao nosso conhecimento; eles se manifestam em todas as idades, e muitas vezes em crianças muito pequenas. (Veja acima, capítulo V, Manifestações espontâneas.)

Essa faculdade não é, por si mesma, indício de um estado patológico, pois não é incompatível com uma saúde perfeita. Se aquele que a possui está doente, isso se deve a uma causa alheia a ela; por isso, os meios terapêuticos são incapazes de fazê-la cessar. Ela pode, em certos casos, ser consequência

de certa fraqueza orgânica, mas nunca é sua causa efetiva. Não seria razoável, portanto, ter qualquer preocupação com ela do ponto de vista da saúde; só poderia trazer inconvenientes se a pessoa, tornando-se médium facultativo, fizesse dela um uso abusivo, porque então haveria uma emissão excessiva de fluido vital e, por consequência, enfraquecimento dos órgãos.

162 A razão se revolta com a ideia das torturas morais e corporais às quais a ciência às vezes submeteu seres fracos e delicados para se certificar de que não havia fraude de sua parte; essas experiências, feitas na maioria das vezes com má intenção, são sempre prejudiciais às constituições sensíveis; delas poderiam resultar graves perturbações no organismo; fazer tais provas é brincar com a vida. O observador de boa-fé não precisa empregar esses meios; aquele que está familiarizado com esses tipos de fenômenos sabe, aliás, que eles pertencem mais à ordem moral do que à ordem física, e que seria inútil buscar sua solução em nossas ciências exatas.

Justamente porque esses fenômenos pertencem à ordem moral, deve-se evitar, com cuidado igualmente rigoroso, tudo o que possa excitar demais a imaginação. Conhecem-se os acidentes que o medo pode ocasionar, e seríamos menos imprudentes se conhecêssemos todos os casos de loucura e epilepsia que têm sua origem nas histórias de lobisomens e de bicho-papão; o que acontecerá, então, se alguém for convencido de que é o diabo? Aqueles que dão crédito a tais ideias não sabem a responsabilidade que assumem: podem matar. Ora, o perigo não é apenas para a pessoa, mas também para aqueles que a cercam e podem se assustar com a ideia de que sua casa é um covil de demônios. Foi essa crença funesta que causou tantos atos de atrocidade nos tempos de ignorância. Com um pouco mais de discernimento, porém, deveria ter ocorrido que, ao queimar o corpo supostamente pos-

suído pelo diabo, não se queimava o diabo. Já que se queria livrar-se do diabo, era ele que se deveria matar; a doutrina espírita, ao nos esclarecer sobre a verdadeira causa de todos esses fenômenos, dá-lhe o golpe de misericórdia. Longe, portanto, de fazer nascer esse pensamento, deve-se, e isso é um dever de moralidade e de humanidade, combatê-lo, se existir.

O que se deve fazer quando uma faculdade semelhante se desenvolve espontaneamente em uma pessoa é deixar o fenômeno seguir seu curso natural: a natureza é mais prudente que os homens; a Providência, aliás, tem seus propósitos, e o menor pode ser o instrumento dos maiores desígnios. Mas é preciso reconhecer que esse fenômeno às vezes adquire proporções cansativas e incômodas para todos (1); ora, eis, em todos os casos, o que se deve fazer. No capítulo V, sobre as Manifestações físicas espontâneas, já demos alguns conselhos a esse respeito, dizendo que é preciso procurar entrar em contato com o Espírito para saber dele o que quer. O meio a seguir também se baseia na observação.

Os Seres invisíveis que revelam sua presença por efeitos perceptíveis são, em geral, Espíritos de uma ordem inferior, que se podem dominar pela ascendência moral; é essa ascendência que se deve procurar adquirir.

Para obter essa ascendência, é preciso fazer a pessoa passar do estado de médium natural ao de médium facultativo. Produz-se então um efeito semelhante ao que ocorre no sonambulismo. Sabe-se que o sonambulismo natural geralmente cessa quando é substituído pelo sonambulismo magnético. Não se interrompe a faculdade emancipadora da alma, dá-se a ela outro curso. O mesmo acontece com a faculdade mediúnica. Para isso, em vez de impedir os fenômenos, coisa que raramente se consegue e que nem sempre é isenta de perigo, é preciso incentivar o médium a produzi-los por sua vontade, impondo-se ao Espírito; por esse meio, ele consegue dominá-lo e,

de um dominador às vezes tirânico, faz dele um ser subordinado e muitas vezes muito dócil. Um fato digno de nota, e confirmado pela experiência, é que, em semelhante caso, uma criança tem tanta autoridade quanto um adulto, e muitas vezes mais: nova prova em apoio a este ponto capital da doutrina, de que o Espírito só é criança pelo corpo e de que tem, por si mesmo, um desenvolvimento necessariamente anterior « à sua encarnação atual, desenvolvimento que pode lhe dar ascendência sobre Espíritos que lhe são inferiores.

A moralização do Espírito pelos conselhos de uma terceira pessoa influente e experiente, se o médium não estiver em condições de fazê-lo, é muitas vezes um meio muito eficaz; voltaremos a isso mais tarde.

(1) Um dos fatos mais extraordinários dessa natureza, pela variedade e estranheza dos fenômenos, é sem dúvida aquele que teve lugar, em 1852, no Palatinado (Baviera renana), em Bergzabern, perto de Wissembourg. Ele é tanto mais notável por reunir quase todos os gêneros de manifestações espontâneas na mesma pessoa: barulho capaz de abalar a casa, móveis revirados, objetos lançados longe por uma mão invisível, visões e aparições, sonambulismo, êxtase, catalepsia, atração elétrica, gritos e sons aéreos, instrumentos tocando sem contato, comunicações inteligentes etc., e, o que não é de pouca importância, a constatação desses fatos, durante quase dois anos, por inúmeras testemunhas oculares dignas de fé por seu saber e sua posição social. O relato autêntico foi publicado, naquela época, em vários jornais alemães e, especialmente, em um folheto hoje esgotado e muito raro. A tradução completa desse folheto será encontrada na Revista Espírita de 1858, com os comentários e as explicações necessários. É, pelo que sabemos, a

única publicação em francês que se fez dele. Além do interesse impressionante ligado a esses fenômenos, eles são extremamente instrutivos do ponto de vista do estudo prático do espiritismo.

163 É a essa categoria de médiuns que pareceriam pertencer as pessoas dotadas de certa dose de eletricidade natural, verdadeiras tremelgas humanas, que produzem pelo simples contato todos os efeitos de atração e repulsão. Seria um erro, porém, considerá-las médiuns, pois a verdadeira mediunidade supõe a intervenção direta de um Espírito; ora, no caso de que falamos, experiências conclusivas provaram que a eletricidade é o único agente desses fenômenos. Essa faculdade estranha, que quase se poderia chamar de uma enfermidade, às vezes pode se aliar à mediunidade, como se pode ver na história do Espírito batedor de Bergzabern; mas muitas vezes é completamente independente. Como dissemos, a única prova da intervenção dos Espíritos é o caráter inteligente das manifestações; sempre que esse caráter não existe, há fundamento para atribuí-las a uma causa puramente física. A questão é saber se as pessoas elétricas teriam maior aptidão para se tornar médiuns de efeitos físicos; pensamos que sim, mas isso teria de ser resultado da experiência.

2. Médiuns sensitivos ou impressionáveis.

164 São assim chamadas as pessoas capazes de sentir a presença dos Espíritos por uma vaga impressão, uma espécie de leve contato em todos os membros, que não conseguem explicar. Essa variedade não tem um caráter bem definido; todos os médiuns são necessariamente impressionáveis, de modo que a impressionabilidade é mais uma qualidade geral do que especial: é a faculdade rudimentar indispensável ao desenvolvimento de todas as outras; ela difere da impressionabilidade puramente física e nervosa,

com a qual não deve ser confundida; pois há pessoas que não têm os nervos delicados e que sentem mais ou menos o efeito da presença dos Espíritos, assim como outras, muito irritáveis, não o sentem de modo algum.

Essa faculdade se desenvolve com o hábito e pode adquirir tamanha sutileza que aquele que a possui reconhece, pela impressão que sente, não somente a natureza boa ou má do Espírito que está ao seu lado, mas até sua individualidade, como o cego reconhece, por um certo não sei quê, a aproximação desta ou daquela pessoa; ele se torna, em relação aos Espíritos, uma verdadeira sensitiva. Um bom Espírito causa sempre uma impressão suave e agradável; a de um mau Espírito, ao contrário, é penosa, angustiante e desagradável; há como que um cheiro de impureza.

3. Médiuns audientes.

165 Eles ouvem a voz dos Espíritos; é, como dissemos ao falar da pneumatofonia, algumas vezes uma voz íntima que se faz ouvir no foro interior; outras vezes é uma voz exterior, clara e distinta como a de uma pessoa viva. Os médiuns audientes podem, assim, conversar com os Espíritos. Quando têm o hábito de se comunicar com certos Espíritos, reconhecem-nos imediatamente pelo caráter da voz. Quando a própria pessoa não possui essa faculdade, pode igualmente se comunicar com um Espírito por intermédio de um médium audiente, que exerce a função de intérprete.

Essa faculdade é muito agradável quando o médium ouve apenas bons Espíritos, ou somente aqueles que chama; mas não acontece o mesmo quando um mau Espírito o persegue e lhe faz ouvir a cada minuto as coisas mais desagradáveis e, algumas vezes, as mais inconvenientes. É preciso en-

tão procurar se livrar dele pelos meios que indicaremos no capítulo Da obsessão.

4. Médiuns falantes.

166 Os médiuns audientes que apenas transmitem o que ouvem não são, propriamente falando, médiuns falantes; estes últimos, muitas vezes, nada ouvem; neles, o Espírito age sobre os órgãos da fala como age sobre a mão dos médiuns escreventes. O Espírito que deseja se comunicar usa o órgão que encontra mais flexível no médium; de um toma emprestada a mão, de outro a fala, de um terceiro a audição. O médium falante geralmente se expressa sem ter consciência do que diz e muitas vezes diz coisas completamente alheias às suas ideias habituais, aos seus conhecimentos e até ao alcance de sua inteligência. Embora esteja perfeitamente acordado e em estado normal, raramente conserva a lembrança do que disse; em uma palavra, a fala é nele um instrumento de que o Espírito se serve e com o qual outra pessoa pode entrar em comunicação, como pode fazê-lo por intermédio do médium audiente.

A passividade do médium falante nem sempre é tão completa; há os que têm a intuição do que dizem no exato momento em que pronunciam as palavras. Voltaremos a essa variedade quando tratarmos dos médiuns intuitivos.

5. Médiuns videntes.

167 Os médiuns videntes possuem a faculdade de ver os Espíritos. Há os que desfrutam dessa faculdade no estado normal, quando estão perfeitamente acordados, e conservam uma lembrança exata do que viram; outros só a têm em estado sonambúlico ou próximo do sonambulismo. Essa faculdade raramente é permanente; quase sempre é o efeito de uma crise mo-

mentânea e passageira. Podem ser incluídas na categoria dos médiuns videntes todas as pessoas dotadas de segunda vista. A possibilidade de ver os Espíritos em sonho resulta, sem dúvida, de uma espécie de mediunidade, mas não faz dessas pessoas, propriamente falando, médiuns videntes. Explicamos esse fenômeno no capítulo VI, Das manifestações visuais.

O médium vidente acredita ver pelos olhos, como aqueles que têm a dupla vista; mas, na realidade, é a alma que vê, e é por isso que eles veem tão bem de olhos fechados quanto de olhos abertos; daí resulta que um cego pode ver os Espíritos como alguém que tem a visão intacta. Sobre esse último ponto, haveria um estudo interessante a fazer: saber se essa faculdade é mais frequente entre os cegos. Espíritos que haviam sido cegos nos disseram que, em vida, tinham, pela alma, a percepção de certos objetos e que não estavam mergulhados na escuridão completa.

168 É preciso distinguir as aparições acidentais e espontâneas da faculdade propriamente dita de ver os Espíritos. As primeiras são frequentes, sobretudo no momento da morte de pessoas que amamos ou conhecemos e que vêm avisar que já não são deste mundo.

Há numerosos exemplos de fatos desse gênero, sem falar das visões durante o sono. Outras vezes, são também parentes ou amigos que, embora mortos há mais ou menos tempo, aparecem, seja para avisar de um perigo, seja para dar um conselho ou pedir um serviço. O serviço que um Espírito pode pedir consiste geralmente na realização de algo que não pôde fazer em vida ou no auxílio das preces. Essas aparições são fatos isolados que têm sempre um caráter individual e pessoal e não constituem uma faculdade propriamente dita. A faculdade consiste na possibilidade, se não permanente, ao menos muito frequente, de ver qualquer Espírito que apareça, mesmo

aquele que nos é mais desconhecido. É essa faculdade que constitui, propriamente falando, os médiuns videntes.

Entre os médiuns videntes, há os que veem apenas os Espíritos que são evocados e dos quais podem fazer a descrição com minuciosa exatidão; descrevem nos menores detalhes seus gestos, a expressão de sua fisionomia, os traços do rosto, a roupa e até os sentimentos que parecem animá-los. Há outros nos quais essa faculdade é ainda mais geral; eles veem toda a população de Espíritos ao redor ir, vir e, pode-se dizer, cuidar de seus afazeres.

169 Certa noite, assistimos à apresentação da ópera Oberon com um médium vidente muito bom. Havia na sala um número bastante grande de lugares vagos, mas muitos deles estavam ocupados por Espíritos que pareciam participar do espetáculo; alguns se aproximavam de certos espectadores e pareciam escutar sua conversa.

169.2 No palco, acontecia outra cena; atrás dos atores, vários Espíritos de humor jovial se divertiam a imitá-los, reproduzindo seus gestos de maneira grotesca; outros, mais sérios, pareciam inspirar os cantores e fazer esforços para lhes dar energia.

169.3 Um deles estava constantemente ao lado de uma das principais cantoras; atribuímos a ele intenções um tanto levianas; depois de o chamarmos após a queda do pano, ele veio até nós e nos censurou com alguma severidade por nosso julgamento precipitado. Não sou o que vocês pensam, disse ele, sou seu guia e seu Espírito protetor; sou eu o encarregado de orientá-la.

169.4 Depois de alguns minutos de uma conversa muito séria, deixou-nos, dizendo: Adeus; ela está em seu camarim; preciso ir cuidar dela. Evocamos em seguida o Espírito de Weber, o autor da ópera, e lhe perguntamos o

que pensava da execução de sua obra.

169.5 "Não está tão ruim, disse ele, mas está sem vigor; os autores cantam, só isso; não há inspiração. Esperem, acrescentou, vou tentar lhes dar um pouco do fogo sagrado." Então ele foi visto no palco, pairando acima dos atores; um eflúvio parecia partir dele e se espalhar sobre eles; nesse momento, houve entre eles um aumento visível de energia.

170 Eis outro fato que prova a influência que os Espíritos exercem sobre os homens sem que estes saibam. Estávamos, como naquela noite, em uma apresentação teatral com outro médium vidente. Depois de iniciarmos uma conversa com um Espírito espectador, ele nos disse: Vocês estão vendo aquelas duas senhoras sozinhas naquele camarote de primeira ordem? Pois bem!

170.2 Garanto que vou fazê-las sair da sala. Dito isso, ele foi visto indo se colocar no camarote em questão e falar às duas senhoras; de repente, elas, que estavam muito atentas ao espetáculo, olham uma para a outra, parecem se consultar, depois vão embora e não reaparecem mais.

170.3 O Espírito nos fez então um gesto cômico para mostrar que havia cumprido a palavra; mas não voltamos a vê-lo para lhe pedir explicações mais detalhadas. Foi assim que pudemos muitas vezes testemunhar o papel que os Espíritos desempenham entre os vivos; nós os observamos em diversos lugares de reunião, no baile, no concerto, no sermão, nos funerais, nos casamentos etc., e por toda parte encontramos alguns atiçando as paixões más, soprando a discórdia, provocando brigas e se alegrando com suas proezas; outros, ao contrário, combatiam essa influência perniciosa, mas só raramente eram ouvidos.

171 A faculdade de ver os Espíritos pode, sem dúvida, desenvolver-se, mas é uma daquelas cujo desenvolvimento natural convém esperar sem provocá-lo, se não quisermos nos expor a ser brinquedo da própria imaginação. Quando existe o germe de uma faculdade, ela se manifesta por si mesma; em princípio, devemos nos contentar com aquelas que Deus nos concedeu, sem buscar o impossível; pois então, querendo ter demais, corremos o risco de perder o que temos.

Quando dissemos que os casos de aparições espontâneas são frequentes (nº 107), não quisemos dizer que são muito comuns; quanto aos médiuns videntes propriamente ditos, são ainda mais raros, e há muito que desconfiar daqueles que afirmam possuir essa faculdade; é prudente só lhes dar crédito mediante provas concretas. Nem sequer falamos daqueles que alimentam a ridícula ilusão dos Espíritos glóbulos, que descrevemos no nº 108, mas daqueles que afirmam ver os Espíritos de maneira racional. Certas pessoas podem, sem dúvida, enganar-se de boa-fé, mas outras também podem simular essa faculdade por amor-próprio ou por interesse. Nesse caso, é preciso levar especialmente em conta o caráter, a moralidade e a sinceridade habitual; mas é sobretudo nas circunstâncias de detalhe que se pode encontrar a verificação mais segura, pois há algumas que não podem deixar dúvida, como, por exemplo, a exatidão do retrato de Espíritos que o médium nunca conheceu em vida. O fato seguinte pertence a essa categoria.

Uma senhora viúva, cujo marido se comunica frequentemente com ela, encontrava-se um dia com um médium vidente que não conhecia nem ela nem sua família; o médium lhe disse: — Vejo um Espírito perto da senhora. —

Ah! disse então a senhora, é sem dúvida meu marido, que quase nunca me deixa. — Não, respondeu o médium, é uma mulher de certa idade; ela usa

um adorno singular na cabeça; tem uma faixa branca na testa.

Por essa particularidade e por outros detalhes da descrição, a senhora reconheceu sua avó sem possibilidade de engano, e nela não pensava de modo algum naquele momento. Se o médium quisesse simular a faculdade, seria fácil concordar com o pensamento da senhora, ao passo que, em lugar do marido em quem ela pensava, ele vê uma mulher com uma particularidade no adorno da cabeça que nada poderia lhe sugerir. Esse fato prova outra coisa: que a visão do médium não era o reflexo de nenhum pensamento alheio. (Ver nº 102.)

6. Médiuns sonâmbulos.

172 O sonambulismo pode ser considerado uma variedade da faculdade mediúnica, ou, melhor dizendo, são duas ordens de fenômenos que muitas vezes se encontram reunidos.

172.2 O sonâmbulo age sob a influência de seu próprio Espírito; é sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe além do limite dos sentidos; o que expressa, ele tira de si mesmo; suas ideias são em geral mais corretas do que no estado normal, seus conhecimentos mais amplos, porque sua alma está livre; em uma palavra, ele vive por antecipação a vida dos Espíritos.

172.3 O médium, ao contrário, é o instrumento de uma inteligência alheia; é passivo, e o que diz não vem dele. Em resumo, o sonâmbulo expressa seu próprio pensamento, e o médium expressa o de outro.

172.4 Mas o Espírito que se comunica com um médium comum pode igualmente fazê-lo com um sonâmbulo; muitas vezes, até mesmo o estado de emancipação da alma durante o sonambulismo torna essa comunicação mais fácil.

172.5 Muitos sonâmbulos veem perfeitamente os Espíritos e os descrevem com tanta precisão quanto os médiuns videntes; podem conversar com eles e nos transmitir seu pensamento; o que dizem fora do âmbito de seus conhecimentos pessoais muitas vezes lhes é sugerido por outros Espíritos.

172.6 Eis um exemplo notável em que a dupla ação do Espírito do sonâmbulo e do Espírito alheio se revela da maneira mais inequívoca:

173 Um de nossos amigos tinha como sonâmbulo um rapaz de 14 a 15 anos, de inteligência muito comum e instrução extremamente limitada. No entanto, em sonambulismo, ele deu provas de uma lucidez extraordinária e de grande perspicácia. Destacava-se sobretudo no tratamento das doenças e realizou grande número de curas consideradas impossíveis. Um dia, atendia em consulta um doente cujo mal descreveu com perfeita exatidão. — Não é tudo, disseram-lhe, agora é preciso indicar o remédio. —
Não posso, respondeu ele, meu anjo doutor não está aqui.
— O que você quer dizer com seu anjo doutor? — Aquele que me dita os remédios. — Então não é você que vê os remédios? — Ora, não; pois estou dizendo que é meu anjo doutor quem os dita para mim.
Assim, nesse sonâmbulo, a ação de ver o mal era obra de seu próprio Espírito, que, para isso, não precisava de nenhuma assistência; mas a indicação dos remédios lhe era dada por outro; como esse outro não estava presente, ele nada podia dizer. Sozinho, era apenas sonâmbulo; assistido por aquele que chamava de seu anjo doutor, era sonâmbulo médium.

174 A lucidez sonambúlica é uma faculdade ligada ao organismo e inteiramente independente da elevação, do progresso e até do estado moral do indivíduo. Um sonâmbulo pode, portanto, ser muito lúcido e ser incapaz de

resolver certas questões, se seu Espírito for pouco adiantado. Aquele que fala por si mesmo pode, portanto, dizer coisas boas ou más, corretas ou falsas, agir com mais ou menos delicadeza e escrúpulo, conforme o grau de elevação ou de inferioridade de seu próprio Espírito; é então que a assistência de um Espírito alheio pode suprir sua insuficiência; mas um sonâmbulo pode ser assistido por um Espírito mentiroso, leviano ou mesmo mau, tanto quanto os médiuns; é sobretudo aqui que as qualidades morais têm grande influência para atrair os bons Espíritos. (Ver O Livro dos Espíritos, Sonambulismo, nº 425; e, mais adiante, o capítulo sobre a influência moral do médium.)

7. Médiuns curadores.

175 Falaremos aqui dessa variedade de médiuns apenas para registrá-la, porque esse assunto exigiria uma exposição extensa demais para os limites de nossa obra; sabemos, aliás, que um médico de nossas relações se propõe a tratá-lo em uma obra especial sobre a medicina intuitiva.

175.2 Diremos apenas que esse gênero de mediunidade consiste principalmente no dom que certas pessoas possuem de curar pelo simples toque, pelo olhar, até por um gesto, sem o auxílio de nenhuma meditação. Dirão, sem dúvida, que isso não passa de magnetismo.

175.3 É evidente que o fluido magnético desempenha aqui um grande papel; mas, quando se examina esse fenômeno com cuidado, reconhece-se sem dificuldade que há algo mais. A magnetização comum é um verdadeiro tratamento contínuo, regular e metódico; aqui as coisas se passam de maneira muito diferente.

175.4 Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, se souberem proceder adequadamente, enquanto nos médiuns curadores a faculdade é espontânea, e alguns até a possuem sem nunca terem ouvido falar de magnetismo.

175.5 A intervenção de uma potência oculta, que constitui a mediunidade, torna-se evidente em certas circunstâncias; ela o é principalmente quando se considera que a maioria das pessoas que se pode, com razão, qualificar de médiuns curadores recorre à prece, que é uma verdadeira evocação. (Ver acima, nº 131.)

176 Eis as respostas que nos foram dadas às seguintes perguntas dirigidas aos Espíritos sobre esse assunto.

1. Podemos considerar as pessoas dotadas de força magnética como uma variedade de médiuns?

« Não podem duvidar disso. »

2. No entanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem; ora, o magnetizador, tirando sua força de si mesmo, não parece ser o intermediário de nenhuma potência alheia?

« É um erro; a força magnética reside, sem dúvida, no homem, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio. Se você magnetiza com a intenção de curar, por exemplo, e invoca um bom Espírito que se interessa por você e por seu doente, ele aumenta sua força e sua vontade, dirige seu fluido e lhe dá as qualidades necessárias. »

3. Há, no entanto, magnetizadores muito bons que não acreditam nos Espíritos? « Você pensa, então, que os Espíritos só agem sobre aqueles que acreditam neles? Os que magnetizam para o bem são auxiliados por bons Espíritos. Todo homem que deseja o bem os chama sem perceber; assim

como, pelo desejo do mal e pelas más intenções, chama os maus. »

4. Aquele que, tendo essa força, acreditasse na intervenção dos Espíritos agiria com mais eficácia?

« Faria coisas que vocês considerariam milagres. »

5. Certas pessoas têm verdadeiramente o dom de curar pelo simples toque, sem o emprego dos passes magnéticos?

« Certamente; vocês não têm numerosos exemplos disso? »

6. Nesse caso, há ação magnética ou somente influência dos Espíritos?

« Uma e outra. Essas pessoas são verdadeiros médiuns, pois agem sob a influência dos Espíritos; mas isso não quer dizer que sejam médiuns escreventes, como vocês entendem. »

7. Esse poder pode ser transmitido?

« O poder, não; mas o conhecimento das coisas necessárias para exercê-lo, se a pessoa o possui. Alguém talvez nem suspeitasse que tem esse poder se não acreditasse que ele lhe foi transmitido. »

8. Podemos obter curas somente pela prece?

« Sim, algumas vezes, se Deus permitir; mas talvez o bem do doente seja sofrer ainda, e então vocês acreditam que sua prece não foi ouvida. »

9. Há, para isso, fórmulas de preces mais eficazes do que outras?

« Só a superstição pode atribuir uma virtude a certas palavras, e somente Espíritos ignorantes ou mentirosos podem alimentar semelhantes ideias, prescrevendo fórmulas. No entanto, pode acontecer que, para pessoas pouco esclarecidas e incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, o emprego de uma fórmula contribua para lhes dar confiança; nesse caso, não é a fórmula que é eficaz, mas a fé que aumenta pela ideia ligada ao emprego da fórmula. »

8. Médiuns pneumatógrafos.

177 Dá-se esse nome aos médiuns aptos a obter a escrita direta, o que não é dado a todos os médiuns escreventes. Essa faculdade é, até o momento, bastante rara; provavelmente se desenvolve pelo exercício; mas, como dissemos, sua utilidade prática se limita a uma constatação evidente da intervenção de uma potência oculta nas manifestações. Só a experiência pode revelar se a possuímos; podemos, portanto, tentar e, além disso, podemos perguntar a um Espírito protetor pelos outros meios de comunicação. Conforme a maior ou menor força do médium, obtêm-se simples traços, sinais, letras, palavras, frases e até páginas inteiras. Geralmente basta colocar uma folha de papel dobrada em um lugar qualquer, ou indicado pelo Espírito, durante dez minutos ou um quarto de hora, às vezes mais. A prece e o recolhimento são condições essenciais; por isso, pode-se considerar impossível obter qualquer coisa em uma reunião de pessoas pouco sérias ou que não estejam animadas de sentimentos de simpatia e benevolência. (Ver a teoria da escrita direta, capítulo VIII, Laboratório do mundo invisível (nº 127 e seguintes), e capítulo XII, Pneumatografia.)

Trataremos de maneira especial dos médiuns escreventes nos capítulos seguintes.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. XV — MÉDIUNS ESCREVENTES OU PSICÓGRAFOS

✦

178 Médiuns mecânicos; intuitivos; semimecânicos; inspirados ou involuntários; de pressentimentos.

De todos os meios de comunicação, a escrita manual é o mais simples, o mais cômodo e, sobretudo, o mais completo. É para ele que devem se voltar todos os esforços, pois permite estabelecer com os Espíritos relações tão contínuas e regulares quanto as que existem entre nós. Devemos nos dedicar a ele tanto mais porque é o meio pelo qual os Espíritos melhor revelam sua natureza e o grau de sua perfeição ou de sua inferioridade. Pela facilidade que têm de se expressar, eles nos dão a conhecer seus pensamentos íntimos e assim nos permitem julgá-los e avaliá-los pelo que valem. A faculdade de escrever é, ademais, para um médium, a mais suscetível de se desenvolver pelo exercício.

179 Médiuns mecânicos

Se examinarmos certos efeitos que se produzem nos movimentos da mesa, da cesta ou da prancheta que escreve, não poderemos duvidar de uma ação exercida diretamente pelo Espírito sobre esses objetos. A cesta às vezes se agita com tanta violência que escapa das mãos do médium; às vezes, chega a se dirigir a certas pessoas do círculo para golpeá-las; outras vezes, seus movimentos demonstram um sentimento afetuoso. O mesmo acontece quando o lápis é colocado na mão; muitas vezes ele é lançado longe com força, ou então a mão, como a cesta, se agita convulsivamente e bate na mesa com raiva, mesmo quando o médium está na maior calma e se es-

panta por não ter domínio sobre si. Digamos, de passagem, que esses efeitos sempre indicam a presença de Espíritos imperfeitos; os Espíritos realmente superiores são sempre calmos, dignos e benevolentes; se não são ouvidos de maneira conveniente, retiram-se, e outros tomam seu lugar. O Espírito pode, portanto, expressar diretamente seu pensamento, seja pelo movimento de um objeto para o qual a mão do médium serve apenas de ponto de apoio, seja por sua ação sobre a própria mão.

Quando o Espírito age diretamente sobre a mão, dá a ela um impulso completamente independente da vontade. Ela se move sem interrupção e contra a vontade do médium enquanto o Espírito tem alguma coisa a dizer, e para quando ele termina.

O que caracteriza o fenômeno nessa circunstância é que o médium não tem a menor consciência do que escreve; a inconsciência absoluta, nesse caso, constitui o que se chama de médiuns passivos ou mecânicos. Essa faculdade é preciosa porque não pode deixar nenhuma dúvida sobre a independência do pensamento em relação àquele que escreve.

Médiuns intuitivos,

180 A transmissão do pensamento também se dá por intermédio do Espírito do médium, ou melhor, de sua alma, pois designamos por esse nome o Espírito encarnado. O outro Espírito, nesse caso, não age sobre a mão para fazê-la escrever; não a segura, não a guia; age sobre a alma, com a qual se identifica. A alma, sob esse impulso, dirige a mão, e a mão dirige o lápis. Observemos aqui uma coisa importante: o outro Espírito não toma o lugar da alma, pois não poderia deslocá-la; ele a domina sem que ela perceba e lhe imprime sua vontade. Nessa circunstância, o papel da alma não é inteiramente passivo; é ela que recebe o pensamento do outro Espírito e o trans-

mite. Nessa situação, o médium tem consciência do que escreve, embora não seja seu próprio pensamento; é o que se chama de médium intuitivo.

Se é assim, dirão, nada prova que seja outro Espírito que escreve, em vez do Espírito do médium. A distinção, de fato, às vezes é bastante difícil de fazer, mas pode acontecer que isso importe pouco. Contudo, pode-se reconhecer o pensamento sugerido pelo fato de ele nunca ser preconcebido; nasce à medida que se escreve e muitas vezes é contrário à ideia que se havia formado antes; pode até estar além dos conhecimentos e das capacidades do médium.

O papel do médium mecânico é o de uma máquina; o médium intuitivo age como faria um intermediário ou intérprete. Este, de fato, para transmitir o pensamento, deve compreendê-lo, apropriar-se dele de algum modo para traduzi-lo fielmente, e, no entanto, esse pensamento não é seu: apenas atravessa seu cérebro. Esse é exatamente o papel do médium intuitivo.

181 Médiuns semimecânicos

No médium puramente mecânico, o movimento da mão é independente da vontade; no médium intuitivo, o movimento é voluntário e pode ser realizado ou não. O médium semimecânico participa dos outros dois; sente um impulso dado à sua mão contra sua vontade, mas, ao mesmo tempo, tem consciência do que escreve à medida que as palavras se formam. No primeiro, o pensamento vem depois do ato da escrita; no segundo, vem antes; no terceiro, acompanha-o. Esses últimos médiuns são os mais numerosos.

182 Médiuns inspirados

Toda pessoa que, seja no estado normal, seja no estado de êxtase, recebe pelo pensamento comunicações alheias às suas ideias preconcebidas pode

ser incluída na categoria dos médiuns inspirados; é, como se vê, uma variedade da mediunidade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma força oculta é ainda muito menos perceptível, pois, na pessoa inspirada, é ainda mais difícil distinguir o pensamento próprio daquele que é sugerido. O que caracteriza este último é, sobretudo, a espontaneidade. A inspiração nos vem dos Espíritos que nos influenciam para o bem ou para o mal, mas vem principalmente daqueles que nos querem bem e cujos conselhos tantas vezes cometemos o erro de não seguir; ela se aplica a todas as circunstâncias da vida, nas decisões que devemos tomar; sob esse aspecto, pode-se dizer que todo mundo é médium, pois não há ninguém que não tenha seus Espíritos protetores e familiares, que fazem todos os esforços para sugerir pensamentos salutares aos seus protegidos. Se estivéssemos bem convencidos dessa verdade, recorreríamos mais vezes à inspiração de nosso anjo da guarda nos momentos em que não sabemos o que dizer ou fazer. Que o invoquemos, portanto, com fervor e confiança em caso de necessidade, e na maioria das vezes ficaremos surpresos com as ideias que surgirão como por encanto, seja quando tivermos uma decisão a tomar, seja quando tivermos alguma coisa a compor. Se nenhuma ideia vier, é porque será preciso esperar. A prova de que a ideia que surge é de fato alheia a nós é que, se ela estivesse em nós, sempre teríamos domínio sobre ela, e não haveria razão para que não se manifestasse à nossa vontade. Quem não é cego só precisa abrir os olhos para ver quando quiser; da mesma forma, quem tem ideias próprias sempre as tem à sua disposição; se elas não lhe vêm quando deseja, é porque precisa buscá-las em outra fonte que não a sua própria.

Também se podem incluir nessa categoria as pessoas que, sem serem dotadas de uma inteligência excepcional e sem saírem do estado normal, têm

lampejos de uma lucidez intelectual que lhes dá momentaneamente uma facilidade incomum de concepção e de expressão e, em certos casos, o pressentimento das coisas futuras. Nesses momentos, justamente chamados de inspiração, as ideias abundam, sucedem-se, encadeiam-se, por assim dizer, por si mesmas e por um impulso involuntário e quase febril; parece-nos que uma inteligência superior vem nos ajudar e que nosso espírito fica livre de um fardo.

183 Os homens de gênio de todos os campos, artistas, sábios, escritores, são sem dúvida Espíritos adiantados, capazes, por si mesmos, de compreender e conceber grandes coisas; ora, é precisamente porque são considerados capazes que os Espíritos que desejam a realização de certos trabalhos lhes sugerem as ideias necessárias, e é assim que, na maioria das vezes, são médiuns sem saber. Eles têm, porém, uma vaga intuição de uma assistência alheia, pois quem apela à inspiração não faz outra coisa senão uma evocação; se não esperasse ser ouvido, por que exclamaria tantas vezes: Meu bom gênio, venha me ajudar!

As respostas seguintes confirmam essa afirmação.

— Qual é a causa primeira da inspiração?

« Um Espírito que se comunica pelo pensamento. »

— A inspiração tem por objetivo apenas a revelação das grandes coisas?

« Não, ela muitas vezes se refere às circunstâncias mais comuns da vida. Por exemplo, você quer ir a algum lugar: uma voz secreta lhe diz para não fazer isso porque há perigo para você; ou então lhe diz para fazer uma coisa em que você não estava pensando: isso é inspiração. São muito poucas as pessoas que não foram mais ou menos inspiradas em certos momentos. »

— Um autor, um pintor, um músico, por exemplo, nos momentos de ins-

piração, poderiam ser considerados médiuns?

« Sim, pois nesses momentos sua alma está mais livre e como que desprendida da matéria; ela recupera parte de suas faculdades de Espírito e recebe mais facilmente as comunicações dos outros Espíritos que a inspiram. »

Médiuns de pressentimentos.

184 O pressentimento é uma intuição vaga das coisas futuras. Certas pessoas têm essa faculdade mais ou menos desenvolvida; podem dever isso a uma espécie de dupla vista que lhes permite entrever as consequências das coisas presentes e o encadeamento dos acontecimentos; mas muitas vezes ela também resulta de comunicações ocultas, e é sobretudo nesse caso que se pode dar aos que a possuem o nome de médiuns de pressentimentos, que são uma variedade dos médiuns inspirados.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. XVI — MÉDIUNS ESPECIAIS

✦

185 Aptidões especiais dos médiuns. — Quadro sinótico das diferentes variedades de médiuns.

Além das categorias de médiuns que acabamos de enumerar, a mediunidade apresenta uma variedade infinita de nuances que constituem o que se chama de médiuns especiais, e que se devem a aptidões particulares ainda não definidas, independentemente das qualidades e dos conhecimentos do Espírito que se manifesta.

A natureza das comunicações está sempre relacionada à natureza do Espírito e traz a marca de sua elevação ou de sua inferioridade, de seu saber ou de sua ignorância; mas, em igualdade de mérito, do ponto de vista hierárquico, há incontestavelmente nele uma tendência a se ocupar de uma coisa de preferência a outra; os Espíritos batedores, por exemplo, quase não saem das manifestações físicas; e, entre os que produzem manifestações inteligentes, há Espíritos poetas, músicos, desenhistas, moralistas, sábios, médicos etc. Falamos dos Espíritos de uma ordem média, pois, quando chegam a certo grau, as aptidões se fundem na unidade da perfeição. Mas, ao lado da aptidão do Espírito, há a do médium, que é para ele um instrumento mais ou menos cômodo, mais ou menos flexível, e no qual ele descobre qualidades particulares que não podemos avaliar.

Façamos uma comparação: um músico muito hábil tem à mão vários violinos que, para as pessoas em geral, serão todos bons instrumentos, mas entre os quais o artista consumado faz uma grande diferença; percebe neles nu-

ances de extrema delicadeza que o farão escolher uns e rejeitar outros, nuances que ele compreende por intuição mais do que consegue definir. O mesmo acontece com os médiuns: em igualdade de qualidades quanto à potência mediúnica, o Espírito dará preferência a um ou a outro, conforme o gênero de comunicação que deseja fazer. Assim, por exemplo, veem-se pessoas escreverem, como médiuns, poesias admiráveis, embora, em condições comuns, nunca tenham podido ou sabido fazer dois versos; outras, ao contrário, são poetas e, como médiuns, nunca puderam escrever senão prosa, apesar de seu desejo. O mesmo ocorre com o desenho, a música etc. Há aqueles que, sem possuírem por si mesmos conhecimentos científicos, têm uma aptidão mais particular para receber comunicações eruditas; outros são próprios para os estudos históricos; outros servem mais facilmente de intérpretes aos Espíritos moralistas; em uma palavra, qualquer que seja a flexibilidade do médium, as comunicações que ele recebe com mais facilidade têm geralmente uma marca especial; há até aqueles que não saem de certo círculo de ideias e, quando se afastam dele, só recebem comunicações incompletas, lacônicas e muitas vezes falsas. Além das causas ligadas à aptidão, os Espíritos também se comunicam com maior ou menor disposição por este ou aquele intermediário, conforme suas simpatias; assim, em igualdade de todas as demais condições, o mesmo Espírito será muito mais explícito com certos médiuns, unicamente porque lhe convêm melhor.

186 Seria, portanto, um erro pensar que, só por se ter à mão um bom médium, ainda que ele escreva com a maior facilidade, se poderiam obter por seu intermédio boas comunicações de todos os gêneros. A primeira condição é, sem dúvida, certificar-se da fonte de onde elas vêm, isto é, das qualidades do Espírito que as transmite; mas não é menos necessário levar em

conta as qualidades do instrumento que se dá ao Espírito; é preciso, portanto, estudar a natureza do médium como se estuda a natureza do Espírito, pois esses são os dois elementos essenciais para obter um resultado satisfatório. Há um terceiro que desempenha um papel igualmente importante: a intenção, o pensamento íntimo, o sentimento mais ou menos louvável de quem interroga; e isso se compreende: para que uma comunicação seja boa, é preciso que venha de um Espírito bom; para que esse bom Espírito possa transmiti-la, precisa de um bom instrumento; para que queira transmiti-la, é preciso que o objetivo lhe convenha. O Espírito, que lê o pensamento, julga se a pergunta que lhe fazem merece uma resposta séria e se a pessoa que a dirige a ele é digna de recebê-la; caso contrário, não perde seu tempo semeando bons grãos sobre pedras, e é então que os Espíritos levianos e zombeteiros agem livremente, pois, pouco se importando com a verdade, não examinam as coisas com tanto cuidado e geralmente têm poucos escrúpulos quanto ao objetivo e aos meios.

Resumimos aqui os principais gêneros de mediunidade para apresentar, de certo modo, seu quadro sinótico, incluindo aqueles que já descrevemos nos capítulos anteriores e indicando os números em que são tratados com mais detalhes.

Agrupamos as diferentes variedades de médiuns por analogia de causas e efeitos, sem que essa classificação tenha nada de absoluto. Algumas são encontradas com frequência; outras, ao contrário, são raras e até excepcionais, o que temos o cuidado de mencionar. Estas últimas indicações foram todas fornecidas pelos Espíritos, que, aliás, revisaram este quadro com um cuidado muito especial e o completaram com numerosas observações e novas

categorias, de modo que ele é, por assim dizer, inteiramente obra deles. Indicamos entre aspas suas observações textuais quando julgamos necessário destacá-las. Elas são, em sua maioria, de Erasto e de Sócrates.

187 Podemos dividir os médiuns em duas grandes categorias:
Os médiuns de efeitos físicos: aqueles que têm o poder de provocar efeitos materiais ou manifestações ostensivas. (Nº 160.)
Os médiuns de efeitos intelectuais: aqueles que são mais especialmente aptos a receber e transmitir comunicações inteligentes. (Nº 65 e seguintes.)
Todas as outras variedades se ligam mais ou menos diretamente a uma ou outra dessas duas categorias; algumas pertencem às duas. Se analisarmos os diferentes fenômenos produzidos sob a influência mediúnica, veremos que, em todos, há um efeito físico e que aos efeitos físicos se soma, na maioria das vezes, um efeito inteligente. O limite entre os dois às vezes é difícil de estabelecer, mas isso não traz nenhuma consequência. Incluímos na denominação de médiuns de efeitos intelectuais aqueles que podem mais especialmente servir de intermediários para comunicações regulares e contínuas. (Nº 133.)

188 Variedades comuns a todos os gêneros de mediunidade.
Médiuns sensitivos: pessoas capazes de sentir a presença dos Espíritos por uma impressão geral ou local, vaga ou material. A maioria distingue os Espíritos bons dos maus pela natureza da impressão. (Nº 164.)
“Os médiuns delicados e muito sensitivos devem se abster de comunicações com os Espíritos violentos ou cuja impressão seja penosa, por causa da fadiga que resulta delas.”
Médiuns naturais ou inconscientes: aqueles que produzem os fenômenos espontaneamente, sem nenhuma participação de sua vontade e, na maioria

das vezes, sem que saibam. (Nº 161.)

Médiuns facultativos ou voluntários: aqueles que têm o poder de provocar os fenômenos por um ato de sua vontade. (Nº 160.)

"Qualquer que seja essa vontade, eles nada podem se os Espíritos se recusarem, o que prova a intervenção de uma força alheia."

189 Variedades especiais para os efeitos físicos.

Médiuns tiptólogos: aqueles por cuja influência se produzem ruídos e pancadas. Variedade muito comum, com ou sem a participação da vontade.

Médiuns motores: aqueles que produzem o movimento dos corpos inertes. Muito comuns. (Nº 61.)

Médiuns de translação e de suspensão: aqueles que produzem o deslocamento aéreo e a suspensão dos corpos inertes no espaço, sem ponto de apoio. Há aqueles que podem elevar a si mesmos. Mais ou menos raros, conforme o desenvolvimento do fenômeno; muito raros no último caso. (Nº 75 e seguintes; nº 80.)

Médiuns de efeitos musicais: provocam a execução de certos instrumentos sem contato. Muito raros. (Nº 74; questão 24.)

Médiuns de aparições: aqueles que podem provocar aparições fluídicas ou tangíveis, visíveis para os presentes. Muito excepcionais. (Nº 100; questão 27; nº 104.)

Médiuns de transporte: aqueles que podem servir de auxiliares aos Espíritos para o transporte de objetos materiais. Variedade dos médiuns motores e de translação. Excepcionais.

Médiuns noturnos: aqueles que só obtêm certos efeitos físicos na escuridão. Eis a resposta de um Espírito à pergunta sobre se podemos considerar esses médiuns como uma variedade.

"Certamente se pode fazer deles uma especialidade, mas esse fenômeno se deve mais às condições do ambiente do que à natureza do médium ou dos Espíritos; devo acrescentar que alguns escapam a essa influência do meio e que a maioria dos médiuns noturnos poderia chegar, pelo exercício, a agir tão bem à luz quanto na escuridão. Essa variedade de médiuns é pouco numerosa; e, é preciso dizer, favorecidos por essa condição que deixa toda a liberdade para o emprego de truques, da ventriloquia e de tubos acústicos, charlatães têm abusado com muita frequência da credulidade, fazendo-se passar por médiuns para arrecadar moedas. Mas que importa? Os ilusionistas de salão, assim como os de praça pública, serão cruelmente desmascarados, e os Espíritos lhes provarão que não é bom se intrometer em suas obras. Sim, repito, certos charlatães receberão uma repreensão bastante dura para perderem o gosto pelo ofício de falsos médiuns. Aliás, tudo isso durará apenas algum tempo." (Erasto.)

Médiuns pneumatógrafos: aqueles que obtêm a escrita direta. Fenômeno muito raro e, sobretudo, muito fácil de imitar por meio de truques. (Nº 177.)

Observação. Os Espíritos insistiram, contra nossa opinião, em colocar a escrita direta entre os fenômenos de ordem física, pela razão, disseram eles, de que: "Os efeitos inteligentes são aqueles para os quais o Espírito se serve dos materiais cerebrais do médium, o que não ocorre na escrita direta; a ação do médium é aqui inteiramente material, enquanto, no médium escrevente, mesmo completamente mecânico, o cérebro sempre desempenha um papel ativo."

Médiuns curadores: aqueles que têm o poder de curar ou aliviar pela imposição das mãos ou pela oração.

"Essa faculdade não é essencialmente mediúnica; pertence a todos os ver-

dadeiros crentes, sejam médiuns ou não; muitas vezes, ela é apenas uma intensificação da força magnética, fortalecida, em caso de necessidade, pela ajuda de bons Espíritos." (Nº 175.)

Médiuns excitadores: pessoas que têm o poder de desenvolver nos outros, por sua influência, a faculdade de escrever.

"Aqui se trata mais de um efeito magnético do que de um fato de mediunidade propriamente dita, pois nada prova a intervenção de um Espírito. Em todo caso, pertence à ordem dos efeitos físicos." (Ver o capítulo sobre a Formação dos médiuns.)

190 Médiuns especiais para os efeitos intelectuais.

Aptidões diversas.

Médiuns auditivos; aqueles que ouvem os Espíritos. Bastante comuns. (N.º 165.)

« Há muitos que imaginam ouvir o que só existe em sua imaginação. »

Médiuns falantes; aqueles que falam sob a influência dos Espíritos. Bastante comuns. (N° 166.)

Médiuns videntes; aqueles que veem os Espíritos no estado de vigília. A visão acidental e fortuita de um Espírito em uma circunstância particular é bastante frequente; mas a visão habitual ou facultativa dos Espíritos, sem distinção, é excepcional. (N 167.)

« É uma aptidão à qual se opõe o estado atual dos órgãos; por isso, é útil nem sempre acreditar apenas na palavra daqueles que dizem ver os Espíritos. »

Médiuns inspirados; aqueles a quem os Espíritos sugerem pensamentos, na maioria das vezes sem que eles saibam, seja para os atos comuns da vida, seja para os grandes trabalhos da inteligência. (N° 182).

Médiuns de pressentimentos; pessoas que, em certas circunstâncias, têm uma vaga intuição de acontecimentos futuros comuns. (N.º 184.)

Médiuns proféticos; variedade dos médiuns inspirados ou de pressentimentos; recebem, com a permissão de Deus, e com mais precisão que os médiuns de pressentimentos, a revelação de acontecimentos futuros de interesse geral, que são encarregados de dar a conhecer aos homens para sua instrução.

« Se há verdadeiros profetas, há ainda mais falsos, que tomam os sonhos de sua imaginação por revelações, quando não são impostores que se fazem passar por profetas por ambição. » (Ver, em O Livro dos Espíritos, n.º 624, as características do verdadeiro profeta.)

Médiuns sonâmbulos; aqueles que, no estado de sonambulismo, são assistidos por Espíritos. (N.º 172.)

Médiuns extáticos; aqueles que, no estado de êxtase, recebem revelações dos Espíritos.

« Muitos extáticos são joguetes de sua própria imaginação e dos Espíritos enganadores que se aproveitam de sua exaltação. Aqueles que merecem inteira confiança são muito raros. » Médiuns pintores e desenhistas; aqueles que pintam ou desenham sob a influência dos Espíritos. Falamos daqueles que obtêm coisas sérias, pois não se poderia dar esse nome a certos médiuns a quem Espíritos zombeteiros fazem produzir coisas grotescas que até o pior aluno rejeitaria.

Os Espíritos levianos são imitadores. Na época em que apareceram os notáveis desenhos de Júpiter, surgiu um grande número de supostos médiuns desenhistas, a quem Espíritos zombeteiros se divertiram fazendo produzir as coisas mais ridículas. Um deles, entre outros, querendo superar os desenhos de Júpiter, ao menos no tamanho, se não na qualidade, fez um mé-

dium desenhar um monumento que ocupava um número de folhas suficiente para atingir a altura de dois andares. Muitos outros fizeram produzir supostos retratos que eram verdadeiras caricaturas. (Revista Espírita, agosto de 1858.)

Médiuns músicos; aqueles que executam, compõem ou escrevem música sob a influência dos Espíritos. Há médiuns músicos mecânicos, semimecânicos, intuitivos e inspirados, como nas comunicações literárias. (Ver Médiuns de efeitos musicais.) 191. 1° Segundo o modo de execução.

Médiuns escreventes ou psicógrafos; aqueles que têm a faculdade de escrever por si mesmos sob a influência dos Espíritos.

Médiuns escreventes mecânicos; aqueles cuja mão recebe um impulso involuntário e que não têm nenhuma consciência do que escrevem. Muito raros. (N.º 179.) - Médiuns semimecânicos; aqueles cuja mão se move involuntariamente, mas que têm consciência imediata das palavras ou das frases à medida que escrevem. Os mais comuns. (N° 181.)

Médiuns intuitivos; aqueles com quem os Espíritos se comunicam pelo pensamento e cuja mão é guiada pela vontade. Diferem dos médiuns inspirados porque estes últimos não precisam escrever, enquanto o médium intuitivo escreve o pensamento que lhe é sugerido instantaneamente sobre um assunto determinado e proposto. (N.º 180.)

« São muito comuns, mas também muito sujeitos ao erro, porque muitas vezes não conseguem distinguir o que provém dos Espíritos do que provém deles próprios. »

Médiuns polígrafos; aqueles cuja escrita muda conforme o Espírito que se comunica, ou que são capazes de reproduzir a escrita que o Espírito tinha em vida. O primeiro caso é muito comum; o segundo, o da identidade da escrita, é mais raro. (N° 219.)

Médiuns poliglotas; aqueles que têm a faculdade de falar ou escrever em línguas que lhes são desconhecidas. Muito raros.

Médiuns iletrados; aqueles que escrevem como médiuns sem saber ler nem escrever no estado comum.

« Mais raros que os anteriores; há uma dificuldade material maior a vencer. »

192 2° Segundo o desenvolvimento da faculdade.

Médiuns novatos; aqueles cujas faculdades ainda não estão completamente desenvolvidas e que não têm a experiência necessária.

Médiuns improdutivos; aqueles que só conseguem obter coisas insignificantes, monossílabos, traços ou letras sem sequência. (Ver o capítulo sobre a Formação dos médiuns.)

Médiuns feitos ou formados; são aqueles cujas faculdades mediúnicas estão completamente desenvolvidas e que transmitem as comunicações que recebem com facilidade, rapidez e sem hesitação. Compreende-se que esse resultado só pode ser obtido pela prática, enquanto, entre os médiuns novatos, as comunicações são lentas e difíceis.

Médiuns lacônicos; aqueles cujas comunicações, embora fáceis, são breves e sem desenvolvimento.

Médiuns explícitos; as comunicações que obtêm têm toda a amplitude e toda a extensão que se pode esperar de um escritor experiente.

Médiuns experientes. A facilidade de execução é uma questão de prática, que muitas vezes se adquire em pouco tempo, enquanto a experiência é o resultado de um estudo sério de todas as dificuldades que se apresentam na prática do espiritismo. A experiência dá ao médium o discernimento necessário para avaliar a natureza dos Espíritos que se manifestam, julgar suas

qualidades boas ou más pelos sinais mais sutis e perceber a falsidade dos Espíritos enganadores que se escondem sob as aparências da verdade. Compreende-se facilmente a importância dessa qualidade, sem a qual todas as outras não têm utilidade real; o mal é que muitos médiuns confundem a experiência, fruto do estudo, com a aptidão, produto da constituição orgânica; acreditam ter se tornado mestres porque escrevem com facilidade; rejeitam todos os conselhos e se tornam presas dos Espíritos mentirosos e hipócritas, que os conquistam alimentando seu orgulho. (Ver, adiante, o capítulo sobre a Obsessão.)

Médiuns flexíveis; aqueles cuja faculdade se presta mais facilmente aos diversos tipos de comunicações e pelos quais todos os Espíritos, ou quase todos, podem se manifestar, espontaneamente ou por evocação.

« Essa variedade de médiuns se aproxima muito dos médiuns sensitivos. »

Médiuns exclusivos; aqueles pelos quais um Espírito se manifesta de preferência, e até com exclusão de todos os outros, respondendo por aqueles que são chamados por intermédio do médium.

« Isso sempre se deve a uma falta de flexibilidade; quando o Espírito é bom, pode se ligar ao médium por simpatia e com um objetivo louvável; quando é mau, é sempre com a intenção de colocar o médium sob sua dependência. É mais um defeito que uma qualidade, e está muito próximo da obsessão. » (Ver o capítulo sobre a Obsessão.)

Médiuns de evocações; os médiuns flexíveis são naturalmente os mais aptos a esse tipo de comunicação e às perguntas de detalhe que se podem dirigir aos Espíritos. Há, nesse aspecto, médiuns inteiramente especiais.

« Suas respostas quase sempre se limitam a um campo restrito, incompatível com o desenvolvimento dos assuntos gerais. »

Médiuns de ditados espontâneos; recebem de preferência comunicações

espontâneas de Espíritos que se apresentam sem serem chamados. Quando essa faculdade é especial em um médium, é difícil, às vezes até impossível, fazer uma evocação por seu intermédio.

« No entanto, são mais bem equipados que os da variedade anterior. Compreendam que o equipamento se refere aqui aos recursos cerebrais, pois muitas vezes, direi até sempre, é necessária uma soma maior de inteligência para os ditados espontâneos do que para as evocações. Entendam aqui por ditados espontâneos aqueles que realmente merecem esse nome, e não algumas frases incompletas ou alguns pensamentos banais que se encontram em todos os repertórios humanos.

193 3º Segundo o gênero e a especialidade das comunicações.

Médiuns versificadores; obtêm com mais facilidade que outros comunicações em versos. Bastante comuns para os versos ruins; muito raros para os bons.

Médiuns poéticos; sem obter versos, as comunicações que recebem têm algo de vaporoso, de sentimental; nada nelas revela rudeza; são, mais que outros, aptos à expressão dos sentimentos ternos e afetuosos. Tudo nelas é vago, e seria inútil pedir-lhes algo de preciso. Muito comuns.

Médiuns positivos; suas comunicações têm, em geral, um caráter de clareza e precisão que se presta facilmente a detalhes circunstanciados, a informações exatas. Bastante raros.

Médiuns literários; não têm nem a imprecisão dos médiuns poéticos, nem o caráter prosaico dos médiuns positivos; mas discorrem com sagacidade; seu estilo é correto, elegante e, muitas vezes, de notável eloquência.

Médiuns incorretos; podem obter coisas muito boas, pensamentos de moralidade irrepreensível, mas seu estilo é difuso, incorreto, sobrecarregado

de repetições e de termos impróprios.

« A incorreção material do estilo se deve geralmente à falta de cultura intelectual do médium, que não é, para o Espírito, um bom instrumento sob esse aspecto; o Espírito dá pouca importância a isso; para ele, o pensamento é o essencial, e deixa vocês livres para lhe dar a forma conveniente. O mesmo não acontece com as ideias falsas e ilógicas que uma comunicação pode conter; elas são sempre um indício da inferioridade do Espírito que se manifesta. »

Médiuns historiadores; os que têm aptidão especial para exposições históricas. Essa faculdade, como todas as outras, independe dos conhecimentos do médium, pois se veem pessoas sem instrução, e até crianças, tratar de assuntos muito acima de seu alcance. Variedade rara dos médiuns positivos.

Médiuns científicos; não dizemos sábios, pois podem ser muito ignorantes; apesar disso, são mais especialmente aptos às comunicações relativas às ciências.

Médiuns médicos; sua especialidade é servir com mais facilidade de intérpretes aos Espíritos para as prescrições médicas. Não se deve confundi-los com os médiuns curadores, pois apenas transmitem o pensamento do Espírito e não exercem, por si mesmos, nenhuma influência. Bastante comuns.

Médiuns religiosos; recebem mais especialmente comunicações de caráter religioso, ou que tratam de questões de religião, quaisquer que sejam suas crenças ou seus hábitos.

Médiuns filósofos e moralistas; suas comunicações têm geralmente por objeto as questões de moral e de alta filosofia. Muito comuns para a moral.

« Todas essas nuances são variedades de aptidões de bons médiuns. Quanto aos que têm aptidão especial para certas comunicações científicas, históricas, médicas ou outras, acima de seu alcance atual, estejam certos de

que possuíram esses conhecimentos em outra existência e de que eles permaneceram em estado latente; fazem parte dos materiais cerebrais necessários ao Espírito que se manifesta; são os elementos que lhe facilitam o caminho para comunicar suas próprias ideias, pois esses médiuns são, para ele, instrumentos mais inteligentes e mais flexíveis do que seria um ser embrutecido. » (Erasto.)

Médiuns de comunicações triviais e obscenas; essas palavras indicam o gênero de comunicações que certos médiuns recebem habitualmente e a natureza dos Espíritos que as produzem. Quem estudou o mundo espírita em todos os graus da escala sabe que há Espíritos cuja perversidade iguala a dos homens mais depravados e que se comprazem em expressar seus pensamentos nos termos mais grosseiros. Outros, menos abjetos, contentam-se com expressões triviais. Compreende-se que esses médiuns devam desejar livrar-se da preferência que esses Espíritos lhes concedem e que devam invejar aqueles que, nas comunicações que recebem, nunca tiveram uma palavra inconveniente. Seria preciso uma estranha aberração de ideias e ter rompido com o bom senso para acreditar que semelhante linguagem pudesse vir de bons Espíritos.

194 4º Segundo as qualidades físicas do médium.

Médiuns calmos; escrevem sempre com certa lentidão e sem sentir a menor agitação.

Médiuns velozes; escrevem com uma rapidez maior do que poderiam alcançar voluntariamente no estado comum. Os Espíritos se comunicam com eles com a rapidez do relâmpago; dir-se-ia que há neles uma superabundância de fluido que lhes permite identificar-se instantaneamente com o Espírito. Essa qualidade tem, às vezes, um inconveniente: a rapidez da es-

crita a torna muito difícil de ler para qualquer pessoa além do próprio médium.

« Ela é até muito cansativa, porque gasta fluido demais inutilmente. »

Médiuns convulsivos; ficam num estado de superexcitação quase febril; sua mão, e às vezes toda a sua pessoa, é agitada por um tremor que não conseguem dominar. A causa primeira está, sem dúvida, na constituição física, mas depende muito também da natureza dos Espíritos que se comunicam com eles; os Espíritos bons e benevolentes produzem sempre uma impressão suave e agradável; os maus, ao contrário, produzem uma impressão penosa.

« É preciso que esses médiuns só raramente se sirvam de sua faculdade mediúnica, cujo uso muito frequente poderia afetar o sistema nervoso. » (Capítulo sobre a Identidade, distinção dos bons e dos maus Espíritos.)

195. 5º Segundo as qualidades morais do médium.

Nós as mencionamos brevemente para registro e para completar o quadro, visto que serão desenvolvidas adiante nos capítulos especiais: Da influência moral dos médiuns, Da obsessão, Da identidade dos Espíritos e outros, para os quais chamamos especial atenção; neles se verá a influência que as qualidades e os defeitos dos médiuns podem exercer sobre a segurança das comunicações e quais são os que se pode, com razão, considerar médiuns imperfeitos ou bons médiuns.

196 Médiuns imperfeitos.

Médiuns obsediados; os que não conseguem se livrar de Espíritos importunos e enganadores, mas não se deixam iludir.

Médiuns fascinados; os que são enganados por Espíritos mistificadores e se iludem quanto à natureza das comunicações que recebem.

Médiuns subjugados; os que sofrem uma dominação moral e, muitas vezes, material por parte de maus Espíritos.

Médiuns levianos; os que não levam sua faculdade a sério e só a usam como diversão ou para coisas fúteis.

Médiuns indiferentes; os que não tiram nenhum proveito moral das instruções que recebem e em nada modificam sua conduta e seus hábitos.

Médiuns presunçosos; os que têm a pretensão de ser os únicos em contato com Espíritos superiores. Acreditam em sua infalibilidade e consideram inferior e errado tudo o que não vem deles.

Médiuns orgulhosos; os que se envaidecem das comunicações que recebem; acreditam não ter mais nada a aprender em espiritismo e não aplicam a si mesmos as lições que recebem frequentemente dos Espíritos. Não se contentam com as faculdades que possuem: querem tê-las todas.

Médiuns suscetíveis; variedade dos médiuns orgulhosos; ofendem-se com as críticas de que suas comunicações podem ser alvo; irritam-se com a menor contradição e, se mostram o que obtêm, é para que seja admirado, e não para pedir opiniões. Geralmente tomam aversão às pessoas que não aplaudem sem reservas e abandonam as reuniões em que não podem se impor e dominar.

« Deixem que vão se exibir em outro lugar e procurar ouvidos mais complacentes, ou que se retirem para o isolamento; as reuniões que privam de sua presença não sofrem grande perda. » (Erasto.)

Médiuns mercenários; os que exploram sua faculdade.

Médiuns ambiciosos; os que, sem cobrar por sua faculdade, esperam tirar dela vantagens de qualquer espécie.

Médiuns de má-fé; os que, tendo faculdades reais, simulam as que não têm para se dar importância. Não se pode dar o título de médium às pessoas

que, sem nenhuma faculdade mediúnica, só produzem efeitos por meio de truques.

Médiuns egoístas; os que só se servem de sua faculdade para uso pessoal e guardam para si as comunicações que recebem.

Médiuns invejosos; os que veem com despeito outros médiuns mais apreciados e superiores a eles.

197 Todas essas más qualidades têm necessariamente sua contrapartida no bem

Bons médiuns.

Médiuns sérios; os que só se servem de sua faculdade para o bem e para coisas realmente úteis; acreditariam profaná-la se a fizessem servir à satisfação dos curiosos e dos indiferentes ou a futilidades.

Médiuns modestos; os que não atribuem a si nenhum mérito pelas comunicações que recebem, por mais belas que sejam; consideram-se alheios a elas e não se julgam a salvo de mistificações. Longe de fugir dos conselhos desinteressados, eles os solicitam.

Médiuns dedicados; os que compreendem que o verdadeiro médium tem uma missão a cumprir e deve, quando necessário, sacrificar seus gostos, seus hábitos, seus prazeres, seu tempo e até seus interesses materiais ao bem dos outros.

Médiuns seguros; os que, além da facilidade de execução, merecem mais confiança por seu próprio caráter e pela natureza elevada dos Espíritos que os assistem, e que estão menos expostos a ser enganados. Veremos mais adiante que essa segurança em nada depende dos nomes mais ou menos respeitáveis que os Espíritos adotam. « É incontestável, vocês bem o percebem, que analisar assim as qualidades e os defeitos dos médiuns provocará

contrariedades e até animosidades em alguns; mas que importa? A mediunidade se espalha cada dia mais, e o médium que levasse a mal essas reflexões provaria uma coisa: que não é um bom médium, isto é, que é assistido por maus Espíritos. De resto, como eu disse, tudo isso durará apenas algum tempo, e os maus médiuns, os que abusam de suas faculdades ou as usam mal, sofrerão tristes consequências, como já aconteceu com alguns; aprenderão à própria custa quanto custa usar em proveito de suas paixões terrenas um dom que Deus só lhes havia concedido para seu progresso moral. Se vocês não puderem trazê-los de volta ao bom caminho, tenham pena deles, pois, posso dizê-lo, são reprovados por Deus. » (Erasto.)

« Este quadro é de grande importância, não só para os médiuns sinceros que, ao lê-lo, procurarão de boa-fé se preservar dos perigos a que estão expostos, mas também para todos os que se servem de médiuns, porque lhes dará a medida do que podem racionalmente esperar deles.

Deveria estar constantemente diante dos olhos de quem se ocupa de manifestações, assim como a escala espírita, da qual é o complemento; esses dois quadros resumem todos os princípios da doutrina e contribuirão, mais do que vocês acreditam, para reconduzir o espiritismo ao seu verdadeiro caminho. » (Sócrates.)

198 Todas essas variedades de médiuns apresentam graus infinitos de intensidade; várias delas constituem, a rigor, apenas nuances, mas nem por isso deixam de resultar de aptidões especiais.

198.2 Compreende-se que deve ser bastante raro que a faculdade de um médium se limite rigorosamente a um só gênero; o mesmo médium pode, sem dúvida, ter várias aptidões, mas há sempre uma que predomina, e é essa que ele deve se empenhar em cultivar, se for útil.

198.3 É um erro grave querer insistir no desenvolvimento de uma faculdade que não se possui; é preciso cultivar todas aquelas cujo germe reconhecemos em nós; mas buscar as outras é, em primeiro lugar, perder tempo e, em segundo, talvez perder e certamente enfraquecer aquelas de que somos dotados.

198.4 "Quando o princípio, o germe de uma faculdade existe, ela sempre se manifesta por sinais inequívocos. Limitando-se à sua especialidade, o médium pode se destacar e obter grandes e belas coisas; ocupando-se de tudo, não obterá nada de bom. Observem, de passagem, que o desejo de ampliar indefinidamente o alcance de suas faculdades é uma pretensão orgulhosa que os Espíritos nunca deixam impune; os bons sempre abandonam o presunçoso, que assim se torna um joguete dos Espíritos mentirosos.

198.5 Infelizmente, não é raro ver médiuns que não se contentam com os dons que receberam e aspiram, por amor-próprio ou ambição, a possuir faculdades excepcionais capazes de fazê-los se destacar; essa pretensão lhes tira a qualidade mais preciosa: a de médiuns seguros." (Sócrates.)

199 O estudo da especialidade dos médiuns é necessário, não só para eles, mas também para o evocador. Conforme a natureza do Espírito que se deseja chamar e as perguntas que se quer fazer, convém escolher o médium mais apto para isso; recorrer ao primeiro que aparecer é se expor a respostas incompletas ou erradas. Façamos uma comparação com fatos do dia a dia. Não se confiará uma redação, nem mesmo uma simples cópia, ao primeiro que aparecer só porque sabe escrever. Um músico quer que se execute uma peça de canto de sua composição; tem à sua disposição vários cantores, todos habilidosos; no entanto, não os escolherá ao acaso; escolherá como intérprete aquele cuja voz, expressão, enfim, todas as qualidades correspon-

dam melhor à natureza da peça. Os Espíritos fazem o mesmo em relação aos médiuns, e devemos fazer como os Espíritos.

É preciso observar, além disso, que as nuances que a mediunidade apresenta, às quais ainda se poderiam acrescentar outras, nem sempre têm relação com o caráter do médium; assim, por exemplo, um médium naturalmente alegre e jovial pode receber habitualmente comunicações sérias, até mesmo severas, e vice-versa: essa é mais uma prova evidente de que ele age sob o impulso de uma influência alheia. Voltaremos a esse assunto no capítulo que trata da Influência moral do médium.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. XVII — FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

✦

200 Desenvolvimento da mediunidade.

Vamos nos ocupar especialmente aqui dos médiuns escreventes, porque esse é o gênero de mediunidade mais difundido e, além disso, porque é ao mesmo tempo o mais simples, o mais cômodo, aquele que dá os resultados mais satisfatórios e mais completos; é também aquele que todos desejam. Infelizmente, até agora não há nenhum diagnóstico que possa indicar, mesmo aproximadamente, que alguém possui essa faculdade; os sinais físicos nos quais certas pessoas acreditaram ver indícios não têm nada de certo. Ela é encontrada em crianças e idosos, em homens e mulheres, quaisquer que sejam o temperamento, o estado de saúde e o grau de desenvolvimento intelectual e moral. Há apenas um meio de constatar sua existência: experimentar.

Pode-se obter a escrita, como vimos, por meio de cestas e pranchetas, ou diretamente com a mão; como este último modo é o mais fácil e, pode-se dizer, o único empregado hoje, é a ele que aconselhamos dar preferência. O procedimento é dos mais simples; consiste apenas em pegar um lápis e papel e se colocar na posição de uma pessoa que escreve, sem outra preparação; mas, para ter êxito, várias recomendações são indispensáveis. ’

201 Quanto à disposição material, recomendamos evitar tudo o que possa dificultar o livre movimento da mão; é até preferível que ela não se apoie de modo algum no papel. A ponta do lápis deve pressionar o suficiente para traçar, mas não a ponto de encontrar resistência. Todas essas precau-

ções se tornam inúteis depois que se consegue escrever com facilidade, pois então nenhum obstáculo é capaz de impedir a escrita: são apenas os primeiros passos do aprendiz.

202 É indiferente usar pena ou lápis; certos médiuns preferem a pena, mas ela só pode servir aos que já estão formados e escrevem pausadamente; há os que escrevem com tamanha velocidade que o uso da pena seria quase impossível ou, pelo menos, muito incômodo; o mesmo acontece quando a escrita é brusca e irregular, ou quando se lida com Espíritos violentos que batem com a ponta e a quebram, rasgando o papel.

203 O desejo de todo aspirante a médium é, naturalmente, poder conversar com o Espírito das pessoas que lhe são queridas, mas ele deve moderar sua impaciência, pois a comunicação com um Espírito determinado muitas vezes apresenta dificuldades materiais que a tornam impossível para o iniciante. Para que um Espírito possa se comunicar, é preciso haver entre ele e o médium relações fluídicas que nem sempre se estabelecem instantaneamente; é apenas à medida que a faculdade se desenvolve que o médium adquire, pouco a pouco, a aptidão necessária para entrar em relação com qualquer Espírito que se apresente. Pode ser, portanto, que aquele com quem se deseja comunicar não esteja em condições propícias para fazê-lo, apesar de estar presente, assim como também pode ser que não tenha a possibilidade nem a permissão de atender ao chamado que lhe é feito. Por isso, convém, no início, não insistir em pedir um Espírito determinado com exclusão de todos os outros, pois muitas vezes não é com ele que as relações fluídicas se estabelecem com maior facilidade, por mais simpatia que se tenha por ele. Antes, portanto, de pensar em obter comunicações de tal ou qual Espírito, é preciso buscar o desenvolvimento da faculdade e, para isso, fazer um cha-

mado geral e se dirigir sobretudo ao próprio anjo da guarda.

Não há aqui nenhuma fórmula sacramental; quem pretendesse dar uma poderia, sem hesitação, ser acusado de charlatanismo, pois, para os Espíritos, a forma nada é. Contudo, a evocação deve sempre ser feita em nome de Deus; pode ser feita nos seguintes termos ou em quaisquer outros equivalentes: Peço a Deus todo-poderoso que permita a um bom Espírito se comunicar comigo e me fazer escrever; peço também ao meu anjo da guarda que tenha a bondade de me assistir e de afastar os maus Espíritos. Espera-se então que um Espírito se manifeste fazendo escrever alguma coisa. Pode ser aquele que se deseja, como também pode ser um Espírito desconhecido ou o anjo da guarda; em todos os casos, ele geralmente se dá a conhecer escrevendo seu nome; mas então surge a questão da identidade, uma das que mais exigem experiência, pois são poucos os iniciantes que não ficam sujeitos a ser enganados. Trataremos dela adiante, em um capítulo especial.

Quando se quer chamar Espíritos determinados, é essencial, no começo, dirigir-se apenas àqueles que se sabe serem bons e simpáticos e que possam ter algum motivo para vir, como parentes ou amigos. Nesse caso, a evocação pode ser formulada assim: Em nome de Deus todo-poderoso, peço ao Espírito de fulano que se comunique comigo; ou então: Peço a Deus todo-poderoso que permita ao Espírito de fulano se comunicar comigo; ou qualquer outra fórmula que corresponda ao mesmo pensamento. É igualmente necessário que as primeiras perguntas sejam formuladas de modo que a resposta seja simplesmente sim ou não, como, por exemplo: Você está aí? — Quer me responder? — Pode me fazer escrever? etc. Mais tarde, essa precaução se torna inútil; no começo, trata-se apenas de estabelecer uma relação; o essencial é que a pergunta não seja fútil, que não se refira a assuntos

de interesse particular e, sobretudo, que expresse um sentimento bondoso e simpático pelo Espírito ao qual se dirige. (Veja adiante o capítulo especial sobre as Evocações.)

204 Uma coisa ainda mais importante a observar do que o modo de fazer o chamado é a calma e o recolhimento, unidos a um desejo ardente e a uma firme vontade de ter êxito; e, por vontade, não entendemos aqui uma vontade passageira, que age aos solavancos e é interrompida a cada minuto por outras preocupações, mas uma vontade séria, perseverante, constante, sem impaciência nem desejo febril.

204.2 O recolhimento é favorecido pela solidão, pelo silêncio e pelo afastamento de tudo o que possa causar distrações. Resta então apenas uma coisa a fazer: renovar todos os dias as tentativas, durante dez minutos ou um quarto de hora, no máximo, de cada vez, e isso durante quinze dias, um mês, dois meses ou mais, se for preciso; conhecemos médiuns que só se formaram depois de seis meses de exercício, enquanto outros escrevem com facilidade desde a primeira vez.

205 Para evitar tentativas inúteis, pode-se interrogar, por meio de outro médium, um Espírito sério e adiantado; mas é preciso observar que, quando se pergunta aos Espíritos se alguém é ou não médium, eles quase sempre respondem afirmativamente, o que não impede que as tentativas sejam muitas vezes infrutíferas. Isso se explica naturalmente.

205.2 Faz-se ao Espírito uma pergunta geral, e ele responde de maneira geral; ora, como se sabe, nada é mais amplo do que a faculdade mediúnica, pois ela pode se apresentar sob as formas mais variadas e em graus muito diferentes. Pode-se, portanto, ser médium sem perceber e num sentido diferente daquele em que se está pensando.

205.3 A esta pergunta vaga: Sou médium?, o Espírito pode responder sim; a esta outra, mais precisa: Sou médium escrevente?, ele pode responder não. É preciso levar em conta também a natureza do Espírito que se interroga; há alguns tão levianos e tão ignorantes que respondem de qualquer maneira, como verdadeiros irrefletidos; por isso recomendamos que se dirijam a Espíritos esclarecidos, que em geral respondem de boa vontade a essas perguntas e indicam o melhor caminho a seguir, se houver possibilidade de êxito.

206 Um meio que dá resultado com bastante frequência consiste em empregar, como auxiliar temporário, um bom médium escrevente flexível, já formado. Se ele colocar a mão ou os dedos sobre a mão que deve escrever, é raro que esta não o faça imediatamente; compreende-se o que acontece nessa circunstância: a mão que segura o lápis se torna, de certa forma, um apêndice da mão do médium, como seria uma cesta ou uma prancheta; mas isso não impede que esse exercício seja muito útil quando se pode empregá-lo, pois, repetido com frequência e regularidade, ajuda a superar o obstáculo material e provoca o desenvolvimento da faculdade. Às vezes, basta também magnetizar intensamente, com essa intenção, o braço e a mão de quem quer escrever; muitas vezes, o magnetizador se limita a colocar a mão sobre o ombro, e vimos pessoas escreverem prontamente sob essa influência. O mesmo efeito também pode se produzir sem nenhum contato, apenas pela ação da vontade. Compreende-se facilmente que a confiança do magnetizador em seu próprio poder de produzir esse resultado deve desempenhar aqui um grande papel, e que um magnetizador incrédulo teria pouca ou nenhuma ação.

A ajuda de um guia experiente também é, às vezes, muito útil para fazer o

iniciante observar uma porção de pequenas precauções que ele muitas vezes negligencia, prejudicando a rapidez dos progressos; é útil sobretudo para esclarecê-lo sobre a natureza das primeiras perguntas e a maneira de formulá-las. Seu papel é o de um professor, do qual se pode prescindir quando se tem habilidade suficiente.

207 Outro meio que também pode contribuir muito para o desenvolvimento da faculdade consiste em reunir certo número de pessoas, todas animadas pelo mesmo desejo e por uma intenção comum; que todas, então, ao mesmo tempo, em silêncio absoluto e com religioso recolhimento, tentem escrever, fazendo cada uma um chamado ao seu anjo da guarda ou a algum Espírito simpático. Uma delas também pode fazer, sem designação especial e em favor de todos os membros da reunião, um chamado geral a bons Espíritos, dizendo, por exemplo: Em nome de Deus todo-poderoso, pedimos aos bons Espíritos que tenham a bondade de se comunicar por meio das pessoas aqui presentes. É raro que, entre elas, não haja algumas que deem prontamente sinais de mediunidade ou até escrevam com facilidade em pouco tempo.

Compreende-se facilmente o que acontece nessa circunstância. As pessoas unidas por uma intenção comum formam um todo coletivo, cuja força e sensibilidade aumentam por uma espécie de influência magnética que ajuda no desenvolvimento da faculdade. Entre os Espíritos atraídos por esse conjunto de vontades, há os que encontram nos presentes o instrumento que lhes convém; se não for um, será outro, e eles aproveitam a oportunidade.

Esse meio deve ser empregado sobretudo nos grupos espíritas que não têm médiuns ou que não os têm em número suficiente.

208 Procuraram-se procedimentos para a formação dos médiuns, assim como se procuraram diagnósticos; mas, até agora, não conhecemos outros mais eficazes do que os que indicamos.

208.2 Convencidas de que o obstáculo ao desenvolvimento da faculdade é uma resistência inteiramente material, certas pessoas pretendem vencê-la por uma espécie de ginástica dos braços e da cabeça que quase chega a deslocar as articulações.

208.3 Não descreveremos esse procedimento, que nos vem do outro lado do Atlântico, não apenas porque não temos nenhuma prova de sua eficácia, mas pela convicção de que ele pode oferecer perigo às constituições delicadas, pelo abalo do sistema nervoso.

208.4 Se os rudimentos da faculdade não existem, nada pode produzi-los, nem mesmo a eletrização, que foi empregada sem sucesso com o mesmo objetivo.

209 A fé no aprendiz de médium não é uma condição obrigatória; ela auxilia os esforços, sem dúvida, mas não é indispensável: a pureza de intenção, o desejo e a boa vontade bastam. Já se viram pessoas inteiramente incrédulas ficarem muito espantadas por escreverem contra a própria vontade, enquanto crentes sinceros não conseguem fazê-lo; isso prova que essa faculdade depende de uma predisposição orgânica.

210 O primeiro indício de uma disposição para escrever é uma espécie de tremor no braço e na mão; pouco a pouco, a mão é levada por um impulso que não consegue dominar. Muitas vezes, a princípio ela traça apenas riscos sem significado; depois, os caracteres se delineiam cada vez mais nitidamente, e a escrita acaba adquirindo a rapidez da escrita comum. Em todos os casos, é preciso deixar a mão seguir seu movimento natural, sem oferecer

resistência nem dar impulso.

Certos médiuns escrevem de modo fluente e com facilidade desde o início, às vezes até desde a primeira sessão, o que é bastante raro; outros fazem, durante bastante tempo, traços e verdadeiros exercícios de caligrafia; os Espíritos dizem que é para lhes soltar a mão. Se esses exercícios se prolongassem demais ou degenerassem em sinais ridículos, não haveria dúvida de que se trata de um Espírito que se diverte, pois os bons Espíritos nunca mandam fazer nada inútil; nesse caso, seria preciso redobrar o fervor para pedir a assistência destes. Se, apesar disso, não houver mudança, é preciso parar assim que se perceber que não se obtém nada de sério. Pode-se recomeçar a tentativa todos os dias, mas convém interrompê-la aos primeiros sinais suspeitos, para não dar essa satisfação aos Espíritos zombeteiros.

A essas observações, um Espírito acrescenta: "Há médiuns cuja faculdade não pode ir além desses sinais; quando, ao fim de alguns meses, só obtêm coisas insignificantes, respostas de sim ou não, ou letras sem sequência, é inútil persistir em gastar papel em pura perda; são médiuns, mas médiuns improdutivos. Além disso, as primeiras comunicações obtidas devem ser consideradas apenas exercícios confiados a Espíritos secundários; por isso, deve-se dar a elas pouca importância, tendo em vista os Espíritos que são, por assim dizer, empregados como professores de escrita para dar os primeiros ensinamentos ao médium iniciante; pois não pensem que sejam alguma vez Espíritos elevados que façam o médium realizar esses exercícios preparatórios; acontece, porém, que, se o médium não tem um objetivo sério, esses Espíritos ficam e se apegam a ele. Quase todos os médiuns passaram por essa prova para se desenvolver; cabe a eles fazer o necessário para conquistar a simpatia dos Espíritos verdadeiramente superiores."

211 O obstáculo da maioria dos médiuns iniciantes é ter de lidar com Espíritos inferiores, e devem se considerar felizes quando são apenas Espíritos levianos. Toda a sua atenção deve se voltar a não permitir que eles se instalem, pois, uma vez estabelecidos, nem sempre é fácil se livrar deles. Esse ponto é tão importante, sobretudo no início, que, sem as precauções necessárias, pode-se perder o fruto das mais belas faculdades.

O primeiro ponto consiste em se colocar, com fé sincera, sob a proteção de Deus e pedir a assistência de seu anjo da guarda; este é sempre bom, enquanto os Espíritos familiares, que simpatizam com as boas ou más qualidades do médium, podem ser levianos ou até maus.

O segundo ponto é se empenhar, com cuidado escrupuloso, em reconhecer, por todos os indícios fornecidos pela experiência, a natureza dos primeiros Espíritos que se comunicam, dos quais é sempre prudente desconfiar. Se esses indícios forem suspeitos, é preciso fazer um apelo fervoroso ao seu anjo da guarda e repelir com todas as forças o mau Espírito, demonstrando que não se deixa enganar por ele, a fim de desanimá-lo. É por isso que o estudo prévio da teoria é indispensável, se quisermos evitar os inconvenientes inseparáveis da inexperiência; sobre esse assunto, encontram-se instruções muito desenvolvidas nos capítulos sobre a Obsessão e a Identidade dos Espíritos. Aqui nos limitaremos a dizer que, além da linguagem, podem ser considerados provas infalíveis da inferioridade dos Espíritos: todos os sinais, figuras e emblemas inúteis ou pueris; toda escrita estranha, entrecortada, deliberadamente retorcida, de tamanho exagerado ou que apresente formas ridículas e incomuns; a escrita pode ser muito ruim, até pouco legível, o que depende mais do médium do que do Espírito, sem ter nada de insólito. Vimos médiuns tão enganados que mediam a superiori-

dade dos Espíritos pelo tamanho dos caracteres e davam grande importância a letras desenhadas como caracteres de imprensa, puerilidade evidentemente incompatível com uma superioridade real.

212 Se é importante não cair involuntariamente sob a dependência dos maus Espíritos, mais importante ainda é não se colocar nela voluntariamente, e não se deve deixar que um desejo imoderado de escrever leve a crer que tanto faz dirigir-se ao primeiro que aparecer, deixando para se livrar dele mais tarde, caso não convenha, pois não se pede impunemente assistência, para o que quer que seja, a um mau Espírito que pode cobrar caro por seus serviços.

Algumas pessoas, impacientes por verem se desenvolver nelas a faculdade mediúnica, lenta demais a seu gosto, tiveram a ideia de chamar em seu auxílio um Espírito qualquer, mesmo que fosse mau, contando dispensá-lo depois. Várias foram atendidas como desejavam e escreveram imediatamente; mas o Espírito, contrariado por ter sido tomado como último recurso, foi menos dócil para partir do que para vir. Conhecemos pessoas que, por sua presunção de se julgarem fortes o bastante para afastá-los quando quisessem, foram punidas com anos de obsessões de toda natureza, com as mistificações mais ridículas, com uma fascinação persistente e até com infortúnios materiais e as mais cruéis decepções. O Espírito se mostrou primeiro abertamente mau, depois hipócrita, a fim de fazer acreditar em sua conversão ou no suposto poder da pessoa subjugada para expulsá-lo quando quisesse.

213 A escrita às vezes é muito legível, com as palavras e as letras perfeitamente separadas; mas, com certos médiuns, é difícil de decifrar para qualquer pessoa que não seja quem escreve: é preciso se habituar a ela. Muitas

vezes ela é formada por traços grandes; os Espíritos economizam pouco papel. Quando uma palavra ou uma frase está pouco legível demais, pede-se ao Espírito que tenha a bondade de recomeçar, o que ele geralmente faz de boa vontade. Quando a escrita é habitualmente ilegível, mesmo para o médium, este quase sempre consegue obter uma mais nítida por meio de exercícios frequentes e constantes, empregando uma vontade firme e pedindo com fervor ao Espírito que escreva com mais correção. Certos Espíritos costumam adotar sinais convencionais que passam a ser usados nas reuniões habituais. Para indicar que uma pergunta lhes desagrada e que não querem respondê-la, farão, por exemplo, um traço longo ou algo equivalente.

Quando o Espírito termina o que tinha a dizer, ou não quer mais responder, a mão fica imóvel, e o médium, quaisquer que sejam seu poder e sua vontade, não consegue obter uma palavra a mais. Ao contrário, enquanto o Espírito não termina, o lápis se move sem que seja possível à mão parar. Se ele quer dizer algo espontaneamente, a mão agarra convulsivamente o lápis e começa a escrever sem que se possa impedir. Além disso, o médium quase sempre sente em si algo que lhe indica se há apenas uma interrupção ou se o Espírito terminou. É raro que não sinta quando este se retirou.

Essas são as explicações mais essenciais que temos a dar sobre o desenvolvimento da psicografia; a experiência fará conhecer, na prática, certos detalhes que seria inútil relatar aqui e para os quais servirão de orientação os princípios gerais. Que muitos tentem, e serão encontrados mais médiuns do que se pensa.

214 Tudo o que acabamos de dizer se aplica à escrita mecânica; é essa que todos os médiuns procuram obter, com razão; mas o mecanismo puro é muito raro, e com muita frequência se mistura a ele uma parcela maior ou

menor de intuição. O médium que tem consciência do que escreve é naturalmente levado a duvidar de sua faculdade; não sabe se aquilo vem dele ou de um Espírito alheio.

214.2 Não deve se preocupar com isso e deve prosseguir mesmo assim; que se observe com cuidado, e reconhecerá facilmente, no que escreve, uma porção de coisas que não estavam em seu pensamento e que até lhe são contrárias; prova evidente de que não vêm dele. Que continue, portanto, e a dúvida se dissipará com a experiência.

215 Se ao médium não é dado ser exclusivamente mecânico, todas as tentativas de obter esse resultado serão infrutíferas, e, no entanto, ele estaria errado em se julgar privado de um dom por isso; se é dotado apenas da mediunidade intuitiva, precisa se contentar com ela, e ela certamente lhe prestará grandes serviços se ele souber aproveitá-la e não a rejeitar.

Se, depois de tentativas inúteis realizadas durante algum tempo, não surgir nenhum indício de movimento involuntário, ou se esses movimentos forem fracos demais para produzir resultados, ele não deve hesitar em escrever o primeiro pensamento que lhe for sugerido, sem se preocupar se vem dele ou de uma fonte alheia: a experiência lhe ensinará a fazer essa distinção. Além disso, acontece com muita frequência de o movimento mecânico se desenvolver mais tarde.

Dissemos acima que há casos em que é indiferente saber se o pensamento vem do médium ou de um Espírito alheio; isso ocorre sobretudo quando um médium puramente intuitivo ou inspirado faz um trabalho de imaginação para si mesmo; pouco importa que atribua a si um pensamento que

lhe tenha sido sugerido; se lhe vêm boas ideias, que agradeça por elas ao seu bom gênio, e outras lhe serão sugeridas. Assim é a inspiração dos poetas, dos filósofos e dos sábios.

216 Suponhamos agora que a faculdade mediúnica esteja completamente desenvolvida; que o médium escreva com facilidade; que seja, em uma palavra, o que se chama um médium formado: seria um grande erro de sua parte acreditar que está dispensado de qualquer outra instrução; ele venceu apenas uma resistência material, mas é então que começam para ele as verdadeiras dificuldades, e que precisa, mais do que nunca, dos conselhos da prudência e da experiência, se não quiser cair nas mil armadilhas que lhe serão preparadas. Se quiser voar com as próprias asas cedo demais, não demorará a ser enganado pelos Espíritos mentirosos que procurarão explorar sua presunção.

217 Uma vez desenvolvida a faculdade no médium, é essencial que ele não abuse dela. A satisfação que ela proporciona a certos iniciantes desperta neles um entusiasmo que é importante moderar; devem pensar que ela lhes é dada para o bem e não para satisfazer uma curiosidade vã; por isso, é útil servir-se dela apenas nos momentos oportunos e não a todo instante; como os Espíritos não estão constantemente às suas ordens, correm o risco de ser enganados pelos mistificadores.

217.2 Para esse fim, é bom adotar dias e horários determinados, porque assim se apresentam com disposições de maior recolhimento, e os Espíritos que querem vir ficam avisados e se preparam de acordo.

218 Se, apesar de todas as tentativas, a mediunidade não se revelasse de nenhuma forma, seria preciso renunciar a ela, como se renuncia a cantar quando não se tem voz. Quem não conhece uma língua recorre a um tra-

dutor; é preciso fazer o mesmo, isto é, recorrer a outro médium. Na falta de médium, não se deve acreditar estar privado da assistência dos Espíritos.

218.2 A mediunidade é para eles um meio de se expressar, mas não um meio exclusivo de atração; aqueles que nos amam estão perto de nós, sejamos ou não médiuns; um pai não abandona seu filho porque ele é surdo e cego e não pode vê-lo nem ouvi-lo; ele o cerca de seus cuidados, como fazem os bons Espíritos por nós; se não podem nos transmitir materialmente seu pensamento, vêm em nosso auxílio pela inspiração.

219 Mudança de escrita

Um fenômeno muito comum entre os médiuns escreventes é a mudança de escrita conforme os Espíritos que se comunicam, e o mais notável é que a mesma escrita se reproduz constantemente com o mesmo Espírito, e às vezes é idêntica à que ele tinha em vida; veremos mais adiante as consequências que se podem tirar disso quanto à identidade. A mudança de escrita só ocorre entre os médiuns mecânicos ou semimecânicos, porque neles o movimento da mão é involuntário e dirigido pelo Espírito; não acontece o mesmo com os médiuns puramente intuitivos, pois, nesse caso, o Espírito age unicamente sobre o pensamento, e a mão é dirigida pela vontade, como nas circunstâncias comuns; mas a uniformidade da escrita, mesmo em um médium mecânico, não prova absolutamente nada contra sua faculdade, pois a mudança não é uma condição absoluta na manifestação dos Espíritos; ela depende de uma aptidão especial que os médiuns mais mecânicos nem sempre possuem. Designamos aqueles que têm essa aptidão pelo nome de médiuns polígrafos.

220 Perda e suspensão da mediunidade

A faculdade mediúnica está sujeita a intermitências e suspensões momentâneas, tanto nas manifestações físicas quanto na escrita. Eis as respostas dos Espíritos a algumas perguntas feitas a esse respeito.

1. Os médiuns podem perder sua faculdade?

« Isso acontece muitas vezes, qualquer que seja o gênero dessa faculdade; mas muitas vezes também é apenas uma interrupção momentânea que cessa com a causa que a produziu. »

2. A causa da perda da mediunidade está no esgotamento do fluido?

« Seja qual for a faculdade de que o médium seja dotado, ele nada pode sem a colaboração simpática dos Espíritos; quando já não obtém nada, nem sempre é a faculdade que lhe falta; muitas vezes são os Espíritos que já não querem ou já não podem se servir dele. »

3. Que causa pode levar os Espíritos a abandonar um médium?

« O uso que ele faz de sua faculdade é a que mais influi sobre os bons Espíritos. Podemos abandoná-lo quando ele a utiliza para coisas fúteis ou com intenções ambiciosas; quando se recusa a transmitir nossa palavra ou nossos atos aos encarnados que o procuram ou que precisam ver para se convencer. Esse dom de Deus não é concedido ao médium para seu prazer, e menos ainda para servir à sua ambição, mas para seu próprio aperfeiçoamento e para dar a conhecer a verdade aos homens. Se o Espírito vê que o médium já não corresponde às suas intenções e não aproveita as instruções e os avisos que lhe dá, retira-se para procurar um protegido mais digno. »

4. O Espírito que se retira não pode ser substituído? Nesse caso, como compreender a suspensão da faculdade?

« Não faltam Espíritos que nada mais desejam do que se comunicar e estão inteiramente prontos para substituir aqueles que se retiram; mas, quando é

um bom Espírito que abandona o médium, pode muito bem deixá-lo apenas momentaneamente e privá-lo por algum tempo de toda comunicação, para lhe servir de lição e lhe provar que sua faculdade não depende dele e que não deve se envaidecer dela. Essa incapacidade momentânea também serve para dar ao médium a prova de que escreve sob uma influência alheia; de outro modo, não haveria intermitência.

« Além disso, a interrupção da faculdade nem sempre é uma punição; às vezes demonstra o cuidado do Espírito pelo médium a quem ama; ele quer lhe proporcionar um repouso físico que julga necessário e, nesse caso, não permite que outros Espíritos o substituam. »

5. Vemos, no entanto, médiuns muito merecedores, moralmente falando, que não sentem nenhuma necessidade de repouso e ficam muito contrariados com interrupções cujo objetivo não compreendem.

« É para pôr sua paciência à prova e avaliar sua perseverança; por isso os Espíritos em geral não fixam nenhum prazo para essa suspensão; querem ver se o médium desanimará. Muitas vezes é também para lhes deixar tempo de meditar sobre as instruções que lhes deram, e é por essa meditação sobre nossos ensinamentos que reconhecemos os espíritas verdadeiramente sérios; não podemos dar esse nome àqueles que, na realidade, são apenas apreciadores de comunicações. »

6. Nesse caso, é necessário que o médium continue suas tentativas de escrever?

« Se o Espírito o aconselha a isso, sim; se lhe diz que se abstenha, deve fazê-lo. »

7. Haveria um meio de abreviar essa prova?

« A resignação e a prece. Além disso, basta fazer todos os dias uma tentativa de alguns minutos, pois seria inútil perder tempo em tentativas sem

resultado; a tentativa tem como único objetivo verificar se a faculdade foi recuperada. »

8. A suspensão implica o afastamento dos Espíritos que costumam se comunicar?

« De modo algum; o médium fica então na situação de uma pessoa que perdesse momentaneamente a visão e nem por isso deixasse de estar cercada de seus amigos, embora não pudesse vê-los. O médium pode, portanto, e até deve, continuar a conversar pelo pensamento com seus Espíritos familiares e estar convencido de que é ouvido por eles. Se a falta de mediunidade pode privá-lo das comunicações materiais com certos Espíritos, não pode privá-lo das comunicações morais. »

9. Assim, a interrupção da faculdade mediúnica nem sempre implica uma censura por parte dos Espíritos?

« Certamente que não, pois ela pode ser uma prova de benevolência. »

10. Por que sinal se pode reconhecer uma censura nessa interrupção?

« Que o médium interrogue sua consciência e se pergunte que uso fez de sua faculdade, que bem resultou dela para os outros, que proveito tirou dos conselhos que lhe foram dados, e terá a resposta. »

11. O médium que já não pode escrever não pode recorrer a outro médium?

« Isso depende da causa da interrupção; esta muitas vezes tem por motivo deixar vocês algum tempo sem comunicações depois de lhes termos dado conselhos, para que não se acostumem a só fazer alguma coisa por nosso intermédio; nesse caso, ele não ficará mais satisfeito ao se servir de outro médium; e isso ainda tem outro objetivo: provar a vocês que os Espíritos são livres e que não depende de vocês fazê-los agir conforme sua vontade. É também por essa razão que aqueles que não são médiuns nem sempre têm

todas as comunicações que desejam. »

Observação. É preciso observar, de fato, que aquele que recorre a um terceiro para as comunicações, apesar da qualidade do médium, muitas vezes não obtém nada de satisfatório, enquanto em outras ocasiões as respostas são muito explícitas. Isso depende tanto da vontade do Espírito que não se avança mais ao mudar de médium; os próprios Espíritos parecem, a esse respeito, combinar entre si, pois aquilo que não se obtém de um também não se obterá de outro. É preciso então evitar insistir e se impacientar, se não quisermos ser enganados pelos Espíritos embusteiros, que responderão se fizermos questão a todo custo, e os bons os deixarão agir para nos punir por nossa insistência.

12. Com que objetivo a Providência dotou certos indivíduos de mediunidade de maneira especial?

« É uma missão de que são encarregados e com a qual ficam felizes; são os intérpretes entre os Espíritos e os homens. »

13. Há, no entanto, médiuns que só empregam sua faculdade com relutância?

« São médiuns imperfeitos; não conhecem o valor do favor que lhes é concedido. »

14. Se é uma missão, como se explica que ela não seja privilégio dos homens de bem e que essa faculdade seja dada a pessoas que não merecem nenhuma estima e que podem abusar dela?

« Ela lhes é dada porque precisam dela para seu próprio aperfeiçoamento e para que tenham condições de receber bons esclarecimentos; se não os aproveitarem, sofrerão as consequências. Jesus não dirigia de preferência sua palavra aos pecadores, dizendo que é preciso dar a quem não tem? »

15. As pessoas que têm grande desejo de escrever como médiuns e não con-

seguem podem concluir disso alguma coisa contra si mesmas quanto à benevolência dos Espíritos para com elas?

« Não, pois Deus pode lhes ter recusado essa faculdade, como pode lhes ter recusado o dom da poesia ou da música; mas, se não desfrutam desse favor, podem ter outros. »

16. Como um homem pode se aperfeiçoar pelo ensinamento dos Espíritos quando não tem, nem por si mesmo nem por outros médiuns, os meios de receber esse ensinamento direto?

« Ele não tem os livros, assim como o cristão tem o Evangelho? Para praticar a moral de Jesus, o cristão não precisa ter ouvido suas palavras saírem de sua boca. »

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. XVIII — INCONVENIENTES E PERIGOS DA MEDIUNIDADE

✦

221 t. A faculdade mediúnica é indício de algum estado patológico ou simplesmente anormal?

« Anormal algumas vezes, mas não patológico; há médiuns de saúde robusta; os que estão doentes estão assim por outras causas. »

2. O exercício da faculdade mediúnica pode causar fadiga?

« O exercício prolongado demais de qualquer faculdade causa fadiga; o mesmo acontece com a mediunidade, principalmente a que se aplica aos efeitos físicos; ela causa necessariamente um gasto de fluido que provoca fadiga e se repõe pelo repouso. »

3. O exercício da mediunidade pode, por si mesmo, apresentar inconvenientes do ponto de vista da saúde, deixando de lado o abuso?

« Há casos em que é prudente, e até necessário, abster-se dela, ou pelo menos moderar seu uso; isso depende do estado físico e moral do médium. Aliás, o médium geralmente percebe isso e, quando sente fadiga, deve se abster, d

4. Há pessoas para as quais esse exercício apresenta mais inconvenientes do que para outras?

« Eu disse que isso depende do estado físico e moral do médium. Há pessoas nas quais é necessário evitar toda causa de excitação excessiva, e esta é uma delas. » (nº 188 e 194.)

5. A mediunidade poderia produzir a loucura?

« Não mais do que qualquer outra coisa, quando não há predisposição pela fraqueza do cérebro. A mediunidade não produzirá a loucura quando seu princípio não estiver presente; mas, se o princípio existir, o que é fácil reconhecer pelo estado moral, o bom senso diz que é preciso agir com cautela sob todos os aspectos, pois toda causa de abalo pode ser prejudicial, b

6. Há inconveniente em desenvolver a mediunidade nas crianças 7

« Certamente, e sustento que isso é muito perigoso; pois esses organismos frágeis e delicados ficariam abalados demais, e sua jovem imaginação, excessivamente excitada; por isso, os pais sensatos as afastarão dessas ideias, ou pelo menos só lhes falarão delas do ponto de vista das consequências morais. »

7. Há, no entanto, crianças que são médiuns naturalmente, seja para os efeitos físicos, seja para a escrita e as visões; isso apresenta o mesmo inconveniente?

« Não; quando a faculdade é espontânea numa criança, é porque faz parte de sua natureza e sua constituição se presta a isso; o mesmo não acontece quando ela é provocada e excessivamente excitada. Observem que a criança que tem visões geralmente fica pouco impressionada com elas; isso lhe parece uma coisa inteiramente natural, à qual presta muito pouca atenção e que muitas vezes esquece; mais tarde, o fato lhe volta à memória, e ela o explica facilmente se conhece o espiritismo. »

8. A partir de que idade se pode, sem inconveniente, ocupar-se da mediunidade?

« Não há idade precisa, isso depende inteiramente do desenvolvimento físico e ainda mais do desenvolvimento moral; há crianças de doze anos que serão menos afetadas por ela do que certas pessoas adultas. Falo da mediunidade em geral, mas a que se aplica aos efeitos físicos é mais cansativa para

o corpo; a escrita tem outro inconveniente, ligado à inexperiência da criança, caso ela queira se ocupar disso sozinha e fazer disso uma brincadeira. »

222 A prática do espiritismo, como veremos mais adiante, exige muito tato para frustrar as artimanhas dos Espíritos enganadores; se homens adultos são enganados por eles, a infância e a juventude estão ainda mais expostas a isso por sua inexperiência. Além disso, sabe-se que o recolhimento é uma condição sem a qual não se pode entrar em contato com Espíritos sérios; as evocações feitas de maneira irrefletida e por brincadeira são uma verdadeira profanação que abre fácil acesso aos Espíritos zombeteiros ou malfeitores; como não se pode esperar de uma criança a seriedade necessária a um ato desses, seria de temer que ela fizesse disso uma brincadeira se fosse deixada por conta própria. Mesmo nas condições mais favoráveis, é desejável que uma criança dotada da faculdade mediúnica só a exerça sob a supervisão de pessoas experientes, que lhe ensinarão, por seu exemplo, o respeito que se deve às almas daqueles que viveram. Vê-se, por isso, que a questão da idade está subordinada às circunstâncias tanto do temperamento quanto do caráter. Contudo, o que se depreende claramente das respostas acima é que não se deve estimular o desenvolvimento dessa faculdade nas crianças quando ela não é espontânea e que, em todos os casos, é preciso usá-la com grande cautela; que também não se deve nem excitá-la nem incentivá-la nas pessoas debilitadas; é preciso afastar dela, por todos os meios possíveis, aquelas que tenham apresentado os menores sintomas de excentricidade nas ideias ou de enfraquecimento das faculdades mentais, pois há nelas predisposição evidente à loucura, que qualquer causa de excitação excessiva pode desenvolver. As ideias espíritas não têm, sob esse aspecto, in-

fluência maior, mas, se a loucura viesse a se manifestar, assumiria o caráter da preocupação dominante, assim como assumiria um caráter religioso se a pessoa se entregasse com excesso às práticas de devoção, e o espiritismo seria responsabilizado por isso. O melhor a fazer com qualquer indivíduo que mostre tendência à ideia fixa é dirigir suas preocupações para outro assunto, a fim de proporcionar repouso aos órgãos enfraquecidos.

Chamamos, a esse respeito, a atenção de nossos leitores para o parágrafo XII da introdução de O Livro dos Espíritos.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. XIX — PAPEL DO MÉDIUM NAS COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS

✦

223 1. O médium, no momento em que exerce sua faculdade, está em um estado perfeitamente normal?

« Às vezes ele está em um estado de crise mais ou menos acentuado; é isso que o cansa, e é por isso que precisa de repouso; mas, na maioria das vezes, seu estado não difere sensivelmente do estado normal, sobretudo nos médiuns escreventes. »

2. As comunicações escritas ou verbais também podem provir do próprio Espírito encarnado no médium?

« A alma do médium pode se comunicar como a de qualquer outro; se desfruta de certo grau de liberdade, recupera suas qualidades de Espírito. Vocês têm a prova disso na alma das pessoas vivas que vêm visitá-los e se comunicam com vocês pela escrita, muitas vezes sem que vocês as chamem. Pois saibam bem que, entre os Espíritos que vocês evocam, há alguns que estão encarnados na Terra; então eles lhes falam como Espíritos, e não como homens. Por que vocês haveriam de querer que não acontecesse o mesmo com o médium? »

— Essa explicação não parece confirmar a opinião daqueles que acreditam que todas as comunicações emanam do Espírito do médium, e não de outros Espíritos?

« Eles só estão errados porque são absolutos; pois é certo que o Espírito do médium pode agir por si mesmo; mas isso não é motivo para que outros

não ajam igualmente por seu intermédio. »

3. Como distinguir se o Espírito que responde é o do médium ou outro Espírito?

« Pela natureza das comunicações. Estudem as circunstâncias e a linguagem, e vocês distinguirão. É sobretudo no estado de sonambulismo ou de êxtase que o Espírito do médium se manifesta, porque então está mais livre; mas, no estado normal, é mais difícil. Além disso, há respostas que é impossível atribuir a ele; é por isso que lhes digo que estudem e observem. »

Observação. Quando uma pessoa nos fala, distinguimos facilmente o que vem dela daquilo de que ela é apenas o eco; acontece o mesmo com os médiuns.

4. Já que o Espírito do médium pôde adquirir, em existências anteriores, conhecimentos que esqueceu sob seu envoltório corporal, mas dos quais se lembra como Espírito, ele não pode tirar de seus próprios recursos as ideias que parecem ultrapassar o alcance de sua instrução?

« Isso acontece muitas vezes no estado de crise sonambúlica ou extática; mas, mais uma vez, há circunstâncias que não permitem dúvida: estudem por muito tempo e meditem. »

5. As comunicações provenientes do Espírito do médium são sempre inferiores às que poderiam ser feitas por outros Espíritos?

« Sempre, não; pois o outro Espírito pode ser, ele próprio, de uma ordem inferior à do médium, e nesse caso falar com menos sensatez. Vemos isso no sonambulismo; pois ali é, na maioria das vezes, o Espírito do sonâmbulo que se manifesta e que, no entanto, às vezes diz coisas muito boas. »

6. O Espírito que se comunica por um médium transmite diretamente seu pensamento, ou esse pensamento tem como intermediário o Espírito en-

carnado no médium?

« É o Espírito do médium que é o intérprete, porque está ligado ao corpo que serve para falar, e é preciso haver uma ligação entre vocês e os outros Espíritos que se comunicam, assim como é preciso um fio elétrico para transmitir uma notícia a distância e, na ponta do fio, uma pessoa inteligente que a receba e a transmita. »

7. O Espírito encarnado no médium exerce influência sobre as comunicações que deve transmitir e que provêm de outros Espíritos?

« Sim, pois, se não tem afinidade com eles, pode alterar suas respostas e ajustá-las às próprias ideias e inclinações, mas não influencia os próprios Espíritos: é apenas um mau intérprete. »

8. É essa a causa da preferência dos Espíritos por certos médiuns?

« Não há outra; eles procuram o intérprete que tenha maior afinidade com eles e que reproduza seu pensamento com mais exatidão. Se não há afinidade entre eles, o Espírito do médium é um antagonista que oferece certa resistência e se torna um intérprete de má vontade e muitas vezes infiel. Acontece o mesmo entre vocês quando a opinião de um sábio é transmitida pela voz de um imprudente ou de um homem de má-fé. »

9. Compreende-se que seja assim com os médiuns intuitivos, mas não com os mecânicos.

« Vocês não compreendem bem o papel que o médium desempenha; há nisso uma lei que vocês ainda não entenderam. Lembrem-se de que, para produzir o movimento de um corpo inerte, o Espírito precisa de uma porção de fluido animalizado que toma emprestada do médium para animar momentaneamente a mesa, a fim de que ela obedeça à sua vontade; pois bem, compreendam também que, para uma comunicação inteligente, ele precisa de um intermediário inteligente, e que esse intermediário é o Espí-

rito do médium. »

— Isso não parece aplicável ao que se chama de mesas falantes; pois, quando objetos inertes, como mesas, pranchetas e cestas, dão respostas inteligentes, parece que o Espírito do médium não tem participação alguma nisso?

« É um erro; o Espírito pode dar ao corpo inerte uma vida artificial momentânea, mas não a inteligência; um corpo inerte jamais foi inteligente. É, portanto, o Espírito do médium que recebe o pensamento sem saber e o transmite sucessivamente com a ajuda de diversos intermediários. »

10. Dessas explicações parece resultar que o Espírito do médium nunca é completamente passivo?

« Ele é passivo quando não mistura suas próprias ideias às do outro Espírito, mas sua participação nunca é absolutamente nula; sua colaboração é sempre necessária como intermediário, mesmo naqueles que vocês chamam de médiuns mecânicos. »

11. Não há mais garantia de independência no médium mecânico do que no médium intuitivo?

« Sem dúvida alguma, e, para certas comunicações, um médium mecânico é preferível; mas, quando se conhecem as faculdades de um médium intuitivo, isso se torna indiferente, conforme as circunstâncias; quero dizer que há comunicações que exigem menos precisão. »

12. Entre os diferentes sistemas propostos para explicar os fenômenos espíritas, há um que consiste em acreditar que a verdadeira mediunidade está nos corpos completamente inertes, na cesta ou no papelão, por exemplo, que serve de instrumento; que o outro Espírito se identifica com esse objeto e o torna não apenas vivo, mas inteligente; daí o nome de médiuns inertes dado a esses objetos; o que vocês pensam disso?

« Só há uma coisa a dizer sobre isso: se o Espírito tivesse transmitido a inteligência ao papelão ao mesmo tempo que a vida, o papelão escreveria sozinho, sem a colaboração do médium; seria singular que o homem inteligente se tornasse máquina e que um objeto inerte se tornasse inteligente. É um dos numerosos sistemas nascidos de uma ideia preconcebida e que caem, como tantos outros, diante da experiência e da observação. »

13. Um fenômeno bem conhecido poderia dar crédito à opinião de que há nos corpos inertes animados mais do que a vida, mas também a inteligência: é o das mesas, cestas etc., que expressam por seus movimentos a cólera ou o afeto?

« Quando um homem agita um bastão com cólera, não é o bastão que está encolerizado, nem mesmo a mão que segura o bastão, mas o pensamento que dirige a mão; as mesas e as cestas não são mais inteligentes do que o bastão; não têm nenhum sentimento inteligente, mas obedecem a uma inteligência; em uma palavra, não é o Espírito que se transforma em cesta, nem mesmo que nela estabelece morada. »

14. Se não é racional atribuir inteligência a esses objetos, pode-se considerá-los uma variedade de médiuns, designando-os pelo nome de médiuns inertes? « É uma questão de palavras que pouco nos importa, desde que vocês se entendam. Vocês são livres para chamar uma marionete de homem. »

15. Os Espíritos só têm a linguagem do pensamento; não têm linguagem articulada; é por isso que, para eles, só há uma língua; sendo assim, um Espírito poderia se expressar por via mediúnica em uma língua que nunca falou em vida? E, nesse caso, de onde tira as palavras que usa?

« Vocês mesmos acabam de responder à sua pergunta ao dizer que os Espíritos têm uma única língua, que é a do pensamento; essa língua é compreendida por todos, tanto pelos homens quanto pelos Espíritos. O Espírito

errante, ao se dirigir ao Espírito encarnado do médium, não lhe fala francês nem inglês, mas a língua universal, que é a do pensamento; para traduzir suas ideias em uma linguagem articulada, transmissível, ele tira suas palavras do vocabulário do médium. »

16. Se é assim, o Espírito só deveria poder se expressar na língua do médium, enquanto se veem alguns escrever em línguas desconhecidas deste último; não há nisso uma contradição?

« Observem primeiro que nem todos os médiuns são igualmente aptos a esse gênero de exercício, e depois que os Espíritos só se prestam a isso ocasionalmente, quando julgam que pode ser útil; mas, para as comunicações usuais e de certa extensão, preferem se servir de uma língua familiar ao médium, porque ela lhes apresenta menos dificuldade material a vencer. »

17. A aptidão de certos médiuns para escrever em uma língua que lhes é estranha não viria do fato de essa língua lhes ter sido familiar em outra existência e de terem conservado a intuição dela? « Isso certamente pode acontecer, mas não é uma regra; o Espírito pode, com algum esforço, superar momentaneamente a resistência material que encontra; é o que acontece quando o médium escreve, em sua própria língua, palavras que não conhece. »

18. Uma pessoa que não soubesse escrever poderia escrever como médium?

« Sim; mas compreende-se que ainda há nisso uma grande dificuldade mecânica a vencer, pois a mão não tem o hábito do movimento necessário para formar as letras. Acontece o mesmo com os médiuns desenhistas que não sabem desenhar. »

19. Um médium de muito pouca inteligência poderia transmitir comunicações de uma ordem elevada?

« Sim, pela mesma razão que um médium pode escrever em uma língua

que não conhece. A mediunidade propriamente dita é independente tanto da inteligência quanto das qualidades morais, e, na falta de um instrumento melhor, o Espírito pode se servir daquele que tem à mão; mas é natural que, para as comunicações de certa ordem, prefira o médium que lhe ofereça menos obstáculos materiais. E há ainda outra consideração: o idiota muitas vezes só é idiota pela imperfeição de seus órgãos, mas seu Espírito pode ser mais adiantado do que vocês acreditam; vocês têm a prova disso em certas evocações de idiotas mortos ou vivos. »

Observação. Esse é um fato constatado pela experiência; várias vezes evocamos idiotas vivos que deram provas evidentes de sua identidade e respondiam de maneira muito sensata e até superior. Esse estado é uma punição para o Espírito, que sofre com a limitação em que se encontra. Um médium idiota pode, portanto, às vezes oferecer ao Espírito que quer se manifestar mais recursos do que se acredita. (Ver Revista Espírita, julho de 1860, artigo sobre a Frenologia e a Fisiognomonia.)

20. De onde vem a aptidão de certos médiuns para escrever em versos, apesar de sua ignorância em matéria de poesia?

« A poesia é uma linguagem; eles podem escrever em versos, assim como podem escrever em uma língua que não conhecem; além disso, podem ter sido poetas em outra existência e, como lhes foi dito, os conhecimentos adquiridos nunca se perdem para o Espírito, que deve chegar à perfeição em todas as coisas. Então, aquilo que souberam lhes dá, sem que suspeitem, uma facilidade que não têm no estado comum. »

21. Acontece o mesmo com aqueles que têm uma aptidão especial para o desenho e a música?

« Sim; o desenho e a música também são maneiras de expressar o pensamento; os Espíritos se servem dos instrumentos que lhes oferecem mais fa-

cilidade. »

22. A expressão do pensamento pela poesia, pelo desenho ou pela música depende unicamente da aptidão especial do médium ou da do Espírito que se comunica?

« Às vezes do médium, às vezes do Espírito. Os Espíritos superiores têm todas as aptidões; os Espíritos inferiores têm conhecimentos limitados. »

23. Por que o homem que tem um talento extraordinário em uma existência já não o tem em uma existência seguinte?

« Nem sempre é assim, pois muitas vezes ele aperfeiçoa em uma existência o que começou em uma anterior; mas pode acontecer que uma faculdade extraordinária adormeça durante certo tempo para deixar outra mais livre para se desenvolver; é um germe latente que reaparecerá mais tarde e do qual sempre restam alguns vestígios, ou pelo menos uma vaga intuição. »

224 O Espírito estrangeiro sem dúvida compreende todas as línguas, pois as línguas são a expressão do pensamento, e o Espírito compreende pelo pensamento; mas, para transmitir esse pensamento, ele precisa de um instrumento: esse instrumento é o médium. A alma do médium que recebe a comunicação estrangeira só pode transmiti-la pelos órgãos de seu corpo; ora, esses órgãos não podem ter, para uma língua desconhecida, a flexibilidade que têm para aquela que lhes é familiar. Um médium que só sabe francês poderá, ocasionalmente, dar uma resposta em inglês, por exemplo, se o Espírito quiser fazê-lo; mas os Espíritos, que já acham a linguagem humana lenta demais em relação à rapidez do pensamento, pois a abreviam tanto quanto podem, ficam impacientes com a resistência mecânica que encontram; por isso nem sempre o fazem. Essa é também a razão pela qual um médium iniciante, que escreve com dificuldade e lentidão, mesmo em sua

própria língua, em geral só obtém respostas breves e sem desenvolvimento; por isso os Espíritos recomendam que, por seu intermédio, sejam feitas apenas perguntas simples. Para as de grande alcance, é preciso um médium formado, que não ofereça nenhuma dificuldade mecânica ao Espírito. Não escolheríamos para ler para nós um estudante que ainda soletra. Um bom trabalhador não gosta de usar ferramentas ruins. Acrescentemos outra consideração de grande importância no que diz respeito às línguas estrangeiras. As tentativas desse tipo são sempre feitas com um objetivo de curiosidade e experimentação; ora, nada é mais desagradável aos Espíritos do que as provas às quais se tenta submetê-los. Os Espíritos superiores nunca se prestam a isso e se retiram assim que se quer seguir por esse caminho. Tanto se comprazem nas coisas úteis e sérias quanto sentem repugnância em se ocupar de coisas fúteis e sem objetivo. É para nos convencer, dirão os incrédulos, e esse objetivo é útil, pois pode conquistar adeptos para a causa dos Espíritos. A isso os Espíritos respondem: « Nossa causa não precisa daqueles que têm orgulho suficiente para se julgarem indispensáveis; chamamos a nós aqueles que queremos, e muitas vezes são os menores e os mais humildes. Jesus fez os milagres que os escribas lhe pediam, e de que homens se serviu para revolucionar o mundo? Se vocês querem se convencer, têm outros meios além de proezas; comecem por se submeter: não está na ordem das coisas que o estudante imponha sua vontade ao mestre. »

Disso resulta que, salvo algumas exceções, o médium transmite o pensamento dos Espíritos pelos meios mecânicos que estão à sua disposição, e que a expressão desse pensamento pode, e na maioria das vezes deve mesmo, refletir a imperfeição desses meios; assim, o homem sem instrução, o camponês, poderá dizer as mais belas coisas, expressar os pensamentos mais elevados, mais filosóficos, falando como um camponês; pois, como se

sabe, para os Espíritos o pensamento domina tudo. Isso responde à objeção de certos críticos a respeito dos erros de estilo e de ortografia que se podem censurar nos Espíritos e que podem vir tanto do médium quanto do Espírito. Há futilidade em se prender a semelhantes coisas. Não é menos pueril se empenhar em reproduzir esses erros com uma exatidão minuciosa, como vimos fazer algumas vezes. Pode-se, por conseguinte, corrigi-los sem nenhum escrúpulo, a menos que sejam um traço característico do Espírito que se comunica, caso em que é útil conservá-los como prova de identidade. Foi assim, por exemplo, que vimos um Espírito escrever constantemente Jule (sem s) ao falar com seu neto, porque, em vida, escrevia dessa maneira, embora o neto, que servia de médium, soubesse perfeitamente escrever seu nome.

225 A dissertação seguinte, dada espontaneamente por um Espírito superior que se revelou por comunicações da mais elevada ordem, resume da maneira mais clara e mais completa a questão do papel dos médiuns:

« Qualquer que seja a natureza dos médiuns escreventes, sejam eles mecânicos, semimecânicos ou simplesmente intuitivos, nossos processos de comunicação com eles não variam essencialmente. De fato, comunicamo-nos com os próprios Espíritos encarnados, assim como com os Espíritos propriamente ditos, apenas pela irradiação de nosso pensamento.

« Nossos pensamentos não precisam da vestimenta da palavra para serem compreendidos pelos Espíritos, e todos os Espíritos percebem o pensamento que desejamos lhes comunicar pelo simples fato de dirigirmos esse pensamento a eles, e isso de acordo com suas faculdades intelectuais; isto é, determinado pensamento pode ser compreendido por uns e outros, conforme seu adiantamento, enquanto, em outros, esse pensamento, não des-

pertando nenhuma lembrança, nenhum conhecimento no fundo de seu coração ou de seu cérebro, não lhes é perceptível. Nesse caso, o Espírito encarnado que nos serve de médium é mais apto a transmitir nosso pensamento aos outros encarnados, embora não o compreenda, do que poderia fazer um Espírito desencarnado e pouco adiantado, se fôssemos obrigados a recorrer à sua intermediação; pois o ser terrestre põe seu corpo à nossa disposição como instrumento, o que o Espírito errante não pode fazer.

« Assim, quando encontramos em um médium o cérebro provido de conhecimentos adquiridos em sua vida atual, e seu Espírito rico em conhecimentos anteriores latentes, capazes de facilitar nossas comunicações, nós nos servimos dele de preferência, porque com ele o fenômeno da comunicação nos é muito mais fácil do que com um médium cuja inteligência fosse limitada e cujos conhecimentos anteriores tivessem permanecido insuficientes. Vamos nos fazer compreender por algumas explicações claras e precisas.

« Com um médium cuja inteligência atual ou anterior se encontra desenvolvida, nosso pensamento se comunica instantaneamente de Espírito a Espírito, por uma faculdade própria da essência do próprio Espírito. Nesse caso, encontramos no cérebro do médium os elementos adequados para dar ao nosso pensamento a vestimenta da palavra correspondente a esse pensamento, e isso quer o médium seja intuitivo, semimecânico ou puramente mecânico. É por isso que, qualquer que seja a diversidade dos Espíritos que se comunicam com um médium, os ditados obtidos por ele, embora provenham de Espíritos diversos, trazem uma marca de forma e de colorido pessoal desse médium. Sim, embora o pensamento lhe seja inteiramente estranho, embora o assunto saia do campo em que ele próprio habitualmente se move, embora o que queremos dizer não provenha dele de

maneira alguma, nem por isso ele deixa de influenciar a forma, pelas qualidades, pelas propriedades que são próprias de sua individualidade. É exatamente como quando vocês observam diferentes paisagens com lentes coloridas, verdes, brancas ou azuis; embora as paisagens ou os objetos observados sejam inteiramente opostos e inteiramente independentes uns dos outros, nem por isso deixam de apresentar sempre uma tonalidade proveniente da cor das lentes. » Ou melhor, comparemos os médiuns àqueles frascos cheios de líquidos coloridos e transparentes que se veem nas vitrines das farmácias; pois bem, somos como luzes que iluminam certos pontos de vista morais, filosóficos e internos através de médiuns azuis, verdes ou vermelhos, de tal modo que nossos raios luminosos, obrigados a passar através de vidros mais ou menos bem lapidados, mais ou menos transparentes, isto é, por médiuns mais ou menos inteligentes, só chegam aos objetos que queremos iluminar assumindo a tonalidade, ou melhor, a forma própria e particular desses médiuns. Enfim, para terminar com uma última comparação, nós, Espíritos, somos como compositores de música que compusemos ou queremos improvisar uma melodia, e só temos à mão um piano, um violino, uma flauta, um fagote ou um apito de dois vinténs. É incontestável que, com o piano, a flauta ou o violino, executaremos nossa peça de maneira muito compreensível para nossos ouvintes; embora os sons provenientes do piano, do fagote ou do clarinete sejam essencialmente diferentes uns dos outros, nossa composição nem por isso deixará de ser exatamente a mesma, salvo as nuances do som. Mas, se só temos à nossa disposição um apito de dois vinténs ou um funil de encanador, aí está a dificuldade para nós.

« De fato, quando somos obrigados a nos servir de médiuns pouco adiantados, nosso trabalho se torna muito mais longo, muito mais penoso, por-

que somos obrigados a recorrer a formas incompletas, o que é uma complicação para nós; pois então somos forçados a decompor nossos pensamentos e a proceder palavra por palavra, letra por letra, o que é um aborrecimento e uma fadiga para nós, e um verdadeiro obstáculo à rapidez e ao desenvolvimento de nossas manifestações.

« É por isso que ficamos felizes ao encontrar médiuns bem apropriados, bem equipados, munidos de materiais prontos para funcionar, bons instrumentos, em uma palavra, porque então nosso perispírito, agindo sobre o perispírito daquele que mediunizamos, só precisa dar o impulso à mão que nos serve de porta-pena ou de porta-lápis; enquanto, com os médiuns insuficientes, somos obrigados a fazer um trabalho semelhante ao que fazemos quando nos comunicamos por pancadas, isto é, indicando letra por letra, palavra por palavra, cada uma das frases que formam a tradução dos pensamentos que queremos comunicar.

« É por essas razões que nos dirigimos de preferência às classes esclarecidas e instruídas, para a divulgação do Espiritismo e o desenvolvimento das faculdades mediúnicas de escrita, embora seja nessas classes que se encontram os indivíduos mais incrédulos, mais rebeldes e mais imorais. É que, assim como deixamos hoje aos Espíritos brincalhões e pouco adiantados a prática das comunicações tangíveis por pancadas e transportes de objetos, também os homens pouco sérios entre vocês preferem a visão dos fenômenos que impressionam seus olhos ou seus ouvidos aos fenômenos puramente espirituais, puramente psicológicos. « Quando queremos proceder por ditados espontâneos, agimos sobre o cérebro, sobre os compartimentos do médium, e reunimos nossos materiais com os elementos que ele nos fornece, e isso inteiramente sem que ele saiba; é como se tirássemos de sua bolsa as quantias que nela pudesse haver e dispuséssemos as diferentes mo-

edas na ordem que nos parecesse mais útil.

« Mas, quando o médium quer nos interrogar por si mesmo desta ou daquela maneira, é bom que reflita seriamente sobre isso, a fim de nos questionar de modo metódico, facilitando assim nosso trabalho de resposta. Pois, como lhes foi dito em uma instrução anterior, o cérebro de vocês muitas vezes se encontra em uma desordem inextricável, e nos é tão penoso quanto difícil nos movermos no labirinto de seus pensamentos. Quando as perguntas devem ser feitas por terceiros, é bom, é útil que a série de perguntas seja comunicada antecipadamente ao médium, para que ele se identifique com o Espírito do evocador e, por assim dizer, se impregne dele; porque nós mesmos temos então muito mais facilidade para responder, pela afinidade que existe entre nosso perispírito e o do médium que nos serve de intérprete.

« Certamente, podemos falar de matemática por meio de um médium que parece inteiramente alheio a ela; mas muitas vezes o Espírito desse médium possui esse conhecimento em estado latente, isto é, próprio do ser fluídico e não do ser encarnado, porque seu corpo atual é um instrumento rebelde ou contrário a esse conhecimento. O mesmo acontece com a astronomia, a poesia, a medicina e as diversas línguas, assim como com todos os outros conhecimentos particulares à espécie humana. Enfim, temos ainda o recurso da elaboração penosa, empregado com os médiuns completamente alheios ao assunto tratado, reunindo as letras e as palavras como na tipografia.

« Como dissemos, os Espíritos não precisam revestir seu pensamento; eles percebem e comunicam o pensamento pelo simples fato de ele existir neles. Os seres corpóreos, ao contrário, só podem perceber o pensamento quando revestido. Enquanto a letra, a palavra, o substantivo, o verbo, a

frase, em uma palavra, são necessários a vocês para perceber, mesmo mentalmente, nenhuma forma visível ou tangível é necessária para nós.

« Erasto e Timóteo. »

Observação. Esta análise do papel dos médiuns e dos processos pelos quais os Espíritos se comunicam é tão clara quanto lógica. Dela decorre o princípio de que o Espírito extrai do cérebro do médium não suas ideias, mas os materiais necessários para expressá-las, e de que, quanto mais rico em materiais for esse cérebro, mais fácil será a comunicação. Quando o Espírito se expressa na língua familiar ao médium, encontra nele as palavras já formadas para revestir a ideia; se for em uma língua que lhe é estranha, não encontra as palavras, mas simplesmente as letras; é por isso que o Espírito é obrigado a ditar, por assim dizer, letra por letra, exatamente como se quiséssemos fazer escrever em alemão alguém que não sabe uma única palavra dessa língua. Se o médium não sabe ler nem escrever, não possui sequer as letras; é preciso, portanto, conduzir sua mão como a de um aluno; e aí está uma dificuldade material ainda maior a vencer. Esses fenômenos são, portanto, possíveis, e há numerosos exemplos deles; mas compreende-se que essa maneira de proceder pouco se ajusta à extensão e à rapidez das comunicações, e que os Espíritos devem preferir os instrumentos mais fáceis, ou, como eles dizem, os médiuns bem equipados do seu ponto de vista.

Se aqueles que pedem esses fenômenos como meio de convicção tivessem estudado previamente a teoria, saberiam em que condições excepcionais eles se produzem.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. XX — INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM

✦

226 Questões diversas. — Dissertações de um Espírito sobre a influência moral.

1. O desenvolvimento da mediunidade é proporcional ao desenvolvimento moral do médium?

« Não; a faculdade propriamente dita está ligada ao organismo; ela independe da moral; o mesmo não acontece com seu uso, que pode ser mais ou menos bom, conforme as qualidades do médium. »

2. Sempre se disse que a mediunidade é um dom de Deus, uma graça, um favor; por que, então, ela não é privilégio dos homens de bem, e por que vemos pessoas indignas que a possuem no mais alto grau e fazem mau uso dela?

« Todas as faculdades são favores pelos quais se deve agradecer a Deus, pois há homens privados delas. Vocês também poderiam perguntar por que Deus concede boa visão a malfeitores, habilidade a ladrões, eloquência aos que a usam para dizer coisas ruins. O mesmo acontece com a mediunidade: pessoas indignas a possuem porque precisam dela mais do que as outras para se melhorar; vocês pensam que Deus recusa aos culpados os meios de salvação? Ele os multiplica em seu caminho; coloca-os em suas mãos, e cabe a eles aproveitá-los. Judas, o traidor, não fez milagres e curou doentes como apóstolo? Deus permitiu que ele tivesse esse dom para tornar sua traição mais odiosa. »

3. Os médiuns que fazem mau uso de sua faculdade, que não a empregam

para o bem ou que não a aproveitam para sua instrução sofrerão as consequências disso?

« Se a usam mal, serão duplamente punidos, porque têm um meio a mais de se esclarecer e não o aproveitam. Quem enxerga bem e tropeça merece mais censura do que o cego que cai na vala. »

4. Há médiuns que recebem espontaneamente, e quase constantemente, comunicações sobre um mesmo assunto, sobre certas questões morais, por exemplo, ou sobre certos defeitos determinados; isso tem algum objetivo?

« Sim, e esse objetivo é esclarecê-los sobre um assunto frequentemente repetido ou corrigi-los de certos defeitos; por isso, a um falarão sem cessar do orgulho, a outro da caridade; só a saturação pode finalmente lhes abrir os olhos. Não há médium que faça mau uso de sua faculdade, por ambição ou interesse, ou que a comprometa por um defeito grave, como o orgulho, o egoísmo, a leviandade etc., que não receba de tempos em tempos algumas advertências dos Espíritos; o mal é que, na maioria das vezes, eles não as tomam para si. »

Observação. Os Espíritos frequentemente têm cuidado ao dar suas lições; eles as dão de maneira indireta para deixar mais mérito a quem sabe aplicá-las a si e aproveitá-las; mas a cegueira e o orgulho são tamanhos em certas pessoas que elas não se reconhecem no quadro que lhes é posto diante dos olhos; mais ainda, se o Espírito lhes dá a entender que é delas que se trata, ficam zangadas e chamam o Espírito de mentiroso ou de brincalhão de mau gosto. Só isso já prova que o Espírito tem razão.

5. Nas lições ditadas ao médium de maneira geral e sem aplicação pessoal, ele não age como instrumento passivo para servir à instrução dos outros?

« Muitas vezes, essas advertências e esses conselhos não são ditados para ele pessoalmente, mas para os outros, aos quais só podemos nos dirigir por in-

termédio desse médium, que, porém, deve tomar para si a parte que lhe cabe, se não estiver cegado pelo amor-próprio. »

« Não pensem que a faculdade mediúnica tenha sido dada para corrigir apenas uma ou duas pessoas; não; o objetivo é maior; trata-se da humanidade. Um médium é um instrumento de muito pouca importância como indivíduo; por isso, quando damos instruções que devem beneficiar a todos, usamos aqueles que possuem as facilidades necessárias; mas tenham por certo que virá um tempo em que os bons médiuns serão bastante comuns para que os bons Espíritos não precisem usar instrumentos ruins. »

6. Já que as qualidades morais do médium afastam os Espíritos imperfeitos, como se explica que um médium dotado de boas qualidades transmita respostas falsas ou grosseiras?

« Você conhece todos os recantos de sua alma? Além disso, sem ser vicioso, ele pode ser leviano e frívolo; e, às vezes, também precisa de uma lição para se manter em guarda. »

7. Por que os Espíritos superiores permitem que pessoas dotadas de grande poder como médiuns, e que poderiam fazer muito bem, sejam instrumentos do erro?

« Eles procuram influenciá-las; mas, quando elas se deixam arrastar por um mau caminho, eles as deixam seguir. É por isso que as usam com repugnância, pois a verdade não pode ser interpretada pela mentira. »

8. É absolutamente impossível obter boas comunicações por meio de um médium imperfeito?

« Um médium imperfeito pode, às vezes, obter coisas boas, porque, se tem uma bela faculdade, bons Espíritos podem usá-lo na falta de outro, em uma circunstância particular; mas isso é sempre apenas momentâneo, pois, assim que encontram um que lhes convém melhor, dão preferência a ele. »

Observação. É preciso observar que, quando os bons Espíritos julgam que um médium deixa de ser bem assistido e se torna, por suas imperfeições, presa dos Espíritos enganadores, eles quase sempre provocam circunstâncias que revelam seus defeitos e o afastam das pessoas sérias e bem-intencionadas, cuja boa-fé poderia ser enganada. Nesse caso, quaisquer que sejam suas faculdades, não há por que lamentar seu afastamento.

9. Qual seria o médium que se poderia chamar de perfeito?

« Perfeito, infelizmente! Vocês sabem bem que a perfeição não está na Terra, caso contrário, vocês não estariam aqui; digam, então, bom médium, e isso já é muito, pois são raros. O médium perfeito seria aquele a quem os maus Espíritos jamais teriam ousado tentar enganar; o melhor é aquele que, tendo simpatia apenas pelos bons Espíritos, foi enganado menos vezes. »

10. Se ele tem simpatia apenas pelos bons Espíritos, como podem eles permitir que seja enganado?

« Os bons Espíritos às vezes permitem isso com os melhores médiuns para exercitar seu julgamento e ensiná-los a distinguir o verdadeiro do falso; além disso, por melhor que seja um médium, ele nunca é tão perfeito que não possa dar margem a que se aproveitem de algum ponto fraco seu; isso deve lhe servir de lição. As falsas comunicações que recebe de tempos em tempos são advertências para que não se considere infalível e não se envaideça; pois o médium que obtém as coisas mais notáveis não tem mais motivo para se vangloriar delas do que o tocador de órgão que produz belas melodias girando a manivela de seu instrumento. »

12. Quais são as condições necessárias para que a palavra dos Espíritos superiores chegue até nós livre de qualquer alteração?

« Querer o bem; afastar o egoísmo e o orgulho: ambas as coisas são necessá-

rias. »

12. Se a palavra dos Espíritos superiores só chega até nós pura em condições difíceis de encontrar, isso não é um obstáculo à propagação da verdade?

« Não, pois a luz sempre chega a quem quer recebê-la. Quem quiser se esclarecer deve fugir das trevas, e as trevas estão na impureza do coração.

« Os Espíritos que vocês consideram a personificação do bem não atendem de boa vontade ao chamado daqueles cujo coração está manchado pelo orgulho, pela cobiça e pela falta de caridade. Que aqueles, por conseguinte, que querem se esclarecer se despojem de toda vaidade humana e humilhem sua razão diante do poder infinito do Criador; essa será a melhor prova de sua sinceridade; e essa condição, todos podem cumprir. »

227 Se o médium, do ponto de vista da execução, é apenas um instrumento, no aspecto moral ele exerce uma influência muito grande. Como, para se comunicar, o Espírito alheio se identifica com o Espírito do médium, essa identificação só pode ocorrer quando há entre eles simpatia e, se assim podemos dizer, afinidade.

227.2 A alma exerce sobre o Espírito alheio uma espécie de atração ou repulsão, conforme o grau de semelhança ou diferença entre eles; ora, os bons têm afinidade com os bons, e os maus com os maus; daí resulta que as qualidades morais do médium têm uma influência decisiva sobre a natureza dos Espíritos que se comunicam por seu intermédio.

227.3 Se ele é vicioso, os Espíritos inferiores vêm se agrupar ao seu redor e estão sempre prontos a tomar o lugar dos bons Espíritos que foram chamados. As qualidades que atraem de preferência os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade de coração, o amor ao próximo, o desa-

pego das coisas materiais; os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cobiça, a sensualidade e todas as paixões pelas quais o homem se prende à matéria.

228 Todas as imperfeições morais são portas abertas que dão acesso aos maus Espíritos; mas a que eles exploram com mais habilidade é o orgulho, porque é a que menos admitimos em nós mesmos; o orgulho levou à ruína muitos médiuns dotados das mais belas faculdades e que, sem isso, poderiam ter se tornado pessoas notáveis e muito úteis; ao se tornarem presa de Espíritos mentirosos, porém, suas faculdades primeiro se perverteram, depois foram anuladas, e mais de um se viu humilhado pelas mais amargas decepções.

O orgulho se manifesta nos médiuns por sinais inequívocos para os quais é ainda mais necessário chamar a atenção, pois esse é um dos defeitos que mais devem inspirar desconfiança quanto à veracidade de suas comunicações. É, em primeiro lugar, uma confiança cega na superioridade dessas mesmas comunicações e na infalibilidade do Espírito que as transmite; daí vem certo desprezo por tudo o que não vem deles, pois se julgam detentores do privilégio da verdade. O prestígio dos grandes nomes com que se enfeitam os Espíritos que supostamente os protegem os deslumbra e, como seu amor-próprio sofreria se admitissem que são enganados, rejeitam todo tipo de conselho; chegam mesmo a evitá-los, afastando-se de seus amigos e de qualquer pessoa que possa lhes abrir os olhos; se condescendem em ouvi-los, não levam em conta nenhuma de suas advertências, pois duvidar da superioridade de seu Espírito é quase uma profanação. Ofendem-se com a menor contradição, com uma simples observação crítica, e às vezes chegam a odiar as próprias pessoas que lhes prestaram serviço. Graças a esse

isolamento, provocado pelos Espíritos que não querem ser contestados, estes têm facilidade para mantê-los em suas ilusões e, assim, fazem com que tomem facilmente os maiores absurdos por coisas sublimes. Assim, confiança absoluta na superioridade do que obtêm, desprezo pelo que não vem deles, importância irrefletida atribuída aos grandes nomes, rejeição dos conselhos, interpretação negativa de qualquer crítica, afastamento daqueles que podem dar conselhos desinteressados, crença na própria habilidade apesar da falta de experiência: essas são as características dos médiuns orgulhosos.

É preciso reconhecer também que o orgulho muitas vezes é estimulado no médium pelas pessoas ao seu redor. Se tem faculdades um pouco extraordinárias, ele é procurado e elogiado; julga-se indispensável e logo assume ares de presunção e desprezo quando presta sua colaboração. Mais de uma vez tivemos motivos para lamentar os elogios que havíamos feito a certos médiuns com o objetivo de encorajá-los.

229 Ao lado disso, coloquemos o retrato do médium verdadeiramente bom, aquele em quem se pode confiar. Supomos, antes de tudo, uma facilidade de execução bastante grande para permitir aos Espíritos se comunicarem livremente, sem serem impedidos por nenhuma dificuldade material.

229.2 Dado isso, o que mais importa considerar é a natureza dos Espíritos que habitualmente o assistem, e, para isso, não é no nome que se deve confiar, mas na linguagem. Ele nunca deve perder de vista que as simpatias que conquistar entre os bons Espíritos serão proporcionais ao que fizer para afastar os maus.

229.3 Convencido de que sua faculdade é um dom que lhe foi concedido para o bem, não procura de modo algum tirar vantagem dela, nem atribui a si mesmo qualquer mérito por isso. Aceita as boas comunicações que lhe são feitas como uma graça da qual deve se esforçar para se tornar digno por sua bondade, sua benevolência e sua modéstia.

229.4 O primeiro se envaidece de suas relações com os Espíritos superiores; este se mostra humilde, porque sempre se considera abaixo desse favor.

230 A instrução seguinte nos foi dada sobre esse assunto por um Espírito do qual já reproduzimos várias comunicações:

« Já dissemos: os médiuns, como médiuns, têm apenas uma influência secundária nas comunicações dos Espíritos; sua tarefa é a de uma máquina elétrica que transmite mensagens telegráficas de um ponto distante a outro ponto distante da Terra. Assim, quando queremos ditar uma comunicação, agimos sobre o médium como o funcionário do telégrafo sobre seu aparelho, isto é, assim como o tique-taque do telégrafo traça, a milhares de léguas, sobre uma tira de papel, os sinais que reproduzem a mensagem, também nós comunicamos, através das distâncias incomensuráveis que separam o mundo visível do mundo invisível, o mundo imaterial do mundo encarnado, aquilo que queremos lhes ensinar por meio do aparelho mediúnico. Mas também, assim como as influências atmosféricas agem e muitas vezes perturbam as transmissões do telégrafo elétrico, a influência moral do médium age e às vezes perturba a transmissão de nossas mensagens de além-túmulo, porque somos obrigados a fazê-las passar por um meio que lhes é contrário. No entanto, na maioria das vezes, essa influência é anulada por nossa energia e nossa vontade, e nenhum ato perturbador se manifesta. De fato, textos ditados de grande alcance filosófico, comunicações de per-

feita moralidade, são transmitidos às vezes por médiuns pouco aptos a esses ensinamentos superiores; enquanto, por outro lado, comunicações pouco edificantes também chegam às vezes por médiuns inteiramente envergonhados de lhes terem servido de condutor.

« Em termos gerais, pode-se afirmar que os Espíritos semelhantes atraem Espíritos semelhantes, e que raramente os Espíritos das plêiades elevadas se comunicam por aparelhos maus condutores, quando têm à mão bons aparelhos mediúnicos, bons médiuns, em uma palavra.

« Os médiuns levianos e pouco sérios atraem, portanto, Espíritos da mesma natureza; é por isso que suas comunicações estão impregnadas de banalidades, frivolidades, ideias sem sequência e muitas vezes bastante heterodoxas, do ponto de vista espíri-

ta. Certamente, eles podem dizer, e às vezes dizem, boas coisas; mas é sobretudo nesse caso que se deve fazer um exame rigoroso e escrupuloso; pois, em meio a essas boas coisas, certos Espíritos hipócritas insinuam, com habilidade e com uma perfídia calculada, fatos inventados, afirmações mentirosas, a fim de enganar a boa-fé de seus ouvintes. Deve-se então eliminar sem piedade toda palavra, toda frase ambígua, e conservar do texto ditado apenas o que a lógica aceita ou o que a doutrina já ensinou. As comunicações dessa natureza só são de temer para os espíritas isolados, os grupos recentes ou pouco esclarecidos; pois, nas reuniões em que os adeptos estão mais adiantados e adquiriram experiência, por mais que o gaio se enfeite com as penas do pavão, é sempre repelido sem piedade.

« Não falarei dos médiuns que se comprazem em solicitar e ouvir comunicações obscenas; deixemos que se deleitem na companhia dos Espíritos cínicos. Aliás, as comunicações dessa ordem procuram, por si mesmas, a solidão e o isolamento; em todo caso, só poderiam provocar desprezo e repulsa

entre os membros dos grupos filosóficos e sérios. Mas onde a influência moral do médium realmente se faz sentir é quando ele substitui pelas próprias ideias aquelas que os Espíritos se esforçam para lhe sugerir; é também quando tira de sua imaginação teorias fantásticas que ele mesmo acredita, de boa-fé, resultarem de uma comunicação intuitiva. Muitas vezes, então, há mil contra um a apostar que isso é apenas o reflexo do Espírito pessoal do médium; e acontece até este fato curioso: a mão do médium se move às vezes quase mecanicamente, impelida por um Espírito secundário e zombeteiro. É contra essa pedra de toque que vêm se quebrar as imaginações ardentes; pois, arrastados pelo ímpeto das próprias ideias, pelo brilho superficial de seus conhecimentos literários, os médiuns não reconhecem o modesto texto ditado por um Espírito sábio e, abandonando a presa pela sombra, o substituem por uma paráfrase empolada. É contra esse obstáculo temível que vêm igualmente fracassar as personalidades ambiciosas que, na falta das comunicações que os bons Espíritos lhes recusam, apresentam suas próprias obras como obra desses mesmos Espíritos. Eis por que os dirigentes dos grupos espíritas precisam ser dotados de um tato apurado e de rara sagacidade, para distinguir as comunicações autênticas daquelas que não o são e para não ferir os que iludem a si mesmos.

« Na dúvida, abstém-te, diz um de seus antigos provérbios; portanto, admitam apenas o que for, para vocês, de uma evidência segura. Assim que surgir uma opinião nova, por pouco que lhes pareça duvidosa, passem-na pelo laminador da razão e da lógica; o que a razão e o bom senso reprovam, rejeitem sem hesitar; mais vale repelir dez verdades do que admitir uma única mentira, uma única teoria falsa. De fato, sobre essa teoria vocês poderiam construir todo um sistema que desabaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento construído sobre areia movediça, enquanto,

se hoje rejeitarem certas verdades porque não lhes foram demonstradas de maneira lógica e clara, em breve um fato contundente ou uma demonstração irrefutável virá lhes confirmar a autenticidade delas.

« Lembrem-se, no entanto, ó espíritas, de que, para Deus e para os bons Espíritos, só são impossíveis a injustiça e a iniquidade.

« O espiritismo está agora bastante difundido entre os homens e já aperfeiçoou suficientemente a moral dos adeptos sinceros de sua santa doutrina para que os Espíritos não estejam mais reduzidos a empregar instrumentos ruins, médiuns imperfeitos. Portanto, se agora um médium, seja ele quem for, der, por sua conduta ou seus costumes, por seu orgulho, por sua falta de amor e de caridade, um motivo legítimo de suspeita, rejeitem, rejeitem suas comunicações, pois há uma serpente escondida na relva. Essa é minha conclusão sobre a influência moral dos médiuns.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. XXI — INFLUÊNCIA DO MEIO

✦

231 23 i.

O meio em que o médium se encontra exerce influência sobre as manifestações?

« Todos os Espíritos que cercam o médium o ajudam tanto no bem como no mal. »

2. Os Espíritos superiores não podem vencer a má vontade do Espírito encarnado que lhes serve de intérprete e dos que o cercam?

« Sim, quando julgam isso útil e conforme a intenção da pessoa que se dirige a eles. Já dissemos: os Espíritos mais elevados podem às vezes se comunicar por um favor especial, apesar da imperfeição do médium e do meio, mas então estes permanecem completamente alheios a isso. »

3. Os Espíritos superiores procuram conduzir as reuniões fúteis a ideias mais sérias?

« Os Espíritos superiores não vão às reuniões onde sabem que sua presença é inútil. Aos meios pouco instruídos, mas onde há sinceridade, vamos de boa vontade, mesmo que só encontremos ali instrumentos medíocres; mas aos meios instruídos onde domina a ironia, não vamos. Ali, é preciso falar aos olhos e aos ouvidos: esse é o papel dos Espíritos batedores e zombeteiros. É bom que as pessoas que se gabam de seu saber sejam humilhadas pelos Espíritos menos instruídos e menos adiantados. »

4. O acesso às reuniões sérias é proibido aos Espíritos inferiores?

« Não, eles às vezes permanecem ali para aproveitar os ensinamentos que lhes são dados; mas ficam calados como pessoas desajuizadas numa assembleia de sábios. »

232 Seria um erro acreditar que é preciso ser médium para atrair para si os seres do mundo invisível. O espaço é povoado por eles; nós os temos sem cessar ao nosso redor, ao nosso lado, vendo-nos, observando-nos, misturando-se às nossas reuniões, seguindo-nos ou fugindo de nós, conforme os atraímos ou os repelimos. A faculdade mediúnica em nada contribui para isso: ela é apenas um meio de comunicação. Pelo que vimos sobre as causas de simpatia ou antipatia dos Espíritos, compreenderemos facilmente que devemos estar cercados daqueles que têm afinidade com nosso próprio Espírito, conforme ele seja elevado ou degradado. Consideremos agora o estado moral do nosso globo, e compreenderemos qual é o gênero de Espíritos que deve predominar entre os Espíritos errantes. Se tomarmos cada povo em particular, poderemos avaliar, pelo caráter dominante de seus habitantes, por suas preocupações, por seus sentimentos mais ou menos morais e humanitários, as categorias de Espíritos que ali se reúnem de preferência.

Partindo desse princípio, suponhamos uma reunião de homens levianos, inconsequentes, ocupados com seus prazeres; quais serão os Espíritos que ali se encontrarão de preferência? Certamente não serão Espíritos superiores, assim como nossos sábios e nossos filósofos não iriam passar seu tempo ali. Assim, todas as vezes que os homens se reúnem, eles têm consigo uma assembleia oculta que simpatiza com suas qualidades ou seus defeitos, e isso independentemente de qualquer pensamento de evocação. Admitamos agora que tenham a possibilidade de conversar com os seres do

mundo invisível por meio de um intérprete, isto é, de um médium; quais serão os que responderão ao seu chamado? Evidentemente, os que estão ali, inteiramente prontos, e que só procuram uma ocasião para se comunicar. Se, numa assembleia fútil, chamarem um Espírito superior, ele poderá vir e até dizer algumas palavras sensatas, como um bom pastor vem para o meio de suas ovelhas desgarradas; mas, assim que percebe que não é compreendido nem ouvido, vai embora, como vocês mesmos fariam em seu lugar, e os outros ficam à vontade.

253. Nem sempre basta que uma assembleia seja séria para receber comunicações de ordem elevada; há pessoas que nunca riem e cujo coração nem por isso é mais puro; ora, é sobretudo o coração que atrai os bons Espíritos. Nenhuma condição moral exclui as comunicações espíritas; mas, se estamos em más condições, conversamos com nossos semelhantes, que não deixam de nos enganar e muitas vezes alimentam nossos preconceitos.

Vemos por aí a enorme influência do meio sobre a natureza das manifestações inteligentes; mas essa influência não se exerce como algumas pessoas afirmaram, quando ainda não se conhecia o mundo dos Espíritos como se conhece hoje e antes que experiências mais conclusivas viessem esclarecer as dúvidas. Quando as comunicações concordam com a opinião dos presentes, não é porque essa opinião se reflete no Espírito do médium como num espelho, é porque vocês têm consigo Espíritos que lhes são simpáticos, tanto para o bem como para o mal, e que concordam plenamente com vocês; e a prova disso é que, se tiverem a força de atrair outros Espíritos além daqueles que os cercam, esse mesmo médium passará a usar uma linguagem inteiramente diferente e a lhes dizer as coisas mais distantes de seu

pensamento e de suas convicções. Em resumo, as condições do meio serão tanto melhores quanto mais houver união em torno do bem, sentimentos puros e elevados e desejo sincero de aprender sem segundas intenções.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. XXII — DA MEDIUNIDADE NOS ANIMAIS

✦

233 234. Os animais podem ser médiuns? Muitas vezes se fez essa pergunta, e certos fatos pareceriam responder afirmativamente. O que mais pode ter dado crédito a essa opinião são os sinais notáveis de inteligência de algumas aves adestradas, que parecem adivinhar o pensamento e tiram de um maço de cartas aquelas que podem trazer a resposta exata a uma pergunta proposta. Observamos essas experiências com um cuidado muito especial, e o que mais admiramos foi a arte que foi preciso empregar para ensinar essas aves. Sem dúvida, não se pode negar a elas certa dose de inteligência relativa, mas seria preciso admitir que, nessa circunstância, sua perspicácia superaria em muito a do homem, pois não há ninguém que possa se gabar de fazer o que elas fazem; seria preciso até, para certas experiências, supor nelas um dom de segunda vista superior ao dos sonâmbulos mais clarividentes. De fato, sabe-se que a lucidez é essencialmente variável e está sujeita a frequentes interrupções, enquanto nessas aves ela seria permanente e funcionaria no momento exato, com uma regularidade e uma precisão que não se veem em nenhum sonâmbulo; em uma palavra, nunca lhes faltaria. A maioria das experiências que vimos é da mesma natureza daquelas que fazem os prestidigitadores e não podia nos deixar dúvidas sobre o emprego de alguns de seus recursos, especialmente o das cartas forçadas. A arte da prestidigitação consiste em dissimular esses recursos, sem o que o efeito perderia seu encanto. O fenômeno, mesmo reduzido a essa proporção, não deixa de ser muito interessante, e sempre resta admirar o talento do instru-

tor, assim como a inteligência do aluno, pois a dificuldade a vencer é muito maior do que se a ave agisse apenas em virtude de suas próprias faculdades; ora, fazer com que ela realize coisas que ultrapassam o limite do possível para a inteligência humana é provar, por si só, o emprego de um procedimento secreto. Além disso, é um fato constante que essas aves só chegam a esse grau de habilidade depois de certo tempo e com a ajuda de cuidados especiais e perseverantes, o que não seria necessário se sua inteligência fizesse tudo sozinha. Não é mais extraordinário adestrá-las para tirar cartas do que habituá-las a repetir melodias ou palavras.

O mesmo aconteceu quando a prestidigitação quis imitar a segunda vista; fazia-se o sujeito realizar coisas demais para que a ilusão durasse muito tempo. Desde a primeira vez que assistimos a uma sessão desse gênero, vimos nela apenas uma imitação muito imperfeita do sonambulismo, revelando o desconhecimento das condições mais essenciais dessa faculdade.

Seja como for quanto às experiências acima, a questão principal continua inteiramente em aberto sob outro ponto de vista; pois, assim como a imitação do sonambulismo não impede que a faculdade exista, a imitação da mediunidade por meio das aves nada provaria contra a possibilidade de uma faculdade semelhante nelas ou em outros animais. Trata-se, portanto, de saber se os animais são aptos, como os homens, a servir de intermediários aos Espíritos em suas comunicações inteligentes. Parece até bastante lógico supor que um ser vivo, dotado de certa dose de inteligência, seja mais adequado a esse fim do que um corpo inerte, sem vitalidade, como uma mesa, por exemplo; no entanto, não é isso que acontece.

236 A questão da mediunidade dos animais se encontra inteiramente resolvida na dissertação a seguir, dada por um Espírito cuja profundidade e sagacidade puderam ser apreciadas pelas citações que já tivemos a oportunidade de fazer. Para compreender bem o valor de sua demonstração, é essencial retomar a explicação que ele deu sobre o papel do médium nas comunicações, e que reproduzimos acima.

Esta comunicação foi dada depois de uma discussão que ocorreu sobre esse assunto na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

« Abordo hoje a questão da mediunidade dos animais, levantada e defendida por um de seus mais fervorosos adeptos. Ele afirma, em virtude deste axioma: Quem pode o mais pode o menos, que podemos mediunizar as aves e os outros animais e nos servir deles em nossas comunicações com a espécie humana. Isso é o que vocês chamam, em filosofia, ou melhor, em lógica, pura e simplesmente de sofisma. "Vocês animam", diz ele, "a matéria inerte, isto é, uma mesa, uma cadeira, um piano; com maior razão, devem animar a matéria já animada, especialmente as aves." Pois bem! No estado normal do espiritismo, isso não acontece, isso não pode acontecer.

« Primeiro, vamos estabelecer bem os fatos. O que é um médium? É o ser, é o indivíduo que serve de elo aos Espíritos, para que estes possam se comunicar com facilidade com os homens: Espíritos encarnados. Portanto, sem médium, não há comunicações tangíveis, mentais, escritas, físicas, nem de qualquer outra espécie.

« Há um princípio que, tenho certeza, é admitido por todos os espíritas: os semelhantes agem com seus semelhantes e como seus semelhantes. Ora, quem são os semelhantes dos Espíritos, senão os Espíritos encarnados ou não? É preciso repetir isso a vocês sem parar? Pois bem! Vou repetir mais uma vez: o perispírito de vocês e o nosso são retirados do mesmo meio, têm

uma natureza idêntica, são semelhantes, em uma palavra; possuem uma propriedade de assimilação mais ou menos desenvolvida, de imantação mais ou menos vigorosa, que nos permite, Espíritos e encarnados, entrar em relação muito depressa e com muita facilidade. Enfim, o que pertence propriamente aos médiuns, o que faz parte da própria essência de sua individualidade, é uma afinidade especial e, ao mesmo tempo, uma força de expansão particular, que anulam neles toda resistência e estabelecem entre eles e nós uma espécie de corrente, uma espécie de fusão que facilita nossas comunicações. Aliás, é essa resistência da matéria que se opõe ao desenvolvimento da mediunidade na maioria daqueles que não são médiuns.

« Os homens estão sempre inclinados a exagerar tudo; uns, não falo aqui dos materialistas, negam uma alma aos animais, e outros querem lhes dar uma, por assim dizer, semelhante à nossa. Por que querer assim confundir o que pode se aperfeiçoar com o que não pode? Não, não, estejam convencidos disto: o fogo que anima os animais, o sopro que os faz agir, mover-se e falar em sua linguagem, não tem, por enquanto, nenhuma aptidão para se misturar, se unir, se fundir com o sopro divino, a alma etérea, o Espírito, em uma palavra, que anima o ser essencialmente capaz de se aperfeiçoar: o homem, esse rei da criação. Ora, não é essa condição essencial de aperfeiçoamento que faz a superioridade da espécie humana sobre as outras espécies terrestres? Pois bem! Reconheçam, portanto, que não se pode equiparar ao homem, o único capaz de se aperfeiçoar em si mesmo e em suas obras, nenhum indivíduo das outras raças vivas na Terra.

« O cão, cuja inteligência superior entre os animais fez dele o amigo do homem e seu companheiro à mesa, é capaz de se aperfeiçoar por si mesmo e por sua iniciativa pessoal? Ninguém ousaria sustentar isso; pois o cão não faz o cão progredir; e o mais bem adestrado entre eles é sempre adestrado

por seu dono. Desde que o mundo é mundo, a lontra sempre constrói sua cabana sobre as águas, nas mesmas proporções e seguindo uma regra invariável; os rouxinóis e as andorinhas nunca construíram seus ninhos de maneira diferente da de seus pais. Um ninho de pardais de antes do dilúvio, assim como um ninho de pardais da época moderna, é sempre um ninho de pardais, construído nas mesmas condições e com o mesmo sistema de entrelaçamento de folhas de capim e de resíduos, recolhidos na primavera, na época dos amores. As abelhas e as formigas, essas pequenas repúblicas domésticas, nunca mudaram seus hábitos de abastecimento, seus modos de agir, seus costumes, suas produções. Enfim, a aranha sempre tece sua teia da mesma maneira. « Por outro lado, se vocês procurarem as cabanas de folhagem e as tendas das primeiras eras da Terra, encontrarão em seu lugar os palácios e os castelos da civilização moderna; às roupas de peles brutas sucederam os tecidos de ouro e de seda; enfim, a cada passo vocês encontram a prova dessa marcha incessante da humanidade rumo ao progresso.

« Desse progresso constante, invencível, incontestável da espécie humana, e dessa estagnação indefinida das outras espécies animadas, concluam comigo que, se existem princípios comuns a tudo o que vive e se move na Terra: o sopro e a matéria, não é menos verdade que somente vocês, Espíritos encarnados, estão sujeitos a essa inevitável lei do progresso que os impele necessariamente para a frente, e sempre para a frente. Deus colocou os animais ao lado de vocês como auxiliares para alimentá-los, vesti-los, ajudá-los. Deu a eles certa dose de inteligência, porque, para ajudá-los, precisavam compreender, e proporcionou sua inteligência aos serviços que são chamados a prestar; mas, em sua sabedoria, não quis que estivessem sujeitos à mesma lei do progresso; como foram criados, assim permaneceram e

permanecerão até a extinção de suas raças.

« Foi dito: Os Espíritos mediunizam e fazem mover a matéria inerte, cadeiras, mesas, pianos; fazem mover, sim, mas mediunizam, não! Pois, mais uma vez, sem médium, nenhum desses fenômenos pode ocorrer. O que há de extraordinário em que, com a ajuda de um ou de vários médiuns, façamos mover a matéria inerte, passiva, que, justamente por sua passividade, por sua inércia, é adequada para receber os movimentos e os impulsos que desejamos lhe imprimir? Para isso, precisamos de médiuns, é certo; mas não é necessário que o médium esteja presente ou consciente, pois podemos agir com os elementos que ele nos fornece, sem que saiba e fora de sua presença, sobretudo nos fatos de tangibilidade e de transporte de objetos. Nosso envoltório fluídico, mais imponderável e mais sutil que o mais sutil e o mais imponderável de seus gases, unindo-se, ligando-se, combinando-se com o envoltório fluídico, mas animalizado, do médium, cuja propriedade de expansão e de penetrabilidade é imperceptível aos seus sentidos grosseiros e quase inexplicável para vocês, permite que movamos móveis e até que os quebremos em cômodos desabitados.

« Certamente, os Espíritos podem se tornar visíveis e tangíveis para os animais, e muitas vezes aquele medo súbito que eles sentem, e que lhes parece sem motivo, é causado pela visão de um ou de vários desses Espíritos malintencionados em relação aos indivíduos presentes ou aos donos desses animais. Muitas vezes, vocês veem cavalos que não querem avançar nem recuar, ou que empinam diante de um obstáculo imaginário; pois bem! Tenham como certo que o obstáculo imaginário é muitas vezes um Espírito ou um grupo de Espíritos que se diverte em impedi-los de avançar. Lembrem-se da jumenta de Balaão, que, vendo um anjo diante dela e temendo sua espada flamejante, se obstinava em não sair do lugar; é que, antes de se

manifestar visivelmente a Balaão, o anjo quis se tornar visível apenas para o animal; mas, repito, não mediunizamos diretamente nem os animais nem a matéria inerte; precisamos sempre da participação consciente ou inconsciente de um médium humano, porque precisamos da união de fluidos semelhantes, o que não encontramos nem nos animais nem na matéria bruta. consequência de sua magnetização. De fato, ao inundá-lo com um fluido retirado de uma essência superior à essência própria de sua natureza, ele o esmagou e agiu sobre ele, embora mais lentamente, à maneira de um raio. Portanto, como não há nenhuma assimilação possível entre nosso perispírito e o envoltório fluídico dos animais propriamente ditos, nós os esmagaríamos instantaneamente ao mediunizá-los.

« Estabelecido isso, reconheço perfeitamente que existem aptidões diversas nos animais; que certos sentimentos, certas paixões idênticas às paixões e aos sentimentos humanos se desenvolvem neles; que são sensíveis e gratos, vingativos e cheios de ódio, conforme se age bem ou mal com eles. É que Deus, que nada faz de incompleto, deu aos animais, companheiros ou servidores do homem, qualidades de sociabilidade que faltam inteiramente aos animais selvagens que habitam lugares solitários. Mas daí a poderem servir de intermediários para a transmissão do pensamento dos Espíritos há um abismo: a diferença das naturezas.

« Vocês sabem que retiramos do cérebro do médium os elementos necessários para dar ao nosso pensamento uma forma sensível e compreensível para vocês; é com a ajuda dos materiais que possui que o médium traduz nosso pensamento na linguagem comum; pois bem! Que elementos encontraríamos no cérebro de um animal?

Há palavras, números, letras, sinais quaisquer semelhantes aos que existem no homem, mesmo no menos inteligente? No entanto, vocês dirão, os ani-

mais compreendem o pensamento do homem; chegam até a adivinhá-lo; sim, os animais adestrados compreendem certos pensamentos, mas vocês já os viram reproduzi-los? Não; concluam, portanto, que os animais não podem nos servir de intérpretes.

Nota. Na Revista Espírita de setembro de 1 861, encontra-se a descrição detalhada de um procedimento empregado pelos adestradores de aves hábeis para fazê-las tirar de um maço as cartas desejadas.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. XXIII — DA OBSESSÃO

✦

237 Entre os obstáculos que a prática do espiritismo apresenta, é preciso colocar em primeiro lugar a obsessão, isto é, o domínio que alguns Espíritos sabem exercer sobre certas pessoas. Ela só ocorre pela ação de Espíritos inferiores que procuram dominar; os bons Espíritos não impõem nenhum constrangimento; aconselham, combatem a influência dos maus e, se não são ouvidos, retiram-se. Os maus, ao contrário, apegam-se àqueles sobre os quais encontram meios de agir; se conseguem exercer domínio sobre alguém, identificam-se com o próprio Espírito dessa pessoa e a conduzem como uma verdadeira criança.

A obsessão apresenta características diversas que é muito necessário distinguir, e que resultam do grau de constrangimento e da natureza dos efeitos que ela produz. A palavra obsessão é, de certo modo, um termo genérico pelo qual se designa esse gênero de fenômeno, cujas principais variedades são: a obsessão simples, a fascinação e a subjugação.

238 A obsessão simples ocorre quando um Espírito malfeitor se impõe a um médium, intromete-se contra a vontade dele nas comunicações que recebe, impede-o de se comunicar com outros Espíritos e se faz passar por aqueles que são evocados.

Não se está obsediado apenas por ser enganado por um Espírito mentiroso; o melhor médium está sujeito a isso, sobretudo no início, quando ainda lhe falta a experiência necessária, assim como, entre nós, as pessoas mais honestas podem ser vítimas de trapaceiros. Pode-se, portanto, ser enganado sem

estar obsediado; a obsessão está na persistência do Espírito do qual não se consegue livrar.

Na obsessão simples, o médium sabe muito bem que está lidando com um Espírito enganador, e este não esconde isso; não dissimula de modo algum suas más intenções e seu desejo de contrariar. O médium reconhece facilmente a falsidade e, como se mantém atento, raramente é enganado. Esse gênero de obsessão é, portanto, simplesmente desagradável e não tem outro inconveniente além de criar um obstáculo às comunicações que se gostaria de ter com Espíritos sérios ou com aqueles a quem se tem afeição.

Podem-se incluir nessa categoria os casos de obsessão física, isto é, aquela que consiste nas manifestações ruidosas e persistentes de certos Espíritos que fazem ouvir espontaneamente pancadas ou outros ruídos. Quanto a esse fenômeno, remetemos ao capítulo das Manifestações físicas espontâneas. (Nº 82.)

239 A fascinação tem consequências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium e que paralisa, de certo modo, seu julgamento a respeito das comunicações. O médium fascinado não acredita estar sendo enganado; o Espírito tem a habilidade de lhe inspirar uma confiança cega que o impede de perceber a fraude e de compreender o absurdo do que escreve, mesmo quando ele salta aos olhos de todos; a ilusão pode até chegar a fazê-lo ver algo sublime na linguagem mais ridícula. Seria um erro acreditar que esse gênero de obsessão só pode atingir pessoas simples, ignorantes e sem discernimento; os homens mais perspicazes, mais instruídos e mais inteligentes sob outros aspectos não estão livres dela, o que prova que essa perturbação é efeito de uma causa externa cuja influência sofrem.

Dissemos que as consequências da fascinação são muito mais graves; de fato, graças à ilusão que dela resulta, o Espírito conduz aquele que conseguiu dominar como faria com um cego, e pode levá-lo a aceitar as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como sendo a única expressão da verdade; mais ainda, pode instigá-lo a tomar atitudes ridículas, comprometedoras e até perigosas.

Compreende-se facilmente toda a diferença que existe entre a obsessão simples e a fascinação; compreende-se também que os Espíritos que produzem esses dois efeitos devem ter caracteres diferentes. Na primeira, o Espírito que se apega a você é apenas um ser que incomoda por sua persistência e do qual se deseja livrar o quanto antes. Na segunda, é algo bem diferente; para chegar a tais fins, é preciso um Espírito hábil, astuto e profundamente hipócrita, pois ele só consegue enganar e ser aceito com a ajuda da máscara que sabe usar e de uma falsa aparência de virtude; as grandes palavras de caridade, humildade e amor a Deus são para ele como cartas de apresentação; mas, em meio a tudo isso, deixa transparecer sinais de inferioridade que só alguém fascinado não percebe; por isso, teme acima de tudo as pessoas que enxergam com muita clareza; é por essa razão que sua tática é quase sempre inspirar em seu intérprete o afastamento de qualquer pessoa que possa lhe abrir os olhos; por esse meio, evitando toda contestação, tem certeza de estar sempre com a razão.

240 A subjugação é uma pressão que paralisa a vontade de quem a sofre e o faz agir contra a própria vontade. Em uma palavra, ele está sob um verdadeiro jugo.

A subjugação pode ser moral ou corporal. No primeiro caso, o subjugado é levado a tomar decisões muitas vezes absurdas e comprometedoras que,

por uma espécie de ilusão, julga sensatas: é uma espécie de fascinação. No segundo caso, o Espírito age sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Ela se manifesta no médium escrevente por uma necessidade incessante de escrever, mesmo nos momentos mais inoportunos. Vimos alguns que, na falta de pena ou lápis, simulavam escrever com o dedo, onde quer que estivessem, mesmo nas ruas, nas portas e nos muros.

A subjugação corporal às vezes vai mais longe; pode levar aos atos mais ridículos. Conhecemos um homem que não era jovem nem bonito e que, sob o domínio de uma obsessão dessa natureza, se viu obrigado, por uma força irresistível, a se ajoelhar diante de uma moça por quem não tinha nenhum interesse e pedi-la em casamento. Outras vezes, sentia nas costas e atrás dos joelhos uma forte pressão que o obrigava, apesar de sua resistência, a se ajoelhar e beijar o chão em lugares públicos e na presença da multidão. Esse homem era considerado louco por seus conhecidos; mas nos convencemos de que não era de modo algum, pois tinha plena consciência do ridículo daquilo que fazia contra a própria vontade e sofria horrivelmente com isso.

241 Antigamente se dava o nome de possessão ao domínio exercido por maus Espíritos, quando sua influência chegava a perturbar as faculdades. A possessão seria, para nós, sinônimo de subjugação.

241.2 Se não adotamos esse termo, é por dois motivos: o primeiro é que ele implica a crença em seres criados para o mal e perpetuamente destinados ao mal, enquanto só existem seres mais ou menos imperfeitos, que podem todos melhorar.

241.3 O segundo é que ele implica também a ideia de tomada de posse do corpo por um Espírito alheio, de uma espécie de coabitação, enquanto há apenas constrangimento. A palavra subjugação expressa perfeitamente o

pensamento. Assim, para nós, não há possessos, no sentido comum da palavra; há apenas obsediados, subjugados e fascinados.

242 A obsessão, como dissemos, é um dos maiores obstáculos da mediunidade; é também um dos mais frequentes; por isso, todo cuidado é pouco para combatê-la, pois, além dos inconvenientes pessoais que dela podem resultar, é um obstáculo absoluto à qualidade e à veracidade das comunicações.

242.2 Como a obsessão, em qualquer grau, é sempre efeito de um constrangimento, e esse constrangimento jamais pode ser exercido por um bom Espírito, segue-se que toda comunicação dada por um médium obsediado é de origem suspeita e não merece nenhuma confiança. Se, às vezes, houver nela algo de bom, é preciso aproveitá-lo e rejeitar tudo o que seja simplesmente duvidoso.

243 Reconhece-se a obsessão pelas seguintes características:
1º Persistência de um Espírito em se comunicar, quer se queira, quer não, pela escrita, pela audição, pela tiptologia etc., impedindo que outros Espíritos possam fazê-lo.
2º Ilusão que, apesar da inteligência do médium, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações que recebe.
3º Crença na infalibilidade e na identidade absoluta dos Espíritos que se comunicam e que, sob nomes respeitáveis e venerados, dizem coisas falsas ou absurdas.
4º Confiança do médium nos elogios que lhe fazem os Espíritos que se comunicam com ele.
5º Disposição para se afastar das pessoas que podem dar conselhos úteis. 6º Reação negativa à crítica a respeito das comunicações que se recebem.

7º Necessidade incessante e inoportuna de escrever.
8º Qualquer constrangimento físico que domine a vontade e obrigue a agir ou falar contra a própria vontade.
9º Ruídos e perturbações persistentes ao redor da pessoa, dos quais ela é a causa ou o alvo.

244 Diante do perigo da obsessão, pergunta-se se não é algo ruim ser médium; se não é essa faculdade que a provoca; em uma palavra, se isso não é uma prova dos inconvenientes das comunicações espíritas. Nossa resposta é simples, e pedimos que seja meditada com cuidado.
Não foram os médiuns nem os espíritas que criaram os Espíritos, mas os Espíritos que fizeram com que houvesse espíritas e médiuns; como os Espíritos são apenas as almas dos homens, há Espíritos desde que há homens e, por consequência, eles sempre exerceram sua influência benéfica ou nociva sobre a humanidade. A faculdade mediúnica é para eles apenas um meio de se manifestarem; na falta dessa faculdade, fazem isso de mil outras maneiras mais ou menos ocultas. Seria, portanto, um erro acreditar que os Espíritos só exercem sua influência por meio de comunicações escritas ou verbais; essa influência existe a todo instante, e aqueles que não se ocupam dos Espíritos, ou nem sequer acreditam neles, estão expostos a ela como os outros, e até mais que os outros, porque não têm contrapeso. A mediunidade é para o Espírito um meio de se dar a conhecer; se ele é mau, sempre acaba se traindo, por mais hipócrita que seja; pode-se, portanto, dizer que a mediunidade permite ver o inimigo face a face, se assim podemos nos expressar, e combatê-lo com suas próprias armas; sem essa faculdade, ele age nas sombras e, favorecido por sua invisibilidade, pode fazer e de fato faz muito mal. A quantos atos não somos impelidos, para nossa infelicidade, e que te-

ríamos evitado se tivéssemos um meio de nos esclarecer! Os incrédulos não imaginam dizer algo tão verdadeiro quando afirmam, a respeito de um homem que se desvia obstinadamente: "É seu mau gênio que o leva à perdição." Assim, o conhecimento do espiritismo, longe de dar poder aos maus Espíritos, deve ter como resultado, em um futuro mais ou menos próximo, e quando estiver difundido, destruir esse poder, dando a cada um os meios de se precaver contra suas sugestões, e aquele que sucumbir só poderá culpar a si mesmo.

Regra geral: quem quer que receba más comunicações espíritas, escritas ou verbais, está sob uma má influência; essa influência se exerce sobre ele, escreva ou não, isto é, seja ou não médium, creia ou não. A escrita oferece um meio de verificar a natureza dos Espíritos que agem sobre ele e de combatê-los, se forem maus, o que se faz com ainda mais sucesso quando se consegue conhecer o motivo que os leva a agir. Se ele estiver cego demais para compreender isso, outros poderão lhe abrir os olhos.

Em resumo, o perigo não está no espiritismo em si, pois ele pode, ao contrário, servir de instrumento de verificação e nos preservar daquele que corremos sem cessar, sem o saber; está na tendência orgulhosa de certos médiuns a se acreditarem, com demasiada facilidade, instrumentos exclusivos de Espíritos superiores, e na espécie de fascinação que os impede de compreender as tolices de que são intérpretes. Mesmo aqueles que não são médiuns podem se deixar apanhar por ela. Façamos uma comparação. Um homem tem um inimigo secreto que não conhece e que espalha contra ele, às escondidas, a calúnia e tudo o que a mais sombria maldade pode inventar; ele vê sua fortuna se perder, seus amigos se afastarem, sua felicidade no lar ser perturbada; como não consegue descobrir a mão que o atinge, não pode se defender e sucumbe; mas um dia esse inimigo secreto lhe escreve e, ape-

sar de sua astúcia, acaba se traindo. Seu inimigo está, então, descoberto; ele pode desmascará-lo e se reerguer. Esse é o papel dos maus Espíritos, que o espiritismo nos dá a possibilidade de conhecer e cujas manobras nos permite frustrar.

245 Os motivos da obsessão variam conforme o caráter do Espírito; às vezes, trata-se de uma vingança que ele exerce contra um indivíduo de quem teve motivos para se queixar durante sua vida ou em outra existência; muitas vezes, também, não tem outra razão além do desejo de fazer o mal; como sofre, quer fazer os outros sofrerem; encontra uma espécie de prazer em atormentá-los, em aborrecê-los; por isso, a impaciência que se demonstra o estimula, porque esse é seu objetivo, enquanto a paciência o cansa; ao nos irritarmos, ao mostrarmos contrariedade, fazemos precisamente o que ele quer.

245.2 Esses Espíritos às vezes agem por ódio e por inveja do bem; é por isso que DA obsessão. 315 dirigem suas intenções maléficas às pessoas mais honestas. Um deles se agarrou como uma traça a uma família honrada de nosso conhecimento, que, aliás, ele não tem a satisfação de enganar; interrogado sobre o motivo pelo qual havia atacado pessoas de bem em vez de homens maus como ele, respondeu: Esses não me causam inveja.

245.3 Outros são guiados por um sentimento de covardia que os leva a aproveitar a fraqueza moral de certos indivíduos que sabem ser incapazes de resistir a eles. Um destes últimos, que subjugava um jovem de inteligência muito limitada, interrogado sobre os motivos dessa escolha, nos respondeu: Tenho uma necessidade muito grande de atormentar alguém; uma pessoa sensata me repeliria; agarro-me a um idiota que não me opõe nenhuma virtude.

246 Há Espíritos obsessores sem maldade, que têm até algo de bom, mas que possuem o orgulho do falso saber; têm suas ideias, seus sistemas sobre as ciências, a economia social, a moral, a religião, a filosofia; querem fazer prevalecer sua opinião e, para isso, procuram médiuns crédulos o bastante para aceitá-los de olhos fechados, e que eles fascinam para impedi-los de distinguir o verdadeiro do falso.

246.2 São os mais perigosos, porque não lhes custa nada recorrer a sofismas e porque podem dar crédito às utopias mais ridículas; como conhecem o prestígio dos grandes nomes, não têm nenhum escrúpulo em se enfeitar com os daqueles diante dos quais as pessoas se curvam, e nem sequer recuam diante do sacrilégio de se dizerem Jesus, a Virgem Maria ou um santo venerado.

246.3 Procuram deslumbrar com uma linguagem pomposa, mais pretensiosa que profunda, repleta de termos técnicos e adornada com as grandes palavras da caridade e da moral; evitam dar um mau conselho, porque sabem muito bem que seriam repelidos; por isso, aqueles que eles enganam os defendem a todo custo, dizendo: Vocês veem bem que eles não dizem nada de mau.

246.4 Mas a moral é para eles apenas um passaporte, é a menor de suas preocupações; o que querem, acima de tudo, é dominar e impor suas ideias, por mais insensatas que sejam.

247 Os Espíritos que têm seus sistemas são, em geral, muito dados a escrever; é por isso que procuram os médiuns que escrevem com facilidade e dos quais tentam fazer instrumentos dóceis e, sobretudo, entusiasmados, fascinando-os. São quase sempre verbosos, muito prolixos, procurando compensar a qualidade com a quantidade. Gostam de ditar a seus intérpre-

tes escritos volumosos, indigestos e muitas vezes pouco inteligíveis, que felizmente têm como antídoto a impossibilidade material de serem lidos pelas massas. Os Espíritos verdadeiramente superiores são comedidos nas palavras; dizem muitas coisas em poucas palavras; por isso, essa fecundidade prodigiosa deve sempre ser vista com desconfiança.

Nunca é demais ter cautela quando se trata de publicar escritos semelhantes; as utopias e as excentricidades de que muitas vezes estão cheios, e que chocam o bom senso, causam uma impressão muito ruim nas pessoas iniciantes, dando-lhes uma ideia falsa do espiritismo, sem contar que são armas de que seus inimigos se servem para ridicularizá-lo. Entre essas publicações, há algumas que, sem serem más e sem decorrerem de uma obsessão, podem ser consideradas imprudentes, inoportunas ou desajeitadas.

248 Acontece com bastante frequência que um médium só consiga se comunicar com um único espírito, que se liga a ele e responde por aqueles que são chamados por seu intermédio. Isso nem sempre é uma obsessão, pois pode decorrer da falta de flexibilidade do médium e de uma afinidade especial de sua parte com este ou aquele Espírito.

248.2 Só há obsessão propriamente dita quando o Espírito se impõe e afasta os outros por sua vontade, o que nunca é obra de um bom Espírito. Em geral, o Espírito que se apodera do médium para dominá-lo não tolera o exame crítico de suas comunicações; quando vê que elas não são aceitas e que são discutidas, não se retira, mas inspira ao médium a ideia de se isolar, e muitas vezes chega a lhe ordenar isso.

248.3 Todo médium que se ofende com a crítica às comunicações que recebe é o eco do Espírito que o domina, e esse Espírito não pode ser bom a partir do momento em que lhe inspira uma ideia ilógica: a de se recusar ao

exame. O isolamento do médium é sempre algo prejudicial para ele, porque não dispõe de nenhum meio de verificar suas comunicações.

248.4 Não só deve se esclarecer com a opinião de terceiros, mas também precisa estudar todos os gêneros de comunicações para compará-los; ao se restringir às que recebe, por melhores que lhe pareçam, expõe-se a se iludir sobre seu valor, sem contar que não pode conhecer tudo e que elas giram quase sempre no mesmo círculo. (Nº 192; Médiuns exclusivos.)

249 Os meios de combater a obsessão variam conforme o caráter que ela assume. O perigo realmente não existe para todo médium bem convencido de estar lidando com um Espírito mentiroso, como acontece na obsessão simples; para ele, isso é apenas algo desagradável. Mas, justamente por lhe ser desagradável, é mais uma razão para o Espírito insistir em persegui-lo para aborrecê-lo. Duas coisas essenciais devem ser feitas nesse caso: provar ao Espírito que não somos seus ingênuos seguidores e que lhe é impossível nos enganar; em segundo lugar, esgotar sua paciência, mostrando-nos mais pacientes do que ele; se estiver bem convencido de que perde seu tempo, acabará se retirando, como fazem os importunos a quem não se dá ouvidos. Mas isso nem sempre basta, e pode demorar, pois há alguns que são persistentes, e para eles meses e anos são pouca coisa. O médium deve, além disso, fazer um apelo fervoroso ao seu anjo bom, assim como aos bons Espíritos que lhe têm simpatia, e pedir que o ajudem. Quanto ao Espírito obsessor, por pior que seja, é preciso tratá-lo com severidade, mas com benevolência, e vencê-lo pelo bom tratamento, orando por ele. Se for realmente perverso, a princípio zombará disso; mas, procurando levá-lo ao bem com perseverança, ele acabará se corrigindo; é uma conversão a empreender, tarefa muitas vezes penosa, ingrata, até desanimadora, mas cujo mérito está

na dificuldade e que, se for bem cumprida, sempre dá a satisfação de ter realizado um dever de caridade, e muitas vezes a de ter reconduzido ao bom caminho uma alma perdida. Convém também interromper toda comunicação escrita assim que se reconheça que ela vem de um mau Espírito que não quer ouvir a razão, para não lhe dar o prazer de ser ouvido. Em certos casos, pode até ser útil deixar de escrever por algum tempo; deve-se agir conforme as circunstâncias. Mas, se o médium escrevente pode evitar essas conversas abstendo-se de escrever, o mesmo não acontece com o médium ouvinte, a quem o Espírito obsessor às vezes persegue a todo instante com suas palavras grosseiras e obscenas, e que nem sequer tem o recurso de tapar os ouvidos. Aliás, é preciso reconhecer que certas pessoas se divertem com a linguagem vulgar desses tipos de Espíritos, que elas encorajam e provocam rindo de suas tolices, em vez de lhes impor silêncio e de procurar levá-los ao bem. Nossos conselhos não podem se aplicar aos que querem se afogar.

250 SiiO. Portanto,
há apenas aborrecimento, e não perigo, para todo médium que não se deixa iludir, porque não pode ser enganado; com a fascinação é bem diferente, pois então o domínio que o Espírito exerce sobre aquele de quem se apodera não tem limites. A única coisa a fazer com ele é tentar convencê-lo de que está sendo enganado e reduzir sua obsessão ao caso da obsessão simples; mas isso nem sempre é fácil, sendo até, algumas vezes, impossível. A influência do Espírito pode ser tamanha que torne o fascinado surdo a toda espécie de raciocínio, e pode chegar a fazê-lo duvidar, quando o Espírito comete alguma grande heresia científica, se a ciência não está enganada. Como dissemos, ele geralmente recebe muito mal os conselhos; a crítica o

magoa, o irrita e o faz tomar aversão aos que não compartilham de sua admiração. Suspeitar de seu Espírito é quase uma profanação aos seus olhos, e isso é tudo o que o Espírito deseja; pois o que ele quer é que se ajoelhem diante de sua palavra. Um deles exercia sobre uma pessoa nossa conhecida uma fascinação extraordinária; nós o evocamos e, depois de algumas bravatas, vendo que não podia nos enganar sobre sua identidade, acabou confessando que não era aquele cujo nome usava. Quando lhe perguntamos por que enganava assim aquela pessoa, respondeu estas palavras, que retratam claramente o caráter desses tipos de Espíritos: Eu procurava um homem que pudesse conduzir; encontrei-o e aqui fico. — Mas, se lhe abrirem os olhos, ele o expulsará. — É o que veremos! Como não há pior cego do que aquele que não quer ver, quando se reconhece a inutilidade de toda tentativa de abrir os olhos do fascinado, o melhor a fazer é deixá-lo com suas ilusões. Não se pode curar um doente que se obstina em conservar seu mal e nele se compraz.

251 A subjugação corporal muitas vezes tira do obsediado a energia necessária para dominar o mau Espírito; por isso é necessária a intervenção de uma terceira pessoa, agindo pelo magnetismo ou pelo poder de sua vontade. Na falta da colaboração do obsediado, essa pessoa deve exercer autoridade sobre o Espírito; mas, como essa autoridade só pode ser moral, apenas um ser moralmente superior ao Espírito pode exercê-la, e seu poder será tanto maior quanto maior for sua superioridade moral, porque se impõe ao Espírito, que é obrigado a se curvar diante dele; por isso Jesus tinha tamanho poder para expulsar o que então se chamava de demônios, isto é, os maus Espíritos obsessores.

Só podemos dar aqui conselhos gerais, pois não há nenhum procedimento

material, sobretudo nenhuma fórmula, nem nenhuma palavra sacramental que tenha o poder de expulsar os Espíritos obsessores. O que às vezes falta ao obsediado é uma força fluídica suficiente; nesse caso, a ação magnética de um bom magnetizador pode lhe prestar uma ajuda útil. Aliás, é sempre bom buscar, por meio de um médium seguro, os conselhos de um Espírito superior ou de seu anjo da guarda.

252 As imperfeições morais do obsediado são muitas vezes um obstáculo à sua libertação. Eis um exemplo notável que pode servir de ensinamento a todos:

Várias irmãs eram, havia alguns anos, vítimas de estragos muito desagradáveis. Suas roupas eram constantemente espalhadas por todos os cantos da casa, e até pelos telhados, cortadas, rasgadas e DA OBSESSÃO. 32 1 cheias de furos, por mais cuidado que tivessem em guardá-las sob chave. Essas senhoras, relegadas a uma pequena localidade do interior, nunca tinham ouvido falar do espiritismo. Sua primeira ideia foi naturalmente acreditar que eram alvo de pessoas que faziam brincadeiras de mau gosto, mas essa persistência e as precauções que tomavam fizeram com que abandonassem essa ideia. Só muito tempo depois, por algumas indicações, julgaram que deveriam recorrer a nós para conhecer a causa desses estragos e os meios de remediá-los, se fosse possível. A causa não deixava dúvidas; o remédio era mais difícil. O Espírito que se manifestava por tais atos era evidentemente mal-intencionado. Na evocação, mostrou-se de grande perversidade e inacessível a todo bom sentimento. A prece, entretanto, pareceu exercer uma influência salutar; mas, depois de algum tempo de trégua, os estragos recomeçaram. Eis o conselho que um Espírito superior deu a esse respeito.

« O melhor que essas senhoras têm a fazer é pedir aos seus Espíritos prote-

tores que não as abandonem; e não tenho melhor conselho a lhes dar do que examinar sua consciência para nela se confessarem a si mesmas e verificarem se sempre praticaram o amor ao próximo e a caridade; não digo a caridade que dá e distribui, mas a caridade da língua; pois, infelizmente, elas não sabem conter a sua e não justificam, por seus atos piedosos, o desejo que têm de se libertar daquele que as atormenta. Gostam demais de falar mal do próximo, e o Espírito que as obsedia se vinga, pois foi alvo de seus maus-tratos quando vivo. Basta procurarem na memória, e logo verão com quem estão lidando.

« Entretanto, se conseguirem melhorar, seus anjos da guarda se aproximarão delas, e sua simples presença bastará para expulsar o mau Espírito, que só atacou especialmente uma delas porque seu anjo da guarda precisou se afastar diante de atos repreensíveis ou de pensamentos maus. O que lhes é necessário são preces fervorosas pelos que sofrem e, principalmente, a prática das virtudes que Deus impõe a cada um segundo sua condição. »

Diante da observação de que essas palavras nos pareciam um pouco severas e de que talvez fosse preciso suavizá-las para transmiti-las, o Espírito acrescentou:

« Devo dizer o que digo, e como digo, porque as pessoas em questão têm o hábito de acreditar que não fazem mal com a língua, quando fazem muito. É por isso que é preciso impressionar seu espírito de modo que isso seja para elas uma advertência séria. » Disso resulta um ensinamento de grande alcance: as imperfeições morais dão abertura aos Espíritos obsessores, e o meio mais seguro de se livrar deles é atrair os bons pela prática do bem. Os bons Espíritos têm, sem dúvida, mais poder do que os maus, e sua vontade basta para afastar estes últimos; mas só ajudam aqueles que os auxiliam com os esforços que fazem para melhorar. Caso contrário, afastam-se e dei-

xam o campo livre aos maus Espíritos, que assim se tornam, em certos casos, instrumentos de punição, pois os bons os deixam agir com esse objetivo.

253 É preciso, aliás, evitar atribuir à ação direta dos Espíritos todos os aborrecimentos que podem acontecer; esses aborrecimentos muitas vezes são consequência do descuido ou da falta de previsão. Um agricultor mandou nos escrever um dia que, havia doze anos, aconteciam toda espécie de desgraças com seus animais; ora eram DA OBSESSÃO. 323 suas vacas que morriam ou deixavam de dar leite; ora eram seus cavalos, suas ovelhas ou seus porcos. Fez muitas novenas, que não remediaram o mal, assim como as missas que mandou celebrar e os exorcismos que mandou realizar. Então, segundo o preconceito do campo, convenceu-se de que haviam lançado um feitiço sobre seus animais. Sem dúvida, acreditando que tínhamos um poder de conjuração maior que o do padre de sua aldeia, mandou nos pedir uma opinião. Eis a resposta que obtivemos:
« A mortalidade ou as doenças dos animais desse homem vêm do fato de que seus estábulos estão infectados e ele não manda consertá-los porque custa dinheiro. »

254 Terminaremos este capítulo com as respostas dadas pelos Espíritos a algumas perguntas, que vêm apoiar o que dissemos.
1. Por que certos médiuns não conseguem se livrar dos Espíritos maus que se apegam a eles, e como os bons Espíritos que eles chamam não são suficientemente poderosos para afastar os outros e se comunicar diretamente?
“Não é o poder que falta ao bom Espírito; muitas vezes é o médium que não tem força suficiente para auxiliá-lo; sua natureza se presta melhor a certas relações; seu fluido se identifica mais com um Espírito do que com ou-

tro; é isso que dá tamanho domínio àqueles que querem abusar dele."

2. Parece-nos, no entanto, que há pessoas de muito mérito, de moralidade irrepreensível, e que, mesmo assim, são impedidas de se comunicar com os bons Espíritos?

"Isso é uma prova; e quem lhes diz, aliás, que o coração não está manchado por um pouco de mal? Que o orgulho não predomina um pouco sob a aparência de bondade? Essas provas, ao mostrarem ao obsidiado sua fraqueza, devem levá-lo à humildade.

"Há alguém na Terra que possa se dizer perfeito? E alguém que tenha todas as aparências da virtude pode ainda ter muitos defeitos ocultos, um velho fermento de imperfeição. Assim, por exemplo, vocês dizem daquele que não faz mal algum, que é leal em suas relações sociais: É um homem bom e digno; mas sabem se suas boas qualidades não são ofuscadas pelo orgulho; se não há nele um fundo de egoísmo; se não é avarento, ciumento, rancoroso, maledicente e uma centena de outras coisas que vocês não percebem, porque suas relações com ele não lhes deram ocasião para isso? O meio mais poderoso de combater a influência dos maus Espíritos é se aproximar o máximo possível da natureza dos bons."

3. A obsessão que impede um médium de obter as comunicações que deseja é sempre um sinal de indignidade de sua parte?

"Não disse que fosse um sinal de indignidade, mas que um obstáculo pode se opor a certas comunicações; é em remover o obstáculo que existe nele que deve se empenhar; sem isso, suas preces, suas súplicas nada serão. Não basta a um doente dizer ao seu médico: Dê-me saúde, quero ficar bem; o médico nada pode fazer se o doente não fizer o que é necessário."

4. A privação de se comunicar com certos Espíritos seria, assim, uma espécie de punição?

"Em certos casos, pode ser uma verdadeira punição, assim como a possibilidade de se comunicar com eles é uma recompensa que vocês devem se esforçar para merecer." (Ver Perda e suspensão da mediunidade, nº 220.)

DA OBSESSÃO. 325

5. Não se pode também combater a influência dos maus Espíritos procurando melhorá-los moralmente?

"Sim, é o que não se faz, e é o que não se deve deixar de fazer; pois muitas vezes essa é uma tarefa que lhes é dada, e que vocês devem cumprir com caridade e religiosidade. Por meio de sábios conselhos, pode-se levá-los ao arrependimento e apressar seu progresso."

— Como um homem pode ter, a esse respeito, mais influência do que os próprios Espíritos?

"Os Espíritos perversos se aproximam mais dos homens que procuram atormentar do que dos Espíritos, dos quais se afastam o máximo possível. Nessa aproximação com os seres humanos, quando encontram quem procure melhorá-los moralmente, a princípio não lhes dão ouvidos, riem deles; depois, se souberem como lidar com eles, acabam se deixando tocar. Os Espíritos elevados só podem lhes falar em nome de Deus, e isso os assusta. O homem certamente não tem mais poder do que os Espíritos superiores, mas sua linguagem se identifica melhor com a natureza deles, e, ao ver a influência que pode exercer sobre os Espíritos inferiores, compreende melhor a solidariedade que existe entre o céu e a Terra.

"Além disso, a influência que o homem pode exercer sobre os Espíritos é proporcional à sua superioridade moral. Ele não domina os Espíritos superiores, nem mesmo aqueles que, sem serem superiores, são bons e benevolentes, mas pode dominar os Espíritos que lhe são inferiores em moralidade." (Ver nº 279.)

6. A subjugação corporal, levada a certo grau, poderia ter como consequência a loucura?

"Sim, uma espécie de loucura cuja causa é desconhecida pelo mundo, mas que não tem relação com a loucura comum. Entre aqueles que são considerados loucos, há muitos que são apenas subjugados; eles precisariam de um tratamento moral, enquanto são transformados em verdadeiros loucos pelos tratamentos corporais. Quando os médicos conhecerem bem o espiritismo, saberão fazer essa distinção e curarão mais doentes do que com as duchas." (221.)

7. O que se deve pensar daqueles que, vendo algum perigo no espiritismo, acreditam que o meio de preveni-lo seria proibir as comunicações espíritas?

"Se podem proibir certas pessoas de se comunicar com os Espíritos, não podem impedir as manifestações espontâneas feitas a essas mesmas pessoas, pois não podem suprimir os Espíritos nem impedir sua influência oculta. Isso se parece com aquelas crianças que cobrem os olhos e acreditam que ninguém as vê. Seria loucura querer suprimir uma coisa que oferece grandes vantagens porque pessoas imprudentes podem abusar dela; o meio de prevenir esses inconvenientes é, pelo contrário, fazer com que essa coisa seja conhecida a fundo."

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. XXIV — IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

✦

255 Provas possíveis de identidade.

A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controversas, mesmo entre os adeptos do espiritismo; é que, de fato, os Espíritos não nos apresentam um documento que ateste sua identidade, e sabemos com que facilidade alguns deles adotam nomes de empréstimo; por isso, depois da obsessão, essa é uma das maiores dificuldades do espiritismo prático; além disso, em muitos casos, a identidade absoluta é uma questão secundária e sem importância real.

A identidade do Espírito de personagens antigos é a mais difícil de constatar; muitas vezes, isso é até impossível, e ficamos limitados a uma apreciação puramente moral. Julgamos os Espíritos, assim como os homens, pela sua linguagem; se um Espírito se apresenta com o nome de Fénelon, por exemplo, e diz trivialidades ou puerilidades, é bastante certo que não pode ser ele; mas, se só diz coisas dignas do caráter de Fénelon e que este não desaprovaria, há, se não uma prova material, ao menos toda a probabilidade moral de que seja ele. É sobretudo nesse caso que a identidade real é uma questão acessória; desde que o Espírito só diga coisas boas, pouco importa o nome sob o qual elas são dadas.

Sem dúvida, alguém poderá objetar que o Espírito que adotasse um nome falso, mesmo para só dizer coisas boas, ainda assim cometeria uma fraude e, portanto, não pode ser um bom Espírito. Há aqui nuances delicadas, bastante difíceis de perceber, que vamos tentar desenvolver.

256 À medida que os Espíritos se purificam e se elevam na hierarquia, os traços distintivos de sua personalidade se apagam, de certo modo, na uniformidade da perfeição, e, no entanto, nem por isso deixam de conservar sua individualidade; é o que acontece com os Espíritos superiores e os Espíritos puros. Nessa condição, o nome que tiveram na Terra, em uma das mil existências corporais passageiras pelas quais passaram, é algo inteiramente insignificante. Observemos ainda que os Espíritos são atraídos uns para os outros pela semelhança de suas qualidades, e assim formam grupos ou famílias afins. Por outro lado, se considerarmos o número imenso de Espíritos que, desde a origem dos tempos, devem ter chegado às primeiras posições, e o compararmos com o número tão limitado de homens que deixaram um grande nome na Terra, compreenderemos que, entre os Espíritos superiores que podem se comunicar, a maioria não deve ter nomes conhecidos por nós; mas, como precisamos de nomes para fixar nossas ideias, eles podem adotar o do personagem conhecido cuja natureza mais se identifica com a sua; é assim que nossos anjos da guarda se fazem conhecer, na maioria das vezes, pelo nome de um dos santos que veneramos, e geralmente pelo nome daquele por quem temos mais simpatia. Disso resulta que, se o anjo da guarda de uma pessoa se apresenta como são Pedro, por exemplo, não há nenhuma prova material de que seja precisamente o apóstolo desse nome; pode ser ele, assim como pode ser um Espírito inteiramente desconhecido, pertencente à família de Espíritos da qual são Pedro faz parte; disso também resulta que, seja qual for o nome pelo qual se invoque o anjo da guarda, ele atenderá ao chamado que lhe for feito, porque é atraído pelo pensamento, e o nome lhe é indiferente.

O mesmo acontece sempre que um Espírito superior se comunica espontaneamente com o nome de um personagem conhecido; nada prova que seja

precisamente o Espírito desse personagem; mas, se não disser nada que contradiga a elevação do caráter deste último, há a presunção de que seja ele e, em todo caso, podemos dizer a nós mesmos que, se não for ele, deve ser um Espírito do mesmo grau, ou talvez até enviado por ele. Em resumo, a questão do nome é secundária, pois o nome pode ser considerado um simples indício da posição que o Espírito ocupa na escala espírita.

A situação é muito diferente quando um Espírito de ordem inferior se apresenta com um nome respeitável para dar crédito às suas palavras, e esse caso é tão frequente que todo cuidado é pouco diante desse tipo de substituição; pois é graças a esses nomes de empréstimo, e sobretudo com a ajuda da fascinação, que certos Espíritos presos a sistemas, mais orgulhosos do que sábios, procuram dar crédito às ideias mais ridículas.

A questão da identidade é, portanto, como dissemos, quase indiferente quando se trata de instruções gerais, pois os melhores Espíritos podem substituir uns aos outros sem que isso traga consequências. Os Espíritos superiores formam, por assim dizer, um todo coletivo, cujas individualidades nos são, com poucas exceções, completamente desconhecidas. O que nos interessa não é sua pessoa, mas seu ensinamento; ora, desde que esse ensinamento seja bom, pouco importa que aquele que o dá se chame Pedro ou Paulo; ele é julgado por sua qualidade, e não pelo nome que apresenta. Se um vinho é ruim, não é o rótulo que o tornará melhor. Nas comunicações íntimas, a situação é diferente, porque é o indivíduo, sua própria pessoa, que nos interessa, e é com razão que, nessa circunstância, fazemos questão de nos assegurar de que o Espírito que atende ao nosso chamado é realmente aquele que desejamos.

257 A identidade é muito mais fácil de constatar quando se trata de Espíritos contemporâneos cujo caráter e hábitos conhecemos, pois é precisamente por esses hábitos, dos quais ainda não tiveram tempo de se desfazer, que eles se fazem reconhecer, e digamos desde já que esse é até um dos sinais mais seguros de identidade.

257.2 O Espírito pode, sem dúvida, dar provas dela quando isso lhe é pedido, mas só o faz se lhe convém, e em geral esse pedido o ofende; é por isso que devemos evitá-lo. Ao deixar seu corpo, o Espírito não se desfez de sua sensibilidade às ofensas; ele se magoa com toda pergunta que tenha por objetivo colocá-lo à prova.

257.3 Há perguntas que não ousaríamos lhe fazer se ele se apresentasse vivo, por medo de faltar com a boa educação; por que, então, teríamos menos consideração por ele depois de sua morte? Se um homem se apresenta em um salão e diz seu nome, iremos pedir-lhe, sem rodeios, que prove ser quem diz, exibindo seus documentos, sob o pretexto de que existem impostores?

257.4 Esse homem certamente teria o direito de lembrar ao interrogador as regras da boa educação. É o que fazem os Espíritos ao não responderem ou ao se retirarem. Tomemos um exemplo como comparação.

257.5 Suponhamos que o astrônomo Arago, quando vivo, tivesse se apresentado em uma casa onde sua pessoa não fosse conhecida, e que lhe tivessem dirigido estas palavras: O senhor diz que é Arago, mas, como não o conhecemos, queira nos provar isso respondendo às nossas perguntas; resolva tal problema de astronomia; diga-nos seu sobrenome, seus nomes, os de seus filhos, o que fazia em tal dia, a tal hora etc.; o que ele teria respondido?

257.6 Pois bem! Como Espírito, ele fará o que teria feito quando vivo, e os outros Espíritos fazem o mesmo.

258 Enquanto os Espíritos se recusam a responder às perguntas pueris e absurdas que teríamos escrúpulos em dirigir a eles quando vivos, muitas vezes dão, por iniciativa própria e espontaneamente, provas incontestáveis de sua identidade, por seu caráter, que se revela na linguagem, pelo emprego de palavras que lhes eram familiares, pela citação de certos fatos, de particularidades de sua vida às vezes desconhecidas dos presentes, e cuja exatidão pôde ser verificada.

258.2 As provas de identidade também surgem de uma infinidade de circunstâncias imprevistas que nem sempre se apresentam logo de início, mas no decorrer das conversas. Convém, portanto, esperá-las sem provocá-las, observando com cuidado todas as que possam decorrer da natureza das comunicações. (Ver o fato relatado no nº 70.)

259 Um meio que às vezes se emprega com sucesso para verificar a identidade, quando o Espírito que se comunica é suspeito, consiste em fazê-lo afirmar, em nome de Deus todo-poderoso, que é realmente quem diz ser. Muitas vezes acontece que aquele que usa um nome usurpado recua diante de um sacrilégio e, depois de começar a escrever: Afirmo, em nome de..., para e traça com raiva riscos sem sentido, ou quebra o lápis; se for mais hipócrita, esquiva-se da questão por uma reserva mental, escrevendo, por exemplo: Eu lhes asseguro que digo a verdade; ou ainda: Atesto, em nome de Deus, que sou realmente eu quem lhes fala etc. Mas há alguns que não são tão escrupulosos e juram tudo o que se quiser. Um deles havia se comunicado com um médium dizendo ser Deus, e o médium, muito honrado com tão grande favor, não havia hesitado em acreditar nele. Evocado por nós, não ousou sustentar sua impostura e disse: Não sou Deus, mas sou seu filho. — Então você é Jesus? Isso não é provável, pois Jesus está

elevado demais para empregar um subterfúgio. Você ousa, então, afirmar, em nome de Deus, que é o Cristo? — Não digo que sou Jesus; digo que sou filho de Deus, porque sou uma de suas criaturas.

Devemos concluir disso que a recusa de um Espírito em afirmar sua identidade em nome de Deus é sempre uma prova manifesta de que o nome que adotou é uma impostura, mas que a afirmação é apenas uma presunção, e não uma prova segura.

260 Também podemos incluir entre as provas de identidade a semelhança da escrita e da assinatura, mas, além de nem todos os médiuns conseguirem obter esse resultado, isso nem sempre é uma garantia suficiente; há falsários no mundo dos Espíritos, assim como neste; portanto, isso é apenas uma presunção de identidade que só adquire valor pelas circunstâncias que a acompanham.

260.2 O mesmo acontece com todos os sinais materiais que alguns apresentam como talismãs impossíveis de serem imitados pelos Espíritos mentirosos. Para aqueles que ousam jurar falsamente em nome de Deus ou falsificar uma assinatura, um sinal material qualquer não pode oferecer obstáculo maior. A melhor de todas as provas de identidade está na linguagem e nas circunstâncias fortuitas.

261 Sem dúvida, alguém dirá que, se um Espírito pode imitar uma assinatura, também pode imitar a linguagem. Isso é verdade; vimos alguns que adotavam descaradamente o nome do Cristo e, para enganar, simulavam o estilo evangélico e repetiam a todo momento e sem critério estas palavras bem conhecidas: Em verdade, em verdade, eu lhes digo; mas, quando se estudava o conjunto sem ideias preconcebidas; quando se examinavam a

fundo o conteúdo dos pensamentos e o alcance das expressões; quando, ao lado de belas máximas de caridade, se viam recomendações pueris e ridículas, seria preciso estar fascinado para se enganar.

261.2 Sim, certas partes da forma material da linguagem podem ser imitadas, mas o pensamento não; a ignorância jamais imitará o verdadeiro saber, e o vício jamais imitará a verdadeira virtude; sempre aparecerá, em algum ponto, um sinal que os denuncie; é então que o médium, assim como o evocador, precisa de toda a sua perspicácia e de todo o seu discernimento para distinguir a verdade da mentira.

261.3 Eles devem se convencer de que os Espíritos perversos são capazes de todas as artimanhas e de que, quanto mais elevado for o nome com que um Espírito se anuncia, mais desconfiança ele deve inspirar. Quantos médiuns receberam comunicações apócrifas assinadas por Jesus, Maria ou por um santo venerado!

262 Distinção dos bons e dos maus Espíritos

Se a identidade absoluta dos Espíritos é, em muitos casos, uma questão acessória e sem importância, o mesmo não acontece com a distinção dos bons e dos maus Espíritos; sua individualidade pode nos ser indiferente, sua qualidade nunca é. Em todas as comunicações instrutivas, é, por conseguinte, nesse ponto que deve se concentrar toda a atenção, porque só ele pode nos dar a medida da confiança que podemos depositar no Espírito que se manifesta, seja qual for o nome sob o qual o faça. O Espírito que se manifesta é bom ou mau? A que grau da escala espírita pertence? Essa é a questão principal. (Veja Escala espírita, O Livro dos Espíritos, nº 100.)

263 Julgam-se os Espíritos, como dissemos, assim como se julgam os homens: pela sua linguagem. Suponhamos que um homem receba vinte cartas de pessoas que lhe são desconhecidas; pelo estilo, pelos pensamentos, enfim, por uma porção de sinais, ele julgará quais são instruídas ou ignorantes, educadas ou mal-educadas, superficiais, profundas, frívolas, orgulhosas, sérias, levianas, sentimentais etc.

263.2 O mesmo acontece com os Espíritos; devemos considerá-los como correspondentes que nunca vimos e nos perguntar o que pensaríamos do saber e do caráter de um homem que dissesse ou escrevesse coisas semelhantes. Pode-se estabelecer como regra invariável e sem exceção que a linguagem dos Espíritos está sempre de acordo com o grau de sua elevação.

263.3 Os Espíritos realmente superiores não apenas dizem somente coisas boas, mas as dizem em termos que excluem, da maneira mais absoluta, toda trivialidade; por melhores que sejam essas coisas, se forem manchadas por uma única expressão que revele baixeza, isso é um sinal indiscutível de inferioridade, com mais razão ainda se o conjunto da comunicação ofende a decência por sua grosseria.

263.4 A linguagem sempre revela sua origem, seja pelo pensamento que expressa, seja por sua forma, e, mesmo que um Espírito queira nos enganar sobre sua pretensa superioridade, basta conversar algum tempo com ele para avaliá-lo.

264 A bondade e a benevolência também são atributos essenciais dos Espíritos purificados; eles não têm ódio nem dos homens nem dos outros Espíritos; compadecem-se das fraquezas, criticam os erros, mas sempre com moderação, sem amargura e sem animosidade. Se admitirmos que os Espí-

ritos verdadeiramente bons só podem querer o bem e dizer coisas boas, concluiremos que tudo o que, na linguagem dos Espíritos, revela falta de bondade e de benevolência não pode vir de um bom Espírito.

265 A inteligência está longe de ser um sinal certo de superioridade, pois a inteligência e a moral nem sempre caminham juntas. Um Espírito pode ser bom, benevolente e ter conhecimentos limitados, enquanto um Espírito inteligente e instruído pode ser muito inferior em moralidade.

É bastante comum acreditar que, ao interrogar o Espírito de um homem que foi um sábio em uma especialidade na Terra, obteremos a verdade com mais segurança; isso é lógico, mas nem sempre é verdade. A experiência demonstra que os sábios, assim como os outros homens, sobretudo aqueles que deixaram a Terra há pouco tempo, ainda estão sob o domínio dos preconceitos da vida corporal; não se desfazem imediatamente do apego a sistemas.

Pode acontecer, portanto, que, sob a influência das ideias que cultivaram em vida e das quais fizeram um motivo de glória, eles vejam com menos clareza do que pensamos. Não apresentamos esse princípio como uma regra, longe disso; dizemos apenas que isso acontece e que, por consequência, sua ciência humana nem sempre é uma prova de sua infalibilidade como Espíritos.

266 Ao submeter todas as comunicações a um exame cuidadoso, ao investigar e analisar o pensamento e as expressões como se faz quando se trata de julgar uma obra literária, ao rejeitar sem hesitar tudo o que contraria a lógica e o bom senso, tudo o que desmente o caráter do Espírito que supostamente se manifesta, desencorajamos os Espíritos enganadores, que acabam se retirando, uma vez bem convencidos de que não podem nos iludir. Re-

petimos: esse meio é o único, mas é infalível, porque não há comunicação ruim que possa resistir a uma crítica rigorosa. Os bons Espíritos nunca se ofendem com isso, pois eles mesmos o aconselham e porque nada têm a temer do exame; só os maus se ofendem e procuram desaconselhá-lo, porque têm tudo a perder e, por isso mesmo, provam o que são.

Eis, a esse respeito, o conselho dado por São Luís:

"Por mais legítima que seja a confiança que lhes inspiram os Espíritos que presidem aos seus trabalhos, há uma recomendação que nunca poderíamos repetir demais e que vocês deveriam ter sempre em mente quando se dedicam aos seus estudos: ponderar e amadurecer, submeter ao controle da razão mais rigorosa todas as comunicações que recebem; não deixar, assim que um ponto lhes parecer suspeito, duvidoso ou obscuro, de pedir as explicações necessárias para formar uma opinião segura."

267 Podem-se resumir os meios de reconhecer a qualidade dos Espíritos nos seguintes princípios:

1° Não há outro critério para discernir o valor dos Espíritos além do bom senso. Toda fórmula dada para esse fim pelos próprios Espíritos é absurda e não pode vir de Espíritos superiores.

2° Julgam-se os Espíritos por sua linguagem e por suas ações. As ações dos Espíritos são os sentimentos que inspiram e os conselhos que dão.

3° Admitindo-se que os bons Espíritos só podem dizer e fazer o bem, tudo o que é mau não pode vir de um bom Espírito.

4° Os Espíritos superiores têm uma linguagem sempre digna, nobre, elevada, sem qualquer traço de vulgaridade; dizem tudo com simplicidade e modéstia, nunca se vangloriam, nunca fazem alarde de seu saber nem de sua posição entre os demais. A linguagem dos Espíritos inferiores ou vulga-

res sempre traz algum reflexo das paixões humanas; toda expressão que revele baixeza, presunção, arrogância, fanfarronice ou acrimônia é um indício característico de inferioridade, ou de fraude, se o Espírito se apresenta com um nome respeitável e venerado.

5° Não se devem julgar os Espíritos pela forma material e pela correção de seu estilo, mas sondar seu sentido íntimo, examinar suas palavras, pesá-las com serenidade, reflexão e sem preconceitos. Qualquer desvio da lógica, da razão e da sabedoria não pode deixar dúvida sobre sua origem, seja qual for o nome com que o Espírito se apresente. (224.)

6° A linguagem dos Espíritos elevados é sempre idêntica, se não na forma, pelo menos no conteúdo. Os pensamentos são os mesmos, sejam quais forem o tempo e o lugar; podem ser mais ou menos desenvolvidos, conforme as circunstâncias, as necessidades e as facilidades de comunicação, mas não serão contraditórios. Se duas comunicações que trazem o mesmo nome se opõem uma à outra, uma das duas é evidentemente apócrifa, e a verdadeira será aquela em que nada desminta o caráter conhecido da pessoa. Entre duas comunicações assinadas, por exemplo, por São Vicente de Paulo, das quais uma pregasse a união e a caridade, e a outra tendesse a semear a discórdia, nenhuma pessoa sensata poderia se enganar.

7° Os bons Espíritos só dizem o que sabem; calam-se ou confessam sua ignorância sobre o que não sabem. Os maus falam de tudo com segurança, sem se preocupar com a verdade. Todo erro científico notório, todo princípio que contrarie o bom senso, revela a fraude se o Espírito se apresenta como um Espírito esclarecido.

8 Reconhecem-se também os Espíritos levianos pela facilidade com que predizem o futuro e especificam fatos materiais que não nos é dado conhecer. Os bons Espíritos podem fazer pressentir as coisas futuras quando esse

conhecimento pode ser útil, mas nunca especificam datas; todo anúncio de um acontecimento em época determinada é indício de uma mistificação.

9° Os Espíritos superiores se expressam com simplicidade, sem prolixidade; seu estilo é conciso, sem excluir a poesia das ideias e das expressões, claro, compreensível para todos, e não exige esforço para ser entendido; têm a arte de dizer muitas coisas em poucas palavras, porque cada palavra tem seu alcance. Os Espíritos inferiores, ou falsos sábios, escondem o vazio dos pensamentos sob a linguagem empolada e a ênfase. Sua linguagem é muitas vezes pretensiosa, ridícula ou obscura de tanto querer parecer profunda.

10° Os bons Espíritos nunca mandam: não se impõem, aconselham e, se não são ouvidos, retiram-se. Os maus são autoritários; dão ordens, querem ser obedecidos e permanecem mesmo assim. Todo Espírito que se impõe revela sua origem. São exclusivistas e absolutos em suas opiniões e pretendem ter, sozinhos, o privilégio da verdade. Exigem uma crença cega e não apelam à razão, porque sabem que a razão os desmascararia.

11° Os bons Espíritos não bajulam; aprovam quando se faz o bem, mas sempre com reserva; os maus fazem elogios exagerados, estimulam o orgulho e a vaidade ao mesmo tempo que pregam a humildade, e procuram exaltar a importância pessoal daqueles que querem conquistar.

12° Os Espíritos superiores estão acima das puerilidades da forma em todas as coisas. Só os Espíritos vulgares podem dar importância a detalhes mesquinhos, incompatíveis com ideias verdadeiramente elevadas. Toda prescrição minuciosa é um sinal certo de inferioridade e de fraude por parte de um Espírito que adota um nome imponente.

13° É preciso desconfiar dos nomes estranhos e ridículos que adotam certos Espíritos que querem impressionar os crédulos; seria inteiramente absurdo

levar esses nomes a sério.

14 É preciso igualmente desconfiar dos Espíritos que se apresentam com muita facilidade sob nomes extremamente venerados, e só aceitar suas palavras com a maior reserva; é sobretudo nesse caso que uma verificação rigorosa é indispensável, pois muitas vezes essa é uma máscara que adotam para fazer crer em supostas relações íntimas com Espíritos excepcionais. Por esse meio, lisonjeiam a vaidade do médium e se aproveitam disso para muitas vezes induzi-lo a atitudes lamentáveis ou ridículas.

15° Os bons Espíritos são muito escrupulosos quanto às atitudes que podem aconselhar; em todos os casos, elas só têm um objetivo sério e eminentemente útil. Deve-se, portanto, considerar suspeitas todas as que não tenham esse caráter ou sejam condenadas pela razão, e refletir bem antes de empreendê-las, pois haveria o risco de se expor a mistificações desagradáveis.

16° Reconhecem-se também os bons Espíritos por sua prudente reserva sobre todas as coisas que podem comprometer alguém; têm repugnância em revelar o mal; os Espíritos levianos ou mal-intencionados se comprazem em destacá-lo. Enquanto os bons procuram atenuar as faltas e pregam a indulgência, os maus as exageram e atiçam a discórdia por meio de insinuações pérfidas.

17° Os bons Espíritos só prescrevem o bem. Toda máxima, todo conselho que não seja estritamente conforme à pura caridade evangélica não pode ser obra de bons Espíritos.

18° Os bons Espíritos só aconselham coisas perfeitamente racionais; toda recomendação que se afaste da linha reta do bom senso ou das leis imutáveis da natureza revela um Espírito limitado e, portanto, pouco digno de confiança.

19° Os Espíritos maus ou simplesmente imperfeitos também se revelam por sinais materiais que não deixam margem a engano. Sua ação sobre o médium é às vezes violenta e provoca nele movimentos bruscos e aos solavancos, uma agitação febril e convulsiva que contrasta com a calma e a doçura dos bons Espíritos.

20° Os Espíritos imperfeitos muitas vezes se aproveitam dos meios de comunicação de que dispõem para dar conselhos pérfidos; despertam a desconfiança e a animosidade contra aqueles que lhes são antipáticos; sobretudo os que podem desmascarar suas imposturas são objeto de sua aversão. As pessoas fracas são seu alvo para induzi-las ao mal. Empregando alternadamente os sofismas, os sarcasmos, as injúrias e até os sinais materiais de seu poder oculto para melhor convencer, procuram desviá-las do caminho da verdade.

21° Os Espíritos dos homens que tiveram na Terra uma única preocupação, material ou moral, se não estão livres da influência da matéria, continuam sob o domínio das ideias terrenas e levam consigo parte dos preconceitos, das predileções e até das manias que tinham neste mundo. É fácil reconhecer isso em sua linguagem.

22° Os conhecimentos de que certos Espíritos muitas vezes se enfeitam com uma espécie de ostentação não são sinal de sua superioridade. A pureza inalterável dos sentimentos morais é, a esse respeito, a verdadeira pedra de toque.

23° Não basta interrogar um Espírito para conhecer a verdade. É preciso, antes de tudo, saber a quem se dirige; pois os Espíritos inferiores, eles próprios ignorantes, tratam com frivolidade as questões mais sérias.

Também não basta que um Espírito tenha sido um grande homem na Terra para possuir, no mundo espírita, o saber supremo. Só a virtude pode,

ao purificá-lo, aproximá-lo de Deus e ampliar seus conhecimentos.

24° Por parte dos Espíritos superiores, a brincadeira é muitas vezes fina e espirituosa, mas nunca vulgar. Entre os Espíritos zombeteiros que não são grosseiros, a sátira mordaz é muitas vezes bastante oportuna.

25° Estudando com cuidado o caráter dos Espíritos que se apresentam, sobretudo do ponto de vista moral, será possível reconhecer sua natureza e o grau de confiança que se pode depositar neles. O bom senso não pode enganar.

26° Para julgar os Espíritos, assim como para julgar os homens, é preciso primeiro saber julgar a si mesmo. Infelizmente, há muitas pessoas que tomam sua opinião pessoal como medida exclusiva do bom e do mau, do verdadeiro e do falso; tudo o que contradiz sua maneira de ver, suas ideias, o sistema que conceberam ou adotaram, é mau aos seus olhos. Essas pessoas evidentemente carecem da primeira qualidade necessária a uma apreciação sensata: a retidão de julgamento; mas não suspeitam disso; é o defeito sobre o qual mais se iludem.

Todas essas instruções decorrem da experiência e do ensinamento dado pelos Espíritos; nós as completamos com as próprias respostas que eles deram sobre os pontos mais importantes.

268 Perguntas sobre a natureza e a identidade dos Espíritos.

1° Por quais sinais se pode reconhecer a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos?

« Pela linguagem, assim como vocês distinguem uma pessoa leviana de uma pessoa sensata. Já dissemos: os Espíritos superiores nunca se contradizem e só dizem coisas boas; só querem o bem; essa é a sua preocupação.

« Os Espíritos inferiores ainda estão sob o domínio das ideias materiais;

suas falas revelam sua ignorância e sua imperfeição. Apenas aos Espíritos superiores é dado conhecer todas as coisas e julgá-las sem paixão. »

2° O saber de um Espírito é sempre um sinal seguro de sua elevação?

« Os Espíritos parcialmente imperfeitos são mais temíveis que os maus Espíritos, porque a maioria reúne a astúcia e o orgulho à inteligência. Com seu suposto saber, impressionam as pessoas simples e os ignorantes, que aceitam sem exame suas teorias absurdas e mentirosas; embora essas teorias não possam prevalecer contra a verdade, nem por isso deixam de causar um mal passageiro, pois entravam a marcha do espiritismo, e os médiuns se iludem de bom grado quanto ao mérito do que lhes é comunicado. Isso exige um estudo muito cuidadoso por parte dos espíritas esclarecidos e dos médiuns; é em distinguir o verdadeiro do falso que se deve concentrar toda a atenção. »

3° Muitos Espíritos protetores se apresentam com nomes de santos ou de personagens conhecidos; o que se deve acreditar a esse respeito? « Todos os nomes de santos e de personagens conhecidos não bastariam para dar um protetor a cada pessoa; entre os Espíritos, poucos têm um nome conhecido na Terra: por isso, muitas vezes não dão nome algum; mas, na maioria das vezes, vocês querem um nome; então, para satisfazê-los, eles adotam o de alguém que vocês conhecem e respeitam. »

4° Esse nome emprestado não pode ser considerado uma fraude?

« Seria uma fraude por parte de um mau Espírito que quisesse enganar; mas, quando é para o bem, Deus permite que isso aconteça entre Espíritos da mesma ordem, porque há entre eles solidariedade e semelhança de pensamentos. »

5° Assim, quando um Espírito protetor diz ser São Paulo, por exemplo, não é certo que seja o próprio Espírito ou a alma do apóstolo desse nome?

« De modo algum, pois vocês encontram milhares de pessoas a quem foi dito que seu anjo da guarda é São Paulo ou qualquer outro; mas que lhes importa, se o Espírito que os protege é tão elevado quanto São Paulo? Eu lhes disse: vocês precisam de um nome, e eles adotam um para serem chamados e reconhecidos, assim como vocês recebem nomes de batismo para se distinguirem dos outros membros de sua família. Eles podem muito bem adotar os nomes dos arcanjos Rafael, São Miguel etc., sem que isso tenha consequências.

« Além disso, quanto mais elevado é um Espírito, mais múltipla é sua irradiação; acreditem, portanto, que um Espírito protetor de ordem superior pode ter sob sua tutela centenas de encarnados. Entre vocês, na Terra, há tabeliães que cuidam dos negócios de 100 e 200 famílias; por que vocês haveriam de querer que nós fôssemos, espiritualmente falando, menos capazes de orientar moralmente os homens do que eles de cuidar de seus interesses materiais? »

6° Por que os Espíritos que se comunicam adotam com tanta frequência nomes de santos?

« Eles se identificam com os hábitos daqueles a quem falam e adotam os nomes capazes de causar maior impressão nas pessoas, de acordo com suas crenças. »

7° Certos Espíritos superiores que são evocados vêm sempre pessoalmente ou, como alguns acreditam, só vêm por meio de representantes encarregados de transmitir seu pensamento?

« Por que não viriam pessoalmente, se podem? Mas, se o Espírito não pode vir, será necessariamente um representante. »

8° O representante é sempre suficientemente esclarecido para responder como faria o Espírito que o envia?

« Os Espíritos superiores sabem a quem confiam a tarefa de substituí-los. Além disso, quanto mais elevados são os Espíritos, mais se unem em um pensamento comum, de tal modo que, para eles, a personalidade é algo indiferente, e o mesmo deve acontecer com vocês. Vocês acreditam, então, que no mundo dos Espíritos superiores só aqueles que conheceram na Terra são capazes de instruí-los? Vocês têm tamanha tendência a se tomar como modelos do universo que sempre acreditam que, fora de seu mundo, não há mais nada. Vocês se parecem realmente com aqueles selvagens que nunca saíram de sua ilha e acreditam que o mundo não vai além dela. »

9° Compreendemos que seja assim quando se trata de um ensinamento sério; mas como Espíritos elevados permitem que Espíritos inferiores se enfeitem com nomes respeitáveis para induzir ao erro com máximas muitas vezes perversas?

« Não é com a permissão deles que fazem isso; não acontece o mesmo entre vocês? Os que enganam dessa maneira serão punidos, podem acreditar, e sua punição será proporcional à gravidade da impostura. Além disso, se vocês não fossem imperfeitos, teriam ao seu redor apenas bons Espíritos, e, se são enganados, só devem culpar a si mesmos. Deus permite que seja assim para pôr à prova sua perseverança e seu discernimento e ensiná-los a distinguir a verdade do erro; se não o fazem, é porque não são suficientemente elevados e ainda precisam das lições da experiência. »

10° Espíritos pouco adiantados, mas animados de boas intenções e do desejo de progredir, não são às vezes designados para substituir um Espírito superior, a fim de lhes dar a oportunidade de se exercitarem no ensino?

« Nunca nos grandes centros; quero dizer, nos centros sérios e para um ensinamento geral; os que ali se apresentam sempre o fazem por iniciativa própria e, como vocês dizem, para se exercitarem; por isso suas comunica-

ções, embora boas, sempre trazem marcas de sua inferioridade. Quando são designados, é apenas para comunicações pouco importantes e para aquelas que se podem chamar de pessoais.

11° As comunicações espíritas ridículas às vezes são entremeadas de máximas muito boas; como conciliar essa anomalia, que pareceria indicar a presença simultânea de bons e maus Espíritos?

« Os Espíritos maus ou levianos também se metem a formular sentenças sem compreender bem seu alcance ou significado. Todos os que fazem isso entre vocês são homens superiores? Não; os bons e os maus Espíritos não andam juntos; é pela uniformidade constante das boas comunicações que vocês reconhecerão a presença dos bons Espíritos. » 12 Os Espíritos que induzem ao erro sempre o fazem conscientemente?

« Não; há Espíritos bons, mas ignorantes, que podem se enganar de boa-fé; quando têm consciência de sua insuficiência, reconhecem isso e só dizem o que sabem.

13° Quando um Espírito faz uma comunicação falsa, sempre o faz com uma intenção maldosa?

« Não; se é um Espírito leviano, ele se diverte em enganar e não tem outro objetivo. »

14 Já que certos Espíritos podem enganar pela linguagem, podem também, aos olhos de um médium vidente, assumir uma falsa aparência?

« Isso acontece, mas com mais dificuldade. Em todo caso, isso só ocorre com um objetivo que os próprios maus Espíritos desconhecem. Eles servem de instrumento para dar uma lição. O médium vidente pode ver Espíritos levianos e mentirosos, assim como outros os ouvem ou escrevem sob sua influência. Os Espíritos levianos podem aproveitar essa disposição para enganá-lo com aparências falsas; isso depende das qualidades de seu pró-

prio Espírito. »

15° Para não ser enganado, basta estar animado de boas intenções? E as pessoas inteiramente sérias, que não misturam a seus estudos nenhum sentimento de vã curiosidade, também estão expostas a ser enganadas?

« Menos que as outras, evidentemente; mas o homem sempre tem algumas fraquezas que atraem os Espíritos zombeteiros; ele se julga forte e muitas vezes não é; deve, portanto, desconfiar da fraqueza que nasce do orgulho e dos preconceitos. Não se levam suficientemente em conta essas duas causas de que os Espíritos se aproveitam; ao alimentar as manias, eles têm certeza de conseguir o que querem. »

16° Por que Deus permite que maus Espíritos se comuniquem e digam coisas ruins?

« Mesmo no que há de pior, existe um ensinamento; cabe a vocês saber extraí-lo. É preciso que haja comunicações de todos os tipos para ensiná-los a distinguir os bons Espíritos dos maus e para servir de espelho a vocês mesmos. »

17° Os Espíritos podem, por meio de comunicações escritas, inspirar desconfianças injustas contra certas pessoas e provocar desavenças entre amigos?

« Espíritos perversos e invejosos podem fazer todo o mal que os homens fazem; por isso é preciso ter cuidado. Os Espíritos superiores são sempre prudentes e reservados quando precisam censurar; não falam mal; advertem com delicadeza. Se querem que, para seu próprio bem, duas pessoas deixem de se ver, farão surgir acontecimentos que as separarão de maneira natural. Uma linguagem capaz de semear a perturbação e a desconfiança é sempre obra de um mau Espírito, seja qual for o nome com que se apresente. Assim, só acolham com cautela o mal que um Espírito possa dizer de

um de vocês, sobretudo quando um bom Espírito tiver falado bem dele, e desconfiem também de si mesmos e de suas próprias ideias preconcebidas. Nas comunicações dos Espíritos, aceitem apenas o que há de bom, de grandioso, de racional e o que sua consciência aprova. »

18° Pela facilidade com que os maus Espíritos se intrometem nas comunicações, parece que nunca se pode ter certeza de possuir a verdade?

« Pode-se, sim, pois vocês têm discernimento para avaliá-las. Ao ler uma carta, vocês sabem reconhecer se quem lhes escreve é uma pessoa grosseira ou bem-educada, um tolo ou um sábio; por que não poderiam fazer isso quando são Espíritos que lhes escrevem? Se recebem uma carta de um amigo distante, o que lhes prova que ela é realmente dele? Sua letra, vocês dirão; mas não há falsários que imitam todas as letras, trapaceiros que podem conhecer seus assuntos? No entanto, há sinais sobre os quais vocês não se enganarão; o mesmo acontece com os Espíritos. Imaginem, portanto, que é um amigo que lhes escreve, ou que estão lendo a obra de um escritor, e julguem pelos mesmos meios. »

19° Os Espíritos superiores poderiam impedir os maus Espíritos de adotar nomes falsos?

« Certamente podem; mas, quanto mais maus são os Espíritos, mais teimosos são, e muitas vezes resistem às ordens. É preciso também que vocês saibam que há pessoas pelas quais os Espíritos superiores se interessam mais do que por outras e, quando julgam necessário, sabem protegê-las dos ataques da mentira; contra essas pessoas, os Espíritos enganadores são impotentes. »

20° Qual é o motivo dessa parcialidade?

« Não é parcialidade, é justiça; os bons Espíritos se interessam por aqueles que aproveitam seus conselhos e trabalham seriamente para melhorar a si

mesmos; esses são seus preferidos, e eles os auxiliam; mas pouco se preocupam com aqueles com quem perdem tempo em belas palavras. »

21° Por que Deus permite aos Espíritos cometer o sacrilégio de adotar falsamente nomes venerados?

« Vocês também poderiam perguntar por que Deus permite aos homens mentir e blasfemar. Os Espíritos, assim como os homens, têm seu livre-arbítrio tanto para o bem como para o mal; mas a justiça de Deus não faltará nem a uns nem a outros. »

22° Existem fórmulas eficazes para expulsar os Espíritos enganadores?

« Fórmula é matéria; um bom pensamento dirigido a Deus vale mais. »

23° Certos Espíritos disseram possuir sinais gráficos inimitáveis, espécies de emblemas que permitem reconhecê-los e comprovar sua identidade; isso é verdade? « Os Espíritos superiores não têm outros sinais para se fazer reconhecer além da superioridade de suas ideias e de sua linguagem. Todos os Espíritos podem imitar um sinal material. Quanto aos Espíritos inferiores, eles se traem de tantas maneiras que é preciso ser cego para se deixar enganar. »

24° Os Espíritos enganadores não podem também imitar o pensamento? « Eles imitam o pensamento como os cenários de teatro imitam a natureza. »

25° Parece, então, que é sempre fácil descobrir a fraude por meio de um estudo atento?

« Não duvidem disso; os Espíritos só enganam aqueles que se deixam enganar. Mas é preciso ter olhos de comerciante de diamantes para distinguir a pedra verdadeira da falsa; ora, quem não sabe distinguir a pedra preciosa da falsa recorre ao lapidador. »

26° Há pessoas que se deixam seduzir por uma linguagem grandiloquente, que se satisfazem mais com palavras do que com ideias, que chegam a to-

mar ideias falsas e vulgares por ideias sublimes; como essas pessoas, que nem sequer são capazes de julgar as obras dos homens, podem julgar as dos Espíritos?

« Quando essas pessoas têm modéstia suficiente para reconhecer sua insuficiência, não confiam no próprio julgamento; quando, por orgulho, se julgam mais capazes do que são, sofrem as consequências de sua tola vaidade. Os Espíritos enganadores sabem muito bem a quem se dirigem; há pessoas simples e pouco instruídas que são mais difíceis de enganar do que outras que têm inteligência e saber. Alimentando as paixões, fazem do homem tudo o que querem. »

27° Na escrita, os maus Espíritos às vezes se traem por sinais materiais involuntários?

« Os habilidosos não fazem isso; os desajeitados se atrapalham. Todo sinal inútil e pueril é um indício seguro de inferioridade; os Espíritos elevados não fazem nada inútil. »

28° Muitos médiuns reconhecem os bons e os maus Espíritos pela impressão agradável ou penosa que sentem quando eles se aproximam. Perguntamos se a impressão desagradável, a agitação convulsiva, o mal-estar, em suma, são sempre indícios da má natureza dos Espíritos que se manifestam.

« O médium experimenta as sensações do estado em que se encontra o Espírito que vem até ele. Quando o Espírito é feliz, está tranquilo, leve, sereno; quando é infeliz, está agitado, febril, e essa agitação passa naturalmente ao sistema nervoso do médium. Aliás, assim é o homem na Terra: quem é bom é calmo e tranquilo; quem é mau está constantemente agitado. »

Observação. Há médiuns cuja sensibilidade nervosa é maior ou menor; por isso, a agitação não pode ser considerada uma regra absoluta; aqui, como

em todas as coisas, é preciso levar em conta as circunstâncias. O caráter penoso e desagradável da impressão é um efeito de contraste, pois, se o Espírito do médium tem afinidade com o mau Espírito que se manifesta, será pouco ou nada afetado por ele. Além disso, não se deve confundir a rapidez da escrita, que se deve à extrema flexibilidade de certos médiuns, com a agitação convulsiva que os médiuns mais lentos podem experimentar ao contato com os Espíritos imperfeitos.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. XXV — DAS EVOCAÇÕES

✦

269 Considerações gerais.

Os Espíritos podem se comunicar espontaneamente ou vir ao nosso chamado, isto é, por evocação. Algumas pessoas pensam que devemos nos abster de evocar este ou aquele Espírito e que é preferível esperar aquele que queira se comunicar. Elas se baseiam na opinião de que, ao chamar um Espírito determinado, não temos certeza de que seja ele quem se apresenta, enquanto aquele que vem espontaneamente e por iniciativa própria comprova melhor sua identidade, pois assim manifesta o desejo de conversar conosco. Em nossa opinião, isso é um erro: primeiro, porque sempre há ao nosso redor Espíritos, na maioria das vezes de categoria inferior, que não desejam outra coisa senão se comunicar; em segundo lugar, e justamente por essa última razão, não chamar nenhum em particular é abrir a porta a todos os que quiserem entrar. Numa assembleia, não dar a palavra a ninguém é deixá-la a todos, e sabemos o que resulta disso. O chamado direto feito a um Espírito determinado é um vínculo entre ele e nós: nós o chamamos pelo nosso desejo e assim opomos uma espécie de barreira aos intrusos. Sem um chamado direto, um Espírito muitas vezes não teria nenhum motivo para vir até nós, a não ser o nosso Espírito familiar.

Essas duas maneiras de proceder têm, cada uma, suas vantagens, e o inconveniente estaria apenas na exclusão absoluta de uma delas. As comunicações espontâneas não apresentam nenhum inconveniente quando temos domínio sobre os Espíritos e estamos certos de não permitir que os maus

assumam qualquer influência; então, muitas vezes é útil esperar a boa vontade daqueles que desejam se manifestar, porque seu pensamento não sofre nenhum constrangimento, e podemos obter dessa maneira coisas admiráveis; por outro lado, nada garante que o Espírito chamado esteja disposto a falar ou seja capaz de fazê-lo no sentido desejado. O exame rigoroso que aconselhamos é, além disso, uma garantia contra as más comunicações. Nas reuniões regulares, sobretudo naquelas em que se realiza um trabalho contínuo, sempre há Espíritos habituais que comparecem ao encontro sem que sejam chamados, justamente porque a regularidade das sessões os deixa avisados: muitas vezes tomam espontaneamente a palavra para tratar de algum assunto, desenvolver uma proposição ou indicar o que se deve fazer, e então são facilmente reconhecidos, seja pela forma de sua linguagem, sempre idêntica, seja por sua escrita, seja por certos hábitos que lhes são familiares.

270 Quando se deseja comunicar com um Espírito determinado, é absolutamente necessário evocá-lo. (N 203.) Se ele puder vir, geralmente se obtém como resposta: Sim; ou: Estou aqui; ou ainda: O que querem de mim? Às vezes ele entra diretamente no assunto, respondendo antecipadamente às perguntas que se pretende lhe fazer.

Quando um Espírito é evocado pela primeira vez, convém identificá-lo com alguma precisão. Nas perguntas que lhe são dirigidas, é preciso evitar formas secas e imperativas, que seriam para ele um motivo para se afastar. Essas formas devem ser afetuosas ou respeitosas, conforme o Espírito, e, em todos os casos, demonstrar a benevolência de quem o evoca;

271 Muitas vezes nos surpreendemos com a rapidez com que um Espírito evocado se apresenta, mesmo pela primeira vez: diríamos que ele foi avisado; é, de fato, o que acontece quando pensamos de antemão em sua evocação. Esse pensamento é uma espécie de evocação antecipada e, como sempre temos nossos Espíritos familiares, que se identificam com nosso pensamento, eles preparam o caminho, de modo que, se nada se opuser, o Espírito que se deseja chamar já está presente. Caso contrário, é o Espírito familiar do médium, ou o de quem faz as perguntas, ou um dos habituais que vai buscá-lo, e para isso não precisa de muito tempo. Se o Espírito evocado não puder vir imediatamente, o mensageiro (os pagãos teriam dito Mercúrio) indica um prazo, às vezes de cinco minutos, um quarto de hora, uma hora e até vários dias; quando ele chega, diz: Ele está aqui; e então se pode começar a fazer as perguntas que se deseja lhe dirigir.

O mensageiro nem sempre é um intermediário necessário, pois o chamado de quem evoca pode ser ouvido diretamente pelo Espírito, como se diz adiante, no n° 282, pergunta 5, sobre o modo de transmissão do pensamento.

Quando dizemos para fazer a evocação em nome de Deus, entendemos que nossa recomendação deve ser levada a sério, e não tratada levianamente; aqueles que vissem nisso apenas uma fórmula sem consequência fariam melhor em se abster.

272 As evocações muitas vezes apresentam mais dificuldades aos médiuns do que os ditados espontâneos, sobretudo quando se trata de obter respostas precisas a perguntas detalhadas.

272.2 Para isso, são necessários médiuns especiais, ao mesmo tempo flexíveis e positivos, e vimos (n° 193) que estes últimos são bastante raros, pois, como dissemos, as relações fluídicas nem sempre se estabelecem instanta-

neamente com o primeiro Espírito que aparece.

272.3 Por isso, é útil que os médiuns só se dediquem a evocações detalhadas depois de se certificarem do desenvolvimento de sua faculdade e da natureza dos Espíritos que os assistem, pois, entre aqueles que estão mal acompanhados, as evocações não podem ter nenhum caráter de autenticidade.

273 Os médiuns geralmente são muito mais procurados para evocações de interesse particular do que para comunicações de interesse geral; isso se explica pelo desejo muito natural de conversar com os seres que nos são queridos. Acreditamos que devemos fazer, a esse respeito, várias recomendações importantes aos médiuns. A primeira é que atendam a esse desejo com reserva quando se tratar de pessoas de cuja sinceridade não estejam completamente seguros, e que se previnam contra as armadilhas que pessoas malintencionadas possam lhes preparar. A segunda é que não se prestem a isso sob nenhum pretexto se perceberem um objetivo de curiosidade e interesse, e não uma intenção séria por parte de quem evoca; que recusem toda pergunta inútil ou que ultrapasse o âmbito daquelas que se podem racionalmente dirigir aos Espíritos. As perguntas devem ser feitas com clareza, precisão e sem segundas intenções, se quisermos respostas categóricas. É preciso, portanto, rejeitar todas as que tenham caráter insidioso, pois sabemos que os Espíritos não gostam daquelas que têm por objetivo colocá-los à prova; insistir em perguntas dessa natureza é querer ser enganado. Quem evoca deve ir franca e abertamente ao objetivo, sem subterfúgios e sem caminhos indiretos; se teme se explicar, faria melhor em se abster.

Convém ainda ter muita prudência ao fazer evocações na ausência das pessoas que as solicitam, e muitas vezes é até preferível se abster inteiramente,

pois só essas pessoas são capazes de conferir as respostas, julgar a identidade, provocar esclarecimentos, se necessário, e fazer as perguntas adicionais que as circunstâncias sugerirem. Além disso, sua presença é um vínculo que atrai o Espírito, muitas vezes pouco disposto a se comunicar com estranhos por quem não sente nenhuma simpatia. O médium, em uma palavra, deve evitar tudo o que possa transformá-lo em agente de consultas, o que, aos olhos de muita gente, é sinônimo de adivinho.

274 Espíritos que se podem evocar

Podem-se evocar todos os Espíritos, seja qual for o grau da escala a que pertençam: os bons como os maus, os que deixaram a vida há pouco tempo como os que viveram nos tempos mais remotos, os homens ilustres como os mais obscuros, nossos parentes, nossos amigos, como aqueles que nos são indiferentes; mas isso não significa que eles sempre queiram ou possam atender ao nosso chamado; independentemente de sua própria vontade ou da permissão que uma potência superior pode lhes negar, eles podem ser impedidos por motivos que nem sempre nos é dado conhecer. Queremos dizer que não há impedimento absoluto que se oponha às comunicações, salvo o que será dito adiante; os obstáculos que podem impedir um Espírito de se manifestar são quase sempre individuais e muitas vezes dependem das circunstâncias.

275 Entre as causas que podem se opor à manifestação de um Espírito, algumas lhe são pessoais e outras lhe são alheias. Entre as primeiras, é preciso incluir suas ocupações ou as missões que realiza, das quais não pode se desviar para ceder aos nossos desejos; nesse caso, sua visita é apenas adiada.

Há também sua própria situação. Embora o estado de encarnação não seja um obstáculo absoluto, pode ser um impedimento em certos momentos,

sobretudo quando ela ocorre nos mundos inferiores e quando o próprio Espírito está pouco desmaterializado. Nos mundos superiores, naqueles em que os vínculos entre o Espírito e a matéria são muito fracos, a manifestação é quase tão fácil quanto no estado errante e, em todos os casos, mais fácil do que naqueles em que a matéria corporal é mais compacta.

As causas alheias dependem principalmente da natureza do médium, da natureza da pessoa que evoca, do ambiente em que se faz a evocação e, por fim, do objetivo pretendido. Certos médiuns recebem mais particularmente comunicações de seus Espíritos familiares, que podem ser mais ou menos elevados; outros são aptos a servir de intermediários a todos os Espíritos; isso depende da simpatia ou da antipatia, da atração ou da repulsão que o Espírito pessoal do médium exerce sobre o Espírito estranho, que pode aceitá-lo como intérprete com prazer ou com repugnância. Isso depende ainda, deixando de lado as qualidades íntimas do médium, do desenvolvimento da faculdade mediúnica. Os Espíritos vêm de melhor vontade e, sobretudo, são mais explícitos com um médium que não lhes oferece nenhum obstáculo material. Mantidas iguais as demais condições morais, quanto mais facilidade um médium tem para escrever ou se expressar, mais suas relações com o mundo espírita se ampliam.

276 É preciso ainda levar em conta a facilidade que deve proporcionar o hábito de se comunicar com este ou aquele Espírito; com o tempo, o Espírito estranho se identifica com o do médium e também com o de quem o chama.

276.2 Deixando de lado a questão da simpatia, estabelecem-se entre eles relações fluídicas que tornam as comunicações mais rápidas; por isso, uma primeira conversa nem sempre é tão satisfatória quanto se poderia desejar,

e é também por isso que os próprios Espíritos muitas vezes pedem para ser chamados de novo.

276.3 O Espírito que vem habitualmente se sente em casa: está familiarizado com seus ouvintes e seus intérpretes; fala e age com mais liberdade.

277 Em resumo, do que acabamos de dizer resulta: que a faculdade de evocar qualquer Espírito não implica para ele a obrigação de estar às nossas ordens; que ele pode vir em um momento e não em outro, com determinado médium ou evocador que lhe agrade e não com outro; dizer o que quiser sem poder ser obrigado a dizer o que não quiser; ir embora quando lhe convier; enfim, que, por causas que dependam ou não de sua vontade, depois de se mostrar assíduo durante algum tempo, pode de repente deixar de vir.

Por todos esses motivos, quando se deseja chamar um novo Espírito, é necessário perguntar ao seu guia protetor se a evocação é possível; caso não seja, ele geralmente apresenta os motivos, e então é inútil insistir.

278 Uma questão importante se apresenta aqui: saber se há ou não inconveniente em evocar maus Espíritos. Isso depende do objetivo que se tem e da ascendência que se pode exercer sobre eles.

278.2 O inconveniente é nulo quando são chamados com um propósito sério, instrutivo e com a intenção de melhorá-los; é muito grande, ao contrário, se isso é feito por pura curiosidade ou brincadeira, ou se alguém se coloca sob a dependência deles, pedindo-lhes algum serviço.

278.3 Os bons Espíritos, nesse caso, podem muito bem lhes dar o poder de fazer o que se pede, para depois punir severamente o imprudente que tenha ousado invocar seu auxílio e acreditar que têm mais poder que Deus.

278.4 Em vão alguém prometeria fazer bom uso disso depois e dispensar o servidor assim que o serviço fosse prestado; esse mesmo serviço solicitado, por menor que seja, é um verdadeiro pacto firmado com o mau Espírito, e este não solta sua presa facilmente. (Veja o nº 212.)

279 A ascendência sobre os Espíritos inferiores só se exerce pela superioridade moral. Os Espíritos perversos reconhecem seus senhores nos homens de bem; diante daquele que lhes opõe apenas a energia da vontade, uma espécie de força bruta, eles lutam e muitas vezes são os mais fortes. Alguém procurava assim dominar um Espírito rebelde por sua vontade, e o Espírito lhe respondeu: Deixe-me em paz com seus ares de valentão, você que não vale mais do que eu; não parece um ladrão dando lições de moral a outro ladrão?

Causa espanto que o nome de Deus, invocado contra eles, muitas vezes seja impotente; São Luís deu a razão disso na seguinte resposta:

« O nome de Deus só tem influência sobre os Espíritos imperfeitos na boca daquele que pode usá-lo com autoridade por suas virtudes; na boca do homem que não tenha nenhuma superioridade moral sobre o Espírito, é uma palavra como qualquer outra. O mesmo acontece com as coisas santas que se opõem a eles. A arma mais terrível é inofensiva nas mãos inábeis para usá-la ou incapazes de carregá-la. »

280 Linguagem a usar com os Espíritos

O grau de superioridade ou de inferioridade dos Espíritos indica naturalmente o tom que convém adotar com eles. É evidente que, quanto mais elevados são, mais direito têm ao nosso respeito, à nossa consideração e à nossa submissão. Não devemos lhes demonstrar menos deferência do que teríamos demonstrado enquanto estavam vivos, mas por outros motivos;

na Terra, teríamos considerado sua posição e sua condição social; no mundo dos Espíritos, nosso respeito se dirige apenas à superioridade moral. Sua própria elevação os coloca acima das infantilidades de nossas formas de adulação. Não é por palavras que se pode conquistar sua benevolência, mas pela sinceridade dos sentimentos. Seria, portanto, ridículo lhes dar os títulos que nossos costumes consagram à distinção das posições e que, enquanto estavam vivos, poderiam ter lisonjeado sua vaidade; se são realmente superiores, não apenas não fazem questão disso, como isso lhes desagrada. Um bom pensamento lhes é mais agradável do que os adjetivos mais elogiosos; se fosse de outro modo, não estariam acima da humanidade. O Espírito de um venerável sacerdote que foi na Terra um príncipe da Igreja, homem de bem, praticante da lei de Jesus, respondeu um dia a alguém que o evocava dando-lhe o título de Monsenhor:

« Você deveria dizer pelo menos ex-Monsenhor, pois aqui só Deus é Senhor; saiba bem que vejo alguns que, na Terra, se ajoelhavam diante de mim e diante dos quais eu mesmo me inclino. »

Quanto aos Espíritos inferiores, seu caráter nos indica a linguagem que convém usar com eles. Entre eles há alguns que, embora inofensivos e até benevolentes, são levianos, ignorantes, irrefletidos; tratá-los como iguais aos Espíritos sérios, como fazem certas pessoas, seria o mesmo que se curvar diante de um estudante ou de um burro enfeitado com um barrete de doutor. O tom de familiaridade não seria inadequado com eles, e não se ofendem com isso; ao contrário, aceitam-no de boa vontade!

Entre os Espíritos inferiores há alguns que são infelizes. Quaisquer que sejam as faltas que expiam, seus sofrimentos lhes dão tanto mais direito à nossa compaixão, pois ninguém pode se vangloriar de escapar a estas palavras do Cristo: « Aquele que está sem pecado lhe atire a primeira pedra. »

A benevolência que lhes demonstramos é um alívio para eles; na falta de simpatia, devem encontrar a indulgência que gostaríamos que tivessem conosco.

Os Espíritos que revelam sua inferioridade pelo cinismo de sua linguagem, por suas mentiras, pela baixeza de seus sentimentos, pela perfídia de seus conselhos, são certamente menos dignos de nosso interesse do que aqueles cujas palavras demonstram arrependimento; devemos a eles pelo menos a piedade que concedemos aos maiores criminosos, e o meio de reduzi-los ao silêncio é mostrar-se superior a eles. Só se permitem excessos com pessoas de quem acreditam não ter nada a temer; pois os Espíritos perversos reconhecem seus senhores nos homens de bem, assim como nos Espíritos superiores.

Em resumo, assim como seria irreverente tratar de igual para igual com os Espíritos superiores, seria ridículo ter a mesma deferência por todos, sem exceção. Tenhamos veneração por aqueles que a merecem, gratidão por aqueles que nos protegem e nos assistem e, por todos os outros, uma benevolência de que talvez um dia nós mesmos precisemos. Ao penetrar no mundo incorpóreo, aprendemos a conhecê-lo, e esse conhecimento deve orientar nossas relações com aqueles que o habitam. Os antigos, em sua ignorância, ergueram altares para eles; para nós, são apenas criaturas mais ou menos perfeitas, e só erguemos altares a Deus.

281 Utilidade das evocações particulares

As comunicações que se obtêm dos Espíritos muito superiores, ou daqueles que animaram as grandes personalidades da Antiguidade, são preciosas pelo elevado ensinamento que contêm. Esses Espíritos adquiriram um grau de perfeição que lhes permite abranger uma esfera de ideias mais am-

pla, penetrar mistérios que ultrapassam o alcance comum da humanidade e, por consequência, nos iniciar melhor do que outros em certas coisas. Disso não se conclui que as comunicações dos Espíritos de uma ordem menos elevada sejam inúteis: o observador colhe nelas mais de um ensinamento. Para conhecer os costumes de um povo, é preciso estudá-lo em todos os graus da escala. Quem o tivesse visto apenas por um lado o conheceria mal. A história de um povo não é a de seus reis e das pessoas no topo da sociedade; para julgá-lo, é preciso vê-lo na vida íntima, em seus hábitos particulares. Ora, os Espíritos superiores estão no topo do mundo espírita; sua própria elevação os coloca tão acima de nós que nos assustamos com a distância que nos separa deles. Espíritos mais burgueses (que nos permitam essa expressão) tornam mais palpáveis para nós as circunstâncias de sua nova existência. Neles, a ligação entre a vida corporal e a vida espírita é mais íntima; nós a compreendemos melhor porque nos toca mais de perto. Ao saber por eles mesmos o que se tornaram, o que pensam, o que sentem os homens de todas as condições e de todos os caracteres, os homens de bem como os viciosos, os grandes e os pequenos, os felizes e os infelizes deste mundo, em uma palavra, os homens que viveram entre nós, que vimos e conhecemos, cuja vida real, virtudes e defeitos conhecemos, compreendemos suas alegrias e seus sofrimentos, participamos deles e daí tiramos um ensinamento moral tanto mais proveitoso quanto mais íntimas são as relações entre eles e nós. Nós nos colocamos mais facilmente no lugar daquele que foi nosso igual do que no daquele que só vemos através da miragem de uma glória celeste. Os Espíritos comuns nos mostram a aplicação prática das grandes e sublimes verdades cuja teoria os Espíritos superiores nos ensinam. Além disso, no estudo de uma ciência, nada é inútil: Newton encontrou a lei das forças do universo no fenômeno mais simples.

A evocação dos Espíritos comuns tem ainda a vantagem de nos colocar em contato com Espíritos sofredores, que podemos aliviar e cujo progresso podemos facilitar com conselhos úteis. Podemos, portanto, ser úteis ao mesmo tempo que nos instruímos 5 há egoísmo em buscar apenas a própria satisfação na conversa com os Espíritos, e aquele que despreza a oportunidade de estender uma mão de auxílio aos infelizes dá, ao mesmo tempo, prova de orgulho. De que lhe serve obter belas recomendações dos Espíritos de elite, se isso não o torna melhor, mais caridoso e mais benevolente para com seus irmãos deste mundo e do outro? O que seria dos pobres doentes se os médicos se recusassem a tocar em suas feridas?

282 Perguntas sobre as evocações.

1. Pode-se evocar os Espíritos sem ser médium?

« Todos podem evocar os Espíritos, e, se aqueles que vocês chamam não podem se manifestar materialmente, nem por isso deixam de estar junto de vocês e de ouvi-los. »

2. O Espírito evocado sempre atende ao chamado que lhe é feito?

« Isso depende das condições em que ele se encontra, pois há circunstâncias em que não pode fazê-lo. »

3. Quais são as causas que podem impedir um Espírito de atender ao nosso chamado? Sua vontade, em primeiro lugar; depois, seu estado corporal, se estiver reencarnado, as missões de que possa estar encarregado ou ainda a permissão que lhe pode ser negada.

« Há Espíritos que nunca podem se comunicar; são aqueles que, por sua natureza, ainda pertencem aos mundos inferiores à Terra. Os que estão nas esferas de punição também não podem fazê-lo, a menos que tenham uma permissão superior, concedida apenas com uma finalidade de utilidade ge-

ral. Para que um Espírito possa se comunicar, é preciso que tenha alcançado o grau de adiantamento do mundo onde é chamado; caso contrário, ele é alheio às ideias desse mundo e não tem nenhum ponto de comparação. Não acontece o mesmo com os que são enviados em missão ou em expiação aos mundos inferiores: eles têm as ideias necessárias para responder. »

4. Por quais motivos a permissão de se comunicar pode ser negada a um Espírito?

« Pode ser uma prova ou uma punição para ele ou para quem o chama. »

5. Como os Espíritos dispersos no espaço ou nos diferentes mundos podem ouvir, de todos os pontos do universo, as evocações que são feitas?

« Muitas vezes, eles são avisados pelos Espíritos familiares que cercam vocês e que vão buscá-los; mas aqui ocorre um fenômeno que é difícil explicar a vocês, porque ainda não podem compreender o modo de transmissão do pensamento entre os Espíritos. O que posso lhes dizer é que o Espírito que vocês evocam, por mais distante que esteja, recebe, por assim dizer, a repercussão do pensamento como uma espécie de abalo elétrico que chama sua atenção para o lado de onde vem o pensamento dirigido a ele. Pode-se dizer que ele ouve o pensamento, assim como, na Terra, vocês ouvem a voz. »

— O fluido universal é o veículo do pensamento, como o ar é o do som?

« Sim, com esta diferença: o som só pode ser ouvido num raio muito limitado, enquanto o pensamento alcança o infinito. O Espírito, no espaço, é como o viajante no meio de uma vasta planície que, ouvindo subitamente seu nome ser pronunciado, se dirige para o lado de onde o chamam. »

6. Sabemos que as distâncias são pouca coisa para os Espíritos; no entanto, surpreende vê-los às vezes responder tão prontamente ao chamado, como

se já estivessem preparados.

« É que, de fato, às vezes estão. Se a evocação é planejada, o Espírito é avisado com antecedência e muitas vezes já está ali antes do momento em que o chamam. »

7. O pensamento de quem evoca é ouvido com maior ou menor facilidade conforme certas circunstâncias?

« Sem dúvida alguma; o Espírito chamado por um sentimento de simpatia e benevolência é mais vivamente tocado: é como uma voz amiga que ele reconhece; sem isso, muitas vezes acontece de a evocação não alcançar seu objetivo. O pensamento que parte da evocação atinge o Espírito; se for mal dirigido, atinge o vazio. Com os Espíritos acontece o mesmo que com os homens: se quem os chama lhes é indiferente ou antipático, eles podem ouvi-lo, mas muitas vezes não lhe dão atenção.

8. O Espírito evocado vem voluntariamente ou é obrigado a isso?

« Ele obedece à vontade de Deus, isto é, à lei geral que rege o universo; no entanto, obrigado não é a palavra, pois ele julga se é útil vir: e nisso também exerce seu livre-arbítrio. O Espírito superior sempre vem quando é chamado com uma finalidade útil; só se recusa a responder em ambientes de pessoas pouco sérias e que tratam a coisa como brincadeira. »

9. O Espírito evocado pode se recusar a atender ao chamado que lhe é feito?

« Perfeitamente; onde estaria seu livre-arbítrio sem isso? Vocês acreditam que todos os seres do universo estão às suas ordens? E vocês mesmos, acham que são obrigados a responder a todos os que pronunciam seu nome? Quando digo que ele pode se recusar, refiro-me ao pedido de quem o evoca, pois um Espírito inferior pode ser obrigado a vir por um Espírito superior. »

10. Há, para quem evoca, algum meio de obrigar um Espírito a vir contra a vontade?

« Nenhum, se esse Espírito for igual ou superior a vocês em moralidade — digo em moralidade, e não em inteligência —, porque vocês não têm nenhuma autoridade sobre ele; se ele for inferior a vocês, podem fazê-lo, se for para o bem dele, pois então outros Espíritos os ajudarão. » (Nº 279.)

11. Há inconveniente em evocar Espíritos inferiores, e pode-se recear, ao chamá-los, ficar sob seu domínio? « Eles só dominam os que se deixam dominar. Quem é assistido por bons Espíritos não tem nada a temer; ele se impõe aos Espíritos inferiores, e estes não se impõem a ele. No isolamento, os médiuns, sobretudo os iniciantes, devem se abster desse tipo de evocação. »

12. É necessário ter algumas disposições particulares nas evocações?

« A mais essencial de todas as disposições é o recolhimento, quando se quer tratar com Espíritos sérios. Com a fé e o desejo do bem, tem-se mais força para evocar os Espíritos superiores. Elevando a alma por alguns instantes de recolhimento no momento da evocação, a pessoa se identifica com os bons Espíritos e os dispõe a vir. »

13. A fé é necessária para as evocações?

« A fé em Deus, sim; quanto ao resto, a fé virá se vocês quiserem o bem e tiverem o desejo de se instruir. »

14. Os homens reunidos numa comunhão de pensamentos e intenções têm mais força para evocar os Espíritos?

« Quando todos estão unidos pela caridade e para o bem, conseguem grandes coisas. Nada é mais prejudicial ao resultado das evocações do que a divergência de pensamentos. »

15. É útil a precaução de formar uma corrente, dando as mãos durante al-

guns minutos no início das reuniões?

« A corrente é um meio material que não estabelece a união entre vocês se ela não existe no pensamento; o que é mais útil do que tudo isso é unir-se num pensamento comum, cada um chamando, de sua parte, os bons Espíritos. Vocês não sabem tudo o que poderia conseguir uma reunião séria da qual fosse banido todo sentimento de orgulho e de personalismo, e onde reinasse um perfeito sentimento de cordialidade mútua. »

16. As evocações em dias e horários fixos são preferíveis?

« Sim, e, se possível, no mesmo lugar: os Espíritos vêm ali de melhor vontade; é o desejo constante que vocês têm que ajuda os Espíritos a vir se comunicar com vocês. Os Espíritos têm suas ocupações, que não podem abandonar de improviso para a satisfação pessoal de vocês. Digo no mesmo lugar, mas não acreditem que isso seja uma obrigação absoluta, pois os Espíritos vêm a toda parte; quero dizer que um lugar dedicado a isso é preferível, porque nele o recolhimento é mais perfeito. » »

17. Certos objetos, como medalhas e talismãs, têm a propriedade de atrair ou repelir os Espíritos, como alguns afirmam?

« Essa pergunta é inútil, pois vocês sabem muito bem que a matéria não exerce nenhuma ação sobre os Espíritos. Tenham certeza de que um bom Espírito jamais aconselha semelhantes absurdos; o poder dos talismãs, de qualquer natureza que sejam, nunca existiu senão na imaginação das pessoas crédulas. »

18. O que pensar dos Espíritos que marcam encontros em lugares sombrios e em horários impróprios?

« Esses Espíritos se divertem à custa dos que lhes dão ouvidos. É sempre inútil e muitas vezes perigoso ceder a tais sugestões: inútil, porque não se ganha absolutamente nada além de ser enganado; perigoso, não pelo mal

que os Espíritos podem fazer, mas pela influência que isso pode exercer sobre mentes fracas. »

19. Há dias e horários mais propícios às evocações?

« Para os Espíritos, isso é completamente indiferente, como tudo o que é material, e seria uma superstição acreditar na influência dos dias e dos horários. Os momentos mais propícios são aqueles em que a pessoa que evoca pode se distrair menos com suas ocupações habituais; em que seu corpo e seu espírito estão mais tranquilos. »

20. A evocação é, para os Espíritos, uma coisa agradável ou penosa? Eles vêm de boa vontade quando são chamados?

« Isso depende de seu caráter e do motivo pelo qual são chamados. Quando a finalidade é louvável e o ambiente lhes é simpático, é para eles uma coisa agradável e até atraente; os Espíritos sempre ficam felizes com o afeto que lhes demonstram. Há alguns para quem é uma grande felicidade se comunicar com os homens e que sofrem com o abandono em que são deixados. Mas, como eu disse, isso depende também de seu caráter; entre os Espíritos também há misantropos que não gostam de ser incomodados e cujas respostas refletem seu mau humor, sobretudo quando são chamados por pessoas indiferentes, pelas quais não se interessam. Muitas vezes, um Espírito não tem nenhum motivo para atender ao chamado de um desconhecido que lhe é indiferente e que quase sempre é movido pela curiosidade; se ele vem, em geral faz apenas breves aparições, a menos que haja uma finalidade séria e instrutiva na evocação. »

Observação. Vemos pessoas que só evocam seus parentes para lhes perguntar as coisas mais corriqueiras da vida material; por exemplo, uma para saber se alugará ou venderá sua casa, outra para conhecer o lucro que obterá com sua mercadoria, o lugar onde foi depositado dinheiro, se determinado

negócio será ou não vantajoso. Nossos parentes do além-túmulo só se interessam por nós em razão do afeto que temos por eles. Se todo o nosso pensamento se limita a considerá-los feiticeiros, se só pensamos neles para lhes pedir informações, eles não podem ter grande simpatia por nós, e não devemos nos surpreender com a pouca benevolência que demonstram.

21. Há diferença entre os bons e os maus Espíritos quanto à disposição para atender ao nosso chamado?

« Há uma diferença muito grande; os maus Espíritos só vêm de boa vontade quando esperam dominar e enganar; mas sentem uma viva contrariedade quando são forçados a vir confessar suas faltas, e só querem ir embora, como um aluno chamado para ser corrigido. Eles podem ser obrigados a isso por Espíritos superiores, como castigo e para a instrução dos encarnados. A evocação é penosa para os bons Espíritos quando são chamados inutilmente, por futilidades; então eles não vêm ou se retiram.

« Vocês podem dizer que, em princípio, os Espíritos, quaisquer que sejam, não gostam, assim como vocês, de servir de distração para os curiosos. Muitas vezes, ao evocar um Espírito, vocês não têm outra finalidade senão ver o que ele lhes dirá ou interrogá-lo sobre particularidades de sua vida que ele não deseja lhes dar a conhecer, porque não tem nenhum motivo para lhes fazer confidências; e vocês acreditam que ele vai se submeter a um interrogatório para lhes agradar? Desenganem-se; o que ele não teria feito em vida, também não fará como Espírito. »

Observação. A experiência prova, de fato, que a evocação é sempre agradável aos Espíritos quando é feita com uma finalidade séria e útil; os bons vêm com prazer nos instruir; os que sofrem encontram alívio na simpatia que lhes demonstramos; os que conhecemos ficam satisfeitos por nos lembrarmos deles. Os Espíritos levianos gostam de ser evocados por pessoas frí-

volas, porque isso lhes dá uma oportunidade de se divertir à custa delas; eles se sentem pouco à vontade com pessoas sérias.

22. Para se manifestarem, os Espíritos precisam sempre ser evocados?

« Não, eles se apresentam muitas vezes sem serem chamados, e isso prova que vêm de boa vontade. »

23. Quando um Espírito se apresenta por si mesmo, temos mais certeza de sua identidade?

« De modo algum, pois os Espíritos enganadores empregam muitas vezes esse meio para melhor iludir. »

24. Quando se invoca pelo pensamento o Espírito de uma pessoa, esse Espírito vem até nós, mesmo que não haja manifestação pela escrita ou de outra forma?

« A escrita é um meio material para o Espírito atestar sua presença, mas é o pensamento que o atrai, e não o ato de escrever. »

25. Quando um Espírito inferior se manifesta, pode-se obrigá-lo a se retirar?

Sim, não lhe dando ouvidos. Mas como vocês querem que ele se retire quando se divertem com suas torpezas? Os Espíritos inferiores se apegam aos que os escutam com complacência, como os tolos entre vocês,

26. A evocação feita em nome de Deus é uma garantia contra a intromissão dos maus Espíritos?

« O nome de Deus não é um freio para todos os Espíritos perversos, mas contém muitos deles; por esse meio, vocês sempre afastam alguns, e afastariam muito mais se a evocação fosse feita do fundo do coração, e não como uma fórmula banal. »

27. Seria possível evocar nominalmente vários Espíritos ao mesmo tempo?

« Não há nenhuma dificuldade nisso, e, se vocês tivessem três ou quatro

mãos para escrever, três ou quatro Espíritos lhes responderiam ao mesmo tempo; é o que acontece quando há vários médiuns. »

28. Quando vários Espíritos são evocados simultaneamente e há apenas um médium, qual deles responde? « Um deles responde por todos e expressa o pensamento coletivo. »

29. O mesmo Espírito poderia se comunicar ao mesmo tempo, durante uma sessão, por dois médiuns diferentes?

« Com a mesma facilidade com que há homens que ditam várias cartas ao mesmo tempo. »

Observação. Vimos um Espírito responder ao mesmo tempo, por dois médiuns, às perguntas que lhe eram feitas, a um em inglês e ao outro em francês, e as respostas eram idênticas quanto ao sentido; algumas eram até a tradução literal uma da outra.

Dois Espíritos evocados simultaneamente por dois médiuns podem estabelecer uma conversa entre si; como esse modo de comunicação não lhes é necessário, já que leem reciprocamente seus pensamentos, às vezes se prestam a isso para nossa instrução. Se forem Espíritos inferiores, como ainda estão impregnados das paixões terrenas e das ideias corporais, pode acontecer de discutirem e se insultarem com palavrões, de censurarem mutuamente seus erros e até de lançarem lápis, cestas, pranchetas etc. um contra o outro.

30. O Espírito evocado ao mesmo tempo em vários lugares pode responder simultaneamente às perguntas que lhe são dirigidas?

« Sim, se for um Espírito elevado. »

— Nesse caso, o Espírito se divide ou tem o dom da ubiquidade?

« O sol é um só e, no entanto, irradia por toda parte ao seu redor, levando seus raios para longe sem se subdividir; o mesmo acontece com os Espíritos. O pensamento do Espírito é como uma centelha que projeta sua clari-

dade ao longe e pode ser vista de todos os pontos do horizonte. Quanto mais puro é o Espírito, mais seu pensamento irradia e se estende como a luz. Os Espíritos inferiores são materiais demais; só podem responder a uma pessoa de cada vez e não podem vir se forem chamados em outro lugar.

« Um Espírito superior chamado ao mesmo tempo em dois lugares diferentes responderá às duas evocações se ambas forem igualmente sérias e fervorosas; caso contrário, dará preferência à mais séria. »

Observação. O mesmo acontece com um homem que, sem sair do lugar, pode transmitir seu pensamento por sinais vistos de diferentes lados.

Numa sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas em que se discutira a questão da ubiquidade, um Espírito ditou espontaneamente a seguinte comunicação:

Vocês perguntavam esta noite qual era a hierarquia dos Espíritos quanto à ubiquidade. Comparem-nos a um balão que se eleva pouco a pouco no ar. Quando ele passa rente à terra, um círculo muito pequeno pode vê-lo; à medida que se eleva, o círculo se amplia para ele e, quando chega a certa altura, aparece a um número infinito de pessoas. Assim acontece conosco; um mau Espírito que ainda está ligado à Terra permanece num círculo restrito, no meio das pessoas que o veem. À medida que se eleva em graça e melhora, pode conversar com várias pessoas; e, quando se torna Espírito superior, pode irradiar como a luz do sol, mostrar-se a várias pessoas e em vários lugares ao mesmo tempo. » Channing, 31. Pode-se evocar os Espíritos puros, aqueles que terminaram a série de suas encarnações?

« Sim, mas muito raramente; eles só se comunicam com os corações puros e sinceros, e não com os orgulhosos e egoístas; por isso, é preciso desconfiar dos Espíritos inferiores que assumem essa qualidade para se dar mais im-

portância aos olhos de vocês. »

32. Como se explica que o Espírito dos homens mais ilustres venha com tanta facilidade e familiaridade ao chamado dos homens mais desconhecidos?

« Os homens julgam os Espíritos por si mesmos, e isso é um erro; depois da morte do corpo, as posições terrenas deixam de existir; entre eles, só há a distinção da bondade, e os que são bons vão a toda parte onde há bem a fazer. »

33. Quanto tempo depois da morte se pode evocar um Espírito?

« Pode-se fazê-lo no próprio instante da morte; mas, como nesse momento o Espírito ainda está em perturbação, ele só responde de maneira imperfeita. »

Observação. Como a duração da perturbação é muito variável, não pode haver um prazo fixo para fazer a evocação; no entanto, é raro que, ao fim de oito dias, o Espírito não tenha consciência suficiente de seu estado para poder responder; às vezes, ele pode fazê-lo muito bem dois ou três dias depois da morte; em todos os casos, pode-se tentar com cuidado.

34. A evocação no instante da morte é mais penosa para o Espírito do que mais tarde?

« Às vezes; é como se arrancassem vocês do sono antes de estarem completamente acordados. Há, porém, alguns que não se incomodam de modo algum com isso e a quem isso até ajuda a sair da perturbação.

35. Como o Espírito de uma criança que morreu em tenra idade pode responder com conhecimento de causa, se, em vida, ainda não tinha consciência de si mesma?

Observação. A influência corporal, que se faz sentir por mais ou menos tempo sobre o Espírito da criança, também é observada às vezes no Espírito

dos que morreram em estado de loucura. O Espírito, por si mesmo, não é louco, mas sabemos que certos Espíritos acreditam, durante algum tempo, ainda pertencer a este mundo; portanto, não é de surpreender que, no louco, o Espírito ainda sinta os efeitos dos entraves que, durante a vida, impediam sua livre manifestação, até que esteja completamente desprendido. Esse efeito varia conforme as causas da loucura, pois há loucos que recuperam toda a lucidez de suas ideias imediatamente após a morte.

283 Evocação dos animais.

36. Pode-se evocar o Espírito de um animal?

« Após a morte do animal, o princípio inteligente que havia nele fica em estado latente; é imediatamente utilizado por certos Espíritos encarregados desse cuidado para animar novos seres nos quais continua o trabalho de sua elaboração. Assim, no mundo dos Espíritos, não há Espíritos de animais errantes, mas somente Espíritos humanos. Isso responde à sua pergunta. »

— Como se explica, então, que certas pessoas que evocaram animais tenham obtido respostas deles?

« Evoquem uma rocha, e ela lhes responderá. Há sempre uma multidão de Espíritos prontos para tomar a palavra por qualquer coisa. »

Observação. É pela mesma razão que, se alguém evocar um mito ou um personagem alegórico, ele responderá; isto é, responderão por ele, e o Espírito que se apresentar assumirá seu caráter e seus modos. Alguém teve um dia a ideia de evocar Tartufo, e Tartufo veio imediatamente; mais ainda, falou de Orgon, de Elmira, de Dâmis e de Valério, dos quais deu notícias; quanto a ele, representou o hipócrita com tanta arte como se Tartufo tivesse sido um personagem real. Disse mais tarde ser o Espírito de um ator

que havia desempenhado esse papel. Os Espíritos levianos sempre se aproveitam da inexperiência dos interrogadores; mas tomam o cuidado de não se dirigir àqueles que sabem ser suficientemente esclarecidos para descobrir suas imposturas e que não dariam crédito às suas histórias. O mesmo acontece entre os homens.

Um senhor tinha em seu jardim um ninho de pintassilgos pelos quais se interessava muito; um dia, o ninho desapareceu; depois de se certificar de que ninguém de sua casa era culpado pelo delito, como ele próprio era médium, teve a ideia de evocar a mãe dos filhotes; ela veio e lhe disse em muito bom francês: « Não acuse ninguém e fique tranquilo quanto ao destino dos meus filhotes; foi o gato que, ao saltar, derrubou o ninho; você o encontrará debaixo da grama, assim como os filhotes que não foram comidos. » Feita a verificação, constatou-se que a informação era exata. Deve-se concluir que foi o pássaro que respondeu? Não, certamente; mas simplesmente que um Espírito conhecia a história. Isso prova o quanto é preciso desconfiar das aparências e como é justa a resposta acima: Evoquem uma rocha, e ela lhes responderá. (Veja acima o capítulo sobre a Mediunidade nos animais; nº 234.)

284 Evocação de pessoas vivas.

37. A encarnação do Espírito é um obstáculo absoluto à sua evocação?

«Não, mas é preciso que o estado do corpo permita ao Espírito se desprender naquele momento. O Espírito encarnado vem com tanto mais facilidade quanto mais elevada é a ordem do mundo em que se encontra, porque ali os corpos são menos materiais.»

38. Pode-se evocar o Espírito de uma pessoa viva?

«Sim, já que se pode evocar um Espírito encarnado. O Espírito de uma pes-

soa viva também pode, em seus momentos de liberdade, apresentar-se sem ser evocado; isso depende de sua simpatia pelas pessoas com quem se comunica.» (Ver nº 116, História do homem da tabaqueira.)

39. Em que estado fica o corpo da pessoa cujo Espírito é evocado?

«Ele dorme ou cochila; é então que o Espírito está livre.»

— O corpo poderia despertar enquanto o Espírito está ausente?

«Não; o Espírito é obrigado a voltar para ele; se, nesse momento, estiver conversando com vocês, ele os deixa e muitas vezes lhes diz o motivo.»

40. Como o Espírito ausente do corpo é avisado da necessidade de sua presença?

«O Espírito de um corpo vivo nunca está completamente separado dele; por maior que seja a distância a que se transporte, permanece ligado a ele por um laço fluídico que serve para chamá-lo de volta quando necessário; esse laço só se rompe com a morte.»

Observação. Esse laço fluídico foi muitas vezes percebido por médiuns videntes. É uma espécie de rastro fosforescente que se perde no espaço, na direção do corpo. Alguns Espíritos disseram que é por isso que reconhecem aqueles que ainda estão ligados ao mundo corporal.

41. O que aconteceria se, durante o sono e na ausência do Espírito, o corpo fosse atingido mortalmente?

«O Espírito seria avisado e voltaria antes que a morte se consumasse.»

— Assim, não poderia acontecer de o corpo morrer na ausência do Espírito, e de este, ao voltar, não poder entrar nele?

«Não; isso seria contrário à lei que rege a união da alma e do corpo.» — Mas e se o golpe fosse dado de repente e de surpresa?

«O Espírito seria avisado antes que o golpe mortal fosse dado.»

Observação. O Espírito de uma pessoa viva, interrogado sobre esse fato, res-

pondeu: «Se o corpo pudesse morrer na ausência do Espírito, seria um meio cômodo demais de cometer suicídios hipócritas.»

42. O Espírito de uma pessoa evocada durante o sono é tão livre para se comunicar quanto o de uma pessoa morta?

«Não; a matéria sempre o influencia mais ou menos.» Observação. Uma pessoa nesse estado, a quem se fez essa pergunta, respondeu: «Continuo acorrentada à bola de ferro que arrasto comigo.» — Nesse estado, o Espírito poderia ser impedido de vir por estar em outro lugar?

«Sim, pode acontecer de o Espírito estar em um lugar onde gosta de ficar, e então não atende à evocação, sobretudo quando ela é feita por alguém que não lhe interessa.»

43. É absolutamente impossível evocar o Espírito de uma pessoa acordada?

«Embora seja difícil, não é absolutamente impossível, pois, se a evocação surtir efeito, pode ser que a pessoa adormeça; mas o Espírito só pode se comunicar, como Espírito, nos momentos em que sua presença não é necessária à atividade inteligente do corpo.»

Observação. A experiência prova que a evocação feita durante o estado de vigília pode provocar o sono, ou pelo menos um estado de absorção próximo do sono, mas esse efeito só pode ocorrer por uma vontade muito enérgica e se houver laços de simpatia entre as duas pessoas; caso contrário, a evocação não surte efeito. Mesmo no caso em que a evocação possa provocar o sono, se o momento for inoportuno, a pessoa, não querendo dormir, oferecerá resistência e, se ceder, seu Espírito ficará perturbado e responderá com dificuldade. Disso resulta que o momento mais favorável para evocar uma pessoa viva é o de seu sono natural, porque seu Espírito, estando livre, pode vir até aquele que o chama, tão bem quanto poderia ir a outro lugar.

Quando a evocação é feita com o consentimento da pessoa, e esta procura

adormecer para esse fim, pode acontecer de essa preocupação retardar o sono e perturbar o Espírito; por isso, o sono não forçado ainda é preferível.

44. Uma pessoa viva evocada tem consciência disso ao despertar?

«Não; vocês mesmos são evocados mais vezes do que pensam. Só seu Espírito sabe disso e pode, às vezes, deixar nela uma vaga impressão, como a de um sonho.»

— Quem pode nos evocar, se somos pessoas desconhecidas?

«Em outras existências, vocês podem ter sido pessoas conhecidas neste mundo ou em outros; e também há seus parentes e amigos, igualmente neste mundo ou em outros. Suponhamos que seu Espírito tenha animado o corpo do pai de outra pessoa; pois bem! Quando essa pessoa evocar seu pai, será seu Espírito que será evocado e responderá.»

45. O Espírito evocado de uma pessoa viva responde como Espírito ou com as ideias do estado de vigília?

«Isso depende de sua elevação, mas ele julga com mais acerto e tem menos preconceitos, exatamente como os sonâmbulos; é um estado mais ou menos semelhante.»

46. Se o Espírito de um sonâmbulo em estado de sono magnético fosse evocado, seria mais lúcido que o de qualquer outra pessoa?

«Sem dúvida responderia com mais facilidade, porque está mais desprendido; tudo depende do grau de independência entre o Espírito e o corpo.»

— O Espírito de um sonâmbulo poderia responder a uma pessoa que o evocasse a distância ao mesmo tempo que respondesse verbalmente a outra pessoa?

«A faculdade de se comunicar simultaneamente em dois pontos diferentes pertence apenas aos Espíritos completamente desprendidos da matéria.»

47. Seria possível modificar as ideias de uma pessoa no estado de vigília,

agindo sobre seu Espírito durante o sono?

«Sim, às vezes; o Espírito já não está ligado à matéria por laços tão íntimos, por isso é mais acessível às impressões morais, e essas impressões podem influir em sua maneira de ver no estado habitual. Infelizmente, acontece muitas vezes de, ao despertar, a natureza corporal prevalecer e fazê-lo esquecer as boas resoluções que possa ter tomado.»

48. O Espírito de uma pessoa viva é livre para dizer ou não dizer o que quiser?

«Ele tem suas faculdades de Espírito e, portanto, seu livre-arbítrio, e, como tem mais perspicácia, é até mais cauteloso do que no estado de vigília.»

49. Seria possível obrigar uma pessoa, ao evocá-la, a dizer o que gostaria de calar?

«Eu disse que o Espírito tem seu livre-arbítrio; mas pode ser que, como Espírito, ela dê menos importância a certas coisas do que no estado habitual; sua consciência pode falar com mais liberdade. Além disso, se ela não quiser falar, sempre poderá escapar às importunações indo embora, pois não se pode reter seu Espírito como se reteria seu corpo.»

50. O Espírito de uma pessoa viva não poderia ser obrigado, por outro Espírito, a vir e falar, como acontece com os Espíritos errantes?

«Entre os Espíritos, estejam mortos ou vivos, só há supremacia pela superioridade moral, e vocês devem ter certeza de que um Espírito superior jamais daria seu apoio a uma indiscrição covarde.»

Observação. Esse abuso de confiança seria, de fato, uma má ação, mas não poderia produzir resultado, pois não se pode arrancar um segredo que o Espírito queira calar, a menos que, dominado por um sentimento de justiça, ele confesse o que calaria em outras circunstâncias.

Uma pessoa quis saber, por esse meio, de um de seus parentes, se o testa-

mento dele era a seu favor. O Espírito respondeu: «Sim, minha querida sobrinha, e em breve você terá a prova disso.» A coisa era de fato verdadeira; mas, poucos dias depois, o parente destruiu seu testamento e teve a malícia de fazer com que a pessoa soubesse disso, sem, no entanto, saber que havia sido evocado. Um sentimento instintivo sem dúvida o levou a executar a resolução que seu Espírito havia tomado em razão da pergunta que lhe fora feita. Há covardia em perguntar ao Espírito de um morto ou de uma pessoa viva o que não se ousaria perguntar à própria pessoa, e essa covardia nem sequer tem como compensação o resultado que dela se espera.

61. Pode-se evocar um Espírito cujo corpo ainda está no ventre da mãe?

«Não; vocês sabem bem que, nesse momento, o Espírito está em completa perturbação.»

Observação. A encarnação só se realiza definitivamente no momento em que a criança respira; mas, desde a concepção, o Espírito designado para animá-la é tomado por uma perturbação que aumenta com a aproximação do nascimento e lhe tira a consciência de si mesmo e, por consequência, a faculdade de responder. (Ver O Livro dos Espíritos: Retorno à vida corporal; União da alma e do corpo, nº 344.)

52. Um Espírito enganador poderia tomar o lugar do Espírito de uma pessoa viva que fosse evocada?

«Não há dúvida, e isso acontece com muita frequência, sobretudo quando a intenção de quem evoca não é pura. Além disso, a evocação de pessoas vivas só tem interesse como estudo psicológico; convém abster-se dela sempre que não puder produzir um resultado instrutivo.»

Observação. Se a evocação dos Espíritos errantes nem sempre surte efeito, para usar a expressão deles, isso é muito mais frequente com os que estão encarnados; é principalmente então que Espíritos enganadores tomam seu

lugar.

53. A evocação de uma pessoa viva tem inconvenientes?

«Ela nem sempre é isenta de perigo; isso depende da situação da pessoa, pois, se estiver doente, pode-se aumentar seus sofrimentos.»

54. Em que caso a evocação de uma pessoa viva pode ter mais inconvenientes?

«Deve-se evitar evocar crianças de pouca idade, pessoas gravemente doentes e idosos debilitados; em uma palavra, ela pode ter inconvenientes sempre que o corpo estiver muito enfraquecido.»

Observação. A suspensão brusca das faculdades intelectuais durante o estado de vigília também poderia oferecer perigo se a pessoa, naquele momento, precisasse de toda a sua presença de espírito.

55. Durante a evocação de uma pessoa viva, seu corpo sente cansaço em consequência do trabalho a que o Espírito se entrega, embora ausente?

Uma pessoa nesse estado, que afirmava que seu corpo se cansava, respondeu a essa pergunta:

«Meu Espírito é como um balão preso a um poste; meu corpo é o poste que é sacudido pelos movimentos do balão.»

56. Já que a evocação de pessoas vivas pode ter inconvenientes quando é feita sem precaução, não existe perigo quando se evoca um Espírito que não se sabe estar encarnado e que poderia não se encontrar em condições favoráveis? «Não, as circunstâncias não são as mesmas; ele só virá se estiver em condições de fazê-lo; e, além disso, eu não lhes disse que perguntassem, antes de fazer uma evocação, se ela é possível?»

57. Quando sentimos, nos momentos mais inoportunos, uma vontade irresistível de dormir, isso poderia vir do fato de estarmos sendo evocados em algum lugar?

«Sem dúvida isso pode acontecer, mas, na maioria das vezes, é um efeito puramente físico, seja porque o corpo precisa de repouso, seja porque o Espírito precisa de sua liberdade.»

Observação. Uma senhora nossa conhecida, médium, teve um dia a ideia de evocar o Espírito de seu neto, que dormia no mesmo quarto. A identidade foi constatada pela linguagem, pelas expressões familiares da criança e pelo relato muito exato de várias coisas que lhe haviam acontecido no internato; mas uma circunstância veio confirmá-la. De repente, a mão da médium para no meio de uma frase, sem que seja possível obter mais nada; naquele momento, a criança, meio acordada, fez vários movimentos na cama; alguns instantes depois, tendo adormecido de novo, a mão voltou a se mover, continuando a conversa interrompida. A evocação de pessoas vivas, feita em boas condições, prova da maneira menos contestável a ação distinta do Espírito e do corpo e, por consequência, a existência de um princípio inteligente independente da matéria. (Ver, na Revista Espírita de 1860, páginas 11 e 81, vários exemplos notáveis de evocação de pessoas vivas.)

285 Telegrafia humana.

58. Duas pessoas, evocando-se reciprocamente, poderiam transmitir seus pensamentos uma à outra e se corresponder?

« Sim, e essa telegrafia humana será um dia um meio universal de correspondência. »

— Por que ela não seria praticada desde já?

« Ela já é praticada por certas pessoas, mas não por todo mundo; é preciso que os homens se purifiquem para que seu Espírito se liberte da matéria, e

essa é mais uma razão para fazer a evocação em nome de Deus. Até lá, ela fica restrita às almas de elite e desmaterializadas, o que raramente se encontra no estado atual dos habitantes da Terra. »

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. XXVI — PERGUNTAS QUE SE PODEM FAZER AOS ESPÍRITOS

✦

287 2HG. Nunca é demais dar importância à maneira de fazer as perguntas, e mais ainda à natureza delas. Duas coisas devem ser consideradas nas perguntas feitas aos Espíritos: a forma e o conteúdo. Quanto à forma, devem ser redigidas com clareza e precisão, evitando-se perguntas complexas. Mas há outro ponto não menos importante: a ordem que deve orientar sua organização. Quando um assunto exige uma série de perguntas, é essencial que elas se encadeiem com método, de modo que decorram naturalmente umas das outras; os Espíritos respondem a elas com muito mais facilidade e clareza do que quando são feitas ao acaso, passando sem transição de um assunto a outro. É por essa razão que sempre é muito útil prepará-las com antecedência, sem deixar de intercalar, durante a sessão, aquelas que surgirem das circunstâncias. Além da redação, que deve ser melhor quando feita com a cabeça tranquila, esse trabalho preparatório é, como já dissemos, uma espécie de evocação antecipada à qual o Espírito pode ter assistido, dispondo-se a responder. Pode-se observar que, muitas vezes, o Espírito responde antecipadamente a certas perguntas, o que prova que já as conhecia. O conteúdo da pergunta exige uma atenção ainda mais séria, pois muitas vezes é a natureza da pergunta que provoca uma resposta certa ou falsa; há perguntas às quais os Espíritos não podem ou não devem responder, por motivos que desconhecemos: por conseguinte, é inútil insistir; mas o que se deve evitar acima de tudo são as perguntas feitas com o objetivo de pôr à

prova a perspicácia deles. Quando uma coisa existe, dizem, eles devem saber dela; ora, é justamente porque vocês conhecem a coisa, ou têm os meios de verificá-la por si mesmos, que eles não se dão ao trabalho de responder; essa desconfiança os ofende, e nada de satisfatório se obtém. Não temos todos os dias exemplos disso entre nós? Homens superiores, conscientes de seu valor, se divertiriam respondendo a todas as perguntas tolas que pretendessem submetê-los a um exame como estudantes? O desejo de tornar esta ou aquela pessoa adepta não é, para os Espíritos, motivo para satisfazer uma curiosidade vã; eles sabem que a convicção chegará mais cedo ou mais tarde, e os meios que empregam para produzi-la nem sempre são aqueles que imaginamos.

Imaginem um homem sério, ocupado com coisas úteis e importantes, incessantemente importunado pelas perguntas infantis de uma criança, e terão uma ideia do que os Espíritos superiores devem pensar de todas as tolices que lhes dizem. Isso não significa que não se possam obter dos Espíritos informações úteis e, sobretudo, conselhos muito bons, mas eles respondem mais ou menos bem conforme os conhecimentos que possuem, o interesse que merecemos da parte deles e o afeto que nos dedicam, e, por fim, conforme o objetivo que se tem em vista e a utilidade que veem na coisa; mas, se todo o nosso pensamento se limita a considerá-los mais capazes do que outros de nos informar de maneira útil sobre as coisas deste mundo, eles não podem ter por nós uma profunda simpatia; a partir daí, fazem apenas aparições muito breves e, muitas vezes, conforme o grau de sua imperfeição, demonstram seu mau humor por terem sido incomodados inutilmente.

Certas pessoas pensam que é preferível deixar de fazer perguntas e que convém esperar o ensinamento dos Espíritos sem provocá-lo; isso é um

erro. Os Espíritos dão, sem dúvida, instruções espontâneas de grande alcance, que seria um erro desprezar; mas há explicações pelas quais muitas vezes esperaríamos por muito tempo se não as pedíssemos. Sem as perguntas que propusemos, O Livro dos Espíritos e O Livro dos Médiuns ainda estariam por fazer ou, pelo menos, seriam muito menos completos, e uma porção de problemas de grande importância ainda estaria por resolver. As perguntas, longe de apresentar o menor inconveniente, são de enorme utilidade para a instrução, quando se sabe mantê-las dentro dos devidos limites. Elas têm outra vantagem: ajudar a desmascarar os Espíritos enganadores que, sendo mais vaidosos do que instruídos, raramente se saem bem na prova de perguntas de lógica rigorosa, pelas quais são levados aos seus últimos recursos de defesa. Como os Espíritos verdadeiramente superiores nada têm a temer de semelhante verificação, são os primeiros a incentivar explicações sobre os pontos obscuros; os outros, ao contrário, receando enfrentar alguém mais forte, tomam muito cuidado para evitá-las; por isso, em geral, recomendam aos médiuns que querem dominar e aos quais querem fazer aceitar suas utopias que se abstenham de qualquer discussão sobre seus ensinamentos.

Se compreendemos bem o que dissemos até agora nesta obra, já podemos ter uma ideia dos limites dentro dos quais convém manter as perguntas que se podem fazer aos Espíritos; contudo, para maior certeza, damos a seguir as respostas que foram dadas sobre os principais assuntos a respeito dos quais as pessoas pouco experientes geralmente se dispõem a interrogá-los.

288 Perguntas simpáticas ou antipáticas aos Espíritos.

1. Os Espíritos respondem de boa vontade às perguntas que lhes são feitas?

"Depende das perguntas. Os Espíritos sérios sempre respondem com prazer às que têm por objetivo o bem e os meios de fazer vocês progredirem. Eles não dão ouvidos às perguntas fúteis."

2. Basta que uma pergunta seja séria para obter uma resposta séria?

"Não, isso depende do Espírito que responde."

— Mas uma pergunta séria não afasta os Espíritos levianos?

"Não é a pergunta que afasta os Espíritos levianos, é o caráter de quem a faz."

3. Quais são as perguntas particularmente antipáticas aos bons Espíritos?

"Todas as que são inúteis ou feitas por curiosidade e para pô-los à prova; então, eles não respondem e se afastam."

— Há perguntas que sejam antipáticas aos Espíritos imperfeitos?

"Somente aquelas que podem revelar sua ignorância ou sua fraude quando procuram enganar; fora isso, respondem a tudo, sem se preocupar com a verdade."

4. O que pensar das pessoas que veem nas comunicações espíritas apenas uma distração e um passatempo, ou um meio de obter revelações sobre aquilo que lhes interessa?

"Essas pessoas agradam muito aos Espíritos inferiores que, como elas, querem se divertir e ficam contentes quando conseguem enganá-las."

5. Quando os Espíritos não respondem a certas perguntas, isso acontece por vontade deles ou porque um poder superior se opõe a certas revelações?

"Por ambas as razões; há coisas que não podem ser reveladas, e outras que o próprio Espírito não conhece."

— Insistindo muito, o Espírito acabaria respondendo?

"Não; o Espírito que não quer responder sempre tem a possibilidade de ir embora. Por isso, é necessário esperar quando lhes dizem que façam isso e, sobretudo, não se obstinar em querer nos fazer responder. Insistir para ter uma resposta que não querem lhes dar é um meio certo de ser enganado."

6. Todos os Espíritos são capazes de compreender as perguntas que lhes fazem? "Longe disso; os Espíritos inferiores são incapazes de compreender certas perguntas, o que não os impede de responder bem ou mal, como acontece entre vocês."

Observação. Em certos casos, e quando a coisa é útil, acontece com frequência de um Espírito mais esclarecido vir em auxílio do Espírito ignorante e lhe soprar o que deve dizer. Isso se reconhece facilmente pelo contraste de certas respostas e, além disso, porque muitas vezes o próprio Espírito o admite. Isso só acontece com os Espíritos ignorantes de boa-fé, mas nunca com aqueles que ostentam um falso saber.

289 Perguntas sobre o futuro.

7. Os Espíritos podem nos dar a conhecer o futuro?

« Se o homem conhecesse o futuro, descuidaria do presente.

« E este é mais um ponto sobre o qual vocês sempre insistem em obter uma resposta precisa; isso é um grande erro, pois a manifestação dos Espíritos não é um meio de adivinhação. Se quiserem a todo custo uma resposta, ela lhes será dada por um Espírito travesso: nós lhes dizemos isso a todo instante. » (Ver O Livro dos Espíritos, conhecimento do futuro, nº 868.)

8. No entanto, não há, às vezes, acontecimentos futuros que são anunciados espontaneamente e com verdade pelos Espíritos?..

« Pode acontecer que o Espírito preveja coisas que julga útil dar a conhecer, ou que tenha a missão de lhes dar a conhecer; mas é preciso desconfiar

ainda mais dos Espíritos enganadores que se divertem fazendo previsões. Só o conjunto das circunstâncias permite avaliar o grau de confiança que elas merecem. »

9. De que tipo de previsões devemos mais desconfiar?

« De todas as que não têm uma finalidade de utilidade geral. As previsões pessoais quase sempre podem ser consideradas falsas. »

10. Qual é o objetivo dos Espíritos que anunciam espontaneamente acontecimentos que não se realizam?

« Na maioria das vezes, é se divertir com a credulidade, o medo ou a alegria que causam; depois, riem da decepção. Essas previsões mentirosas, porém, às vezes têm um objetivo mais sério: pôr à prova aquele a quem são feitas, para ver a maneira como ele recebe a notícia e a natureza dos sentimentos bons ou maus que ela desperta nele. »

Observação. Seria o caso, por exemplo, do anúncio de algo que pode alimentar a cobiça ou a ambição, como a morte de uma pessoa, a perspectiva de uma herança etc.

11. Por que os Espíritos sérios, quando fazem pressentir um acontecimento, geralmente não marcam sua data? É por incapacidade ou por vontade própria?

« Uma coisa e outra; eles podem, em certos casos, fazer pressentir um acontecimento: é então um aviso que lhes dão. Quanto a precisar a época, muitas vezes não devem fazê-lo; muitas vezes também não podem, porque eles mesmos não sabem. O Espírito pode prever que uma coisa acontecerá, mas o momento exato pode depender de acontecimentos que ainda não se realizaram e que só Deus conhece. Os Espíritos levianos, que não têm nenhum escrúpulo em enganá-los, indicam os dias e as horas sem se preocupar com o acerto. Por isso, toda previsão detalhada deve lhes parecer suspeita.

« Mais uma vez, nossa missão é fazê-los progredir; nós os ajudamos tanto quanto podemos. Aquele que pede sabedoria aos Espíritos superiores nunca será enganado; mas não pensem que perdemos nosso tempo ouvindo todas as suas tolices e lendo a sua sorte; deixamos isso aos Espíritos levianos que se divertem com essas coisas, como crianças travessas.

« A Providência estabeleceu limites para as revelações que podem ser feitas ao homem. Os Espíritos sérios guardam silêncio sobre tudo o que lhes é proibido dar a conhecer. Ao insistir em obter uma resposta, vocês se expõem às artimanhas dos Espíritos inferiores, sempre prontos a aproveitar as ocasiões para armar ciladas à sua credulidade. »

Observação. Os Espíritos veem ou pressentem, por dedução, os acontecimentos futuros; eles os veem se realizar em um tempo que não medem como nós; para precisar a época, precisariam se identificar com nossa maneira de calcular a duração, o que nem sempre julgam necessário; daí vem, muitas vezes, uma causa de erros aparentes.

12. Não há homens dotados de uma faculdade especial que lhes permite entrever o futuro?

« Sim, aqueles cuja alma se desprende da matéria; então é o Espírito que vê; e, quando isso é útil, Deus lhes permite revelar certas coisas para o bem; mas há ainda mais impostores e charlatães. Essa faculdade será mais comum no futuro. »

13. O que pensar dos Espíritos que gostam de prever para alguém sua morte em dia ou hora marcados?

« São Espíritos que fazem brincadeiras de mau gosto, de muito mau gosto, e que não têm outro objetivo senão desfrutar do medo que causam. Nunca se deve dar importância a isso. »

14. Como é que certas pessoas são avisadas, por pressentimento, da época

de sua morte?

« Na maioria das vezes, é seu próprio Espírito que sabe disso em seus momentos de liberdade e conserva uma intuição ao despertar. Por isso, essas pessoas, estando preparadas, não se assustam nem se perturbam com isso. Veem nessa separação do corpo e da alma apenas uma mudança de situação, ou, se preferirem, e para usar uma expressão mais comum, o abandono de uma roupa de tecido grosseiro por uma roupa de seda. O medo da morte diminuirá à medida que se difundirem as crenças espíritas. »

290 Perguntas sobre as existências passadas e futuras.

15. Os Espíritos podem nos dar a conhecer nossas existências passadas?

« Deus permite, às vezes, que elas sejam reveladas, conforme o objetivo; se for para sua edificação e instrução, serão verdadeiras, e, nesse caso, a revelação quase sempre é feita espontaneamente e de maneira completamente inesperada; mas ele nunca permite isso para satisfazer uma curiosidade vã. »

— Por que certos Espíritos nunca se recusam a fazer esse tipo de revelação?

« São Espíritos zombeteiros que se divertem à custa de vocês. Em geral, vocês devem considerar falsas, ou pelo menos suspeitas, todas as revelações dessa natureza que não tenham um objetivo inteiramente sério e útil. Os Espíritos zombeteiros gostam de alimentar o amor-próprio com supostas origens. Há médiuns e crentes que aceitam como verdade indiscutível o que lhes dizem sobre esse ponto e que não veem que o estado atual de seu Espírito em nada justifica a posição que afirmam ter ocupado; pequena vaidade com a qual se divertem tanto os Espíritos zombeteiros quanto os homens. Seria mais lógico e mais de acordo com a marcha progressiva dos seres que tivessem subido em vez de descido, o que seria mais honroso para

eles. Para que se pudesse dar crédito a esse tipo de revelação, seria preciso que fossem feitas espontaneamente por diversos médiuns que não se conhecessem e que desconhecessem o que tivesse sido revelado anteriormente; então, sim, haveria uma razão evidente para acreditar. »

— Se não podemos conhecer nossa individualidade anterior, acontece o mesmo com o tipo de existência que tivemos, com a posição social que ocupamos, com as qualidades e os defeitos que predominaram em nós?

« Não, isso pode ser revelado, porque vocês podem tirar proveito disso para seu aperfeiçoamento; mas, além disso, estudando seu presente, vocês mesmos podem deduzir seu passado. » (Ver O Livro dos Espíritos: Esquecimento do passado,

16. Pode nos ser revelado algo sobre nossas existências futuras? « Não; tudo o que certos Espíritos lhes disserem a esse respeito não passa de uma brincadeira; e isso é compreensível: sua existência futura não pode ser fixada de antemão, pois será aquilo que vocês mesmos tiverem feito dela por sua conduta na Terra e pelas resoluções que tiverem tomado quando forem Espíritos. Quanto menos tiverem a expiar, mais feliz ela será; mas saber onde e como será essa existência, mais uma vez, é impossível, salvo o caso especial e raro dos Espíritos que estão na Terra apenas para cumprir uma missão importante, porque então seu caminho está, de certa forma, traçado de antemão. »

291 Perguntas sobre os interesses morais e materiais

17. Pode-se pedir conselhos aos Espíritos?

«Sim, certamente; os bons Espíritos nunca se recusam a ajudar aqueles que os invocam com confiança, principalmente no que diz respeito à alma; mas repelem os hipócritas, aqueles que aparentam pedir a luz e se comprazem

nas trevas.

18. Os Espíritos podem dar conselhos sobre assuntos de interesse particular?

«Algumas vezes, conforme o motivo. Isso depende também daqueles a quem se dirigem. Os conselhos relativos à vida particular são dados com mais exatidão pelos Espíritos familiares, porque se ligam a uma pessoa e se interessam pelo que lhe diz respeito: são o amigo, o confidente de seus pensamentos mais secretos; mas muitas vezes vocês os cansam com perguntas tão absurdas que eles os deixam de lado. Seria tão absurdo perguntar coisas íntimas a Espíritos que lhes são estranhos quanto dirigir-se, para isso, ao primeiro indivíduo que encontrassem pelo caminho. Vocês nunca deveriam esquecer que a puerilidade das perguntas é incompatível com a superioridade dos Espíritos. É preciso também levar em conta as qualidades do Espírito familiar, que pode ser bom ou mau, conforme suas afinidades com a pessoa à qual se liga. O Espírito familiar de um homem mau é um Espírito mau, cujos conselhos podem ser prejudiciais, mas que se afasta e cede lugar a um espírito melhor se o próprio homem melhorar. Os semelhantes com os semelhantes.»

19. Os Espíritos familiares podem favorecer os interesses materiais por meio de revelações?

«Podem, e algumas vezes o fazem, conforme as circunstâncias, mas tenham certeza de que os bons Espíritos nunca se prestam a servir à cobiça. Os maus fazem brilhar diante de seus olhos mil atrativos para estimulá-la e depois enganá-los com a decepção. Saibam também que, se a sua prova é passar por esta ou aquela adversidade, seus Espíritos protetores podem ajudá-los a suportá-la com mais resignação, algumas vezes amenizá-la; mas, no próprio interesse de seu futuro, não lhes é permitido livrá-los dela. É assim

que um bom pai não concede ao filho tudo o que ele deseja.»

Observação. Nossos Espíritos protetores podem, em muitas circunstâncias, indicar-nos o melhor caminho, sem, contudo, nos conduzir pela mão; caso contrário, perderíamos toda iniciativa e não ousaríamos dar um passo sem recorrer a eles, em prejuízo de nosso aperfeiçoamento. Para progredir, o homem muitas vezes precisa adquirir experiência à própria custa; por isso os Espíritos sábios, embora nos aconselhem, muitas vezes nos deixam entregues às nossas próprias forças, como faz um professor habilidoso com seus alunos. Nas circunstâncias comuns da vida, eles nos aconselham pela inspiração e assim nos deixam todo o mérito do bem, como nos deixam toda a responsabilidade pela escolha errada.

Seria abusar da condescendência dos Espíritos familiares e compreender mal sua missão interrogá-los a todo instante sobre as coisas mais banais, como fazem certos médiuns. Há aqueles que, por qualquer motivo, pegam o lápis e pedem conselho para a ação mais simples. Essa mania revela estreiteza de ideias; ao mesmo tempo, há presunção em acreditar que se tem sempre um Espírito servidor às suas ordens, sem outra coisa a fazer além de se ocupar de nós e de nossos pequenos interesses. É, além disso, anular o próprio julgamento e reduzir-se a um papel passivo, sem proveito para a vida presente e certamente prejudicial ao progresso futuro. Se há puerilidade em interrogar os Espíritos sobre coisas fúteis, não há menos da parte dos Espíritos que se ocupam espontaneamente daquilo que se pode chamar de detalhes domésticos; podem ser bons, mas certamente ainda são muito terrenos.

20. Se uma pessoa, ao morrer, deixa negócios complicados, pode-se pedir a seu Espírito que ajude a esclarecê-los, e pode-se também interrogá-lo sobre os bens que realmente deixou, caso esses bens não sejam conhecidos, se isso

for do interesse da justiça?

«Vocês se esquecem de que a morte é uma libertação das preocupações da terra; acreditam, então, que o Espírito, feliz com sua liberdade, venha de boa vontade retomar suas correntes e ocupar-se de coisas que já não lhe dizem respeito, para satisfazer a cobiça de seus herdeiros, que talvez tenham se alegrado com sua morte na esperança de que ela lhes trouxesse proveito? Vocês falam de justiça; mas a justiça está na frustração de sua cobiça; é o começo das punições que Deus reserva à sua avidez pelos bens da terra. Além disso, as dificuldades que a morte de uma pessoa às vezes deixa fazem parte das provas da vida, e nenhum Espírito tem o poder de livrá-los delas, porque estão nos decretos de Deus.»

Observação. A resposta acima sem dúvida decepcionará aqueles que imaginam que os Espíritos não têm nada melhor a fazer do que nos servir de auxiliares clarividentes para nos guiar, não em direção ao céu, mas sobre a terra. Outra consideração vem em apoio dessa resposta. Se um homem deixou seus negócios em desordem durante a vida por negligência, não é provável que, depois da morte, se preocupe mais com eles, pois deve estar feliz por se ver livre dos aborrecimentos que lhe causavam, e, por pouco elevado que seja, dará a isso ainda menos importância como Espírito do que como homem. Quanto aos bens desconhecidos que possa ter deixado, não tem razão alguma para se interessar por herdeiros ávidos, que provavelmente já não pensariam nele se não esperassem obter alguma coisa, e, se ainda estiver impregnado das paixões humanas, poderá sentir um prazer malicioso com a decepção deles.

Se, no interesse da justiça e das pessoas a quem tem afeição, um Espírito julga útil fazer revelações desse gênero, ele o faz espontaneamente, e não é necessário, para isso, ser médium nem recorrer a um médium; ele leva ao

conhecimento das coisas por circunstâncias fortuitas, mas nunca em resposta ao pedido que lhe fazem, pois esse pedido não pode mudar a natureza das provas que se deve enfrentar; seria mais capaz de agravá-las, porque quase sempre é um sinal de cobiça e prova ao Espírito que só se ocupam dele por interesse. (Ver nº 295.)

292 Perguntas sobre a sorte dos Espíritos.

21. Pode-se pedir aos Espíritos informações sobre sua situação no mundo dos Espíritos?

«Sim, e eles as dão de boa vontade quando o pedido é motivado pela simpatia ou pelo desejo de ser útil, e não pela curiosidade.»

22. Os Espíritos podem descrever a natureza de seus sofrimentos ou de sua felicidade?

«Perfeitamente, e esse tipo de revelação é um grande ensinamento para vocês, pois lhes dá a conhecer a verdadeira natureza das penas e das recompensas futuras; ao destruir as ideias falsas que fazem a esse respeito, essas revelações tendem a reanimar a fé e a confiança de vocês na bondade de Deus. Os bons Espíritos ficam felizes em lhes descrever a felicidade dos eleitos; os maus podem ser obrigados a descrever seus sofrimentos, a fim de despertar neles o arrependimento; às vezes encontram nisso até uma espécie de alívio: é o infeliz que expressa sua queixa na esperança de receber compaixão.

«Não se esqueçam de que o objetivo essencial, exclusivo, do espiritismo é a melhoria de vocês, e é para alcançá-lo que se permite aos Espíritos lhes dar a conhecer a vida futura, oferecendo exemplos dos quais podem tirar proveito. Quanto mais vocês se identificarem com o mundo que os espera, menos sentirão falta daquele em que estão agora. Esse é, em suma, o objetivo

atual da revelação.»

23. Ao evocar uma pessoa cujo destino é desconhecido, pode-se saber por ela mesma se ainda vive?

«Sim, se a incerteza de sua morte não for uma necessidade ou uma prova para aqueles que têm interesse em saber.»

— Se ela morreu, pode dar a conhecer as circunstâncias de sua morte, de modo que seja possível verificá-la?

«Se der alguma importância a isso, ela o fará; caso contrário, pouco se preocupa.»

Observação. A experiência prova que, nesse caso, o Espírito não é de modo algum estimulado pelos motivos de interesse que se possa ter em conhecer as circunstâncias de sua morte; se faz questão de revelá-las, ele o faz por iniciativa própria, seja por via mediúnica, seja por meio de visões ou aparições, e pode então dar as indicações mais precisas; caso contrário, um Espírito enganador pode perfeitamente iludir e se divertir levando a pesquisas inúteis.

Acontece com frequência que o desaparecimento de uma pessoa cuja morte não pode ser oficialmente constatada cria obstáculos aos negócios da família. Somente em casos muito raros e muito excepcionais vimos os Espíritos indicar o caminho da verdade em resposta ao pedido que lhes é feito; se quisessem fazê-lo, sem dúvida poderiam, mas muitas vezes isso não lhes é permitido, se essas dificuldades forem provas para aqueles que teriam interesse em se livrar delas.

É, portanto, iludir-se com uma esperança fantasiosa buscar por esse meio a recuperação de heranças, das quais o que há de mais concreto é o dinheiro que se gasta para esse fim.

Não faltam Espíritos dispostos a alimentar semelhantes esperanças e que

não têm nenhum escrúpulo em induzir a iniciativas das quais muitas vezes já se fica muito feliz em sair apenas com um pouco de ridículo.

295. Perguntas sobre a saúde.

24. Os Espíritos podem dar conselhos sobre a saúde?

«A saúde é uma condição necessária para o trabalho que se deve realizar na terra, por isso eles se ocupam dela de boa vontade; mas, como há ignorantes e sábios entre eles, não convém, nesse assunto, assim como em qualquer outro, dirigir-se ao primeiro que aparecer.»

25. Ao dirigir-se ao Espírito de uma celebridade da medicina, tem-se mais certeza de obter um bom conselho?

«As celebridades terrenas não são infalíveis e muitas vezes têm ideias presas a sistemas, que nem sempre são corretas e das quais a morte não as liberta imediatamente. A ciência terrena é muito pouca coisa diante da ciência celeste; somente os Espíritos superiores possuem esta última ciência; sem terem nomes conhecidos de vocês, podem saber muito mais do que seus sábios sobre todas as coisas. A ciência, por si só, não torna os Espíritos superiores, e vocês ficariam muito surpresos com a posição que certos sábios ocupam entre nós. O Espírito de um sábio pode, portanto, não saber mais do que quando estava na terra, se não progrediu como Espírito.»

26. O sábio, depois de se tornar Espírito, reconhece seus erros científicos?

«Se chegou a um grau suficientemente elevado para se libertar da vaidade e compreender que seu desenvolvimento não está completo, ele os reconhece e os confessa sem vergonha; mas, se ainda não se libertou suficientemente da matéria, pode conservar alguns dos preconceitos de que estava impregnado na terra.»

27. Um médico poderia, evocando os pacientes seus que morreram, obter deles esclarecimentos sobre a causa de sua morte, os erros que pode ter co-

metido no tratamento e adquirir assim mais experiência?

«Pode, e isso lhe seria muito útil, sobretudo se fosse auxiliado por Espíritos esclarecidos, que supririam a falta de conhecimentos de certos pacientes. Mas, para isso, seria preciso que fizesse esse estudo de maneira séria, assídua, com um objetivo humanitário, e não como meio de adquirir, sem esforço, saber e fortuna.»

294 Perguntas sobre as invenções e as descobertas.

28. Os Espíritos podem orientar as pesquisas científicas e as descobertas? 4

«A ciência é obra do gênio; só deve ser adquirida pelo trabalho, pois é somente pelo trabalho que o homem avança em seu caminho. Que mérito teria ele se bastasse interrogar os Espíritos para saber tudo? Qualquer imbecil poderia se tornar sábio dessa maneira. O mesmo acontece com as invenções e as descobertas da indústria. Além disso, há outra consideração: cada coisa deve vir a seu tempo e quando as ideias estiverem maduras para recebê-la; se o homem tivesse esse poder, perturbaria a ordem das coisas, fazendo os frutos crescerem antes da estação.

«Deus disse ao homem: Tirarás teu alimento da terra com o suor do teu rosto; admirável figura que retrata a condição em que ele se encontra neste mundo; deve progredir em tudo pelo esforço do trabalho; se lhe dessem as coisas prontas, de que lhe serviria a inteligência? Seria como o aluno cuja tarefa fosse feita por outra pessoa.»

29. O cientista e o inventor nunca são auxiliados pelos Espíritos em suas pesquisas?

«Oh! Isso é bem diferente. Quando chega o tempo de uma descoberta, os Espíritos encarregados de dirigir seu andamento procuram o homem capaz de levá-la a bom termo e lhe inspiram as ideias necessárias, de modo a lhe

deixar todo o mérito, pois essas ideias precisam ser elaboradas e postas em prática por ele. Assim acontece com todos os grandes trabalhos da inteligência humana. Os Espíritos deixam cada homem em sua esfera; daquele que só tem aptidão para cavar a terra, não farão o depositário dos segredos de Deus; mas saberão tirar da obscuridade o homem capaz de colaborar com seus desígnios. Não se deixem, portanto, levar pela curiosidade ou pela ambição por um caminho que não é o objetivo do espiritismo e que os levaria às mais ridículas mistificações.»

Observação. O conhecimento mais esclarecido do espiritismo acalmou a febre das descobertas que, no início, se alimentava a esperança de fazer por esse meio. Chegou-se até a pedir aos Espíritos receitas para tingir e fazer crescer os cabelos, curar calos nos pés etc. Vimos muitas pessoas que acreditaram ter feito fortuna e só obtiveram procedimentos mais ou menos ridículos. O mesmo acontece quando se quer, com a ajuda dos Espíritos, penetrar os mistérios da origem das coisas; certos Espíritos têm, sobre essas questões, seu próprio sistema, que muitas vezes não vale mais que o dos homens e que é prudente acolher apenas com a maior reserva.

295 Perguntas sobre os tesouros escondidos.

30. Os Espíritos podem levar à descoberta de tesouros escondidos?

«Os Espíritos superiores não se ocupam dessas coisas; mas Espíritos zombeteiros muitas vezes indicam tesouros que não existem, ou também podem fazer ver um em determinado lugar, quando ele se encontra no lugar oposto; e isso tem sua utilidade para mostrar que a verdadeira fortuna está no trabalho. Se a Providência destina riquezas escondidas a alguém, ele as encontrará naturalmente; caso contrário, não.»

31. O que pensar da crença nos Espíritos guardiões dos tesouros escondi-

dos?

«Os Espíritos que não estão desmaterializados se apegam às coisas. Avarentos que esconderam seus tesouros ainda podem vigiá-los e guardá-los depois da morte, e a aflição que sentem ao vê-los serem levados é um de seus castigos, até compreenderem que eles não lhes têm utilidade. Há também os Espíritos da terra, encarregados de dirigir suas transformações interiores, dos quais, por alegoria, se fizeram os guardiões das riquezas naturais.»

Observação. A questão dos tesouros escondidos está na mesma categoria que a das heranças desconhecidas; seria muito insensato quem contasse com as supostas revelações que lhe podem ser feitas pelos brincalhões do mundo invisível. Dissemos que, quando os Espíritos querem ou podem fazer semelhantes revelações, eles as fazem espontaneamente e não precisam de médiuns para isso. Eis um exemplo:

Uma senhora acabava de perder o marido, depois de trinta anos de casamento, e estava prestes a ser expulsa de sua casa, sem recurso algum, pelos enteados, para os quais havia feito o papel de mãe. Seu desespero chegara ao auge quando, certa noite, o marido lhe aparece e lhe diz que o siga até seu escritório; ali lhe mostra a escrivaninha, que ainda estava sob os lacres, e, por um efeito de segunda vista, faz com que ela veja seu interior; indica-lhe uma gaveta secreta que ela não conhecia e cujo mecanismo lhe explica; acrescenta: Previ o que está acontecendo e quis assegurar seu futuro; nesta gaveta estão minhas últimas disposições; deixo a você o usufruto desta casa e uma renda de....; depois desapareceu. No dia da retirada dos lacres, ninguém conseguiu abrir a gaveta; a senhora então contou o que lhe havia acontecido. Abriu-a seguindo as indicações do marido, e ali se encontrou o testamento, de acordo com o que lhe havia sido anunciado.

296 Perguntas sobre os outros mundos.

32. Que grau de confiança se pode ter nas descrições que os Espíritos fazem dos diferentes mundos «Isso depende do grau de adiantamento real dos Espíritos que dão essas descrições; pois vocês compreendem que Espíritos comuns são tão incapazes de informá-los a esse respeito quanto um ignorante, entre vocês, é incapaz de descrever todos os países da terra. Vocês muitas vezes fazem, sobre esses mundos, perguntas científicas que esses Espíritos não podem resolver; se são de boa-fé, falam a respeito segundo suas ideias pessoais; se são Espíritos levianos, divertem-se dando descrições estranhas e fantásticas; tanto mais que esses Espíritos, que não têm menos imaginação na erraticidade do que na terra, tiram dessa faculdade o relato de muitas coisas que nada têm de real. Entretanto, não acreditem na impossibilidade absoluta de obter alguns esclarecimentos sobre esses mundos; os bons Espíritos têm até prazer em descrever aqueles em que habitam, para lhes servir de ensinamento, para que se melhorem, e incentivá-los a seguir o caminho que pode conduzi-los até lá; é um meio de fixar suas ideias sobre o futuro e de não deixá-los na incerteza.»

— Como se pode verificar a exatidão dessas descrições?

«A melhor verificação é a concordância que pode haver entre elas; mas lembrem-se de que elas têm por objetivo seu aperfeiçoamento moral e que, por consequência, é sobre o estado moral dos habitantes que vocês podem receber as melhores informações, e não sobre o estado físico ou geológico desses globos. Com seus conhecimentos atuais, vocês nem sequer poderiam compreendê-lo; esse estudo não serviria ao seu progresso neste mundo, e vocês terão toda a possibilidade de realizá-lo quando estiverem lá.»

Observação. As perguntas sobre a constituição física e os elementos as-

tronômicos dos mundos pertencem à ordem das pesquisas científicas cujo esforço os Espíritos não devem nos poupar; sem isso, um astrônomo acharia muito cômodo fazê-los realizar seus cálculos, o que, sem dúvida, teria todo o cuidado de não admitir. Se os Espíritos pudessem, pela revelação, poupar o trabalho de uma descoberta, é provável que o fizessem em favor do cientista bastante modesto para reconhecer abertamente sua fonte, de preferência a beneficiar os orgulhosos que os renegam e aos quais, pelo contrário, muitas vezes reservam decepções em seu amor-próprio.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. XXVII — DAS CONTRADIÇÕES E DAS MISTIFICAÇÕES

✦

297 Das contradições.

Os adversários do espiritismo não deixam de objetar que os adeptos não estão de acordo entre si; que nem todos compartilham as mesmas crenças; em uma palavra, que se contradizem. Se, dizem eles, o ensinamento lhes é dado pelos Espíritos, como é que não é idêntico? Só um estudo sério e aprofundado dessa ciência pode reduzir esse argumento ao seu justo valor.

Apressemo-nos a dizer, antes de tudo, que essas contradições, das quais certas pessoas fazem grande alarde, são em geral mais aparentes do que reais; que muitas vezes dizem respeito mais à superfície do que ao fundo da questão e que, portanto, não têm importância. As contradições vêm de duas fontes: os homens e os Espíritos.

298 As contradições de origem humana foram suficientemente explicadas no capítulo dos sistemas, nº 36, ao qual remetemos o leitor. Todos compreenderão que, no início, quando as observações ainda eram incompletas, tenham surgido opiniões divergentes sobre as causas e as consequências dos fenômenos espíritas, opiniões das quais três quartos já caíram diante de um estudo mais sério e mais aprofundado.

298.2 Com pouquíssimas exceções, e à parte algumas pessoas que não abandonam facilmente as ideias que acalentaram ou conceberam, pode-se dizer que hoje há unidade entre a imensa maioria dos espíritas, ao menos quanto aos princípios gerais, salvo talvez em alguns detalhes insignificantes.

299 Para compreender a causa e o valor das contradições de origem espírita, é preciso ter adquirido familiaridade com a natureza do mundo invisível e tê-lo estudado sob todos os seus aspectos. À primeira vista, pode parecer espantoso que os Espíritos não pensem todos da mesma maneira, mas isso não pode surpreender quem se deu conta do número infinito de graus que eles devem percorrer antes de alcançar o alto da escala. Supor que tenham a mesma apreciação das coisas seria supor que estão todos no mesmo nível; pensar que todos devem ver corretamente seria admitir que todos chegaram à perfeição, o que não é verdade e não pode ser, se considerarmos que eles nada mais são do que a humanidade despojada do envoltório corporal. Como os Espíritos de todas as categorias podem se manifestar, suas comunicações trazem a marca de sua ignorância ou de seu saber, de sua inferioridade ou de sua superioridade moral. As instruções que demos devem levar a distinguir o verdadeiro do falso, o bom do mau.

Não se deve esquecer que entre os Espíritos há, como entre os homens, falsos sábios e pessoas de saber incompleto, orgulhosos, presunçosos e apegados a sistemas. Como só aos Espíritos perfeitos é dado conhecer tudo, para os outros há, como para nós, mistérios que explicam à sua maneira, segundo suas ideias, e sobre os quais podem formar opiniões mais ou menos corretas, que por amor-próprio se empenham em fazer prevalecer e que gostam de reproduzir em suas comunicações. O erro de alguns de seus intérpretes foi ter adotado com muita precipitação opiniões contrárias ao bom senso e ter assumido a responsabilidade por sua divulgação. Assim, as contradições de origem espírita não têm outra causa senão a diversidade de inteligência,, conhecimentos, discernimento e moralidade de certos Espíritos que ainda não estão aptos a conhecer e compreender tudo. (Ver O Livro dos Espíritos, Introdução, XIII; Conclusão, IX.)

300 De que serve o ensinamento dos Espíritos, dirão algumas pessoas, se ele não nos oferece mais certeza do que o ensinamento humano? A resposta a isso é fácil. Não aceitamos com a mesma confiança o ensinamento de todos os homens, e entre duas doutrinas damos preferência àquela cujo autor nos parece mais esclarecido, mais capaz, mais criterioso, menos sujeito às paixões; é preciso agir da mesma forma com os Espíritos.

300.2 Se entre eles há alguns que não estão acima da humanidade, há muitos que a ultrapassaram, e esses podem nos dar instruções que procuraríamos em vão entre os homens mais instruídos. É preciso empenhar-se em distingui-los da multidão dos Espíritos inferiores, se quisermos nos esclarecer, e é a essa distinção que leva o conhecimento aprofundado do espiritismo.

300.3 Mas essas próprias instruções têm um limite, e, se aos Espíritos não é dado saber tudo, com mais razão deve acontecer o mesmo com os homens. Há, portanto, coisas sobre as quais seria inútil interrogá-los, seja porque lhes é proibido revelá-las, seja porque eles mesmos as ignoram, e sobre as quais só podem nos dar sua opinião pessoal; ora, são essas opiniões pessoais que os Espíritos orgulhosos apresentam como verdades absolutas.

300.4 É sobretudo naquilo que deve permanecer oculto, como o futuro e o princípio das coisas, que eles mais insistem, a fim de dar a impressão de que conhecem os segredos de Deus; por isso, é nesses pontos que há mais contradições. (Ver o capítulo anterior.)

301 Eis as respostas dadas pelos Espíritos às seguintes perguntas relativas às contradições;

1. O mesmo Espírito, comunicando-se em dois centros diferentes, pode transmitir a eles respostas contraditórias sobre o mesmo assunto?

« Se os dois centros diferem entre si em opiniões e pensamentos, a resposta poderá chegar a eles alterada, porque estão sob a influência de diferentes grupos de Espíritos: não é a resposta que é contraditória, mas a maneira como é transmitida.

2. Compreende-se que uma resposta possa ser alterada; mas, quando as qualidades do médium excluem qualquer ideia de má influência, como se explica que Espíritos superiores usem uma linguagem diferente e contraditória sobre o mesmo assunto com pessoas perfeitamente sérias? « Os Espíritos realmente superiores nunca se contradizem, e sua linguagem é sempre a mesma com as mesmas pessoas. Ela pode ser diferente conforme as pessoas e os lugares; mas é preciso prestar atenção a isto: a contradição muitas vezes é apenas aparente; está mais nas palavras do que no pensamento, pois, refletindo, percebe-se que a ideia fundamental é a mesma. Além disso, o mesmo Espírito pode responder de maneiras diferentes à mesma pergunta, conforme o grau de perfeição daqueles que o evocam, pois nem sempre é bom que todos recebam a mesma resposta, já que não estão igualmente adiantados. É exatamente como se uma criança e um sábio lhe fizessem a mesma pergunta; certamente você responderia a um e a outro de modo a ser compreendido e a satisfazê-los; a resposta, embora diferente, teria, aliás, o mesmo fundamento. »

3. Com que objetivo Espíritos sérios parecem dar crédito, junto a certas pessoas, a ideias e até a preconceitos que combatem junto a outras?

« É preciso que nos façamos compreender. Se alguém tem uma convicção bem firme sobre uma doutrina, mesmo falsa, precisamos afastá-lo dessa convicção, mas pouco a pouco; é por isso que muitas vezes usamos seus termos e parecemos concordar plenamente com suas ideias, para que ele não se choque de repente e não deixe de aprender conosco.

« Além disso, não é bom enfrentar os preconceitos de maneira brusca demais; esse seria o meio de não sermos ouvidos; é por isso que os Espíritos muitas vezes falam de acordo com a opinião daqueles que os escutam, para levá-los pouco a pouco à verdade. Eles adaptam sua linguagem às pessoas, como você mesmo faz se é um orador um pouco hábil; é por isso que não falarão a um chinês ou a um muçulmano como falarão a um francês ou a um cristão, pois teriam a certeza de ser rejeitados. « Não se deve tomar por contradição o que muitas vezes é apenas uma parte da elaboração da verdade. Todos os Espíritos têm sua tarefa determinada por Deus; eles a cumprem nas condições que julgam convenientes para o bem daqueles que recebem suas comunicações. »

4. As contradições, mesmo aparentes, podem lançar dúvidas no espírito de certas pessoas; que verificação se pode fazer para conhecer a verdade?

« Para distinguir o erro da verdade, é preciso examinar a fundo essas respostas e meditar sobre elas por muito tempo, com seriedade; é todo um estudo a fazer. É preciso tempo para isso, como para estudar todas as coisas.

« Estudem, comparem, aprofundem; nós lhes dizemos isso sem cessar: o conhecimento da verdade tem esse preço. E como querem chegar à verdade, quando interpretam tudo segundo suas ideias estreitas, que tomam por grandes ideias? Mas não está longe o dia em que o ensino dos Espíritos será uniforme em toda parte, tanto nos detalhes como nas coisas principais. Sua missão é destruir o erro, mas isso só pode acontecer gradualmente. »

5. Há pessoas que não têm o tempo nem a aptidão necessários para um estudo sério e aprofundado, e que aceitam o que lhes ensinam sem examinar. Não há, para elas, inconveniente em dar crédito a erros?

« Que pratiquem o bem e não façam o mal, isso é o essencial; para isso não há duas doutrinas. O bem é sempre o bem, quer vocês o façam em nome de

Alá ou de Jeová, pois há um só e mesmo Deus para o Universo. »

6. Como Espíritos que parecem desenvolvidos em inteligência podem ter ideias evidentemente falsas sobre certas coisas?

« Eles têm sua doutrina. Aqueles que não estão suficientemente adiantados, e acreditam estar, tomam suas ideias pela verdade. É como entre vocês.

7. O que pensar das doutrinas segundo as quais um único Espírito poderia se comunicar, e esse Espírito seria Deus ou Jesus?

« O Espírito que ensina isso é um Espírito que quer dominar, e por isso quer fazer crer que é o único; mas o infeliz que ousa tomar o nome de Deus pagará caro por seu orgulho. Quanto a essas doutrinas, elas se refutam por si mesmas, porque estão em contradição com os fatos mais comprovados; não merecem um exame sério, pois não têm raízes.

« A razão lhes diz que o bem procede de uma boa fonte e o mal de uma fonte má; por que vocês haveriam de querer que uma boa árvore desse maus frutos? Alguma vez colheram uvas de uma macieira? A diversidade das comunicações é a prova mais evidente da diversidade de sua origem. Além disso, os Espíritos que afirmam ser os únicos a se comunicar esquecem de dizer por que os outros não poderiam fazê-lo. Sua pretensão é a negação do que o espiritismo tem de mais belo e de mais consolador: as relações entre o mundo visível e o mundo invisível, dos homens com os seres que lhes são queridos e que, assim, estariam perdidos para eles para sempre. São essas relações que identificam o homem com seu futuro, que o desligam do mundo material; suprimir essas relações é mergulhá-lo de novo na dúvida que o atormenta; é alimentar seu egoísmo. Examinando com cuidado a doutrina desses Espíritos, reconhecem-se nela, a cada passo, contradições injustificáveis, os sinais de sua ignorância sobre as coisas mais evidentes e, por consequência, os sinais certos de sua inferioridade. » O Espí-

rito de Verdade.

8. De todas as contradições que se observam nas comunicações dos Espíritos, uma das mais marcantes é a que diz respeito à reencarnação. Se a reencarnação é uma necessidade da vida espírita, como se explica que nem todos os Espíritos a ensinem?

« Vocês não sabem que há Espíritos cujas ideias se limitam ao presente, como acontece com muitos homens da Terra? Eles acreditam que aquilo que existe para eles deve durar para sempre; não enxergam além do círculo de suas percepções e não se preocupam de onde vêm nem para onde vão, e, no entanto, devem se submeter à lei da necessidade. A reencarnação é, para eles, uma necessidade na qual só pensam quando ela chega; sabem que o Espírito progride, mas de que maneira? Isso é, para eles, um problema. Então, se vocês lhes perguntarem, eles lhes falarão dos sete céus sobrepostos como andares; há até os que lhes falarão da esfera do fogo, da esfera das estrelas, depois da cidade das flores, da dos eleitos. »

9. Compreendemos que os Espíritos pouco adiantados possam não entender essa questão; mas, então, como se explica que Espíritos de notória inferioridade moral e intelectual falem espontaneamente de suas diferentes existências e de seu desejo de reencarnar para reparar seu passado? « Acontecem no mundo dos Espíritos coisas que lhes é muito difícil compreender. Não há, entre vocês, pessoas muito ignorantes sobre certas coisas e esclarecidas sobre outras; pessoas que têm mais discernimento do que instrução, e outras que têm mais inteligência do que discernimento? Vocês também não sabem que certos Espíritos têm prazer em manter os homens na ignorância, embora pareçam instruí-los, e que se aproveitam da facilidade com que se dá crédito às suas palavras? Eles podem seduzir aqueles que não vão ao fundo das coisas, mas, quando são levados ao limite pelo raciocí-

nio, não sustentam seu papel por muito tempo.

« É preciso, além disso, levar em conta a prudência que os Espíritos em geral empregam na divulgação da verdade: uma luz muito viva e muito repentina ofusca e não ilumina. Eles podem, portanto, em certos casos, julgar útil difundi-la apenas gradualmente, conforme os tempos, os lugares e as pessoas. Moisés não ensinou tudo o que o Cristo ensinou, e o próprio Cristo disse muitas coisas cuja compreensão estava reservada às gerações futuras. Vocês falam da reencarnação e se admiram de que esse princípio não tenha sido ensinado em certas regiões; mas pensem que, num país onde o preconceito de cor reina soberano, onde a escravidão está enraizada nos costumes, o espiritismo teria sido rejeitado só por ter proclamado a reencarnação, pois a ideia de que aquele que é senhor possa se tornar escravo, e vice-versa, teria parecido monstruosa. Não teria sido melhor fazer aceitar primeiro o princípio geral, para depois tirar dele as consequências? Ó homens! Como é curta sua visão para julgar os desígnios de Deus! Saibam, portanto, que nada se faz sem sua permissão e sem um objetivo que muitas vezes vocês não podem compreender. Eu lhes disse que a unidade se faria na crença espírita; tenham por certo que ela se fará e que as divergências, já menos profundas, desaparecerão pouco a pouco, à medida que os homens se esclarecerem, e desaparecerão completamente, pois essa é a vontade de Deus, contra a qual o erro não pode prevalecer. » O Espírito de Verdade.

10. As doutrinas errôneas, que podem ser ensinadas por certos Espíritos, não têm por efeito retardar o progresso da verdadeira ciência?

« Vocês gostariam de ter tudo sem esforço; saibam, portanto, que não há campo onde não cresçam ervas daninhas que o lavrador deve arrancar. Essas doutrinas errôneas são uma consequência da inferioridade de seu mundo; se os homens fossem perfeitos, aceitariam apenas a verdade; os er-

ros são como as pedras falsas, que só um olho experiente pode distinguir; vocês precisam, por conseguinte, de um aprendizado para distinguir o verdadeiro do falso; pois bem! As falsas doutrinas têm a utilidade de exercitá-los a distinguir a verdade do erro. »

— Aqueles que adotam o erro não ficam atrasados em seu progresso?

« Se adotam o erro, é porque não estão suficientemente adiantados para compreender a verdade.

502. Enquanto a unidade não se estabelece, cada um acredita ter a verdade a seu lado e sustenta ser o único a estar certo; ilusão que os Espíritos enganadores não deixam de alimentar; em que o homem imparcial e desinteressado pode se basear para formar um julgamento?

« A luz mais pura não é obscurecida por nuvem alguma; o diamante sem mancha é o que tem mais valor; julguem, portanto, os Espíritos pela pureza de seu ensino. A unidade se fará do lado em que o bem nunca tiver sido misturado com o mal; é desse lado que os homens se reunirão pela força das coisas, pois julgarão que ali está a verdade. Observem, além disso, que os princípios fundamentais são os mesmos em toda parte e devem uni-los num pensamento comum: o amor a Deus e a prática do bem. Seja qual for, portanto, o modo de progressão que se suponha para as almas, o objetivo final é o mesmo, e o meio de alcançá-lo também é o mesmo: fazer o bem; ora, não há duas maneiras de fazê-lo. Se surgirem divergências fundamentais quanto ao próprio princípio da doutrina, vocês têm uma regra segura para avaliá-las; essa regra é a seguinte: a melhor doutrina é a que melhor satisfaz o coração e a razão e que tem mais elementos para conduzir os homens ao bem; é essa, eu lhes asseguro, que prevalecerá. »

O Espírito de Verdade.

Observação. As contradições que se apresentam nas comunicações espíritas

podem ter as seguintes causas: a ignorância de certos Espíritos; a fraude dos Espíritos inferiores que, por malícia ou maldade, dizem o contrário do que disse em outro lugar o Espírito cujo nome usurpam; a vontade do próprio Espírito que fala conforme os tempos, os lugares e as pessoas, e pode julgar útil não dizer tudo a todos; a insuficiência da linguagem humana para expressar as coisas do mundo incorpóreo; a insuficiência dos meios de comunicação, que nem sempre permitem ao Espírito transmitir todo o seu pensamento; por fim, a interpretação que cada um pode dar a uma palavra ou a uma explicação, segundo suas ideias, seus preconceitos ou o ponto de vista pelo qual considera a coisa. Só o estudo, a observação, a experiência e a renúncia a todo sentimento de amor-próprio podem ensinar a distinguir essas diversas nuances.

303 Das mistificações

Se é desagradável ser enganado, é ainda mais ser mistificado; esse é, aliás, um dos inconvenientes dos quais é mais fácil se prevenir. Os meios de frustrar as artimanhas dos Espíritos enganadores decorrem de todas as instruções anteriores; por isso, diremos pouca coisa a respeito. Eis as respostas dos Espíritos sobre esse assunto:

1. As mistificações são um dos obstáculos mais desagradáveis do espiritismo prático; há algum meio de se prevenir contra elas?

« Parece-me que vocês podem encontrar a resposta em tudo o que lhes foi ensinado. Sim, certamente, há para isso um meio simples: pedir ao espiritismo apenas o que ele pode e deve lhes dar; seu objetivo é a melhoria moral da humanidade; enquanto vocês não se afastarem dele, nunca serão enganados, porque não há duas maneiras de compreender a verdadeira moral, aquela que todo homem de bom senso pode admitir.

« Os Espíritos vêm instruí-los e guiá-los no caminho do bem, e não no das honrarias e da fortuna, nem para servir às suas paixões mesquinhas. Se nunca lhes pedissem nada fútil ou que estivesse fora de suas atribuições, não dariam nenhuma oportunidade aos Espíritos enganadores; disso vocês devem concluir que aquele que é mistificado só recebe o que merece.

« O papel dos Espíritos não é informá-los sobre as coisas deste mundo, mas guiá-los com segurança naquilo que pode lhes ser útil para o outro. Quando lhes falam das coisas daqui, é porque julgam necessário, mas não a pedido de vocês. Se vocês veem nos Espíritos substitutos dos adivinhos e dos feiticeiros, é então que serão enganados.

« Se os homens precisassem apenas se dirigir aos Espíritos para saber de tudo, já não teriam seu livre-arbítrio e sairiam do caminho traçado por Deus para a humanidade. O homem deve agir por si mesmo; Deus não envia os Espíritos para facilitar aos homens o caminho material da vida, mas para preparar o do futuro. »

— Mas há pessoas que nada pedem e são indignamente enganadas por Espíritos que vêm espontaneamente, sem serem chamados?

« Se nada pedem, deixam que lhes falem, o que dá no mesmo. Se acolhessem com reserva e desconfiança tudo o que se afasta do objetivo essencial do espiritismo, os Espíritos levianos não as enganariam tão facilmente. »

2. Por que Deus permite que pessoas sinceras, que aceitam o espiritismo de boa-fé, sejam mistificadas? Isso não poderia ter o inconveniente de abalar sua crença?

« Se isso abalasse sua crença, seria porque sua fé não era muito sólida; aquelas que renunciassem ao espiritismo por uma simples decepção provariam que não o compreendem e que não se apegam à parte séria. Deus permite as mistificações para pôr à prova a perseverança dos verdadeiros adeptos e

punir aqueles que fazem dele um objeto de diversão. » O Espírito de Verdade.

Observação. A astúcia dos Espíritos mistificadores às vezes supera tudo o que se pode imaginar; a arte com que preparam suas armadilhas e combinam os meios de persuadir seria algo curioso se sempre se tratasse apenas de brincadeiras inocentes, mas essas mistificações podem ter consequências desagradáveis para aqueles que não se mantêm atentos; tivemos a felicidade de poder abrir a tempo os olhos de várias pessoas que tiveram a boa vontade de nos pedir uma opinião e de lhes poupar atos ridículos e comprometedores. Entre os meios que esses Espíritos empregam, é preciso colocar em primeiro lugar, por serem os mais frequentes, aqueles que têm por objetivo tentar a cobiça, como a revelação de supostos tesouros escondidos, o anúncio de heranças ou outras fontes de fortuna. Além disso, devem ser consideradas altamente suspeitas as previsões para datas fixas, assim como todas as indicações precisas relativas aos interesses materiais; é preciso evitar qualquer iniciativa prescrita ou aconselhada pelos Espíritos quando seu objetivo não for claramente racional; nunca se deixar deslumbrar pelos nomes que os Espíritos adotam para dar uma aparência de verdade às suas palavras; desconfiar das teorias e dos sistemas científicos arriscados; enfim, de tudo o que se afasta do objetivo moral das manifestações. Encheríamos um volume dos mais curiosos com a história de todas as mistificações que chegaram ao nosso conhecimento.....

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. XXVIII — CHARLATANISMO E TRAPAÇA

✦

304 Médiuns interesseiros. — Fraudes espíritas.

Médiuns interesseiros.

Como tudo pode se tornar objeto de exploração, não seria de admirar que também se quisesse explorar os Espíritos; resta saber como eles receberiam isso, se algum dia tal especulação tentasse se introduzir. Diremos primeiro que nada se prestaria mais ao charlatanismo e à trapaça do que semelhante ofício. Se vemos falsos sonâmbulos, veríamos ainda muito mais falsos médiuns, e essa razão, por si só, seria um motivo fundado de desconfiança. O desinteresse, ao contrário, é a resposta mais decisiva que se pode dar aos que veem nos fatos apenas uma manobra habilidosa. Não há charlatanismo desinteressado; qual seria, então, o objetivo de pessoas que usassem de embuste sem tirar proveito, sobretudo quando sua reconhecida honradez as coloca acima de qualquer suspeita? remunerar; vejamos se, nesse caso, pode-se razoavelmente esperar um resultado satisfatório.

305 Se compreendemos bem o que dissemos das condições necessárias para servir de intérprete aos bons Espíritos, das numerosas causas que podem afastá-los, das circunstâncias independentes de sua vontade que muitas vezes são um obstáculo à sua vinda, enfim, de todas as condições morais que podem exercer influência sobre a natureza das comunicações, como poderíamos supor que um Espírito um pouco que fosse elevado estivesse, a qualquer hora do dia, às ordens de um empresário de sessões e sujeito às suas exigências para satisfazer a curiosidade do primeiro que aparecesse?

305.2 Conhecemos a aversão dos Espíritos a tudo o que cheira a cobiça e egoísmo, a pouca importância que dão às coisas materiais, e desejaríamos que ajudassem a negociar com sua presença! Isso repugna ao pensamento, e seria preciso conhecer muito pouco a natureza do mundo espírita para acreditar que pudesse ser assim.

305.3 Mas, como os Espíritos levianos são menos escrupulosos e só procuram ocasiões de se divertir à nossa custa, resulta daí que, se não formos enganados por um falso médium, teremos toda a chance de sê-lo por alguns deles. Essas reflexões, por si só, dão a medida do grau de confiança que se deveria conceder a comunicações desse gênero.

305.4 Aliás, para que serviriam hoje médiuns pagos, já que, se não possuímos essa faculdade, podemos encontrá-la em nossa família, entre nossos amigos ou conhecidos?

306 Os médiuns interesseiros não são apenas os que poderiam exigir uma remuneração fixa; o interesse nem sempre se traduz pela esperança de um ganho material, mas também por ambições de toda natureza nas quais se podem apoiar esperanças pessoais; esse também é um defeito que os Espíritos zombeteiros sabem muito bem perceber e do qual se aproveitam com uma habilidade, uma astúcia realmente notável, embalando em ilusões enganosas os que assim se colocam sob sua dependência.

306.2 Em resumo, a mediunidade é uma faculdade dada para o bem, e os bons Espíritos se afastam de qualquer um que pretenda fazer dela um degrau para alcançar o que quer que não corresponda aos propósitos da Providência. O egoísmo é a chaga da sociedade; os bons Espíritos o combatem, e não se pode supor que venham servi-lo. Isso é tão racional que seria inútil insistir mais nesse ponto.

307 Os médiuns de efeitos físicos não estão na mesma categoria; esses efeitos são geralmente produzidos por Espíritos inferiores, menos escrupulosos. Não dizemos que esses Espíritos sejam necessariamente maus por isso: pode-se ser carregador e um homem muito honesto; um médium dessa categoria que quisesse explorar sua faculdade poderia, portanto, encontrar alguns que o ajudassem sem muita repugnância; mas aí também se apresenta outro inconveniente. O médium de efeitos físicos, assim como o de comunicações inteligentes, não recebeu sua faculdade para seu prazer; ela lhe foi dada com a condição de fazer bom uso dela e, se abusar, ela poderá ser retirada ou se voltar contra ele, porque, afinal, os Espíritos inferiores estão às ordens dos Espíritos superiores.

Os Espíritos inferiores gostam de enganar, mas não gostam de ser enganados; se participam de boa vontade de brincadeiras e de coisas que despertam curiosidade, porque gostam de se divertir, não gostam, assim como os outros, de ser explorados nem de servir de figurantes para aumentar a receita, e provam a todo instante que têm sua vontade, que agem quando e como bem entendem, o que faz com que o médium de efeitos físicos tenha ainda menos certeza da regularidade das manifestações do que o médium escrevente. Pretender produzi-las em dias e horas fixos seria dar prova da mais profunda ignorância. Que fazer, então, para ganhar seu dinheiro? Simular os fenômenos; é o que pode acontecer não só com os que fizessem disso um ofício declarado, mas até com pessoas aparentemente simples que acham esse meio mais fácil e mais cômodo do que trabalhar. Se o Espírito não produz, dá-se um jeito de substituí-lo; a imaginação é tão fértil quando se trata de ganhar dinheiro! Sendo o interesse um motivo legítimo de suspeita, ele dá direito a um exame rigoroso, com o qual ninguém pode-

ria se ofender sem justificar as suspeitas. Mas, assim como a suspeita é legítima nesse caso, ela é ofensiva quando se trata de pessoas honradas e desinteressadas.

308 A faculdade mediúnica, mesmo restrita aos limites das manifestações físicas, não foi dada para ser exibida nos palcos, e qualquer um que pretendesse ter Espíritos às suas ordens para exibi-los em público pode, com toda razão, ser suspeito de charlatanismo ou de prestidigitação mais ou menos habilidosa. Tenha-se isso por entendido sempre que se virem anúncios de supostas sessões de espiritismo ou de espiritualismo a tanto por lugar, e lembre-se do direito que se compra ao entrar.

De tudo o que precede, concluímos que o mais absoluto desinteresse é a melhor garantia contra o charlatanismo; se nem sempre assegura a qualidade das comunicações inteligentes, retira dos maus Espíritos um poderoso meio de ação e fecha a boca de certos detratores.

309 Restaria o que se poderia chamar de trapaça de amador, isto é, as fraudes inocentes de alguns brincalhões de mau gosto. Sem dúvida, seria possível praticá-la como passatempo em reuniões levianas e frívolas, mas não em assembleias sérias, onde só se admitem pessoas sérias.

309.2 Pode-se, aliás, dar-se o prazer de um engano momentâneo; mas seria preciso ter uma paciência singular para desempenhar esse papel durante meses e anos, e a cada vez por várias horas consecutivas. Só algum interesse pode dar essa perseverança, e o interesse, repetimos, pode tornar tudo suspeito.

310 Talvez se diga que um médium que dedica seu tempo ao público no interesse da causa não pode dá-lo de graça, porque é preciso viver. Mas é no interesse da causa ou no seu próprio que ele o dedica, e não será antes por-

que vê nisso um ofício lucrativo? Sempre se encontrarão pessoas dedicadas a esse preço. Ele só tem, então, essa atividade à sua disposição? Não nos esqueçamos de que os Espíritos, qualquer que seja sua superioridade ou inferioridade, são as almas dos mortos, e, quando a moral e a religião fazem do respeito aos seus restos um dever, a obrigação de respeitar seu Espírito é ainda maior.

Que se diria daquele que tirasse um corpo do túmulo e o exibisse por dinheiro, porque esse corpo fosse capaz de despertar curiosidade? É menos desrespeitoso exibir o Espírito do que o corpo, sob o pretexto de que é curioso ver um Espírito agir? E observem bem que o preço dos lugares será proporcional aos truques que ele puder fazer e ao atrativo do espetáculo. Certamente, mesmo que em vida tivesse sido ator, ele mal suspeitava de que, depois de sua morte, encontraria um diretor que o faria representar de graça para seu próprio lucro.

Não se deve esquecer que as manifestações físicas, assim como as manifestações inteligentes, só são permitidas por Deus para nossa instrução.

311 Deixando de lado essas considerações morais, de modo algum contestamos que possa haver médiuns interesseiros honrados e conscienciosos, porque há pessoas honestas em todos os ofícios; falamos apenas do abuso; mas se há de reconhecer, pelos motivos que expusemos, que o abuso tem mais razão de existir entre os médiuns remunerados do que entre aqueles que, considerando sua faculdade um favor, só a empregam para prestar serviço.

O grau de confiança ou de desconfiança que se pode conceder a um médium remunerado depende, antes de tudo, da estima que seu caráter e sua moralidade inspiram, e também das circunstâncias. O médium que, com um objetivo eminentemente sério e proveitoso, fosse impedido de empre-

gar seu tempo de outra maneira e, por essa razão, dispensado, não pode ser confundido com o médium especulador, aquele que, de propósito premeditado, fizesse da mediunidade um negócio. Conforme o motivo e o objetivo, os Espíritos podem, portanto, condenar, absolver ou mesmo favorecer; eles julgam a intenção mais do que o fato material.

312 Os sonâmbulos que utilizam sua faculdade de maneira lucrativa não estão no mesmo caso. Embora essa exploração esteja sujeita a abusos e o desinteresse seja uma garantia maior de sinceridade, a situação é diferente, visto que é seu próprio Espírito que age; ele está, portanto, sempre à sua disposição e, na realidade, eles só exploram a si mesmos, porque são livres para dispor de sua pessoa como entendem, enquanto os médiuns especuladores exploram as almas dos falecidos. (Ver nº 172, Médiuns sonâmbulos.)

313 Não ignoramos que nossa severidade para com os médiuns interesseiros levanta contra nós todos os que exploram ou seriam tentados a explorar essa nova atividade e faz deles nossos inimigos ferrenhos, assim como de seus amigos, que naturalmente tomam seu partido e sua defesa; consolamo-nos pensando que os mercadores expulsos do templo por Jesus também não deviam vê-lo com bons olhos.

313.2 Temos também contra nós as pessoas que não encaram o assunto com a mesma seriedade; entretanto, acreditamos ter o direito de ter uma opinião e de expressá-la; não obrigamos ninguém a adotá-la.

313.3 Se uma imensa maioria aderiu a ela, é porque aparentemente a considera justa; pois não vemos, de fato, como se poderia provar que não há mais chances de encontrar a fraude e os abusos na especulação do que no desinteresse.

313.4 Quanto a nós, se nossos escritos contribuíram para desacreditar a mediunidade interesseira na França e em outras regiões, acreditamos que esse não será um dos menores serviços que terão prestado ao espiritismo sério.

314 Fraudes espíritas

Os que não admitem a realidade das manifestações físicas geralmente atribuem à fraude os efeitos produzidos. Baseiam-se no fato de que os prestidigitadores habilidosos fazem coisas que parecem prodígios quando não se conhecem seus segredos; daí concluem que os médiuns não passam de ilusionistas. Já refutamos esse argumento, ou melhor, essa opinião, especialmente em nossos artigos sobre o Sr. Home e nos números da Revista de janeiro e fevereiro de 1858; por isso, diremos apenas algumas palavras a esse respeito antes de tratar de algo mais sério.

Há, aliás, uma consideração que não escapará a quem refletir um pouco. Existem, sem dúvida, prestidigitadores de habilidade prodigiosa, mas são raros. Se todos os médiuns praticassem o ilusionismo, seria preciso admitir que essa arte teria feito, em pouco tempo, progressos extraordinários e se tornado subitamente muito comum, pois seria inata em pessoas que mal suspeitavam disso, até mesmo em crianças.

Do fato de haver charlatães que vendem drogas nas praças públicas, e até médicos que, sem ir à praça pública, enganam a confiança alheia, segue-se que todos os médicos são charlatães e que a classe médica perde com isso sua reputação? Do fato de haver pessoas que vendem tinta como se fosse vinho, segue-se que todos os comerciantes de vinho são adulteradores e que não existe vinho puro? Abusa-se de tudo, até das coisas mais respeitáveis, e pode-se dizer que a fraude também tem seu gênio. Mas a fraude

sempre tem um objetivo, algum interesse material; onde não há nada a ganhar, não há interesse algum em enganar. Por isso dissemos, a propósito dos médiuns mercenários, que a melhor de todas as garantias é um desinteresse absoluto.

315 De todos os fenômenos espíritas, os que mais se prestam à fraude são os fenômenos físicos, por motivos que é útil considerar. Primeiro, porque, dirigindo-se mais aos olhos do que à inteligência, são os que a prestidigitação pode imitar com mais facilidade. Segundo, porque, despertando mais curiosidade do que os outros, são mais capazes de atrair a multidão e, por isso, mais lucrativos. Sob esse duplo ponto de vista, os charlatães têm, portanto, todo o interesse em simular essas espécies de manifestações; os espectadores, em sua maioria alheios a essa ciência, geralmente vão buscar nelas muito mais uma distração do que uma instrução séria, e sabe-se que sempre se paga melhor pelo que diverte do que pelo que instrui. Mas, além disso, há outro motivo igualmente decisivo. Se a prestidigitação pode imitar efeitos materiais, para os quais só precisa de habilidade, não lhe conhecemos, até agora, o dom da improvisação, que exige uma dose de inteligência pouco comum, nem o de produzir os belos e sublimes ditados, muitas vezes tão oportunos, que os Espíritos oferecem em suas comunicações. Isso nos lembra o seguinte fato.

Um homem de letras bastante conhecido veio um dia nos visitar e nos disse que era um médium escrevente intuitivo muito bom e que se colocava à disposição da sociedade espírita. Como temos o hábito de só admitir na sociedade médiuns cujas faculdades conhecemos, pedimos que viesse antes demonstrá-las numa reunião particular. Ele de fato compareceu; vários médiuns experientes deram dissertações ou respostas de notável preci-

são sobre questões propostas e assuntos que desconheciam. Quando chegou a vez desse senhor, ele escreveu algumas palavras insignificantes, disse que não estava bem-disposto naquele dia e, desde então, nunca mais o vimos; sem dúvida, achou que o papel de médium de efeitos inteligentes era mais difícil de desempenhar do que havia imaginado.

316 Em todas as coisas, as pessoas mais fáceis de enganar são as que não conhecem o ofício; o mesmo acontece com o espiritismo; os que não o conhecem são facilmente iludidos pelas aparências, enquanto um estudo prévio e atento os inicia não só na causa dos fenômenos, mas também nas condições normais em que podem ocorrer, e assim lhes fornece os meios de reconhecer a fraude, caso exista.

317 Os médiuns enganadores são condenados, como merecem, na carta seguinte, que reproduzimos na Revista do mês de agosto de 1861.

« Senhor, Paris, 21 de julho de 1861. Podemos discordar em certos pontos e estar em perfeito acordo em outros. Acabo de ler, na página 213 do último número de seu jornal, reflexões sobre a fraude em experiências espiritualistas (ou espíritas), às quais tenho a satisfação de aderir com todas as minhas forças. Nesse ponto, toda divergência em matéria de teorias e doutrinas desaparece como por encanto.

« Talvez eu não seja tão severo quanto o senhor com os médiuns que, de forma digna e conveniente, aceitam uma remuneração como compensação pelo tempo que dedicam a experiências muitas vezes longas e cansativas; mas sou igualmente severo — e nunca se poderia ser severo demais — com aqueles que, nesses casos, ocasionalmente recorrem à trapaça e à fraude para suprir a ausência ou a insuficiência dos resultados prometidos e esperados. (Ver nº 311.)

« Misturar o falso ao verdadeiro, quando se trata de fenômenos obtidos pela intervenção dos Espíritos, é simplesmente uma infâmia, e haveria um apagamento do senso moral no médium que acreditasse poder fazê-lo sem escrúpulos. Como o senhor observa perfeitamente, isso é desacreditar a coisa no espírito dos indecisos, assim que a fraude é reconhecida. Acrescentarei que é comprometer da maneira mais deplorável os homens honrados que oferecem aos médiuns o apoio desinteressado de seus conhecimentos e de seu esclarecimento, que garantem sua boa-fé e, de certo modo, os apadrinham; é cometer contra eles uma verdadeira traição.

« Todo médium cuja prática de manobras fraudulentas fosse comprovada, que fosse pego, para usar uma expressão um tanto popular, com a mão na massa, mereceria ser banido por todos os espiritualistas ou espíritas do mundo, para os quais seria um dever rigoroso desmascará-lo ou condená-lo. Se lhe convier, senhor, inserir estas poucas linhas em seu jornal, elas estão à sua disposição.

« Aceite, etc. « Mathieu. »

318 Nem todos os fenômenos espíritas são igualmente fáceis de imitar, e há alguns que evidentemente desafiam toda a habilidade da prestidigitação; são eles, em especial, o movimento dos objetos sem contato, a suspensão de corpos pesados no espaço, as pancadas dadas em diferentes lugares, as aparições, etc., salvo pelo emprego de truques e de cúmplices; por isso dizemos que, nesses casos, é preciso observar atentamente as circunstâncias e, sobretudo, levar em conta o caráter e a posição das pessoas, o objetivo e o interesse que poderiam ter em enganar: esse é o melhor de todos os meios de verificação, pois há circunstâncias que eliminam qualquer motivo de suspeita.

318.2 Pensamos, por conseguinte, em princípio, que se deve desconfiar de quem fizer desses fenômenos um espetáculo ou um objeto de curiosidade ou diversão e pretender produzi-los à vontade e no momento marcado, como já explicamos.

318.3 Nunca será demais repetir: as inteligências ocultas que se manifestam a nós têm suas suscetibilidades e querem nos provar que também têm seu livre-arbítrio e não se submetem aos nossos caprichos. (Nº 38.) Bastará apontarmos alguns subterfúgios empregados, ou que podem ser empregados em certos casos, para prevenir contra a fraude os observadores de boa-fé.

318.4 Quanto às pessoas que insistem em julgar sem se aprofundar, seria esforço perdido tentar desfazer seu engano.

319 Um dos fenômenos mais comuns é o das pancadas internas, dadas na própria substância da madeira, com ou sem movimento da mesa ou de outro objeto utilizado. Esse efeito é um dos mais fáceis de imitar, seja pelo contato dos pés, seja provocando pequenos estalos no móvel; mas há um pequeno truque especial que é útil revelar. Basta apoiar as duas mãos espalmadas sobre a mesa e próximas o suficiente para que as unhas dos polegares pressionem fortemente uma contra a outra; então, por um movimento muscular completamente imperceptível, faz-se com que se esfreguem, produzindo um pequeno ruído seco, muito semelhante aos da tiptologia interna. Esse ruído repercute na madeira e produz uma ilusão completa. Nada é mais fácil do que fazer ouvir tantas pancadas quantas forem pedidas, um toque de tambor, etc., responder a certas perguntas por sim ou não, por números ou até pela indicação das letras do alfabeto.

Uma vez avisado, o meio de reconhecer a fraude é muito simples. Ela não é

possível se as mãos estiverem afastadas uma da outra e se houver certeza de que nenhum outro contato pode produzir o ruído. As pancadas reais apresentam, aliás, esta característica: mudam de lugar e de timbre à vontade, o que não pode acontecer quando o ruído se deve à causa que apontamos ou a qualquer outra semelhante; ele sai da mesa para se produzir em qualquer móvel que ninguém esteja tocando, nas paredes, no teto, etc.; por fim, responde a perguntas imprevistas. (Ver nº 41.)

320 A escrita direta é ainda mais fácil de imitar; sem falar dos agentes químicos bem conhecidos que fazem aparecer uma escrita, depois de certo tempo, sobre um papel em branco, o que se pode impedir com as precauções mais simples, poderia acontecer que, por uma manobra habilidosa, um papel fosse substituído por outro.

320.2 Também seria possível que aquele que quisesse fraudar soubesse desviar a atenção enquanto escrevesse habilmente algumas palavras. Disseram-nos ainda ter visto alguém escrever assim com um pedaço de grafite escondido debaixo da unha.

321 O fenômeno dos transportes não se presta menos aos truques, e pode-se facilmente ser enganado por um ilusionista mais ou menos habilidoso, sem que seja necessário lidar com um prestidigitador profissional. No artigo especial que publicamos acima (nº 96), os próprios Espíritos determinaram as condições excepcionais em que ele pode ocorrer, de onde se pode concluir que sua obtenção fácil e à vontade pode, no mínimo, ser considerada suspeita. A escrita direta está no mesmo caso.

322 No capítulo dos Médiuns especiais, mencionamos, segundo os Espíritos, as aptidões mediúnicas comuns e as que são raras. Convém, portanto, desconfiar dos médiuns que pretendem possuir estas últimas com facili-

dade excessiva ou que ambicionam a multiplicidade de faculdades, pretensão que só muito raramente se justifica.

323 As manifestações inteligentes são, conforme as circunstâncias, as que oferecem mais garantia e, no entanto, não estão livres de imitação, pelo menos no que diz respeito às comunicações banais e vulgares. Acredita-se ter mais segurança com os médiuns mecânicos, não só pela independência das ideias, mas também contra as fraudes; é por essa razão que certas pessoas preferem os intermediários materiais. Pois bem! Isso é um erro. A fraude se infiltra por toda parte, e sabemos que, com habilidade, é possível dirigir à vontade até mesmo uma cesta ou uma prancheta que escreve e dar a seus movimentos toda a aparência de espontaneidade. O que elimina todas as dúvidas são os pensamentos expressos, venham eles de um médium mecânico, intuitivo, audiente, falante ou vidente. Há comunicações que estão tão além das ideias, dos conhecimentos e até do alcance intelectual do médium que seria preciso enganar-se de maneira extraordinária para lhe atribuir o mérito delas. Reconhecemos no charlatanismo uma grande habilidade e recursos abundantes, mas ainda não lhe conhecemos o dom de dar conhecimento a um ignorante ou inteligência a quem não a tem.

Em resumo, repetimos, a melhor garantia está na reconhecida moralidade dos médiuns e na ausência de quaisquer motivos de interesse material ou de amor-próprio que possam estimular neles o exercício das faculdades mediúnicas que possuem; pois esses mesmos motivos podem levá-los a simular as que não têm.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. XXIX — REUNIÕES E SOCIEDADES ESPÍRITAS

✦

325 Das reuniões em geral.

324. As reuniões espíritas podem oferecer grandes vantagens, pois permitem que as pessoas se esclareçam pela troca recíproca de pensamentos, pelas perguntas e observações que cada um pode fazer e das quais todos se beneficiam; mas, para delas tirar todos os frutos desejáveis, são necessárias condições especiais que vamos examinar, pois seria um erro compará-las às sociedades comuns. Além disso, sendo as reuniões conjuntos de indivíduos, o que lhes diz respeito é a consequência natural das instruções anteriores; elas devem tomar as mesmas precauções e se preservar dos mesmos obstáculos que os indivíduos; por isso colocamos este capítulo por último.

As reuniões espíritas têm características muito diferentes conforme o objetivo que se propõe alcançar nelas, e suas condições de existência devem, por isso mesmo, também ser diferentes. Segundo sua natureza, podem ser frívolas, experimentais ou instrutivas.

As reuniões frívolas se compõem de pessoas que só veem o lado divertido das manifestações, que se divertem com as brincadeiras dos Espíritos levianos, grandes apreciadores desse tipo de assembleia, onde têm toda a liberdade para se manifestar e não deixam de fazê-lo. É ali que se perguntam todo tipo de banalidades, que se pede aos Espíritos que leiam a sorte, que se põe à prova sua perspicácia para adivinhar a idade, o que se tem no bolso, revelar pequenos segredos e mil outras coisas dessa importância.

Essas reuniões não têm maiores consequências; mas, como os Espíritos levi-

anos às vezes são muito inteligentes e geralmente têm um temperamento afável e jovial, nelas acontecem muitas vezes coisas bastante curiosas, das quais o observador pode tirar proveito; quem só tivesse visto isso e julgasse o mundo dos Espíritos por essa amostra faria dele uma ideia tão falsa quanto quem julgasse toda a sociedade de uma grande cidade pela de certos bairros. O simples bom senso diz que os Espíritos elevados não podem vir a tais reuniões, nas quais os espectadores não são mais sérios que os atores. Se alguém quer se ocupar de coisas fúteis, deve chamar abertamente Espíritos levianos, como chamaria artistas ambulantes para divertir uma sociedade; mas seria uma profanação convidar para isso nomes venerados, misturar o sagrado e o profano.

326 As reuniões experimentais têm mais especialmente por objetivo a produção das manifestações físicas. Para muitas pessoas, é um espetáculo mais curioso que instrutivo; os incrédulos saem delas mais espantados que convencidos quando não viram outra coisa, e todo o seu pensamento se volta para a procura de truques, pois, como não compreendem nada, facilmente supõem subterfúgios. É bem diferente com aqueles que estudaram; eles compreendem de antemão a possibilidade, e fatos concretos depois determinam ou completam sua convicção; se houvesse subterfúgio, estariam em condições de descobri-lo.

Apesar disso, esse tipo de experiência tem uma utilidade que ninguém poderia desconhecer, pois foram essas experiências que permitiram descobrir as leis que regem o mundo invisível e, para muitas pessoas, são, sem dúvida, um poderoso motivo de convicção; mas sustentamos que, sozinhas, elas não podem iniciar alguém na ciência espírita, assim como a visão de um mecanismo engenhoso não pode ensinar a mecânica a quem não co-

nhece suas leis; porém, se fossem conduzidas com método e prudência, delas se obteriam resultados muito melhores. Voltaremos em breve a esse assunto.

327 As reuniões instrutivas têm um caráter inteiramente diferente e, como são aquelas em que se pode encontrar o verdadeiro ensinamento, insistiremos mais nas condições que devem preencher.

A primeira de todas é permanecerem sérias em toda a extensão da palavra. É preciso se convencer de que os Espíritos aos quais se deseja dirigir são de uma natureza muito especial; que, não podendo o sublime se aliar ao trivial, nem o bem ao mal, se queremos obter boas coisas, é preciso nos dirigirmos a bons Espíritos; mas não basta pedir bons Espíritos; é uma condição indispensável estar em circunstâncias favoráveis para que eles queiram vir; ora, os Espíritos superiores não virão às assembleias de homens levianos e superficiais, assim como não teriam vindo quando estavam vivos.

Uma sociedade só é verdadeiramente séria com a condição de se ocupar de coisas úteis, excluindo todas as outras; se deseja obter fenômenos extraordinários por curiosidade ou passatempo, os Espíritos que os produzem poderão vir, mas os outros irão embora. Em uma palavra, qualquer que seja o caráter de uma reunião, ela sempre encontrará Espíritos dispostos a apoiar suas tendências. Uma reunião séria, portanto, se afasta de seu objetivo quando abandona o ensinamento pelo divertimento. As manifestações físicas, como dissemos, têm sua utilidade; que aqueles que querem ver vão às reuniões experimentais, que aqueles que querem compreender vão às reuniões de estudo; é assim que uns e outros poderão completar sua instrução espírita, como no estudo da medicina, em que uns vão às aulas e outros à clínica.

328 A instrução espírita não compreende apenas o ensinamento moral dado pelos Espíritos, mas também o estudo dos fatos; cabe a ela a teoria de todos os fenômenos, a pesquisa das causas e, como consequência, a constatação do que é possível e do que não é; em uma palavra, a observação de tudo o que pode fazer a ciência avançar. Ora, seria um engano acreditar que os fatos se limitam aos fenômenos extraordinários; que somente aqueles que mais impressionam os sentidos são dignos de atenção; a cada passo se encontram fatos nas comunicações inteligentes que homens reunidos para o estudo não poderiam negligenciar; esses fatos, que seria impossível enumerar, surgem de uma infinidade de circunstâncias fortuitas; embora menos evidentes, nem por isso deixam de ter o mais alto interesse para o observador, que neles encontra ou a confirmação de um princípio conhecido, ou a revelação de um princípio novo que o faz penetrar mais profundamente nos mistérios do mundo invisível; isso também é filosofia.

329 As reuniões de estudo são, além disso, de imensa utilidade para os médiuns de manifestações inteligentes, sobretudo para aqueles que têm um desejo sério de se aperfeiçoar e que não comparecem a elas com uma tola presunção de infalibilidade. Um dos grandes obstáculos da mediunidade é, como dissemos, a obsessão e a fascinação; eles podem, portanto, se iludir de inteira boa-fé quanto ao mérito do que obtêm, e é compreensível que os Espíritos enganadores tenham plena liberdade de ação quando lidam apenas com um cego; é por isso que afastam seu médium de todo exame; se necessário, chegam a fazê-lo sentir aversão por qualquer pessoa que possa esclarecê-lo; favorecidos pelo isolamento e pela fascinação, podem facilmente fazê-lo aceitar tudo o que quiserem.

Nunca será demais repetir: aí está não apenas o obstáculo, mas o perigo;

sim, nós o dizemos, um verdadeiro perigo. O único meio de escapar dele é o exame de pessoas desinteressadas e benevolentes que, julgando as comunicações com serenidade e imparcialidade, podem abrir seus olhos e fazê-lo perceber o que ele não consegue ver por si mesmo. Ora, todo médium que teme esse julgamento já está no caminho da obsessão; aquele que acredita que a luz foi feita apenas para ele está completamente sob o jugo; se recebe mal as observações, se as rejeita, se fica irritado com elas, não pode haver dúvida sobre a má natureza do Espírito que o assiste.

Como dissemos, um médium pode não ter os conhecimentos necessários para compreender os erros; pode se deixar enganar por palavras grandiosas e uma linguagem pretensiosa, ser seduzido por sofismas, e isso com a melhor boa-fé do mundo; é por isso que, na falta de seu próprio esclarecimento, deve recorrer modestamente ao dos outros, segundo estes dois ditados: quatro olhos veem melhor que dois e nunca se é bom juiz em causa própria. É desse ponto de vista que as reuniões são de grande utilidade para o médium, se ele for sensato o bastante para ouvir os conselhos, porque ali se encontrarão pessoas mais perspicazes que ele, que perceberão as nuances muitas vezes tão delicadas pelas quais o Espírito revela sua inferioridade.

Todo médium que deseja sinceramente não ser um joguete da mentira deve, portanto, procurar se manifestar nas reuniões sérias e levar a elas o que obtém em particular; aceitar com gratidão, e até solicitar, o exame crítico das comunicações que recebe; se está sendo alvo de Espíritos enganadores, esse é o meio mais seguro de se livrar deles, provando-lhes que não podem enganá-lo. Além disso, o médium que se irrita com a crítica tem ainda menos razão para isso porque seu amor-próprio não está de modo algum em jogo, já que aquilo que diz não vem dele, e ele não é mais responsável por isso do que se lesse os versos de um mau poeta.

Insistimos nesse ponto porque, se ele é um obstáculo para os médiuns, também é para as reuniões, às quais importa não confiar levianamente em todos os intérpretes dos Espíritos. A colaboração de qualquer médium obsediado ou fascinado lhes seria mais prejudicial que útil; devem, portanto, recusá-la. Pensamos ter dado explicações suficientes para que lhes seja impossível se enganar sobre as características da obsessão, caso o médium não possa reconhecê-la por si mesmo; uma das mais evidentes é, sem dúvida, a pretensão de ser o único a ter razão contra todo mundo. Os médiuns obsediados que não querem admitir isso se parecem com aqueles doentes que se iludem sobre sua saúde e se perdem por não se submeterem a um regime salutar.

330 O que uma reunião séria deve ter por objetivo é afastar os Espíritos mentirosos; ela estaria enganada se acreditasse estar protegida por seu objetivo e pela qualidade de seus médiuns; só conseguirá isso na medida em que ela mesma estiver em condições favoráveis.

Para compreender bem o que acontece nessa circunstância, pedimos que se retome o que dissemos acima, no nº 231, sobre a Influência do meio. É preciso imaginar cada indivíduo cercado de certo número de acompanhantes invisíveis que se identificam com seu caráter, seus gostos e suas inclinações; portanto, toda pessoa que entra em uma reunião traz consigo Espíritos que lhe são simpáticos. Conforme seu número e sua natureza, esses acompanhantes podem exercer sobre a assembleia e sobre as comunicações uma influência boa ou má. Uma reunião perfeita seria aquela em que todos os membros, animados por igual amor ao bem, trouxessem consigo apenas bons Espíritos; na falta da perfeição, a melhor será aquela em que o bem prevalecer sobre o mal. Isso é lógico demais para que seja necessário insistir.

331 Uma reunião é um ser coletivo cujas qualidades e propriedades resultam de todas as de seus membros e formam como que um feixe; ora, esse feixe terá tanto mais força quanto mais homogêneo for. Se foi bem compreendido o que se disse (nº 282, questão 5) sobre a maneira como os Espíritos são avisados do nosso chamado, será fácil compreender o poder da união do pensamento dos participantes. Se o Espírito é, de certo modo, atingido pelo pensamento como nós somos pela voz, vinte pessoas que se unem numa mesma intenção terão necessariamente mais força do que uma só; mas, para que todos esses pensamentos concorram para o mesmo objetivo, é preciso que vibrem em uníssono; que se confundam, por assim dizer, num só, o que não pode acontecer sem o recolhimento.

Por outro lado, o Espírito, ao chegar a um ambiente inteiramente favorável, sente-se mais à vontade; encontrando ali apenas amigos, vem com mais prazer e se mostra mais disposto a responder. Quem acompanhou com alguma atenção as manifestações espíritas inteligentes pôde se convencer dessa verdade. Se os pensamentos são divergentes, resulta daí um choque de ideias desagradável para o Espírito e, por consequência, prejudicial à manifestação. O mesmo acontece com um homem que deve falar numa assembleia; se sente que todos os pensamentos lhe são favoráveis e benevolentes, a impressão que recebe atua sobre suas próprias ideias e lhes dá mais vivacidade; a unanimidade desse apoio exerce sobre ele uma espécie de ação magnética que multiplica por dez seus recursos, enquanto a indiferença ou a hostilidade o perturba e paralisa; é assim que os atores são eletrizados pelos aplausos; ora, os Espíritos, muito mais impressionáveis do que os humanos, devem sofrer ainda mais a influência do ambiente.

Toda reunião espírita deve, portanto, buscar a maior homogeneidade possível; fica bem entendido que falamos daquelas que querem chegar a resulta-

dos sérios e verdadeiramente úteis; se o que se quer é simplesmente obter comunicações a qualquer custo, sem se preocupar com a qualidade daqueles que as dão, é evidente que todas essas precauções não são necessárias, mas então não se deve reclamar da qualidade do produto.

332 Sendo o recolhimento e a comunhão de pensamentos as condições essenciais de toda reunião séria, compreende-se que o número excessivo de participantes deve ser uma das causas mais contrárias à homogeneidade.

332.2 Certamente não há nenhum limite absoluto para esse número, e compreende-se que cem pessoas, suficientemente recolhidas e atentas, estarão em melhores condições do que dez que estejam distraídas e sejam barulhentas; mas também é evidente que, quanto maior o número, mais difíceis são essas condições de cumprir.

332.3 Aliás, é um fato comprovado pela experiência que os pequenos círculos íntimos são sempre mais favoráveis às belas comunicações, e isso pelos motivos que desenvolvemos.

333 Há ainda outro ponto que não é menos necessário: a regularidade das reuniões. Em todas, há sempre Espíritos que poderíamos chamar de frequentadores habituais, e não nos referimos com isso àqueles Espíritos que estão em toda parte e se metem em tudo; são os Espíritos protetores ou aqueles que são interrogados com mais frequência.

333.2 Não se deve acreditar que esses Espíritos não tenham outra coisa a fazer além de nos ouvir; eles têm suas ocupações e podem, além disso, estar em condições desfavoráveis para serem evocados. Quando as reuniões acontecem em dias e horários fixos, eles se preparam de acordo com isso, e é raro que faltem.

333.3 Há até alguns que levam a pontualidade ao excesso; ficam ofendidos com um atraso de um quarto de hora e, se eles mesmos marcam o momento de uma conversa, seria inútil chamá-los alguns minutos antes. Acrescentemos, porém, que, embora os Espíritos prefiram a regularidade, os que são verdadeiramente superiores não são meticulosos a esse ponto.

333.4 A exigência de uma pontualidade rigorosa é um sinal de inferioridade, como tudo o que é pueril. Fora dos horários estabelecidos, eles podem, sem dúvida, vir, e vêm até de boa vontade se o objetivo for útil; mas nada é mais prejudicial às boas comunicações do que chamá-los a todo momento e sem critério, quando nos dá vontade, e principalmente sem motivo sério; como não são obrigados a se submeter aos nossos caprichos, podem muito bem não se dar ao trabalho de vir, e é sobretudo então que outros podem tomar seu lugar e seu nome.

334 Das sociedades propriamente ditas

Tudo o que dissemos sobre as reuniões em geral se aplica naturalmente às sociedades regularmente constituídas; estas, porém, têm de enfrentar algumas dificuldades especiais que nascem do próprio vínculo que une seus membros. Como nos pediram várias vezes conselhos sobre sua organização, vamos resumi-los aqui em poucas palavras.

O espiritismo, que mal começa a nascer, ainda é avaliado de maneiras muito diversas e muito pouco compreendido em sua essência por um grande número de adeptos para oferecer um vínculo poderoso entre os membros do que se poderia chamar de uma associação. Esse vínculo só pode existir entre aqueles que veem seu objetivo moral, o compreendem e o aplicam a si mesmos. Entre os que só veem nele fatos mais ou menos curiosos, não pode haver um vínculo sério; colocando os fatos acima dos princí-

pios, uma simples divergência na maneira de encará-los pode dividi-los. O mesmo não acontece com os primeiros, pois, sobre a questão moral, não pode haver duas maneiras de ver; por isso, deve-se observar que, em toda parte onde se encontram, uma confiança recíproca os atrai uns para os outros; a benevolência mútua que reina entre eles afasta o constrangimento e a falta de liberdade que nascem da suscetibilidade, do orgulho que se ofende com a menor contradição, do egoísmo que faz tudo girar em torno de si. Uma sociedade em que tais sentimentos reinassem plenamente, em que as pessoas se reunissem com o objetivo de se instruir pelos ensinamentos dos Espíritos, e não na esperança de ver coisas mais ou menos interessantes, ou para fazer prevalecer sua opinião, tal sociedade, dizemos, seria não apenas viável, mas indissolúvel. A dificuldade de reunir ainda numerosos elementos homogêneos sob esse ponto de vista nos leva a dizer que, no interesse dos estudos e para o bem da própria causa, as reuniões espíritas devem procurar se multiplicar em pequenos grupos, em vez de buscar se constituir em grandes aglomerações. Esses grupos, mantendo correspondência entre si, visitando-se, transmitindo uns aos outros suas observações, podem desde já formar o núcleo da grande família espírita que um dia reunirá todas as opiniões e unirá os homens num mesmo sentimento de fraternidade, selado pela caridade cristã.

335 Vimos a importância da uniformidade de sentimentos para a obtenção de bons resultados; essa uniformidade é necessariamente tanto mais difícil de obter quanto maior for o número. Nos pequenos grupos, as pessoas se conhecem melhor, há mais segurança quanto aos elementos que se admitem; o silêncio e o recolhimento são mais fáceis, e tudo se passa como em família. As grandes assembleias excluem a intimidade pela variedade dos

elementos que as compõem; exigem locais especiais, recursos financeiros e uma estrutura administrativa desnecessários nos pequenos grupos; a divergência de temperamentos, ideias e opiniões se manifesta mais claramente nelas e oferece aos Espíritos perturbadores mais facilidade para semear a discórdia. Quanto mais numerosa a reunião, mais difícil é contentar todo mundo; cada um gostaria que os trabalhos fossem conduzidos a seu gosto, que se tratasse de preferência dos assuntos que mais lhe interessam; alguns acreditam que o título de sócio lhes dá o direito de impor sua maneira de ver; daí surgem atritos, uma causa de mal-estar que leva, mais cedo ou mais tarde, à desunião e depois à dissolução, destino de todas as sociedades, qualquer que seja seu objetivo. Os pequenos grupos não estão sujeitos às mesmas oscilações; a queda de uma grande sociedade seria um fracasso aparente para a causa do espiritismo, e seus inimigos não deixariam de se aproveitar disso; a dissolução de um pequeno grupo passa despercebida e, além disso, se um se dispersa, vinte outros se formam ao lado; ora, vinte grupos de quinze a vinte pessoas obterão mais e farão mais pela propagação do que uma assembleia de trezentas a quatrocentas pessoas.

Sem dúvida, dirão que os membros de uma sociedade que agissem como acabamos de dizer não seriam verdadeiros espíritas, pois o primeiro dever imposto pela doutrina é a caridade e a benevolência. Isso é perfeitamente justo; por isso, os que pensam assim são espíritas mais de nome do que de fato; certamente não pertencem à terceira categoria (ver nº 28); mas quem garante que sejam sequer espíritas de alguma espécie? Aqui se apresenta uma consideração que não deixa de ser grave.

336 Não esqueçamos que o espiritismo tem inimigos interessados em contrariá-lo e que veem seus sucessos com despeito; os mais perigosos não são os que o atacam abertamente, mas os que agem nas sombras; estes o acariciam com uma mão e o dilaceram com a outra.

336.2 Esses seres mal-intencionados se infiltram em toda parte onde esperam fazer o mal; como sabem que a união é uma força, tentam destruí-la lançando focos de discórdia. Quem garante, então, que aqueles que, nas reuniões, semeiam a perturbação e a intriga não sejam agentes provocadores interessados na desordem?

336.3 Seja como for, não são espíritas verdadeiros nem bons; nunca podem fazer o bem e podem fazer muito mal. Compreende-se que têm infinitamente mais facilidade para se insinuar nas reuniões numerosas do que nos pequenos grupos em que todos se conhecem; valendo-se de manobras ocultas que passam despercebidas, semeiam a dúvida, a desconfiança e o afastamento; sob a aparência de um interesse hipócrita pela causa, criticam tudo, formam conluios e panelinhas que logo rompem a harmonia do conjunto: é isso que querem.

336.4 Diante dessas pessoas, apelar aos sentimentos de caridade e fraternidade é falar a quem não quer ouvir, pois seu objetivo é precisamente destruir esses sentimentos, que são o maior obstáculo às suas manobras.

336.5 Esse estado de coisas, lamentável em todas as sociedades, é ainda mais lamentável nas sociedades espíritas, porque, se não provoca uma ruptura, causa uma preocupação incompatível com o recolhimento e a atenção.

337 Se a reunião está no mau caminho, dirão, homens sensatos e bem-intencionados não têm o direito de criticar, e devem deixar o mal passar sem dizer nada, aprová-lo com seu silêncio? Sem nenhuma dúvida, esse é seu direito: é, além disso, um dever; mas, se sua intenção é realmente boa, eles expressam sua opinião com respeito e benevolência, abertamente, e não às escondidas; se ela não é seguida, retiram-se; pois não se compreenderia que alguém sem nenhuma segunda intenção insistisse em permanecer numa sociedade em que se fizessem coisas que não lhe conviessem.

Pode-se, por conseguinte, estabelecer como princípio que qualquer pessoa que, numa reunião espírita, provoque a desordem ou a desunião, abertamente ou às escondidas, por quaisquer meios, é um agente provocador ou, no mínimo, um péssimo espírita, do qual nunca será cedo demais para se livrar; mas os próprios compromissos que ligam todos os membros muitas vezes constituem um obstáculo a isso; por essa razão, convém evitar os compromissos indissolúveis; os homens de bem estão sempre suficientemente comprometidos; os mal-intencionados estão sempre comprometidos demais.

338 Além das pessoas notoriamente mal-intencionadas que se infiltram nas reuniões, há aquelas que, por temperamento, levam a perturbação consigo aonde quer que estejam: portanto, nunca é demais ter cautela com os novos elementos que nelas se introduzem.

338.2 Os mais inconvenientes, nesse caso, não são os que desconhecem o assunto, nem mesmo os que não creem: a convicção só se adquire pela experiência, e há pessoas que desejam se esclarecer de boa-fé.

338.3 É preciso se prevenir principalmente contra as pessoas de ideias preconcebidas, os incrédulos obstinados que duvidam de tudo, até mesmo da evidência; os orgulhosos, que pretendem ser os únicos a possuir o conhecimento sem precisar aprendê-lo, querem impor sua opinião em toda parte e olham com desdém para quem não pensa como eles.

338.4 Não se deixem enganar por seu suposto desejo de se esclarecer; há mais de um que ficaria muito contrariado se fosse obrigado a reconhecer que se enganou; protejam-se sobretudo desses discursadores enfadonhos que sempre querem ter a última palavra e daqueles que só se satisfazem em contradizer; uns e outros fazem perder tempo sem proveito para si mesmos; os Espíritos não gostam de palavras inúteis.

339 Diante da necessidade de evitar toda causa de perturbação e distração, uma sociedade espírita que se organiza deve dedicar toda a sua atenção às medidas capazes de tirar dos causadores de desordem os meios de prejudicar e de oferecer as maiores facilidades para afastá-los. As pequenas reuniões precisam apenas de um regulamento disciplinar muito simples para a ordem das sessões; as sociedades regularmente constituídas exigem uma organização mais completa; a melhor será aquela cujo funcionamento for menos complicado; umas e outras poderão aproveitar o que lhes for aplicável, ou o que julgarem útil, do regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas que apresentamos a seguir.

340 As sociedades pequenas ou grandes e todas as reuniões, seja qual for sua importância, têm de lutar contra outro obstáculo. Os causadores de perturbação não estão apenas em seu meio, estão também no mundo invisível. Assim como há Espíritos protetores das sociedades, das cidades e dos povos, Espíritos malfeitores se ligam aos grupos como aos indivíduos; atacam

primeiro os mais fracos, os mais acessíveis, dos quais procuram fazer instrumentos, e, pouco a pouco, tentam dominar as massas; pois sua alegria maldosa é proporcional ao número daqueles que mantêm sob seu jugo. Portanto, sempre que, em um grupo, uma pessoa cai na armadilha, é preciso reconhecer que há um inimigo no acampamento, um lobo no redil, e que se deve ficar alerta, pois é mais que provável que ele multiplique suas tentativas; se não for desencorajado por uma resistência enérgica, a obsessão se torna então como um mal contagioso, que se manifesta nos médiuns pela perturbação da mediunidade e, nos outros, pela hostilidade dos sentimentos, pela perversão do senso moral e pela perturbação da harmonia. Como o mais poderoso antídoto desse veneno é a caridade, é a caridade que eles procuram sufocar. Portanto, não se deve esperar que o mal se torne incurável para remediá-lo; não se deve sequer esperar os primeiros sintomas, é preciso sobretudo procurar preveni-lo; para isso, há dois meios eficazes, se forem bem empregados: a prece feita de coração e o estudo atento dos menores sinais que revelem a presença de Espíritos enganadores; o primeiro atrai os bons Espíritos, que só assistem com zelo aqueles que os auxiliam por sua confiança em Deus; o outro prova aos maus que estão lidando com pessoas bastante perspicazes e sensatas para não se deixarem enganar.

Se um dos membros sofre a influência da obsessão, todos os esforços devem se voltar, desde os primeiros indícios, para abrir seus olhos, por receio de que o mal se agrave, a fim de despertar nele a convicção de que está sendo enganado e o desejo de auxiliar aqueles que querem libertá-lo.

341 A influência do meio é consequência da natureza dos Espíritos e de seu modo de agir sobre os seres vivos; dessa influência, cada um pode deduzir por si mesmo as condições mais favoráveis para uma sociedade que aspire a

conquistar a simpatia dos bons Espíritos e a obter apenas boas comunicações, afastando os maus. Essas condições estão todas nas disposições morais dos participantes; resumem-se nos seguintes pontos:

Perfeita comunhão de ideias e sentimentos; benevolência recíproca entre todos os membros; renúncia a todo sentimento contrário à verdadeira caridade cristã; desejo único de se instruir e de se melhorar pelo ensinamento dos bons Espíritos, aproveitando seus conselhos: quem estiver convencido de que os Espíritos superiores se manifestam para nos fazer progredir, e não para nosso prazer, compreenderá que eles devem se afastar daqueles que se limitam a admirar seu estilo sem tirar dele nenhum proveito e só apreciam o atrativo das sessões pelo maior ou menor interesse que elas lhes oferecem conforme seus gostos particulares; exclusão de tudo o que, nas comunicações pedidas aos Espíritos, tenha apenas um objetivo de curiosidade; recolhimento e silêncio respeitoso durante as conversas com os Espíritos; união de todos os participantes, pelo pensamento, ao chamado feito aos Espíritos que se evocam; colaboração dos médiuns da assembleia, com renúncia a todo sentimento de orgulho, de amor-próprio e de supremacia, e com o único desejo de serem úteis.

Essas condições são tão difíceis de cumprir que não possam ser encontradas? Não pensamos assim; esperamos, ao contrário, que as reuniões verdadeiramente sérias, como já existem em diferentes localidades, se multipliquem, e não hesitamos em dizer que a elas o espiritismo deverá sua mais poderosa propagação; ao reunir pessoas honestas e conscienciosas, elas farão calar a crítica, e, quanto mais puras forem suas intenções, mais serão respeitadas até mesmo por seus adversários; quando a zombaria ataca o bem,

deixa de fazer rir: torna-se desprezível. É entre as reuniões desse gênero que um verdadeiro laço de simpatia e uma solidariedade mútua se estabelecerão pela força das coisas e contribuirão para o progresso geral.

342 Seria um erro acreditar que as reuniões em que se cuida mais especialmente das manifestações físicas estejam fora dessa união fraterna e que excluam todo pensamento sério; se elas não exigem condições tão rigorosas, não é sem consequências que se assiste a elas com leviandade, e seria um engano acreditar que a colaboração dos participantes seja absolutamente nula; a prova do contrário está no fato de que, muitas vezes, as manifestações desse gênero, mesmo provocadas por médiuns poderosos, não podem ocorrer em certos meios. Portanto, também há influências contrárias a isso, e essas influências só podem estar na divergência ou na hostilidade dos sentimentos que paralisam os esforços dos Espíritos.

As manifestações físicas, como dissemos, têm grande utilidade; abrem um vasto campo ao observador, pois é toda uma ordem de fenômenos incomuns que se desenrola diante de seus olhos e cujas consequências são incalculáveis. Uma assembleia pode, portanto, ocupar-se delas de maneira muito séria, mas não poderá atingir seu objetivo, seja como estudo, seja como meio de convicção, se não se colocar em condições favoráveis; a primeira de todas é a fé dos participantes? É, antes, seu desejo de se esclarecer, sem intenções ocultas, sem a disposição preconcebida de rejeitar até mesmo a evidência; a segunda é a limitação de seu número, para evitar a mistura de elementos heterogêneos. Se as manifestações físicas são produzidas em geral pelos Espíritos menos adiantados, nem por isso deixam de ter um objetivo providencial, e os bons Espíritos as favorecem sempre que elas podem ter um resultado útil.

343 Temas de estudo

Depois de evocar seus parentes e amigos e algumas personalidades célebres para comparar suas opiniões de além-túmulo com as que tiveram em vida, muitas vezes há dificuldade em alimentar as conversas sem cair em banalidades e futilidades. Muitas pessoas pensam, além disso, que O Livro dos Espíritos esgotou a série das questões de moral e filosofia; é um erro; por isso, pode ser útil indicar a fonte de onde se podem tirar temas de estudo, por assim dizer, ilimitados.

344 Se a evocação dos homens ilustres, dos Espíritos superiores, é extremamente útil pelo ensinamento que nos dão, a dos Espíritos comuns não o é menos, embora sejam incapazes de resolver questões de grande alcance; por sua inferioridade, eles retratam a si mesmos, e, quanto menor a distância que os separa de nós, mais relações encontramos com nossa própria situação, sem contar que muitas vezes nos oferecem traços característicos do mais alto interesse, como explicamos acima, no n° 281, ao falar da utilidade das evocações particulares. É, portanto, uma mina inesgotável de observações, mesmo considerando apenas as pessoas cuja vida apresenta alguma particularidade quanto ao gênero de morte, à idade, às boas ou más qualidades, à sua condição feliz ou infeliz na Terra, aos hábitos, ao estado mental etc.

Com os Espíritos elevados, o campo dos estudos se amplia; além das questões psicológicas, que têm um limite, pode-se propor a eles uma infinidade de problemas morais que se estendem sem fim a todas as situações da vida, à melhor conduta a seguir em determinada circunstância, aos nossos deve-

res recíprocos etc. O valor da instrução que se recebe sobre um assunto qualquer, moral, histórico, filosófico ou científico, depende inteiramente do estado do Espírito que se interroga; cabe a nós julgar.

345 Além das evocações propriamente ditas, os ditados espontâneos oferecem infinitos temas de estudo. Consistem em esperar o assunto que os Espíritos desejem tratar. Vários médiuns podem, nesse caso, trabalhar simultaneamente.

345.2 Às vezes, pode-se chamar um Espírito determinado; mais comumente, espera-se por aqueles que desejem se apresentar, e muitas vezes eles vêm da maneira mais imprevista. Esses ditados podem depois dar origem a uma infinidade de perguntas cujo tema fica assim inteiramente preparado.

345.3 Devem ser comentados com cuidado, para estudar todos os pensamentos que contêm e julgar se trazem uma marca de verdade. Esse exame, feito com rigor, é, como dissemos, a melhor garantia contra a intromissão dos Espíritos enganadores. Por esse motivo, tanto quanto para a instrução de todos, poderão ser apresentadas as comunicações obtidas fora da reunião. Há aí, como se vê, uma fonte inesgotável de elementos extremamente sérios e instrutivos.

346 As atividades de cada sessão podem ser organizadas da seguinte maneira:

1° Leitura das comunicações espíritas obtidas na última sessão, passadas a limpo.

2° Relatos diversos. — Correspondência. — Leitura das comunicações obtidas fora das sessões. — Relato de fatos de interesse para o espiritismo.

3° Trabalhos de estudo. — Ditados espontâneos. — Perguntas diversas e

problemas morais propostos aos Espíritos. — Evocações.
4° Conversação. — Exame crítico e analítico das diversas comunicações. — Discussão sobre os diferentes pontos da ciência espírita.

347 Os grupos que estão começando às vezes têm seus trabalhos interrompidos pela falta de médiuns. Os médiuns são certamente um dos elementos essenciais das reuniões espíritas, mas não são seu elemento indispensável, e seria um erro acreditar que, na falta deles, nada há a fazer. Sem dúvida, os que se reúnem apenas com o objetivo de realizar experiências nada podem fazer sem médiuns, assim como músicos em um concerto sem instrumentos; mas os que têm em vista o estudo sério encontram mil assuntos de que se ocupar, tão úteis e proveitosos quanto se pudessem atuar por si mesmos. Além disso, as reuniões que contam com médiuns podem ocasionalmente ficar sem eles, e seria lamentável que acreditassem, nesse caso, que só lhes resta ir embora. Os próprios Espíritos podem, de vez em quando, colocá-las nessa situação, para lhes ensinar a passar sem eles. Diremos mais: para aproveitar seus ensinamentos, é necessário dedicar algum tempo a meditar sobre eles. As sociedades científicas nem sempre têm diante dos olhos os instrumentos de observação e, no entanto, não têm dificuldade em encontrar assuntos para discussão; na ausência de poetas e oradores, as sociedades literárias leem e comentam as obras dos autores antigos e modernos; as sociedades religiosas meditam sobre as Escrituras; as sociedades espíritas devem fazer o mesmo, e obterão grande proveito para seu progresso ao promover encontros nos quais se leia e comente tudo o que possa ter relação com o espiritismo, a favor ou contra. Dessa discussão, em que cada um traz a contribuição de suas reflexões, surgem esclarecimentos que passam despercebidos em uma leitura individual. Ao lado das obras

especializadas, os jornais estão repletos de fatos, relatos, acontecimentos, exemplos de virtudes ou de vícios que levantam graves problemas morais que só o espiritismo pode resolver, e esse é mais um meio de provar que ele se relaciona com todos os ramos da ordem social. Afirmamos que uma sociedade espírita que organizasse seu trabalho nesse sentido, obtendo os materiais necessários, não encontraria tempo suficiente para dedicar às comunicações diretas dos Espíritos; por isso, chamamos para esse ponto a atenção das reuniões verdadeiramente sérias, daquelas que têm mais interesse em se instruir do que em buscar um passatempo. (Ver nº 207, no capítulo da Formação dos médiuns.)

Rivalidade entre as sociedades »

348 As reuniões que se ocupam exclusivamente das comunicações inteligentes e as que se dedicam ao estudo das manifestações físicas têm, cada uma, sua missão; nem umas nem outras estariam no verdadeiro espírito do espiritismo se olhassem umas às outras com maus olhos, e aquela que atirasse a pedra na outra provaria, só por isso, a má influência que a domina. Todas devem contribuir, embora por caminhos diferentes, para o objetivo comum, que é a busca e a propagação da verdade; seu antagonismo, que seria apenas um efeito do orgulho exacerbado, ao fornecer armas aos detratores, só poderia prejudicar a causa que pretendem defender.

540. Estas últimas reflexões se aplicam igualmente a todos os grupos que possam divergir em alguns pontos da doutrina. Como dissemos no capítulo das Contradições, essas divergências se referem, na maioria das vezes, apenas a questões secundárias, muitas vezes até a simples palavras; seria, portanto, infantil formar um grupo à parte por não se pensar exatamente da mesma maneira. Haveria algo pior se os diferentes grupos ou sociedades

de uma mesma cidade se olhassem com ciúme. Compreende-se o ciúme entre pessoas que concorrem entre si e podem causar prejuízo material umas às outras; mas, quando não há interesse de lucro, o ciúme só pode ser uma mesquinha rivalidade de amor-próprio. Como, afinal, não há sociedade que possa reunir em seu seio todos os adeptos, aquelas que são movidas por um verdadeiro desejo de propagar a verdade, cujo objetivo é unicamente moral, devem ver com prazer as reuniões se multiplicarem e, se houver concorrência entre elas, deve ser para ver quem fará mais bem. As que pretendessem estar com a verdade, com exclusão das outras, deveriam prová-lo adotando como lema: Amor e caridade; pois esse é o lema de todo verdadeiro espírita. Querem se valer da superioridade dos Espíritos que as assistem? Que a provem pela superioridade dos ensinamentos que recebem e pela aplicação que fazem deles a si mesmas: esse é um critério infalível para distinguir as que estão no melhor caminho.

Certos Espíritos, mais presunçosos do que lógicos, às vezes tentam impor sistemas estranhos e impraticáveis, valendo-se dos nomes venerados com que se apresentam. O bom senso logo faz justiça a essas utopias, mas, enquanto isso, elas podem semear a dúvida e a incerteza entre os adeptos; daí surge muitas vezes uma causa de desentendimentos passageiros. Além dos meios que demos para avaliá-los, há outro critério que permite medir seu valor: o número de partidários que conquistam. A razão diz que o sistema que encontra mais eco nas massas deve estar mais próximo da verdade do que aquele que é rejeitado pela maioria e vê suas fileiras diminuírem; assim, tenham por certo que, se os Espíritos se recusam a discutir seus ensinamentos, é porque compreendem sua fraqueza.

550. Se o espiritismo deve, como foi anunciado, trazer a transformação da humanidade, isso só pode acontecer pela melhoria das massas, que só ocor-

rerá gradualmente, pouco a pouco, pela melhoria dos indivíduos. Que importa acreditar na existência dos Espíritos, se essa crença não torna a pessoa melhor, mais bondosa e mais indulgente com seus semelhantes, mais humilde, mais paciente na adversidade? De que serve ao avarento ser espírita, se continua avarento; ao orgulhoso, se continua cheio de si; ao invejoso, se continua ciumento? Todos os homens poderiam, portanto, acreditar nas manifestações, e a humanidade permanecer estagnada; mas esses não são os desígnios de Deus. É para o objetivo providencial que devem se voltar todas as sociedades espíritas sérias, reunindo ao seu redor todos os que compartilham os mesmos sentimentos; então haverá entre elas união, simpatia, fraternidade, e não um antagonismo vão e infantil de amor-próprio, mais de palavras do que de coisas; então serão fortes e poderosas, porque se apoiarão em uma base inabalável: o bem para todos; então serão respeitadas e farão calar a zombaria tola, porque falarão em nome da moral evangélica, respeitada por todos.

Esse é o caminho pelo qual temos nos esforçado para conduzir o espiritismo. A bandeira que erguemos bem alto é a do espiritismo cristão e humanitário, em torno da qual nos alegra ver tantos homens já se reunirem em todos os pontos do globo, porque compreendem que ali está a âncora de salvação, a proteção da ordem pública, o sinal de uma nova era para a humanidade. Convidamos todas as sociedades espíritas a contribuir para essa grande obra; que, de uma ponta do mundo à outra, estendam umas às outras uma mão fraterna, e prenderão o mal em redes das quais ele não poderá escapar.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. XXX — REGULAMENTO DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

✦

1 Fundada em 1º de abril de 1858 e autorizada por portaria do Sr. Prefeito de Polícia, datada de 13 de abril de 1358, conforme o parecer de S. Exa. o Sr. Ministro do Interior e da Segurança Geral.

2 Nota. Embora este regulamento seja fruto da experiência, não o apresentamos como uma lei absoluta, mas unicamente para facilitar a organização das sociedades que desejarem se formar e que poderão extrair dele as disposições que julgarem úteis e aplicáveis às suas circunstâncias próprias.

2.2 Por mais simplificada que seja sua organização, ela pode ser ainda muito mais simples quando se trata, não de sociedades regularmente constituídas, mas de simples reuniões íntimas que só precisam estabelecer medidas de ordem, de precaução e de regularidade nos trabalhos.

3 Também o apresentamos para orientar as pessoas que desejarem entrar em contato com a Sociedade Parisiense, seja como correspondentes, seja na qualidade de membros da Sociedade.

4 Capítulo primeiro. — Objetivo e formação da Sociedade.

5 Artigo 4º. — A Sociedade tem por objetivo o estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas e sua aplicação às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas. São proibidas nela as questões políticas, de controvérsia religiosa e de economia social.

[6] Ela adota o nome de Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

[7] Art. 2. — A Sociedade se compõe de membros titulares, associados livres e membros correspondentes.

[8] Ela pode conferir o título de membro honorário às pessoas residentes na França ou no exterior que, por sua posição ou por seus trabalhos, possam lhe prestar serviços relevantes.

[9] Os membros honorários são submetidos todos os anos à reeleição.

[10] Art. 3. — A Sociedade só admite pessoas que simpatizem com seus princípios e com o objetivo de seus trabalhos; aquelas que já estejam iniciadas nos princípios fundamentais da ciência espírita ou que estejam seriamente animadas pelo desejo de se instruir a respeito dela. Em consequência, exclui qualquer pessoa que possa trazer elementos de perturbação às reuniões, seja por um espírito de hostilidade e de oposição sistemática, seja por qualquer outra causa, e assim fazer perder tempo em discussões inúteis.

[11] Todos os membros devem uns aos outros benevolência e bom tratamento; devem, em todas as circunstâncias, colocar o bem geral acima das questões pessoais e de amor-próprio.

[12] Art. 4. — Para ser admitido como associado livre, é preciso dirigir ao Presidente um pedido por escrito, com o aval de dois membros titulares que se responsabilizem pelas intenções do candidato.

[13] A carta de solicitação deve informar resumidamente: 1º se o candidato já possui conhecimentos em matéria de espiritismo; 2º o estado de suas convicções sobre os pontos fundamentais da ciência; 3º o compromisso de se submeter em tudo ao regulamento.

14 O pedido é submetido à comissão, que o examina e propõe, se for o caso, a admissão, o adiamento ou a rejeição.

15 O adiamento é obrigatório para todo candidato que não possua nenhuma noção da ciência espírita e não simpatize com os princípios da Sociedade.

16 Os associados livres têm direito de assistir a todas as sessões e de participar dos trabalhos e das discussões que tenham por objetivo o estudo; mas em nenhum caso têm direito a voto nas questões relativas aos assuntos da Sociedade.

17 Os associados livres só assumem compromisso pelo ano de sua admissão, e sua permanência na Sociedade deve ser ratificada ao fim desse primeiro ano.

18 Art. 5. — Para ser membro titular, é preciso ter sido associado livre durante pelo menos um ano, ter assistido a mais da metade das sessões e ter dado, durante esse tempo, provas evidentes de seus conhecimentos e de suas convicções em matéria de espiritismo, de sua adesão aos princípios da Sociedade e de sua vontade de agir em todas as circunstâncias, em relação aos colegas, segundo os princípios da caridade e da moral espírita.

19 Os associados livres que tiverem assistido regularmente às sessões da Sociedade durante seis meses poderão ser admitidos como membros titulares se, quanto ao mais, preencherem as outras condições.

20 A admissão é proposta por iniciativa da comissão, com o consentimento do associado, se também tiver o apoio de três outros membros titulares. Em seguida, se for o caso, é aprovada pela Sociedade, por votação secreta, após um relatório verbal da comissão.

[21] Somente os membros titulares têm direito a voto e gozam da faculdade concedida pelo artigo 25.

[22] Art. 6. — A Sociedade limitará, se julgar conveniente, o número de associados livres e de membros titulares.

[23] Art. 7. — Os membros correspondentes são aqueles que, sem residir em Paris, mantêm contato com a Sociedade e lhe fornecem documentos úteis para seus estudos. Podem ser nomeados mediante a apresentação de um único membro titular.

[24] Capítulo 11. — Administração.

[25] Art. 8. — A Sociedade é administrada por um Presidente-diretor, auxiliado pelos membros da diretoria e por uma comissão.

[26] Art. 9. — A diretoria se compõe de:

[27] Além disso, poderão ser nomeados um ou mais Presidentes honorários.

[28] Na ausência do Presidente e do Vice-presidente, as sessões poderão ser presididas por um dos membros da comissão.

[29] Art. 10. — O Presidente-diretor deve dedicar todos os seus cuidados aos interesses da Sociedade e da ciência espírita. Cabe a ele a direção geral e a supervisão superior da administração, assim como a conservação dos arquivos.

[30] O Presidente é nomeado por três anos, e os outros membros da diretoria por um ano, podendo ser reeleitos indefinidamente.

31 Art. H. — A comissão é composta pelos membros da diretoria e por cinco outros membros titulares, escolhidos de preferência entre aqueles que tiverem colaborado ativamente nos trabalhos da Sociedade, prestado serviços à causa do espiritismo ou dado provas de seu espírito benevolente e conciliador. Esses cinco membros, assim como os membros da diretoria, são nomeados por um ano e podem ser reeleitos.

32 A comissão é presidida de direito pelo Presidente-diretor ou, na sua ausência, pelo Vice-presidente ou por aquele de seus membros que for designado para esse fim.

33 A comissão se encarrega do exame prévio de todas as questões e propostas administrativas e de outra natureza a serem submetidas à Sociedade; fiscaliza as receitas e as despesas da Sociedade e as contas do Tesoureiro; autoriza as despesas correntes e estabelece todas as medidas de ordem que forem julgadas necessárias.

34 Além disso, examina os trabalhos e temas de estudo propostos pelos diferentes membros, prepara também os seus e estabelece a ordem das sessões, de comum acordo com o Presidente.

35 O Presidente pode sempre se opor a que certos assuntos sejam tratados e incluídos na ordem do dia, devendo, nesse caso, submeter a questão à Sociedade, que decidirá.

36 A comissão se reúne regularmente antes da abertura das sessões para examinar os assuntos correntes, e também em qualquer outro momento que julgar conveniente.

37 Os membros da diretoria e da comissão que estiverem ausentes durante três meses consecutivos sem terem comunicado sua ausência serão considerados como tendo renunciado às suas funções, e serão tomadas providências para sua substituição.

38 Art. 12. — As decisões, tanto da Sociedade como da comissão, são tomadas pela maioria absoluta dos membros presentes; em caso de empate, o voto do Presidente é decisivo.

39 A comissão pode deliberar quando quatro de seus membros estiverem presentes.

40 A votação secreta é de direito quando solicitada por cinco membros.

41 Art. 13. — A cada três meses, seis membros, escolhidos entre os titulares ou os associados livres, são designados para exercer as funções de comissários.

42 Os comissários se encarregam de zelar pela ordem e pelo bom andamento das sessões e de verificar o direito de entrada de toda pessoa de fora que se apresentar para assistir a elas.

43 Para esse fim, os membros designados se organizarão para que um deles esteja presente na abertura das sessões.

44 Art. 14. — O ano social começa em 1º de abril.

45 As nomeações da diretoria e da comissão serão feitas na primeira sessão do mês de maio. Os membros em exercício continuarão em suas funções até essa data.

46 Art. 15. — Para cobrir as despesas da Sociedade, será paga uma contribuição anual de 24 francos pelos titulares e de 20 francos pelos associados livres.

47 Os membros titulares, no momento de sua admissão, pagam também uma taxa de entrada de 10 francos, cobrada uma única vez.

48 A contribuição é paga integralmente pelo ano corrente. Os membros admitidos ao longo do ano só terão de pagar, nesse primeiro ano, os trimestres restantes, incluindo o de sua admissão.

49 Quando marido e mulher forem admitidos como associados livres ou titulares, será exigida apenas uma contribuição e meia pelos dois.

50 A cada seis meses, em 1º de abril e em 1º de outubro, o Tesoureiro presta contas à comissão do emprego e da situação dos fundos.

51 Pagas as despesas correntes de aluguel e os outros gastos obrigatórios, se houver um excedente, a Sociedade determinará seu emprego.

52 Art. 46. — A todos os membros admitidos, associados livres ou titulares, é entregue um cartão de admissão que comprova sua categoria. Esse cartão fica com o Tesoureiro, de quem o novo membro pode retirá-lo ao pagar sua contribuição e a taxa de entrada. O novo membro só pode assistir às sessões depois de retirar seu cartão. Se não o tiver retirado um mês após sua nomeação, será considerado como tendo renunciado.

53 Também será considerado como tendo renunciado todo membro que não tiver pago sua contribuição anual no primeiro mês do novo ano social, após um aviso do Tesoureiro que tenha ficado sem efeito.

54 Capítulo III. — Das sessões.

55 Art. 17. — As sessões da Sociedade acontecem todas as sextas-feiras, às oito horas da noite, podendo haver alteração, se necessário.

56 As sessões são particulares ou gerais; nunca são públicas.

57 Toda pessoa que faça parte da Sociedade, a qualquer título, deve assinar uma lista de presença em cada sessão.

58 Art. 48. — O silêncio e o recolhimento são rigorosamente exigidos durante as sessões, principalmente durante os estudos. Ninguém pode tomar a palavra sem a permissão do Presidente.

59 Todas as perguntas dirigidas aos Espíritos devem ser feitas por intermédio do Presidente, que pode se recusar a formulá-las, conforme as circunstâncias.

60 São especialmente proibidas todas as perguntas fúteis, de interesse pessoal, de pura curiosidade ou feitas com o objetivo de submeter os Espíritos a provas, assim como todas aquelas que não tenham um objetivo de utilidade geral do ponto de vista dos estudos.

61 Art. 19. — Todo membro tem o direito de pedir uma advertência contra quem se afastar das regras de boa conduta na discussão ou perturbar as sessões de qualquer maneira. A advertência é imediatamente posta em votação; se for aprovada, será registrada em ata.

62 Três advertências no espaço de um ano acarretam de direito a exclusão do membro que as tiver recebido, seja qual for sua categoria.

63 Art. 20. — Nenhuma comunicação espírita obtida fora da Sociedade pode ser lida antes de ter sido submetida ao Presidente ou à comissão, que podem autorizar ou recusar sua leitura.

64 Uma cópia de toda comunicação de fora cuja leitura tiver sido autorizada deve ficar depositada nos arquivos.

65 Todas as comunicações obtidas durante as sessões pertencem à Sociedade; os médiuns que as escreveram podem tirar cópia delas.

66 Art. 21. — As sessões particulares são reservadas aos membros da Sociedade; acontecem na 1ª, na 3ª e, quando houver, na 5ª sexta-feira de cada mês.

67 A Sociedade reserva às sessões particulares todas as questões relativas aos seus assuntos administrativos, assim como os temas de estudo que exijam maior tranquilidade e concentração, ou que julgue conveniente aprofundar antes de apresentá-los a pessoas de fora.

68 Além dos membros titulares e dos associados livres, têm direito de assistir às sessões particulares os membros correspondentes que estiverem temporariamente em Paris e os médiuns que prestem sua colaboração à Sociedade.

69 Nenhuma pessoa de fora da Sociedade é admitida às sessões particulares, salvo em casos excepcionais e com o consentimento prévio do Presidente.

70 Art. 22. — As sessões gerais acontecem na 2ª e na 4ª sexta-feira de cada mês.

71 Nas sessões gerais, a Sociedade autoriza a admissão de ouvintes de fora, que podem assistir a elas temporariamente sem fazer parte da Sociedade. Ela pode retirar essa autorização quando julgar conveniente.

72 Ninguém pode assistir às sessões como ouvinte sem ser apresentado ao Presidente por um membro da Sociedade, que se responsabilize pelo cuidado do ouvinte em não causar perturbação nem interrupção.

73 A Sociedade só admite como ouvintes as pessoas que aspirem a se tornar membros ou que simpatizem com seus trabalhos e já estejam suficientemente iniciadas na ciência espírita para compreendê-los. A admissão deve ser recusada de maneira absoluta a quem seja atraído apenas por curiosidade ou tenha opiniões hostis.

74 Os ouvintes não podem tomar a palavra, salvo em casos excepcionais avaliados pelo Presidente. Aquele que perturbar a ordem de qualquer maneira ou manifestar má vontade em relação aos trabalhos da Sociedade poderá ser convidado a se retirar e, em todos os casos, o fato será registrado na lista de admissão, e sua entrada será proibida no futuro.

75 Como o número de ouvintes deve se limitar ao de lugares disponíveis, aqueles que puderem assistir às sessões deverão ser inscritos antecipadamente em um registro destinado a esse fim, com indicação de seu endereço e da pessoa que os recomenda. Em consequência, todo pedido de entrada deverá ser dirigido vários dias antes da sessão ao Presidente, que é o único a emitir as cartas de apresentação até o encerramento da lista.

76 As cartas de apresentação só podem ser usadas no dia indicado e pelas pessoas designadas.

77 A entrada não pode ser concedida ao mesmo ouvinte para mais de duas sessões, salvo com autorização do Presidente e em casos excepcionais. O mesmo membro não pode apresentar mais de duas pessoas de cada vez. As entradas concedidas pelo Presidente não são limitadas.

78 Os ouvintes não são mais admitidos depois da abertura da sessão.

79 Capítulo IV. — Disposições diversas.

80 Art. 23. — Todos os membros da Sociedade lhe devem sua colaboração. Em consequência, são convidados a recolher, em seus respectivos campos de observação, os fatos antigos ou recentes que possam se relacionar com o espiritismo e a comunicá-los. Ao mesmo tempo, deverão procurar se informar, tanto quanto estiver ao seu alcance, sobre a notoriedade desses fatos.

81 Também são convidados a comunicar à Sociedade todas as publicações que possam ter uma relação mais ou menos direta com o objetivo de seus trabalhos.

82 Art. 24. — A Sociedade faz um exame crítico das diversas obras publicadas sobre o espiritismo, quando julgar conveniente. Para esse fim, encarrega um de seus membros, associado livre ou titular, de apresentar uma resenha que será publicada, se for o caso, na Revista Espírita.

83 Art. 25. — A Sociedade criará uma biblioteca especial, composta pelas obras que lhe forem oferecidas e por aquelas que adquirir.

84 Os membros titulares poderão ir à sede da Sociedade consultar tanto a biblioteca como os arquivos, nos dias e horários que forem fixados para esse fim.

85 Art. 26. — Considerando a Sociedade que sua responsabilidade pode ficar moralmente comprometida pelas publicações particulares de seus membros, ninguém pode usar, em qualquer escrito, o título de membro da Sociedade sem ser autorizado por ela e sem que ela tenha tomado conhecimento prévio do manuscrito.

85.2 A comissão será encarregada de lhe apresentar um relatório a esse respeito. Se a Sociedade julgar o escrito incompatível com seus princípios, o autor, depois de ser ouvido, será convidado a modificá-lo, a renunciar à sua publicação ou, por fim, a não se identificar como membro da Sociedade. Se não se submeter à decisão tomada, sua exclusão poderá ser decretada.

86 Todo escrito publicado por um membro da Sociedade sob o anonimato e sem nenhuma menção que permita identificá-lo como tal entra na categoria das publicações comuns, que a Sociedade se reserva o direito de avaliar. Contudo, sem querer dificultar a livre expressão das opiniões pessoais, a Sociedade convida os membros que tiverem a intenção de fazer publicações desse gênero a solicitar previamente seu parecer informal, no interesse da ciência.

87 Art. 27. — A Sociedade, desejando manter em seu meio a unidade de princípios e o espírito de benevolência recíproca, poderá decretar a exclusão de todo membro que seja causa de perturbação ou se coloque em hostilidade aberta contra ela por meio de escritos que comprometam a doutrina, de opiniões subversivas ou de uma maneira de agir que ela não possa aprovar.

87.2 A exclusão, contudo, só será decretada depois de uma advertência informal prévia que tenha ficado sem efeito e depois de ouvir o membro acusado, se ele julgar conveniente se explicar. A decisão será tomada por votação secreta e pela maioria de três quartos dos membros presentes.

88 Art. 28. — Todo membro que se retirar voluntariamente ao longo do ano não poderá reclamar a diferença das contribuições que tiver pago; essa diferença será reembolsada em caso de exclusão decretada pela Sociedade.

89 Art. 29. — O presente regulamento poderá ser modificado, se for o caso. As propostas de modificação só poderão ser apresentadas à Sociedade por intermédio de seu Presidente, a quem deverão ser transmitidas, e caso tenham sido aceitas pela comissão.

90 A Sociedade pode, sem modificar seu regulamento nos pontos essenciais, adotar todas as medidas complementares que julgar úteis.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. XXXI — DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS

✦

1 Reunimos neste capítulo algumas mensagens espontâneas que podem completar e confirmar os princípios contidos nesta obra. Poderíamos ter citado um número muito maior, mas nos limitamos às que dizem respeito mais particularmente ao futuro do espiritismo, aos médiuns e às reuniões. Nós as apresentamos tanto como instrução quanto como modelos do gênero das comunicações verdadeiramente sérias. Terminamos com algumas comunicações apócrifas, seguidas de observações que ajudam a reconhecê-las.

2 Sobre o espiritismo.

3 Tenham confiança na bondade de Deus e sejam esclarecidos o bastante para compreender os preparativos da nova vida que ele lhes destina. É verdade que não lhes será dado desfrutá-la nesta existência; mas, se não voltarem a viver neste globo, não ficarão felizes ao contemplar do alto a obra que terão começado e que se desenvolverá diante de seus olhos?

3.2 Protejam-se com uma fé firme e sem hesitação contra os obstáculos que parecem destinados a se erguer contra o edifício cujos alicerces vocês estão lançando. As bases em que ele se apoia são sólidas: o Cristo lançou sua primeira pedra. Coragem, portanto, arquitetos do divino mestre! Trabalhem, construam, Deus coroará sua obra.

3.3 Mas lembrem-se bem de que o Cristo não reconhece como discípulo quem só tem a caridade nos lábios; não basta crer, é preciso principalmente dar o exemplo da bondade, da benevolência e do desprendimento; sem isso, sua fé será estéril para vocês. Santo Agostinho.

4 O próprio Cristo preside os trabalhos de toda natureza que estão em andamento para lhes abrir a era de renovação e de aperfeiçoamento que seus guias espirituais lhes predizem.

4.2 De fato, se olharem, além das manifestações espíritas, para os acontecimentos contemporâneos, reconhecerão, sem nenhuma hesitação, os sinais precursores que lhes provarão de maneira incontestável que os tempos preditos chegaram.

4.3 As comunicações se estabelecem entre todos os povos; derrubadas as barreiras materiais, os obstáculos morais que se opõem à sua união, os preconceitos políticos e religiosos, desaparecerão rapidamente, e o reinado da fraternidade se estabelecerá enfim de maneira sólida e duradoura.

4.4 Observem, desde hoje, os próprios soberanos, impelidos por uma mão invisível, tomarem a iniciativa das reformas, coisa inédita para vocês; e as reformas que partem do alto e espontaneamente são muito mais rápidas e duradouras que as que partem de baixo e são arrancadas à força.

4.5 Apesar dos preconceitos da infância e da educação, apesar do culto à lembrança, eu havia pressentido a época atual; fico feliz com isso e ainda mais feliz por vir lhes dizer: Irmãos, coragem!

4.6 Trabalhem por vocês e pelo futuro dos seus; trabalhem sobretudo por seu aperfeiçoamento pessoal, e desfrutarão, em sua primeira existência, de uma felicidade da qual lhes é tão difícil fazer uma ideia quanto a mim fazê-los compreendê-la.

[5] Chateaubriand.

[6] Penso que o espiritismo é um estudo inteiramente filosófico das causas secretas, dos movimentos interiores da alma pouco ou nada definidos até aqui. Ele explica, mais ainda do que descobre novos horizontes. A reencarnação e as provas enfrentadas antes de chegar ao objetivo supremo não são revelações, mas uma confirmação importante.

6.2 Fico impressionado com as verdades que esse meio traz à luz. Digo meio de propósito, pois, a meu ver, o espiritismo é uma alavanca que afasta as barreiras da cegueira.

6.3 A preocupação com as questões morais ainda está inteiramente por despertar; discute-se a política que mobiliza os interesses gerais, discutem-se os interesses particulares, as pessoas se apaixonam pelo ataque ou pela defesa de personalidades; os sistemas têm seus partidários e seus detratores; mas as verdades morais, aquelas que são o pão da alma, o pão da vida, ficam abandonadas na poeira acumulada pelos séculos.

6.4 Todos os aperfeiçoamentos são úteis aos olhos da multidão, exceto o da alma; sua educação, sua elevação são quimeras que servem, quando muito, para ocupar as horas livres dos sacerdotes, dos poetas, das mulheres, seja como moda, seja como ensinamento.

[7] Se o espiritismo ressuscitar o espiritualismo, devolverá à sociedade o impulso que dá a uns a dignidade interior, a outros a resignação, a todos a necessidade de se elevar ao Ser supremo, esquecido e desconhecido por suas ingratas criaturas. J.-J. Rousseau.

[8] Se Deus envia Espíritos para instruir os homens, é para esclarecê-los sobre seus deveres, mostrar-lhes o caminho que pode abreviar suas provas e, assim, apressar seu adiantamento; ora, assim como o fruto chega à maturi-

dade, o homem também chegará à perfeição.

8.2 Mas, ao lado dos bons Espíritos que querem o bem de vocês, há também os Espíritos imperfeitos que lhes querem o mal; enquanto uns os impulsionam para a frente, outros os puxam para trás; é em distingui-los que vocês devem concentrar toda a atenção; o meio é fácil: procurem apenas compreender que nada do que vem de um bom Espírito pode prejudicar quem quer que seja, e que tudo o que é mau só pode vir de um mau Espírito.

8.3 Se não escutam os sábios conselhos dos Espíritos que lhes querem bem, se ficam ofendidos com as verdades que eles podem lhes dizer, é evidente que são maus Espíritos que os aconselham; só o orgulho pode impedi-los de se verem tais como são; mas, se vocês mesmos não o veem, outros o veem por vocês; de modo que são censurados tanto pelos homens que riem de vocês pelas costas quanto pelos Espíritos. Um Espírito familiar.

9 Sua doutrina é bela e santa; o primeiro marco está fincado, e solidamente fincado. Agora, vocês só têm de caminhar; o caminho que lhes está aberto é amplo e majestoso. Bem-aventurado aquele que chegar ao porto; quanto mais adeptos tiver conquistado, mais isso lhe será levado em conta.

9.2 Mas, para isso, não se deve abraçar a doutrina friamente; é preciso colocar nisso ardor, e esse ardor será duplicado, pois Deus está sempre com vocês quando fazem o bem. Todos os que vocês trouxerem serão outras tantas ovelhas que voltaram ao redil; pobres ovelhas quase perdidas!

9.3 Acreditem que o mais cético, o mais ateu, enfim, o mais incrédulo, sempre tem um pequeno recanto no coração que gostaria de poder esconder de si mesmo. Pois bem!

9.4 É esse pequeno recanto que se deve procurar, que se deve encontrar; é esse lado vulnerável que se deve atacar; é uma pequena brecha deixada aberta de propósito por Deus para facilitar à sua criatura o meio de voltar ao seu seio.

10 São Bento.

11 Não se assustem com certos obstáculos, com certas controvérsias.

12 Não atormentem ninguém com insistência alguma; os incrédulos só serão persuadidos pelo desprendimento de vocês, por sua tolerância e sua caridade para com todos, sem exceção.

13 Evitem sobretudo forçar a opinião alheia, mesmo por suas palavras ou por demonstrações públicas. Quanto mais modestos forem, mais conseguirão ser estimados. Que nenhum motivo pessoal os leve a agir, e encontrarão em suas consciências uma força de atração que só o bem proporciona. Os Espíritos, por ordem de Deus, trabalham pelo progresso de todos, sem exceção; vocês, espíritas, façam o mesmo.

14 São Luís. Qual é a instituição humana, até mesmo divina, que não teve obstáculos a superar, cismas contra os quais precisou lutar? Se vocês só tivessem uma existência triste e moribunda, ninguém os atacaria, sabendo bem que devem sucumbir de um momento para outro; mas, como sua vitalidade é forte e ativa, como a árvore espírita tem raízes fortes, supõe-se que ela pode viver muito tempo, e tentam golpeá-la com o machado.

14.2 O que farão esses invejosos? Derrubarão, quando muito, alguns galhos, que voltarão a crescer com uma nova seiva e serão mais fortes do que nunca. Channing.

15 Vou lhes falar sobre a firmeza que devem ter em seus trabalhos espíritas. Foi-lhes feita uma citação sobre esse assunto; aconselho que a estudem de coração e apliquem a si mesmos seu espírito; pois, assim como São Paulo, vocês serão perseguidos, não em carne e osso, mas em espírito; os incrédulos, os fariseus da época, os censurarão, zombarão de vocês; mas não temam nada, será uma prova que os fortalecerá se souberem relacioná-la a Deus, e mais tarde verão seus esforços coroados de sucesso; será um grande triunfo para vocês no dia da eternidade, sem esquecer que, neste mundo, já é uma consolação para as pessoas que perderam parentes e amigos; saber que eles são felizes, que se pode comunicar com eles, é uma felicidade.

15.2 Sigam, por conseguinte, em frente; cumpram a missão que Deus lhes dá, e ela lhes será levada em conta no dia em que comparecerem diante do Todo-Poderoso. Channing.

16 Venho, eu, seu Salvador e seu juiz; venho, como outrora, entre os filhos desviados de Israel; venho trazer a verdade e dissipar as trevas. Escutem-me. O espiritismo, como outrora minha palavra, deve lembrar aos materialistas que acima deles reina a verdade imutável: Deus bom, o Deus grandioso que faz a planta germinar e levanta as ondas. Revelei a doutrina divina; como um ceifeiro, reuni em feixes o bem espalhado pela humanidade e disse: Venham a mim, todos vocês que sofrem!

17 Mas os homens ingratos se afastaram do caminho reto e amplo que conduz ao reino de meu Pai e se perderam nas ásperas veredas da impiedade. Meu Pai não quer aniquilar a raça humana; ele quer, já não por meio de profetas, já não por meio de apóstolos, ele quer que, ajudando uns aos ou-

tros, mortos e vivos, isto é, mortos segundo a carne, pois a morte não existe, vocês se socorram, e que a voz daqueles que já se foram ainda se faça ouvir para lhes gritar: Orem e creiam!

17.2 Pois a morte é a ressurreição, e a vida, a prova escolhida durante a qual suas virtudes cultivadas devem crescer e se desenvolver como o cedro.

18 Creiam nas vozes que lhes respondem: são as próprias almas daqueles que vocês evocam. Só me comunico raramente; meus amigos, aqueles que assistiram à minha vida e à minha morte, são os intérpretes divinos das vontades de meu Pai.

19 Homens fracos que creem no erro de suas inteligências obscuras, não apaguem a chama que a clemência divina coloca em suas mãos para iluminar seu caminho e levá-los de volta, filhos perdidos, ao seio de seu Pai.

20 Eu lhes digo, em verdade, creiam na diversidade, na multiplicidade dos Espíritos que os cercam. Sinto compaixão demais por suas misérias, por sua imensa fraqueza, para deixar de estender uma mão que socorra os infelizes desviados que, vendo o céu, caem no abismo do erro. Creiam, amem, compreendam as verdades que lhes são reveladas; não misturem o joio ao bom grão, os sistemas às verdades.

21 Espíritas! Amem uns aos outros, eis o primeiro ensinamento; instruam-se, eis o segundo. Todas as verdades se encontram no cristianismo; os erros que nele criaram raízes são de origem humana; e eis que, de além do túmulo que vocês julgavam ser o nada, vozes lhes gritam: Irmãos! Nada perece; Jesus Cristo é o vencedor do mal, sejam os vencedores da impiedade.

22 Observação. Esta comunicação, obtida por um dos melhores médiuns da sociedade espírita de Paris, está assinada com um nome que o respeito só nos permite reproduzir com todas as reservas, tão grande seria o extraordinário favor de sua autenticidade, e porque se tem abusado dele com muita frequência em comunicações evidentemente apócrifas; esse nome é o de Jesus de Nazaré.

22.2 Não duvidamos de modo algum de que ele possa se manifestar; mas, se os Espíritos verdadeiramente superiores só o fazem em circunstâncias excepcionais, a razão nos impede de acreditar que o Espírito puro por excelência responda ao chamado do primeiro que aparecer; em qualquer caso, seria uma profanação atribuir-lhe uma linguagem indigna dele.

23 Foi por essas considerações que sempre nos abstivemos de publicar qualquer coisa que trouxesse esse nome; e acreditamos que nunca é demais ter cautela com publicações desse gênero, cuja autenticidade só existe para o amor-próprio, e cujo menor inconveniente é fornecer armas aos adversários do espiritismo.

24 Como dissemos, quanto mais elevados são os Espíritos na hierarquia, mais seu nome deve ser recebido com desconfiança; seria preciso ter uma dose muito grande de orgulho para se vangloriar do privilégio de receber suas comunicações e se julgar digno de conversar com eles como com seus iguais. Na comunicação acima, constatamos apenas uma coisa: a superioridade incontestável da linguagem e dos pensamentos, deixando a cada um o cuidado de julgar se aquele cujo nome ela traz não a rejeitaria.

25 Sobre os médiuns.

26 Todos os homens são médiuns; todos têm um Espírito que os dirige para o bem, quando sabem ouvi-lo. Agora, que alguns se comuniquem diretamente com ele por uma mediunidade particular, que outros só o ouçam pela voz do coração e da inteligência, pouco importa: nem por isso deixa de ser seu Espírito familiar quem os aconselha.

26.2 Chamem-no espírito, razão, inteligência, é sempre uma voz que responde à sua alma e lhes dita boas palavras; apenas vocês nem sempre as compreendem. Nem todos sabem agir segundo os conselhos da razão, não dessa razão que se arrasta e rasteja em vez de caminhar, dessa razão que se perde em meio aos interesses materiais e grosseiros, mas dessa razão que eleva o homem acima de si mesmo, que o transporta a regiões desconhecidas; chama sagrada que inspira o artista e o poeta, pensamento divino que eleva o filósofo, impulso que arrebata os indivíduos e os povos, razão que as pessoas comuns não conseguem compreender, mas que eleva o homem e o aproxima de Deus, mais do que qualquer outra criatura, entendimento que sabe conduzi-lo do conhecido ao desconhecido e o faz realizar as coisas mais sublimes.

26.3 Ouçam, portanto, essa voz interior, esse bom gênio que lhes fala sem cessar, e chegarão progressivamente a ouvir seu anjo da guarda, que lhes estende a mão do alto do céu; repito: a voz íntima que fala ao coração é a dos bons Espíritos, e é desse ponto de vista que todos os homens são médiuns. Channing.

27 O dom da mediunidade é tão antigo quanto o mundo; os profetas eram médiuns; os mistérios de Elêusis se baseavam na mediunidade; os caldeus, os assírios, tinham médiuns; Sócrates era dirigido por um Espírito que lhe inspirava os admiráveis princípios de sua filosofia; ele ouvia sua voz.

27.2 Todos os povos tiveram seus médiuns, e as inspirações de Joana d'Arc nada mais eram que as vozes de Espíritos benfeitores que a dirigiam. Esse dom, que agora se espalha, havia se tornado mais raro na Idade Média, mas nunca deixou de existir. Swedenborg e seus adeptos tiveram uma escola numerosa.

27.3 A França dos séculos passados, zombeteira e ocupada com uma filosofia que, querendo destruir os abusos da intolerância religiosa, apagava pelo ridículo tudo o que era ideal, a França devia afastar o espiritismo, que não cessava de progredir no Norte.

27.4 Deus havia permitido essa luta das ideias positivas contra as ideias espiritualistas, porque o fanatismo fizera destas últimas uma arma; agora que os progressos da indústria e das ciências desenvolveram a arte de viver bem a tal ponto que as tendências materiais se tornaram dominantes, Deus quer que os Espíritos sejam reconduzidos aos interesses da alma; quer que o aperfeiçoamento do homem moral se torne o que deve ser, isto é, a finalidade e o objetivo da vida.

27.5 O Espírito humano segue uma marcha necessária, imagem da gradação por que passa tudo o que povoa o universo visível e invisível; todo progresso chega a seu tempo: chegou para a humanidade a hora da elevação moral; ela ainda não se realizará plenamente nos dias de vocês; mas agradeçam ao Senhor por presenciarem essa aurora abençoada. Pierre Jouty (pai do médium).

28 Deus me encarregou de uma missão a cumprir junto aos crentes que ele favorece com a mediunidade. Quanto mais graças recebem do Altíssimo, mais perigos correm, e esses perigos são tanto maiores por nascerem dos

próprios favores que Deus lhes concede. As faculdades de que os médiuns desfrutam atraem os elogios dos homens; as felicitações, as adulações: eis seu obstáculo.

28.2 Esses mesmos médiuns, que deveriam ter sempre em mente sua incapacidade inicial, esquecem-se dela; fazem mais: aquilo que devem apenas a Deus, atribuem ao próprio mérito. O que acontece então?

28.3 Os bons Espíritos os abandonam; eles se tornam joguetes dos maus e já não têm bússola para se guiar; quanto mais capazes se tornam, mais são levados a atribuir a si mesmos um mérito que não lhes pertence, até que, por fim, Deus os puna, retirando-lhes uma faculdade que só pode lhes ser fatal.

29 Nunca será demais lembrar a vocês que se recomendem ao seu anjo da guarda, para que ele os ajude a estar sempre atentos contra seu mais cruel inimigo, que é o orgulho.

30 DISSERTAÇÕES Espíritas.

31 Lembrem-se bem, vocês que têm a felicidade de ser os intérpretes entre os Espíritos e os homens, de que, sem o apoio de nosso divino mestre, serão punidos mais severamente, porque terão sido mais favorecidos.

32 Espero que esta comunicação produza seus frutos, e desejo que ela possa ajudar os médiuns a se precaverem contra o obstáculo em que viriam a se destruir; esse obstáculo, como eu lhes disse, é o orgulho. Joana d'Arc.

33 Quando quiserem receber comunicações de bons Espíritos, é importante que se preparem para esse favor pelo recolhimento, por intenções sadias e pelo desejo de fazer o bem em vista do progresso geral; pois lembrem-se de que o egoísmo é uma causa de atraso em todo avanço.

33.2 Lembrem-se de que, se Deus permite a alguns de vocês receber o sopro de certos filhos seus que, por sua conduta, souberam merecer a felicidade de compreender sua bondade infinita, é porque ele deseja, a nosso pedido e em consideração às suas boas intenções, dar a vocês os meios de avançar em seu caminho; assim, portanto, médiuns!

33.3 Aproveitem essa faculdade que Deus deseja lhes conceder. Tenham fé na mansidão de nosso mestre; pratiquem sempre a caridade; nunca se cansem de exercer essa sublime virtude, assim como a tolerância.

33.4 Que suas ações estejam sempre em harmonia com sua consciência: esse é um meio seguro de multiplicar por cem sua felicidade nesta vida passageira e de preparar para vocês uma existência ainda mil vezes mais doce.

34 Que o médium entre vocês que não se sentir com forças para perseverar no ensinamento espírita se abstenha; pois, não aproveitando a luz que o ilumina, será menos desculpável que outro e deverá expiar sua cegueira. Pascal.

35 Falarei hoje a vocês do desinteresse, que deve ser uma das qualidades essenciais dos médiuns, assim como a modéstia e a dedicação. Deus lhes deu essa faculdade para que ajudem a propagar a verdade, mas não para fazer dela um comércio; e com isso não me refiro apenas aos que quisessem explorá-la como fariam com um talento comum, que se tornariam médiuns como alguém se torna dançarino ou cantor, mas a todos os que pretendessem usá-la com quaisquer interesses pessoais.

35.2 É racional acreditar que bons Espíritos, e menos ainda Espíritos superiores, que condenam a cobiça, consintam em se exibir como espetáculo e, como figurantes, se coloquem à disposição de um empresário de mani-

festações espíritas? Tampouco é racional supor que bons Espíritos possam favorecer propósitos de orgulho e ambição.

35.3 Deus lhes permite se comunicar com os homens para tirá-los do lamaçal terrestre, e não para servir de instrumentos às paixões mundanas. Portanto, ele não pode ver com prazer aqueles que desviam de seu verdadeiro objetivo o dom que lhes deu, e eu lhes asseguro que serão punidos por isso, mesmo aqui na Terra, pelas mais amargas decepções.

36 Delphine de Girardin.

37 Todos os médiuns são incontestavelmente chamados a servir à causa do espiritismo na medida de sua faculdade, mas há bem poucos que não se deixam apanhar na armadilha do amor-próprio; é uma pedra de toque que raramente deixa de produzir seu efeito; assim, entre cem médiuns, vocês mal encontrarão um, por mais insignificante que seja, que não tenha se julgado, nos primeiros tempos de sua mediunidade, chamado a obter resultados superiores e predestinado a grandes missões.

37.2 Os que sucumbem a essa esperança vaidosa, e são muitos, tornam-se presas inevitáveis de Espíritos obsessores, que não tardam a subjugá-los, lisonjeando seu orgulho e explorando seu ponto fraco; quanto mais quiseram se elevar, mais ridícula é sua queda, quando não é desastrosa para eles.

37.3 As grandes missões só são confiadas a homens de elite, e o próprio Deus os coloca, sem que eles o procurem, no meio e na posição em que sua colaboração poderá ser eficaz.

37.4 Nunca será demais recomendar aos médiuns inexperientes que desconfiem do que certos Espíritos poderão lhes dizer a respeito do suposto papel que são chamados a desempenhar; pois, se o levarem a sério, só colherão decepção neste mundo e um severo castigo no outro.

37.5 Que se convençam de que, na esfera modesta e obscura em que estão colocados, podem prestar grandes serviços, ajudando na conversão dos incrédulos ou dando consolo aos aflitos; se tiverem de sair dela, serão conduzidos por uma mão invisível que preparará os caminhos, e postos em evidência, por assim dizer, contra a própria vontade.

37.6 Que se lembrem destas palavras: « Todo aquele que se eleva será rebaixado, e todo aquele que se rebaixa será elevado. »

38 O Espírito de verdade.

39 Sobre as sociedades espíritas.

40 Nota. Entre as comunicações seguintes, algumas foram dadas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas ou a ela destinadas; outras, que nos foram transmitidas por diversos médiuns, contêm conselhos gerais sobre as reuniões, sua formação e os obstáculos que podem encontrar.

41 Por que vocês não começam suas sessões com uma invocação geral, uma espécie de oração que favoreça o recolhimento? Pois saibam bem: sem o recolhimento, vocês só terão comunicações superficiais; os bons Espíritos só vão aonde são chamados com fervor e sinceridade.

41.2 É isso que não se compreende o bastante; cabe, portanto, a vocês dar o exemplo; a vocês que, se quiserem, podem se tornar uma das colunas do novo edifício. Vemos seus trabalhos com prazer e os ajudamos, mas com a condição de que vocês também colaborem conosco e se mostrem à altura da missão que são chamados a cumprir.

41.3 Unam-se, portanto, e serão fortes, e os maus Espíritos não prevalecerão contra vocês. Deus ama os simples de espírito, o que não quer dizer os tolos, mas aqueles que renunciam a si mesmos e vão até ele sem orgulho.

41.4 Vocês podem se tornar um foco de luz para a humanidade; saibam, por conseguinte, distinguir o bom grão do joio; semeiem apenas o bom grão e tomem cuidado para não espalhar o joio, pois o joio impedirá o bom grão de crescer, e vocês seriam responsáveis por todo o mal que ele tivesse feito; da mesma forma, seriam responsáveis pelas más doutrinas que pudessem propagar.

41.5 Lembrem-se de que um dia o mundo pode estar de olhos voltados para vocês; façam, portanto, com que nada manche o brilho das boas coisas que sairão do seu meio; é por isso que recomendamos que orem a Deus para que os ampare. Santo Agostinho.

42 Santo Agostinho, a quem se pediu que ditasse uma fórmula de invocação geral, respondeu:

43 Vocês sabem que não existe fórmula absoluta: Deus é grande demais para dar mais importância às palavras do que ao pensamento. Portanto, não pensem que basta pronunciar algumas palavras para afastar os maus Espíritos; tomem cuidado, sobretudo, para não fazer dela uma dessas fórmulas banais que se recitam para desencargo de consciência; sua eficácia está na sinceridade do sentimento que a inspira; está, sobretudo, na unanimidade da intenção, pois nenhum daqueles que não se associarem a ela de coração poderá se beneficiar dela, nem fazer com que os outros se beneficiem. Redijam-na, portanto, vocês mesmos e submetam-na a mim, se quiserem; eu os ajudarei.

44 Nota. A seguinte fórmula de invocação geral foi redigida com a colaboração do Espírito, que a completou em vários pontos.

45 « Pedimos a Deus Todo-Poderoso que nos envie bons Espíritos para nos assistir e afaste aqueles que poderiam nos induzir ao erro; dai-nos a luz necessária para distinguir a verdade da impostura.

46 « Afastai também os Espíritos mal-intencionados que poderiam semear a desunião entre nós, despertando a inveja, o orgulho e o ciúme. Se alguns tentarem se introduzir aqui, em nome de Deus, nós os exortamos a se retirar.

47 « Bons Espíritos que presidis aos nossos trabalhos, dignai-vos vir nos instruir e tornai-nos dóceis aos vossos conselhos. Fazei com que todo sentimento pessoal se apague em nós diante do pensamento do bem geral.

48 « Pedimos especialmente ao nosso protetor particular que tenha a bondade de nos dar sua colaboração hoje. »

49 Meus amigos, deixem-me dar um conselho, pois vocês caminham por um terreno novo, e, se seguirem o caminho que indicamos, não se perderão. Disseram a vocês uma coisa muito verdadeira, que queremos lembrar: o espiritismo é apenas uma moral e não deve sair dos limites da filosofia, ou deve sair muito pouco, se não quiser cair no domínio da curiosidade.

49.2 Deixem de lado as questões científicas: a missão dos Espíritos não é resolvê-las, poupando vocês do esforço das pesquisas, mas procurar torná-los melhores, pois é assim que vocês realmente avançarão. São Luís.

50 Zombaram das mesas girantes; nunca zombarão da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias. Aquilo foi a entrada da ciência; é ali que, ao entrar, se devem deixar os preconceitos, assim como se deixa o casaco. Nunca será demais recomendar que façam de suas reuniões um centro sério.

50.2 Que em outros lugares se façam demonstrações físicas, que em outros lugares se veja, que em outros lugares se ouça; que entre vocês se compreenda e se ame. O que vocês pensam ser aos olhos dos Espíritos superiores depois de fazerem uma mesa girar ou se levantar? Alunos de escola; será que o sábio passa seu tempo revendo o a, b, c da ciência?

50.3 Ao passo que, quando veem vocês buscando comunicações sérias, consideram-nos pessoas sérias em busca da verdade. São Luís.

51 Tendo-se perguntado a São Luís se ele pretendia, com isso, censurar as manifestações físicas, ele respondeu:

52 « Eu não poderia censurar as manifestações físicas, pois, se elas acontecem, é com a permissão de Deus e com um propósito útil; ao dizer que foram a entrada da ciência, atribuo a elas seu verdadeiro lugar e reconheço sua utilidade. Censuro apenas aqueles que fazem delas um objeto de diversão e curiosidade, sem tirar delas o ensinamento que é sua consequência; elas estão para a filosofia do espiritismo como a gramática está para a literatura, e quem chegou a certo grau numa ciência já não perde seu tempo revendo seus elementos. »

53 Meus amigos e fiéis crentes, fico sempre feliz por poder conduzi-los no caminho do bem; é uma doce missão que Deus me dá e da qual me orgulho, porque ser útil é sempre uma recompensa. Que o Espírito de caridade os reúna, tanto a caridade que dá como aquela que ama.

53.2 Mostrem-se pacientes diante das ofensas de seus detratores; sejam firmes no bem e, sobretudo, humildes diante de Deus; só a humildade eleva: é a única grandeza que Deus reconhece. Só então os bons Espíritos virão até vocês; caso contrário, o do mal se apoderaria de sua alma.

53.3 Sejam abençoados em nome do Criador, e vocês crescerão aos olhos dos homens, ao mesmo tempo que aos de Deus. São Luís.

54 A união faz a força; sejam unidos para serem fortes. O espiritismo germinou, lançou raízes profundas; vai estender sobre a terra seus ramos benéficos. É preciso que vocês se tornem invulneráveis às flechas envenenadas da calúnia e à sombria falange dos Espíritos ignorantes, egoístas e hipócritas.

54.2 Para conseguir isso, que a indulgência e a benevolência recíprocas orientem suas relações; que seus defeitos passem despercebidos, que apenas suas qualidades sejam notadas; que a chama da santa amizade reúna, ilumine e aqueça seus corações, e vocês resistirão aos ataques impotentes do mal, como a rocha inabalável resiste à onda furiosa.

55 São Vicente de Paulo.

56 Meus amigos, vocês querem formar uma reunião espírita, e eu os aprovo, porque os Espíritos não podem ver com prazer os médiuns que permanecem isolados. Deus não lhes deu essa sublime faculdade apenas para eles, mas para o bem geral.

56.2 Ao se comunicarem com outros, eles têm mil oportunidades de esclarecer o valor das comunicações que recebem, enquanto, sozinhos, ficam muito mais sob o domínio dos Espíritos mentirosos, encantados por não haver nenhuma fiscalização. Isso é para vocês, e, se não forem dominados pelo orgulho, compreenderão e tirarão proveito.

56.3 Agora, isto é para os outros: vocês têm uma ideia clara do que deve ser uma reunião espírita? Não; pois, em seu zelo, acreditam que o melhor a fazer é reunir o maior número de pessoas para convencê-las. Desenganem-se; quanto menos vocês forem, mais obterão.

56.4 É sobretudo pela influência moral que exercerem que atrairão os incrédulos, muito mais do que pelos fenômenos que obtiverem; se atraírem apenas pelos fenômenos, virão vê-los por curiosidade, e vocês encontrarão curiosos que não acreditarão em vocês e rirão de vocês; se encontrarem entre vocês apenas pessoas dignas de estima, talvez não acreditem de imediato, mas os respeitarão, e o respeito sempre inspira confiança.

56.5 Vocês estão convencidos de que o espiritismo deve trazer uma reforma moral; que sua reunião seja, por conseguinte, a primeira a dar o exemplo das virtudes cristãs, pois, neste tempo de egoísmo, é nas sociedades espíritas que a verdadeira caridade deve encontrar um refúgio. Assim deve ser, meus amigos, uma reunião de verdadeiros espíritas. Outra vez, darei outros conselhos.

57 Fénelon.

58 Vocês me perguntaram se a multiplicidade de grupos numa mesma localidade não poderia gerar rivalidades prejudiciais à doutrina. A isso responderei que aqueles que estão imbuídos dos verdadeiros princípios dessa doutrina veem irmãos em todos os espíritas, e não rivais; aqueles que olhassem outras reuniões com ciúme provariam que escondem alguma intenção de interesse ou de amor-próprio e que não são guiados pelo amor à verdade.

58.2 Garanto que, se essas pessoas estivessem entre vocês, logo semeariam a perturbação e a desunião. O verdadeiro espiritismo tem por lema benevolência e caridade; exclui qualquer outra rivalidade além daquela pelo bem que se pode fazer; todos os grupos que o inscreverem em sua bandeira poderão estender a mão uns aos outros como bons vizinhos, que não deixam de ser amigos por não morarem na mesma casa.

58.3 Aqueles que afirmarem ter os melhores Espíritos como guias deverão prová-lo, mostrando os melhores sentimentos; que haja, portanto, uma disputa entre eles, mas uma disputa de grandeza de alma, de abnegação, de bondade e de humildade; aquele que atirasse uma pedra no outro provaria, só por isso, que é instigado por maus Espíritos.

58.4 A natureza dos sentimentos que dois homens manifestam um pelo outro é a pedra de toque que permite conhecer a natureza dos Espíritos que os assistem. Fénelon.

59 O silêncio e o recolhimento são condições essenciais para todas as comunicações sérias. Vocês nunca conseguirão isso daqueles que só forem atraídos às suas reuniões pela curiosidade; convidem, portanto, os curiosos a se divertir em outro lugar, pois sua distração seria uma causa de perturbação.

60 Vocês não devem tolerar nenhuma conversa quando os Espíritos estiverem sendo interrogados. Às vezes, vocês recebem comunicações que exigem réplicas sérias de sua parte e respostas não menos sérias da parte dos Espíritos evocados, que, podem acreditar, ficam descontentes com os cochichos contínuos de certos participantes; daí não resultar nada completo nem verdadeiramente sério; o médium que escreve também sofre distrações muito prejudiciais ao seu ministério. São Luís.

61 Vou lhes falar da necessidade de observar, em suas sessões, a maior regularidade, isto é, de evitar toda confusão, toda divergência de ideias. A divergência favorece a substituição dos bons Espíritos pelos maus, e quase sempre são estes últimos que se apoderam das questões propostas.

61.2 Por outro lado, numa reunião composta de elementos diversos e desconhecidos uns dos outros, como evitar as ideias contraditórias, a distração ou, pior ainda, uma indiferença vaga e zombeteira? Eu gostaria de encon-

trar um meio eficaz e seguro de evitá-las. Talvez ele esteja na concentração dos fluidos dispersos ao redor dos médiuns.

61.3 Só eles, sobretudo os que são amados, retêm os bons Espíritos na assembleia; mas sua influência mal basta para dissipar a multidão dos Espíritos levianos. O trabalho de examinar as comunicações é excelente; nunca é demais aprofundar as questões e, sobretudo, as respostas; o erro é fácil, mesmo para os Espíritos animados das melhores intenções; a lentidão da escrita, durante a qual o Espírito se desvia do assunto que esgota assim que o concebe, a inconstância e a indiferença por certas formas convencionais, todas essas razões, e muitas outras, impõem a vocês o dever de depositar apenas uma confiança limitada, e sempre subordinada ao exame, mesmo quando se trata das comunicações mais autênticas. Jorge (Espírito familiar.)

62 Com que objetivo, na maioria das vezes, vocês pedem comunicações aos Espíritos? Para ter belos textos que mostram aos conhecidos como amostras do nosso talento; vocês os guardam com todo cuidado em seus álbuns, mas em seu coração não há lugar para eles.

62.2 Acham que nos sentimos muito lisonjeados por vir nos exibir em suas assembleias, como num concurso, disputar em eloquência para que possam dizer que a sessão foi muito interessante? O que lhes resta depois de acharem uma comunicação admirável? Acham que viemos buscar seus aplausos?

62.3 Desenganem-se; não gostamos de diverti-los de uma forma mais do que de outra; da parte de vocês, isso ainda é curiosidade, que em vão tentam disfarçar; nosso objetivo é torná-los melhores.

62.4 Ora, quando vemos que nossas palavras não dão frutos e que, da parte de vocês, tudo se reduz a uma aprovação estéril, vamos procurar almas mais dóceis; deixamos então que venham em nosso lugar os Espíritos que só querem falar, e eles não faltam. Vocês se espantam por deixarmos que usem nosso nome; que lhes importa? Já que, para vocês, isso não faz diferença.

62.5 Mas saibam bem que não permitiríamos isso com aqueles por quem realmente nos interessamos, isto é, aqueles com quem não perdemos nosso tempo; esses são os nossos preferidos, e nós os preservamos da mentira.

62.6 Portanto, culpem apenas a si mesmos se são tão frequentemente enganados; para nós, o homem sério não é aquele que se abstém de rir, mas aquele cujo coração é tocado por nossas palavras, que medita sobre elas e as aproveita. (Ver nº 268, questões 19 e 20.) Massillon.

63 O espiritismo deveria ser um escudo contra o Espírito de discórdia e de dissensão; mas esse Espírito sempre agitou sua tocha sobre os seres humanos, porque tem inveja da felicidade que a paz e a união proporcionam. Espíritas!

63.2 Ele poderá, portanto, penetrar em suas assembleias, e não duvidem: procurará semear nelas o afastamento, mas será impotente contra aqueles que a verdadeira caridade anima. Fiquem, portanto, de guarda e vigiem sem cessar à porta de seu coração, assim como à de suas reuniões, para não deixar o inimigo entrar.

63.3 Se seus esforços forem impotentes contra o inimigo de fora, sempre dependerá de vocês impedir que ele entre em sua alma. Se surgirem dissensões entre vocês, elas só poderão ser provocadas por maus Espíritos; portanto, aqueles que tiverem no mais alto grau o sentimento dos deveres que

a civilidade, assim como o verdadeiro espiritismo, lhes impõe, mostrem-se os mais pacientes, os mais dignos e os mais corteses; os bons Espíritos podem, às vezes, permitir essas lutas para dar aos bons e aos maus sentimentos a oportunidade de se revelarem, a fim de separar o bom grão do joio, e estarão sempre do lado em que houver mais humildade e verdadeira caridade.

64 São Vicente de Paulo.

65 Rejeitem sem piedade todos esses Espíritos que se apresentam como conselheiros exclusivos, pregando a divisão e o isolamento. São quase sempre Espíritos vaidosos e medíocres, que procuram se impor aos homens fracos e crédulos, cobrindo-os de elogios exagerados para fasciná-los e mantê-los sob seu domínio.

65.2 São geralmente Espíritos famintos de poder que, tendo sido déspotas na vida pública ou privada enquanto vivos, querem ainda ter vítimas para tiranizar depois da morte. Em geral, desconfiem das comunicações que tenham um caráter de misticismo e de estranheza, ou que prescrevam cerimônias e atos bizarros; nesses casos, há sempre um motivo legítimo de suspeita.

66 Por outro lado, acreditem que, quando uma verdade deve ser revelada à humanidade, ela é, por assim dizer, comunicada instantaneamente a todos os grupos sérios que possuem médiuns sérios, e não a este ou àquele, com exclusão de todos os outros.

66.2 Ninguém é médium perfeito se está obsediado, e há obsessão manifesta quando um médium só é capaz de receber as comunicações de um Espírito específico, por mais alto que este procure se colocar.

66.3 Portanto, todo médium, todo grupo que se acredita privilegiado por comunicações que só eles podem receber e que, por outro lado, está sujeito a práticas que beiram a superstição, encontra-se indubitavelmente sob uma obsessão das mais bem caracterizadas, sobretudo quando o Espírito dominador ostenta um nome que todos nós, Espíritos e encarnados, devemos honrar e respeitar, e não deixar que seja comprometido a todo momento.

67 É incontestável que, submetendo ao crivo da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, será fácil rejeitar o absurdo e o erro. Um médium pode ser fascinado, um grupo pode ser enganado; mas a fiscalização rigorosa dos outros grupos, o conhecimento adquirido e a elevada autoridade moral dos dirigentes dos grupos, assim como as comunicações dos principais médiuns, que recebem de nossos melhores Espíritos uma marca de lógica e de autenticidade, desmascararão rapidamente essas mensagens mentirosas e astuciosas, provenientes de uma multidão de Espíritos enganadores ou maus.

68 Erasto (discípulo de São Paulo).

69 Observação. Uma das características desses Espíritos que querem se impor e fazer aceitar ideias bizarras e sistemáticas é pretender, mesmo que sejam os únicos de sua opinião, ter razão contra todo mundo.

69.2 Sua tática é evitar a discussão e, quando se veem combatidos vitoriosamente pelas armas irresistíveis da lógica, recusam-se desdenhosamente a responder e ordenam a seus médiuns que se afastem dos centros onde suas ideias não são acolhidas.

69.3 Esse isolamento é o que há de mais funesto para os médiuns, porque sofrem, sem contrapeso, o jugo desses Espíritos obsessores, que os conduzem como cegos e muitas vezes os levam por caminhos perniciosos.

70 Os falsos profetas não estão apenas entre os encarnados; estão também, e em número muito maior, entre os Espíritos orgulhosos que, sob falsas aparências de amor e de caridade, semeiam a desunião e retardam a obra emancipadora da humanidade, colocando em seu caminho os sistemas absurdos que fazem seus médiuns aceitar; e, para melhor fascinar aqueles que querem enganar, para dar mais peso às suas teorias, adornam-se sem escrúpulo com nomes que os homens só pronunciam com respeito, os de santos justamente venerados, de Jesus, de Maria, do próprio Deus.

71 São eles que semeiam os germes do antagonismo entre os grupos, que os levam a se isolar uns dos outros e a se olhar com desconfiança. Só isso bastaria para desmascará-los, pois, agindo assim, eles próprios desmentem da maneira mais categórica aquilo que pretendem ser. Cegos, portanto, são os homens que se deixam apanhar numa armadilha tão grosseira.

72 Mas há muitos outros meios de reconhecê-los. Espíritos da ordem à qual dizem pertencer devem ser não apenas muito bons, mas também eminentemente lógicos e racionais. Pois bem! Passem seus sistemas pelo crivo da razão e do bom senso, e verão o que restará deles.

72.2 Concordem, portanto, comigo que, sempre que um Espírito indicar, como remédio para os males da humanidade ou como meios de chegar à sua transformação, coisas utópicas e impraticáveis, medidas infantis e ridículas; quando formular um sistema que contradiga as noções mais comuns da ciência, só poderá ser um Espírito ignorante e mentiroso.

72.3 Por outro lado, acreditem que, se a verdade nem sempre é apreciada pelos indivíduos, ela sempre é pelo bom senso das massas, e esse é mais um critério. Se dois princípios se contradizem, vocês terão a medida de seu valor intrínseco procurando aquele que encontra mais eco e simpatia; seria ilógico, de fato, admitir que uma doutrina que visse diminuir o número de seus partidários fosse mais verdadeira do que aquela que vê os seus aumentarem.

72.4 Deus, querendo que a verdade chegue a todos, não a confina num círculo estreito e restrito: faz com que surja em diferentes pontos, para que em toda parte a luz esteja ao lado das trevas. Erasto.

73 Observação. A melhor garantia de que um princípio é a expressão da verdade é quando ele é ensinado e revelado por diferentes Espíritos, por médiuns desconhecidos uns dos outros e em diferentes lugares, e quando, além disso, é confirmado pela razão e sancionado pela adesão da maioria.

73.2 Só a verdade pode dar raízes a uma doutrina; um sistema errado pode até recrutar alguns adeptos, mas, como lhe falta a primeira condição de vitalidade, tem apenas uma existência passageira; por isso, não há motivo para se preocupar com ele: mata a si mesmo por seus próprios erros e cairá inevitavelmente diante da arma poderosa da lógica.

74 Comunicações apócrifas.

75 Há muitas vezes comunicações tão absurdas, embora assinadas com os nomes mais respeitáveis, que o bom senso mais comum demonstra sua falsidade; mas há outras em que o erro fica dissimulado sob coisas boas, que iludem e às vezes impedem que ele seja percebido à primeira vista, mas elas não podem resistir a um exame sério. Citaremos apenas algumas como amostra.

76 A criação perpétua e incessante dos mundos é para Deus como uma alegria perpétua, porque ele vê sem cessar seus raios se tornarem a cada dia mais luminosos de felicidade. Não há número para Deus, assim como não há tempo. É por isso que centenas ou bilhões não são para ele nem mais nem menos uns que os outros.

76.2 É um pai cuja felicidade é formada pela felicidade coletiva de seus filhos, e a cada segundo de criação ele vê uma nova felicidade vir se fundir na felicidade geral. Não há parada nem suspensão nesse movimento perpétuo, nessa grande felicidade incessante que fecunda a terra e o céu.

76.3 Do mundo, só se conhece uma pequena fração, e vocês têm irmãos que vivem em latitudes onde o homem ainda não conseguiu penetrar. O que significam esses calores escaldantes e esses frios mortais que detêm os esforços dos mais ousados? Vocês acreditam simplesmente que ali esteja o limite de seu mundo, quando já não conseguem avançar com seus pequenos recursos?

76.4 Todos vocês poderiam, então, medir exatamente seu planeta? Não acreditem nisso. Há em seu planeta mais lugares desconhecidos do que lugares conhecidos. Mas, como é inútil propagar ainda mais todas as suas más instituições, todas as suas más leis, ações e existências, há um limite que os detém aqui e ali, e que os deterá até que tenham de transportar as boas sementes produzidas por seu livre-arbítrio.

76.5 Oh! Não, vocês não conhecem esse mundo que chamam de Terra. Vocês verão, durante sua existência, um grande começo de provas desta comunicação. Eis que vai soar a hora em que haverá outra descoberta além da última que foi feita; eis que vai se ampliar o círculo de sua terra conhecida,

e quando toda a imprensa cantar esse Hosana em todas as línguas, vocês, pobres filhos, que amam a Deus e procuram saber, já terão sabido antes daqueles mesmos que darão seu nome à nova terra. Vicente de Paulo.

77 Observação. Do ponto de vista do estilo, esta comunicação não resiste à crítica; os erros, os pleonasmos, as construções defeituosas saltam aos olhos de qualquer pessoa que tenha alguma instrução; mas isso nada provaria contra o nome com que está assinada, pois essas imperfeições poderiam decorrer da insuficiência do médium, como demonstramos.

77.2 O que cabe ao Espírito é a ideia; ora, quando ele diz que há em nosso planeta mais lugares desconhecidos do que lugares conhecidos, que um novo continente vai ser descoberto, isso é, para um Espírito que se diz superior, dar prova da mais profunda ignorância.

77.3 Sem dúvida, podem-se descobrir, além dos gelos, alguns recantos de terra desconhecidos, mas dizer que essas terras são povoadas e que Deus as escondeu dos homens para que não levassem para lá suas más instituições é ter fé demais na confiança cega daqueles a quem ele apresenta semelhantes absurdos.

78 Meus filhos, nosso mundo material e o mundo espiritual, que tão poucos ainda conhecem, formam como que os dois pratos da balança perpétua. Até aqui, nossas religiões, nossas leis, nossos costumes e nossas paixões fizeram pender tanto o prato do mal, elevando o do bem, que se viu o mal reinar como soberano sobre a terra.

78.2 Há séculos, é sempre a mesma queixa que sai da boca do homem, e a conclusão fatal é a injustiça de Deus. Há até os que chegam a negar a existência de Deus. Vocês veem tudo aqui e nada lá; veem o supérfluo que

afronta a necessidade, o ouro que brilha perto da lama; todos os contrastes mais impressionantes, que deveriam lhes provar sua dupla natureza. De onde vem isso?

78.3 De quem é a culpa? É isso que se deve buscar com tranquilidade e imparcialidade; quando se deseja sinceramente encontrar um bom remédio, ele é encontrado. Pois bem! Apesar desse domínio do mal sobre o bem, por sua própria culpa, não veem todo o resto seguir em linha reta o caminho traçado por Deus? Vocês veem as estações se desorganizarem?

78.4 Os calores e os frios se chocarem sem critério? A luz do sol se esquecer de iluminar a terra? A terra se esquecer, em seu seio, das sementes que o homem ali depositou? Vocês veem cessarem os mil milagres perpétuos que se produzem diante de nossos olhos, desde o nascimento da folhinha de capim até o nascimento da criança, futuro homem?

78.5 Mas tudo vai bem da parte de Deus, tudo vai mal da parte do homem. Qual o remédio para isso? É muito simples: aproximar-se de Deus, amar uns aos outros, unir-se, entender-se e seguir tranquilamente o caminho cujos marcos se veem com os olhos da fé e da consciência. Vicente de Paulo.

79 Observação. Esta comunicação foi obtida no mesmo círculo; mas que diferença em relação à anterior, não só nos pensamentos, mas também no estilo. Tudo nela é correto, profundo, sensato, e certamente São Vicente de Paulo não a rejeitaria; por isso, podemos atribuí-la a ele sem receio.

80 Vamos, filhos, cerrem suas fileiras! Isto é, que sua boa união seja sua força. Vocês que trabalham na fundação do grande edifício, vigiem e trabalhem sempre para consolidá-lo em sua base, e então poderão erguê-lo bem

alto, bem alto! O progresso é imenso em todo o nosso globo; uma quantidade inumerável de adeptos se reúne sob nossa bandeira; muitos céticos, e até dos mais incrédulos, se aproximam, também se aproximam.

81 Avancem, filhos; caminhem com o coração elevado, cheio de fé; o caminho que vocês seguem é belo; não diminuam o passo; sigam sempre a linha reta, sirvam de guias aos que vêm depois de vocês; eles serão felizes, muito felizes!

82 Caminhem, filhos; vocês não precisam da força das baionetas para sustentar sua causa, precisam apenas da fé; a crença, a fraternidade e a união, eis suas armas; com elas vocês são fortes, mais poderosos do que todos os grandes potentados do universo reunidos, apesar de suas tropas, suas frotas, seus canhões e sua metralha!

83 Vocês que combatem pela liberdade dos povos e pela regeneração da grande família humana, avancem, filhos, coragem e perseverança, Deus os ajudará. Boa noite, até a vista. Napoleão.

84 Observação. Napoleão foi, em vida, um homem grave e sério como poucos; todos conhecem seu estilo breve e conciso; ele teria degenerado de modo singular se, depois da morte, tivesse se tornado prolixo e burlesco. Esta comunicação talvez seja do Espírito de algum soldado que se chamava Napoleão.

85 Não, não se pode mudar de religião quando não se tem uma que possa ao mesmo tempo satisfazer o bom senso e a inteligência que se possui, e que possa, sobretudo, dar ao homem consolações presentes. Não, não se muda de religião, cai-se da inépcia e da dominação na sabedoria e na liberdade. Avante, avante, nosso pequeno exército!

85.2 Avante, e não temam as balas inimigas: as que devem matá-los ainda não foram feitas, se vocês estiverem sempre, do fundo do coração, no caminho de Deus, isto é, se quiserem sempre combater pacificamente e vitoriosamente pelo bem-estar e pela liberdade.

86 Vicente de Paulo.

87 Observação. Quem reconheceria São Vicente de Paulo nessa linguagem, nesses pensamentos desconexos e desprovidos de sentido? O que significam estas palavras: Não, não se muda de religião, cai-se da inépcia e da dominação na sabedoria e na liberdade? Com suas balas que ainda não foram feitas, suspeitamos fortemente que esse Espírito seja o mesmo que assinou acima como Napoleão.

88 Filhos de minha fé, cristãos de minha doutrina esquecida pelos interesses das ondas da filosofia dos materialistas, sigam-me pelo caminho da Judeia, acompanhem a paixão de minha vida, contemplem agora meus inimigos, vejam meus sofrimentos, meus tormentos e meu sangue derramado por minha fé.

89 Filhos, espiritualistas de minha nova doutrina, estejam prontos para suportar, para enfrentar as ondas da adversidade, os sarcasmos de seus inimigos. A fé caminhará sem cessar seguindo sua estrela, que os conduzirá ao caminho da felicidade eterna, assim como a estrela conduziu pela fé os magos do Oriente à manjedoura.

89.2 Quaisquer que sejam suas adversidades, quaisquer que sejam suas dores e as lágrimas que tiverem derramado nesta esfera de exílio, tenham coragem, estejam certos de que a alegria que os inundará no mundo dos Espíritos estará muito acima dos tormentos de sua existência passageira.

89.3 O vale de lágrimas é um vale que deve desaparecer para dar lugar à brilhante morada de alegria, de fraternidade e de união, à qual vocês chegarão por sua boa obediência à santa revelação. A vida, meus queridos irmãos desta esfera terrestre, inteiramente preparatória, só pode durar o tempo necessário para viver bem preparado para essa vida que jamais poderá acabar.

89.4 Amem uns aos outros, amem uns aos outros como eu os amei e como ainda os amo; irmãos, coragem, irmãos! Eu os abençoo; no céu os espero. Jesus.

90 Dessas regiões brilhantes e luminosas, aonde o pensamento humano mal consegue chegar, o eco de suas palavras e das minhas veio tocar meu coração.

91 Oh! De quanta alegria me sinto inundado ao ver vocês, os continuadores de minha doutrina. Não, nada se compara ao testemunho de seus bons pensamentos! Vocês veem, filhos, a ideia regeneradora que lancei outrora no mundo, perseguida, detida por um momento sob a pressão dos tiranos, segue agora sem obstáculos, iluminando os caminhos da humanidade há tanto tempo mergulhada nas trevas.

92 Todo sacrifício grande e desinteressado, meus filhos, cedo ou tarde deu seus frutos. Meu martírio lhes provou isso; meu sangue derramado por minha doutrina salvará a humanidade e apagará as faltas dos grandes culpados!

93 Sejam abençoados, vocês que hoje tomam lugar na família regenerada! Avante, coragem, filhos? Jesus.

94 Observação. Sem dúvida, não há nada de mau nestas duas comunicações; mas o Cristo alguma vez usou essa linguagem pretensiosa, enfática e empolada? Comparem-nas com aquela que citamos acima e que leva o mesmo nome, e verão de que lado está a marca da autenticidade.

95 Todas essas comunicações foram obtidas no mesmo círculo. Percebe-se, no estilo, um ar de família, construções de frases idênticas, as mesmas expressões repetidas com frequência, como, por exemplo, avante, avante, filhos etc., de onde se pode concluir que foi o mesmo Espírito que ditou todas elas sob nomes diferentes.

95.2 Nesse círculo, porém, muito consciencioso de resto, mas um pouco crédulo demais, não se faziam evocações nem perguntas; esperava-se tudo das comunicações espontâneas, e vê-se que isso certamente não é uma garantia de identidade.

95.3 Com perguntas um pouco insistentes e de lógica rigorosa, teria sido fácil colocar esse Espírito em seu lugar; mas ele sabia que não tinha nada a temer, pois nada lhe perguntavam e aceitavam sem verificação e de olhos fechados tudo o que ele dizia. (Ver nº 269.)

96 Como a natureza é bela! Como a Providência é prudente em sua previsão! Mas sua cegueira e suas paixões humanas impedem que tenham paciência diante da prudência e da bondade de Deus. Vocês se lamentam da menor nuvem, do menor atraso em suas previsões; saibam, portanto, impacientes que duvidam, que nada acontece sem um motivo sempre previsto, sempre premeditado em benefício de todos. A razão do que precede é reduzir a nada, homens de temores hipócritas, todas as suas previsões de um ano ruim para suas colheitas.

97 Deus muitas vezes inspira nos homens a inquietação quanto ao futuro para levá-los à previdência; e vejam como são grandes os meios para atender aos seus temores semeados de propósito, que, na maioria das vezes, escondem pensamentos ávidos, em vez da ideia de um abastecimento prudente, inspirado por um sentimento de humanidade em benefício dos pequenos.

97.2 Vejam as relações entre as nações que daí resultarão; vejam quais transações deverão se realizar; quantos meios virão contribuir para afastar seus temores! Pois, como vocês sabem, tudo se encadeia; assim, grandes e pequenos se porão à obra.

98 Então, vocês já não veem em todo esse movimento uma fonte de certo bem-estar para a classe mais trabalhadora dos Estados, classe verdadeiramente digna de interesse, que vocês, os grandes, vocês, os onipotentes desta terra, consideram como gente que pode ser explorada à vontade, criada para suas satisfações?

99 Depois, o que acontece após todo esse vaivém de um polo ao outro? É que, uma vez bem abastecidos, muitas vezes o tempo já mudou; o sol, obedecendo ao pensamento de seu criador, amadureceu em poucos dias suas colheitas; Deus colocou a abundância onde a cobiça de vocês fazia planos sobre a escassez, e, apesar de vocês, os pequenos poderão viver; e, sem suspeitarem, vocês foram, sem saber, a causa de uma abundância.

100 No entanto, acontece — Deus às vezes o permite — que os maus tenham êxito em seus projetos gananciosos; mas então é um ensinamento que Deus quer dar a todos; é a previdência humana que ele quer estimular; é a ordem infinita que reina na natureza, é a coragem diante dos acontecimentos que os homens devem imitar, acontecimentos que devem suportar com resignação.

101 Quanto aos que, por cálculo, se aproveitam dos desastres, acreditem, serão punidos por isso. Deus quer que todos os seus seres vivam; o homem não deve brincar com a necessidade, nem negociar com o supérfluo. Justo em seus benefícios, grande em sua clemência, bom demais para a nossa ingratidão, Deus, em seus desígnios, é impenetrável.

102 Bossuet. Alfred de Marignac.

103 Observação. Esta comunicação certamente não contém nada de mau; há até ideias filosóficas profundas e conselhos muito sábios, que poderiam enganar, quanto à identidade do autor, as pessoas pouco versadas em literatura. Como o médium que a havia obtido a submeteu ao exame da Sociedade Espírita de Paris, todos foram unânimes em declarar que ela não podia ser de Bossuet.

103.2 São Luís, consultado, respondeu: «Esta comunicação, por si mesma, é boa, mas não acreditem que tenha sido Bossuet quem a ditou. Um Espírito a escreveu, talvez um pouco sob sua inspiração, e colocou o nome do grande bispo ao pé dela para fazê-la ser aceita mais facilmente; mas, pela linguagem, vocês devem reconhecer a substituição. Ela é do Espírito que colocou seu nome depois do de Bossuet.»

103.3 Esse Espírito, interrogado sobre o motivo que o levara a agir, disse: Eu tinha vontade de escrever alguma coisa para me fazer lembrar pelos homens; vendo que era fraca, quis lhe dar o prestígio de um grande nome.

103.4 — Mas você não pensou que reconheceriam que ela não era de Bossuet? — Quem pode saber ao certo? Vocês poderiam se enganar. Outros menos perspicazes a teriam aceitado.

104 É, de fato, a facilidade com que certas pessoas aceitam o que vem do mundo invisível sob a proteção de um grande nome que encoraja os Espíritos enganadores. É para frustrar as artimanhas deles que se deve voltar toda a atenção, e só se pode conseguir isso com a ajuda da experiência adquirida por um estudo sério. Por isso, repetimos sem cessar: Estudem antes de praticar, pois esse é o único meio de não adquirir experiência à própria custa.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II, CAP. XXXII — VOCABULÁRIO ESPÍRITA

✦

[1] Agênere (do grego, a, privativo, e géiné, géinomai, gerar; que não foi gerado). Variedade da aparição tangível; estado de certos Espíritos que podem assumir momentaneamente as formas de uma pessoa viva, a ponto de causar uma ilusão completa.

[2] Erraticidade. Estado dos Espíritos errantes, isto é, não encarnados, durante os intervalos de suas existências corporais.

[3] Espírito. No sentido especial da doutrina espírita, os Espíritos são os seres inteligentes da criação, que povoam o universo fora do mundo material e que constituem o mundo invisível. Não são seres de uma criação particular, mas as almas daqueles que viveram na Terra ou nas outras esferas e que deixaram seu envoltório corporal.

[4] Batedor. Qualidade de certos Espíritos. Os Espíritos batedores são aqueles que revelam sua presença por pancadas e ruídos de diversas naturezas.

[5] Medianímico. Qualidade do poder dos médiuns. Faculdade medianímica.

[6] Medianimidade. Faculdade dos médiuns. Sinônimo de mediunidade. Essas duas palavras são frequentemente empregadas indistintamente; se quiséssemos fazer uma distinção, poderíamos dizer que mediunidade tem um sentido mais geral, e medianimidade, um sentido mais restrito. Ele tem o dom da mediunidade. A medianimidade mecânica.

[7] Médium (do latim, medium, meio, intermediário). Pessoa que pode servir de intermediária entre os Espíritos e os homens.

[8] Mediunato; missão providencial dos médiuns. Essa palavra foi criada pelos Espíritos (Veja cap. 31; comunicação XII.)

[9] Mediunidade (veja Medianimidade).

[10] Perispírito (do grego, péri, ao redor). Envoltório semimaterial do Espírito. Nos encarnados, serve de ligação ou de intermediário entre o Espírito e a matéria; nos Espíritos errantes, constitui o corpo fluídico do Espírito.

[11] Pneumatografia (do grego, pneuma, ar, sopro, vento, espírito, e graphô, escrevo). Escrita direta dos Espíritos sem o auxílio da mão de um médium.

[12] Pneumatofonia (do grego, pneuma, e de phoné, som ou voz). Voz dos Espíritos; comunicação oral dos Espíritos sem o auxílio da voz humana.

[13] Psicógrafo (do grego, psukè, borboleta, alma, e graphô, escrevo). Aquele que pratica a psicografia; médium escrevente.

[14] Psicografia. Escrita dos Espíritos pela mão de um médium. - ’

[15] Psicofonia. Comunicação dos Espíritos pela voz de um médium falante.

[16] Reencarnação. Retorno do Espírito à vida corporal; pluralidade das existências.

[17] Sematologia (do grego semi, sinal, e logos, discurso).

[18] , Linguagem dos sinais. Comunicação dos Espíritos pelo movimento dos corpos inertes.

19 Espírita. O que se refere ao espiritismo; partidário do espiritismo; aquele que crê nas manifestações dos Espíritos. Um bom, um mau espírita; a doutrina espírita.

20 Espiritismo. Doutrina fundada na crença na existência dos Espíritos e em suas manifestações.

21 Espiritista. Essa palavra, empregada no início para designar os adeptos do espiritismo, não foi consagrada pelo uso; a palavra espírita prevaleceu.

22 Espiritualismo. Diz-se no sentido oposto ao de materialismo (Acad.); crença na existência da alma espiritual e imaterial. O espiritualismo é a base de todas as religiões.

23 Espiritualista. O que se refere ao espiritualismo; partidário do espiritualismo. Quem crê que nem tudo em nós é matéria é espiritualista, o que de modo algum implica a crença nas manifestações dos Espíritos. Todo espírita é necessariamente espiritualista; mas pode-se ser espiritualista sem ser espírita; o materialista não é nem um nem outro. Diz-se: a filosofia espiritualista.

23.2 — Uma obra escrita segundo as ideias espiritualistas. — As manifestações espíritas são produzidas pela ação dos Espíritos sobre a matéria. — A moral espírita decorre do ensinamento dado pelos Espíritos. — Há espiritualistas que ridicularizam as crenças espíritas.

24 Nesses exemplos, a substituição da palavra espírita pela palavra espiritualista produziria uma confusão evidente.

25 Estereotita (do grego stéréos, sólido). Qualidade das aparições tangíveis.

[26] Tiptólogo (do grego tuptô, bato). Variedade dos médiuns aptos à tiptologia. Médium tiptólogo.

[27] Tiptologia. Linguagem por pancadas; modo de comunicação dos Espíritos. Tiptologia alfabética.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0